

CONTINÚA EL FENÓMENO VANIR. UN BESTSELLER ÚNICO EN ESPAÑA

LEIA VALENTI



EL LIBRO DE
LOS BARDOS

SAGA VANIR, IX

Mientras exista el amor, nadie tendrá la última palabra



O LIVRO DOS BARDOS

SAGA VANIR IX

LENA VALENTI

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES



SINOPSE

Desde que seu irmão Carrick desapareceu por uma fenda de Edimburgo em chamas, seguindo os passos da japonesa Aiko, Daimhin não quer pensar que o perdeu para sempre, e decide ir atrás dele. Steven, o berserker de Edimburgo, muito a contragosto, não é capaz de deixá-la só e a acompanha em sua busca. Mas nem um nem outro sabe que sua aventura possa ser tão determinante para os deuses, nem para o futuro da humanidade. Pelo caminho para as entranhas do Midgard, descobrirão quem são e o que lhes proporciona o destino, e terão que tomar decisões que marcarão o futuro dos Reinos.

A última coisa que Daimhin quer é formar um casal com alguém, pois não se sente merecedora de tamanho dom. Mas se verá obrigada a acatar as ordens de Freyja e Odin. Ainda que lamente.

Steven não pode fugir de suas responsabilidades como líder do clã berserker de Edimburgo, mas deixa tudo de lado para proteger a vaníria esquiva e fria que seu instinto reconhece como sua *kone*. Steven sabe que Daimhin daria sua vida por seu irmão Carrick, mas o que quer é convencer a Barda de que ele daria a vida por ela, apesar de ter pouco tempo para conquistá-la e de que a Terra sucumba aos poderes de Loki.

Infelizmente, a decisão de Daimhin é muito mais importante do que parece, e o berserker sabe que no amor e na guerra, como bom guerreiro, vale tudo. Steven está disposto a tudo para conseguir o coração gelado da guerreira samurai.

Um navio liderado pelo deus dourado espera do outro lado da porta de outra dimensão. Freyja e Odin se impacientam por receber um chamado que não chega. Um líder vanírio que acreditaram morto retorna transtornado à sua terra para recuperar o que mais quer. O Midgard sucumbe ao mal, Loki arrasa com toda sua superfície, e os guerreiros dos deuses não têm mais apoio além do que possam receber de si mesmos. Daimhin, Steven, Aiko e Carrick têm a última palavra. Eles decidirão se haverá ou não possibilidades de sobreviver, embora afirmem que, enquanto existir amor, ninguém terá a última palavra.

— *Se soubesse que o mundo acaba amanhã, eu, ainda hoje, plantaria uma árvore.*

Martin Luther KING

INTRODUÇÃO

Diz a profecia da vidente:

“Haverá uma batalha final entre as forças celestes e as do Submundo. Será uma luta feroz que dará origem ao final dos tempos conhecidos. Esta será a última guerra em que os deuses chegarão a seu ocaso e onde demônios e humanos perecerão no dia chamado “O final dos tempos”, o Ragnarök”.

Na visão da völva, Odin, conhecido como “o Pai de todos”, morre pelas mãos do lobo Fenrir, liderado por Loki. Desatava-se o caos e a humanidade desaparecia. Dos deuses escandinavos, só Njörd retornava ao Vanenheim de novo. O resto morria na guerra contra as forças do Mal.

Depois de tão escuro presságio, a völva falava do ressurgir de um novo amanhecer. Um futuro mais brilhante em um novo mundo.

O Ragnarök se origina quando Loki, filho dos gigantes Farbauti e Laufey, que uma vez fora proclamado irmão de sangue por Odin, mais tarde declarado inimigo acérrimo do mesmo e renomado “O Traidor” por todos os deuses, nega-se a se ajoelhar perante a raça inferior humana. Odin quer que os humanos evoluam e cheguem a se converter em mestres de seus próprios mestres, mas Loki se nega a dar uma oportunidade à humanidade, pois, segundo ele, não merecem tal misericórdia.

Quando o deus Aesir escutou da boca da vidente o poema profético sobre seu destino, decidiu tomar uma atitude no assunto para que aquilo não acontecesse. Não podia permitir que a profecia se cumprisse, ele não podia desaparecer, a humanidade não podia ser aniquilada, assim sequestrou Loki, “a Origem de todo o mal”, do Jotunheim e o encarcerou em Asgard em um cárcere invisível de rochas de cristal. Odin já sabia que ninguém podia confiar em Loki, pois era um vigarista, um deus transformista que adotava mil faces diferentes quando melhor lhe convinha. Ele mesmo tinha sofrido da pior maneira possível as artimanhas de tamanho enganador e seu querido filho Balder tinha perdido a vida devido a suas maquinações.

Entretanto, Loki através de uma de suas famosas trapaças, escapou do cárcere e desceu ao Midgard, a Terra, para rir da humanidade e parar o projeto de Odin.

Foi então quando as duas famílias do panteão escandinavo que tinham vivido inimigas em outros tempos, os Aesir, liderados por Odin e os Vanir, liderados por Freyja, uniram suas forças de novo e criaram os berserkers e os vanírios para proteger a humanidade das maldades de Loki, o filho dos Jotuns.

Odin foi o primeiro que escolheu a seus guerreiros einherjars, vikings imortais, e os tocou com sua lança lhes outorgando o *Od*, a fúria animal, convertendo-os assim em guerreiros berserkers com semelhanças genéticas e instintivas a dos lobos, seu animal favorito. Ele os fez descer à Terra com o objetivo de manter Loki na linha, e durante um tempo foi possível; mas as mulheres humanas eram muito atraentes para eles, assim mantiveram relações sexuais e hibridaram para a raça pura berserker.

O deus gigante Loki conseguiu levar para o seu terreno alguns dos híbridos, já que por ser de natureza semi-humana eram muito mais fracos e suscetíveis às promessas e aos desejos que ele lhes oferecia em troca de unir-se ao seu exército. Transformou a todos os que foram com ele em lobachos, seres abomináveis e sedentos de sangue que podiam parecer humanos, mas que ao se transformarem, convertiam-se em autênticos monstros assassinos, os chamados homens lobo. Loki conseguia dessa maneira zombar de Odin e de sua criação.

O Midgard então se descontrolou. Cada vez eram menos os berserkers híbridos capazes de ignorar e negar Loki. A Terra entrava em uma época convulsiva de escuridão e guerra onde não havia capacidade para a luz nem a esperança.

Foi naquele momento quando os Vanir, ao ver o escasso êxito que Odin teve para manter Loki na linha, apoiaram o deus Aesir e criaram uma raça própria de guerreiros, que além de tudo pudesse representá-los na Terra. Entretanto, os Vanir não tinham conhecimento sobre manipulação de armas nem tampouco sobre guerra. Eles eram os deuses da beleza, do amor, da arte, da fecundidade, da sensualidade e da magia: não sabiam nada de destruição. Assim fizeram uma seleção com os guerreiros humanos mais poderosos da terra e os mudaram, outorgando a eles dons sobrenaturais.

Os deuses Vanir Njörd, Frey e Freyja escolheram a membros de alguns clãs humanos que então povoavam a terra, e a cada um outorgou dons fascinantes. Mas também, temerosos de que alguma vez pudessem ultrapassá-los em poderes, deram-lhes uma ou outra fraqueza.

Assim nasceram os vanírios, seres que uma vez foram humanos e a quem os deuses acrescentaram uma força sobrenatural convertendo-os em homens e mulheres imortais. Eram telepatas, telecinéticos, podiam falar com os animais, podiam voar e tinham presas como seus criadores Vanir; mas não podiam caminhar sob o sol e, além disso, suportariam a tortura da cruz da fome eterna até que encontrassem seus companheiros de vida, homens e mulheres especiais capazes de lhes entregar tudo aquilo que seus corações desejassem. Mas Loki, conhecedor da insaciável sede vaníria, também os tentou oferecendo uma vida em que a fome poderia resolver-se sem remorsos. Em troca, eles só teriam que entregar a ele sua alma e unir-se a seu exército de jotuns. Os mais fracos, aqueles que se renderam à sua oferta, aceitaram o trato e se converteram em vampiros, seres egoístas que absorvem a vida e o sangue humano. Assassinos.

Agora, ante o reforço e a ofensiva de Loki e seu séquito, os vanírios e os berserkers que não se venderam a ele se verão obrigados a colocar de lado todas as suas diferenças e a permanecer unidos para lutar contra todos aqueles que confabularam para conseguir que o Ragnarök chegue à Terra e se possa destruir assim à humanidade.

Não obstante, na luta desesperada contra o Mal, nem sequer a ajuda destas duas raças de seres imortais é suficiente para a causa. Os vanírios e os berserkers são fortes, mas precisam de aliados agora que se aproxima o escurecer da Terra.

Muitos humanos de almas obscuras que estão sob a ordem de Loki uniram suas forças, sabedores de que o Ragnarök se aproxima; segundo eles, a Terra se rege por ciclos, e o ciclo final deve chegar quanto antes para que seu deus, Loki, faça chegar um novo dia. Durante séculos, criaram seitas e organizações que estudam, sequestram e maltratam a seres como os vanírios e os berserkers, e não satisfeitos com isso, tentam provocar essa abertura dimensional, essa porta através da qual Loki poderia entrar em nosso mundo e mergulhá-lo para sempre na escuridão. Organizações como Newscientists, a Seita Lokasenna, bruxos e

feiticeiros, lobachos, vampiros e escória humana decidiram provocar esse parto planetário antes do tempo através da manipulação de mentes privilegiadas de geólogos e físicos quânticos. E é algo que Odin e Freyja decidiram evitar a todo custo.

Até agora, os deuses não puderam interceder diretamente no plano evolutivo da humanidade e esperavam um sinal, um acontecimento, a chegada de um novo guerreiro que desencadeasse a jogada mestra e começasse a mover as fichas.

Esse momento chegou.

A deusa Vanir e o deus Aesir enviarão a todos os exércitos do Asgard e do Vanenheim à Terra, em uma tentativa desesperada de igualar as forças e ajudar a vanírios e berserkers.

Freyja dará carta branca às suas valquírias para que por fim desçam à Terra e implantem sua lei. Estas mulheres guerreiras são desumanas, caprichosas e letais, e permaneceram em Vingolf junto à Freyja desde o momento em que foram concebidas e dotadas de seus dons. A deusa vai dar a oportunidade de liberar sua frustração e abraçar de uma vez por todas sua ansiada liberdade, embora para isso tenham que arriscar-se e deixar para trás a proteção que os muros de Valhalla lhes dava.

Odin, por sua vez enviará a seus einherjars, aqueles guerreiros imortais que não transformou em berserkers. Estes guerreiros uma vez foram humanos e entregaram sua vida honradamente em defesa dos seus e dos deuses. Agora são homens poderosos, com grandes dons, e estão dispostos a tudo a fim de lutar em nome de Odin.

O destino da humanidade está nas mãos destes seres, e nem sequer a tapeçaria das nornas na qual se lê o destino é claro em quanto ao final que se refere à raça humana. Entretanto, os deuses sabem que se o ser humano perder esta batalha, desaparecerão com eles, e não vão permitir isso. Há muito em jogo.

Mas nem sequer estes guerreiros que vão lutar pela humanidade estão a salvo da energia da Terra. Uma energia que se move através do amor, do ódio, da raiva, da compaixão e do sexo. O ser humano é visceral, como a realidade em que vive. Valquírias e einherjars descenderão dos céus para nos defender, mas como eles

se defenderão de um planeta tão carregado de emoções? Protegerão seus corações?

A tapeçaria do destino não está acabada, e cada movimento que se faça na Terra a transforma e lhe dá novas cores e novas formas. Cada ação terá uma reação. Não há maiores estrategistas que os deuses, mas inclusive eles não estão seguros de ganhar a partida contra Loki, porque o que importam os planos quando está em uma realidade tão imprevisível e volúvel como a nossa?

Uns nos defendem, outros nos atacam.

Uns esperam nossa aniquilação, e outros se sentem obrigados a nos defender e lutam por nossa salvação, sem ser conscientes de que enquanto nos salvam, algum de nós também podem salvá-los.

Os humanos são a raça fraca, estamos bem no meio, vivendo nossas próprias vidas, ignorantes daquilo que nos rodeia. Mas inclusive a raça inferior pode dar lições às raças superiores, como por exemplo, que na guerra e na vingança o mais fraco é sempre o mais feroz.

A batalha final entre o Bem e o Mal está se formando faz tempos, mas desta vez as paixões, os desejos, a amizade, o coração, o amor e a coragem serão fatores decisivos em seu desenlace.

O Ragnarök se aproxima.

E você, de qual lado está?

Começa o Princípio do fim.

Escolha seu lado.

Não existe luz sem escuridão.

Não se concebe o bem sem o mal.

Não há perdão sem ofensa.

Não há redenção sem rendição.

Em um mundo de opostos no qual vivemos, uns seres imortais vêm para nos proteger não só de Loki, mas também de nós mesmos.

A linha entre o que é bom e o que não é, é muito subjetiva, muito fina para nós, mas invisível para seres que há milênios estão lutando por uma raça humana que demonstra muito pouco escrúpulo em todas as suas ações e decisões. Merecemos ser salvos?

Tudo é possível.

Tudo é permitido.
E tudo é mais real do que acreditam.
Esta é a Saga Vanir.
Bem-vindos ao mundo de Lena Valenti.

I

ASGARD

Odin, raivoso e arrependido, contemplava como espectador privilegiado de seu trono onde via tudo o que o Vigarista provocaria naquele mundo Médio.

Seu mundo Médio.

De nada serviu ter retido Loki em uma prisão eterna de cristal.

De nada serviu oferecer um olho e parte de sua alma para ver o futuro da vida e dos deuses.

Tanto perdido, tanto entregue, tanto chorado... E nada podia fazer pelo futuro do Midgard e de seus filhos.

Loki, seu arqui-inimigo, seu nêmesis, erigia-se no ponto eletromagnético mais forte e desperto do círculo, disposto a utilizar seu cajado e abrir um portal para todos os mundos sombrios que ele liderava.

Com o Laeviatann cravado no centro daquele lugar da Terra, o único portal mais forte e poderoso daquele momento, Loki abriu os braços e olhou o céu escuro e tempestuoso.

O Midgard tremia uma e outra vez. As sacudidas eram terríveis. Para ele, Balder tinha morrido de novo; e acreditando nisso não haveria modo de que os deuses nem os humanos abrissem outro portal para livrar-se do que vinha para eles. Era impossível.

Odin podia ler no olhar enegrecido do filho dos jotuns que aquele era o destino da humanidade. Que não haveria volta do deus Dourado porque ele mesmo o tinha matado com a madeira de seu cajado, feita de ramos de visgo.

Visgo com o qual já o tinha matado uma vez.

Loki soltou uma gargalhada histérica.

Começou a chover e a trovejar, e um incrível redemoinho, um tornado, criou-se sobre sua cabeça.

— Chamo a meus mundos para que voltem à vida! — gritou com seus olhos escuros fixos no redemoinho. — Convoco o *Muspelheim* e seus gigantes de fogo; clamo pelo Jotunheim e seus gigantes de gelo e pedra! Reclamo *Svartálfheim* com seus elfos da escuridão. E peço a Helhest e a minha filha Hela que alaguem este mundo com seus mortos. Quero que todos os meus filhos despertem e retornem para mim. Estes foram, são e serão para sempre nossa realidade e nosso mundo — sorriu ao ver o que suas palavras provocavam naquele mundo Médio de raças inferiores e soberbas. Para Loki, não havia nada pior que valer uma merda e acreditar-se de ouro. E assim eram os humanos. — Chegou a hora de nos mostrar!

Ele ia destruir tudo. Absolutamente tudo.

O reino no qual Odin confiava e a espécie que os deuses queriam continuar acreditando para melhorar, seriam aniquilados sob o cajado do *Trickster*.

E enquanto seu inimigo enviesava almas humanas e abria feridas dilacerantes no chão daquele belo planeta, o que ele podia fazer de seu trono de ouro e pedras preciosas? Nada. Nada absolutamente. Exceto contemplar o massacre e esperar que a última esperança que os vanir e o aesir amarravam desse o passo adiante que devia tomar.

Um som às suas costas e o aroma de vida silvestre característico apenas de uma pessoa o ajudaram a desviar o olhar daquela cena de horror e destruição.

Freyja, a Resplandecente, sua cúmplice em toda aquela obra destinada à humanidade, observava-o através de seus longos cílios dourados acompanhada de seus dois tigres dente de bengala brancos, que deitavam a seus pés, como ao final deitava em sua cama todo ser vivo de qualquer reino.

Freyja, a Odiada. Freyja, a Eterna desejada. Freyja, a Vagabunda.

Odin a olhou, cem por cem seguro de que pensava exatamente o mesmo que ele.

— Estamos presos em nosso próprio reino — disse acidamente. Depois retornou o olhar para o abismo que seu trono mostrava. A Terra diminuía sob seu mandato. — Permanecemos condicionados às decisões dos outros, que alguém encontre a solução para abrir a porta do Asgard. Confio em sua última carta —

reconheceu Odin. — Agarrei-me a ela e aos últimos movimentos de livre-arbítrio que têm meus guerreiros. No final das contas, estamos de pés e mãos atados até que encontrem o modo de abrir a porta para nós.

Freyja permanecia serena, sem perder a atitude de líder vanir em nenhum momento, mas sabendo de que suas fichas de xadrez e as de Odin teriam somente uma oportunidade. Só uma. E ambos os deuses desejavam que executassem as decisões corretas.

— Quando estiveram a ponto de abrir a porta do Bifröst para nosso mundo, pedimos a Heimdal que fechasse os reinos para sempre. Era um risco que devíamos correr — a deusa deu de ombros. — E devia fechar-se de dentro para que ninguém pudesse acessá-lo de fora — agachou para acariciar seus gatinhos, mostrando suas incríveis pernas pálidas através das aberturas de seu vestido prateado. Nos tornozelos exibia respectivas correntes de ouro em forma de serpente, que pareciam mover-se com vida própria. — Nossa situação atual é uma consequência de nossas decisões, Caolho. Não se irrite.

Odin deixou sair uma baforada cheia de fadiga.

— Odeio esperar.

— Sei — assegurou Freyja com um meio sorriso. — Por isso vendeu seu olho, não é verdade, Odin? Não quis esperar para ver o que acontecia com nosso destino e decidi adiantar aos acontecimentos. Mas, às vezes, há destinos incorruptíveis, não acha? — Pensava que se suas fichas não se movessem adequadamente, o destino obscuro, o fim dos deuses, arremeteria contra eles como tinha profetizado a volta séculos atrás. Nenhum deus queria desaparecer.

Odin se apoiou em *Gungnir* para levantar os dois metros de altura que tinha. Seus ombros musculosos e dourados se sobressaíam através de seu colete metálico. Uma capa negra ondeava às suas costas. Suas pernas, longas e robustas, estavam cobertas com uma calça da mesma cor que a capa, justa e de um material parecido ao couro. As botas prateadas de titânio e uns ornamentos de ouro em forma de lobo reverberavam contra o chão, de um mármore tão polido que produzia um efeito cristalino.

Freyja só podia admirá-lo, tão perfeitamente imperfeito como era. Levantou-se somente para que Odin não se sentisse mais poderoso do que já se sentia com ela.

— Não há nada incorruptível, Freyja. Inclusive a alma mais pura pode se corromper — aproximou-se tanto da deusa que seus peitos estavam a ponto de se tocar. — Inclusive o rio mais selvagem pode se desviar... Olhe os homens Médios. Os humanos nascem puros. O ser humano não foi criado para a guerra. Foi criado para a evolução e a aprendizagem. Mas sua alma inocente e muito jovem aprendeu muito rápido que era cansativamente difícil ser um anjo entre demônios. E se deixaram levar. Até tal ponto que Loki e seus seguidores os controlaram e os converteram em mesquinhos, materialistas, violentos e covardes — levantou uma mão enluvada com o mesmo material que suas botas e acariciou uma mecha loira ondulada que repousava no ombro descoberto da deusa. — Mostrou a eles comportamento que deviam adotar para chegar à sua própria autodestruição. E conseguiram isso. Loki, sem a ajuda e a ambição dos humanos, não teria obtido nada.

— Acha que ganhou a batalha? — murmurou, permitindo que acariciasse seu cabelo. Podia fazer com que ele apreciasse seu contato, mas não conseguiria nada mais, por muito que seus olhos a percorressem. Freyja não se submeteria. — Parece que perdeu toda a confiança em seu projeto. Já não acredita na bondade?

— Acredito na bondade porque a vejo em uma pessoa a que jamais, ninguém, nem a mais dura das ofensas, pôde manipular. E tenho a sorte de que essa pessoa está na minha cama.

— Ah, sim. Não me diga — murmurou Freyja revirando os olhos. — Frigg, esse modelo de virtude... Sua esposa.

Odin sorriu e seu único olho azul se encheu de ruguinhas.

— Exato — murmurou satisfeito.

Freyja lambeu os lábios e seu orgulho não a deixou que mostrasse o muito que a ofendia que o aesir aproveitasse qualquer ocasião para dizer o nome de Frigg diante dela.

— É fácil ser boa quando não se expõe a maldades de nenhum tipo. Não acha? É fácil ser boa quando não lhe permitem sair de seu próprio castelo de cristal; quando não deixam que nada nem ninguém se aproxime... Sim, Caolho — sorriu ao ver que Odin emudecia. — É fácil manter a pureza de mente e de espírito quando não deve enfrentar aos monstros.

— Frigg é muito valiosa para enfrentar os monstros.

— Sim... Frigg é fantástica, não é verdade? — espetou com ironia. — Eu a imagino em sua cama, entre algodões e sedas... Como te recebe, Odin? — Arqueou uma sobrancelha loira. — Eu a imagino abrindo as pernas e ficando como uma estátua diante de você, esperando que acabe e se esvazie em seu interior. Tão pura, tão inocente ela... não a quer de outra maneira, estou equivocada? Você a quer submissa e doce — passou a língua pelos lábios. — Uma simplória dissimulada.

Odin deu um passo, tenso e furioso por permitir que Freyja falasse assim de sua esposa. Segurou-a pela mecha que ainda segurava e a puxou com força.

— Em Asgard já há uma deusa puta que se vende por colares e favores. E essa é você. Frigg está acima disso. Está acima de você. Assim não permito que a mencione.

Freyja não se mostrou ofendida por aquelas duras palavras. Em vez disso voltou a sorrir, sem abaixar o olhar, com o pescoço em uma posição pouco ortodoxa.

— Odin... Aqui não há ninguém mais exceto você e eu. Olhe o Midgard. Destrói-se — explicou com uma exatidão irritante. Sua voz não se quebrava, embora seus olhos prateados brilhassem magoados por culpa desse homem. — A Terra vai sucumbir. Seu final começou; e só os guerreiros que ainda não deram um passo à frente para executar sua jogada têm a última palavra para mudar o giro de nosso destino. Loki se acredita ganhador, acredita que Balder morreu, mas você e eu sabemos que não é verdade. Eu, incrivelmente, fui sua confidente, e sou capaz de compreender e perdoar suas decisões. Acha que Frigg, a monja Frigg, vai perdoá-lo pelo que fez? Substituir um Balder que não era para morrer no Asgard e fazê-la acreditar que era o autêntico? Acha que Frigg, se soubesse, continuaria a seu lado? Sabendo que Noah, o berserker, é seu filho na realidade? Para ela Balder está morto. Partiu sua alma quando Balder morreu. Era seu filho adorador. Seu favorito. — Freyja balançou a cabeça. — Não, Caolho. Ela não vai perdoá-lo. E, talvez, quando lhe contar a verdade... Quando disser o que fez, entenderá que todos nós nascemos bons — empurrou-o e o separou dela —, até que nos sacaneiem.

— Nunca fiz mal a Frigg. O que fiz, não fiz para feri-la. Amo Frigg — destacou sem titubear.

— Mente.

— Não minto. É minha esposa, maldição! — exclamou, querendo verter toda sua ira e sua raiva contra Freyja.

— Mente, maldito... — murmurou apertando os dentes, deixando que seus olhos escurecessem e sua energia criasse ondas ao seu redor. Tinha vontade de fazê-lo engolir suas palavras, mas ainda não tinha chegado o momento. — É um maldito mentiroso.

— Não sabe o que diz — riu dela.

— Sim, sei — disse apaixonada. — Diz que não sacaneia Frigg... E eu digo que é obvio que a sacaneia, porque se ela soubesse que a fode a cada noite pensando em mim, asseguro que seu amor se tornaria aversão e raiva. Arrancaria seu único olho que resta e faria que o engolissem.

— Isso faria você, deusa louca e visceral — respondeu. — Frigg jamais se comportaria assim.

Odin ergueu o queixo, tentando manter a serenidade. Mas Freyja era um ativador para ele. Chegava perto e todo seu sangue divino se alterava, como se quisesse explodir e arrasar tudo em seu caminho, como uma supernova. Maldita vanir.

— Não se dá conta que não serve de nada mentir para mim? — asseverou ela com o implacável olhar fixo no qual Loki despertava na Terra. — De nada — enfatizou, virando-se para olhá-lo de novo com segurança. — Nosso experimento, nossos vanírios, berserkers, einherjars, valquírias... estão lá embaixo lutando em nosso nome. E vão perder. Sabe. Eu sei — justificou-se.

Odin sempre recordaria a imagem da vanir com aquele vestido e seu cabelo loiro e solto, olhando-o de frente enquanto, atrás dela, Loki convocava a todos os jotuns na Terra. Aquela mulher, aquela deusa, não tinha igual nem comparação. E ele, para sua própria humilhação, desejava-a tanto que o corpo tremia com a necessidade de tocá-la.

Mas jamais daria o poder a Freyja.

Jamais reconheceria isso.

Só havia uma batalha mais conhecida que o Ragnarök em todo o panteão divino. E era a batalha que a Resplandecente e ele mantinham desde tempos imemoriais, ainda sendo aliados e apesar de compartilharem o projeto dos humanos.

Odin pensava que não haveria morte mais doce para Freyja que matá-la depois, para que sempre recordasse que ele fora o único que a tinha posto em seu lugar.

— E se fosse um homem de verdade, antes que destruam o Midgard, e com a possibilidade iminente de que Loki consiga arrebentar a ponte Bifröst, antes que nossos guerreiros possam adivinhar o que devem fazer e comportar-se como esperamos deles, esta noite, quando for a Frigg e tirar com seu corpo o calor e a paixão que eu despertei em você, será valente e dirá a verdade a ela.

— E a verdade é? — Odin, o Pai de Todos, vaidoso e muito orgulhoso por isso, cruzou os braços. — Me ilumine, loira.

Freyja caminhou para ele com seus dois tigres de bengala a cada lado de suas pernas, acalmando-se enquanto avançava, ocultando sua beligerância e sua dignidade rasgada pela negação do aesir.

Deteve-se e piscou um pouco atônita por ter exposto sua raiva e seus sentimentos com tanta explosão. Mas que importância tinha? Todas as cartas já estavam jogadas. Ou suas peças de xadrez adivinhavam por qual caminho deviam avançar ou do contrário, tudo teria acabado.

— Pararia diante dela, como eu faço diante de você, Caolho — inclinou a cabeça para um lado, zombando dele —, e diria que por mais que o ofenda admitir, por mais vergonha que sinta por isso, cada maldita noite, há séculos, imagina que quem deita em sua cama sou eu e não ela. Que sou eu quem deixa seu olho louco — com o indicador acariciou o tapa-olho que ninguém ousava tocar. — Que é a mim quem deseja de todas as maneiras. Maneiras que com Frigg jamais experimentou. Diga a ela que enquanto ela está em seu leito se sentindo uma estrela e você bombeia em seu interior, não é seu rosto de olhos castanhos e cabelo avermelhado o que vê... São meus olhos prateados e meu cabelo loiro a única coisa que tem em mente. Talvez, se for capaz de lhe dizer isso, o Ragnarök e a batalha final, no caso de que tenhamos a oportunidade de disputá-la, tenham uma razão de ser. Talvez com as verdades ditas e as cartas

viradas sobre a mesa, a guerra junto a você possa valer a pena. Porque eu, sendo má, vadia e altiva como você sempre disse, diferente de Frigg — separou-se dele enquanto lhe atirava as últimas palavras como adagas —, sim sairei da minha toca e do meu conforto, e sim lutarei a seu lado, Odin. Sim, sangrarei a seu lado, e talvez... também morra a seu lado. Ela não.

Odin nem sequer se virou enquanto ela estalava os dedos e desaparecia do balcão suspenso onde se achava o trono onde se contemplavam os Nove mundos.

Freyja iria a Valhall, e Odin veria de novo como chegava a seu palácio Víníngolf, e se encerrava de novo em seu salão que, escondido com um feitiço, ele não podia vislumbrar. Mas ver não era o mesmo que escutar. E Odin a ouvia.

Sabia que Freyja chorava; chorava lágrimas de sangue... Todos diziam que chorava por *Od*, o marido que tanto amou e que a abandonou da noite para o dia.

Mas Odin queria acreditar que chorava por ele.

Embora nunca pudesse acreditar nela de verdade.

Midgard

Escócia. Edimburgo

— Se o que quer é se colocar aí dentro, minha resposta é não. Um não enorme, tão grande como sua cabeça — disse Steven mal-humorado.

Daimhin queria ignorá-lo com todas as suas forças. A ela pouco importava o que achava que devia fazer ou não.

— Tenho a cabeça pequena, assim que... — desafiou-o ela a ponto de saltar.

O berserker com moicano ruivo a deteve pelo braço quando viu que ela se introduzia por uma das frestas que atravessavam Edimburgo. Queria saltar como seu irmão, a grande suicida! Estavam quase a metade de um dia procurando-o.

— Me solte! — Soltou o braço com força. — Quer deixar de me perseguir?! Por que não vai embora!?

— Porque não aceita que seu irmão se atirou aí por vontade própria! — Assinalou a imensa abertura de terra. A luz alaranjada da lava que havia sob

aquele canal emergia até o exterior e iluminava os olhos amarelos de Steven com força. — Ele se lançou atrás da chinesa. Foi decisão dele.

Os gases tóxicos provocavam irritação nos olhos de ambos, e Steven não podia diferenciar se eram lágrimas ou não o que havia nos incríveis olhos de Daimhin. Os mais bonitos que jamais viu.

A loira samurai o odiava. Ou parecia isso. Mas não tinha nem ideia de se era ou não era um sentimento comum que tinha a jovem para todos os homens.

— Meu irmão não se suicidou. E Aiko é japonesa. Não chinesa.

— Não disse que se suicidou. Só assinalei que era um suicídio se deixar cair por uma dessas fendas.

— Carrick é o mais valente de todos os homens que conheço. Talvez você jamais arriscasse a vida pela pessoa que ama, para não despentear seu topete... Mas Carrick sim. É de ideias fixas.

Steven sorriu com desdém.

— Como sua irmã.

Daimhin o olhou de esguelha e enfiou de novo o rosto pela fenda.

— As fendas têm caminhos.

— São precipícios — esclareceu ele. — Escarpados que dão a uma vista maravilhosa: a um incrível mar de lava. Quer um banho quentinho?

— Quero que se cale — colocou uma mecha loira atrás da orelha. — Há buracos, como grutas — mostrou com o dedo. — Os etones e os purs são seres subterrâneos, não? E se tiverem suas tocas por aqui?

— Saem de ovos, duvido muito que fizeram casas tão rápido.

— Viu-os agir? São como vermes: levantam a terra, procuram buracos por toda parte... Talvez... — Daimhin se negava a acreditar que Carrick tinha morrido. Seu irmão não era um suicida. Sua vida tinha sido tão sombria como a dela, mas sentia algo por Aiko. Disso estava segura. Se Carrick conseguisse agarrar-se a um ínfimo raio de luz, por menor que fosse, agarraria-se. Porque não queria ceder à sua escuridão, apesar de estar muito perto dela. Por isso considerava que ele vivia. E que estava com Aiko. — Talvez estejam nas grutas.

Steven estava cansado de escutá-la. Deviam voltar para Wester Ross. Todos os guerreiros que tinham sobrevivido estavam ali. Ele era o líder berserker da

Escócia e seu clã precisava dele. Não podia estar cuidando de Daimhin e cedendo a seus desejos. Tinha obrigações.

— Vamos, Daimhin — pediu oferecendo a mão com a palma para cima. — Venha comigo.

Ela olhou para outro lado e mordeu o lábio inferior.

— Não penso me mover daqui.

— Vamos — repetiu. — Não faça que te leve à força.

— Não! E nem sequer me toque, estou avisando.

Steven apertou os dentes com determinação; fingiu que virava e que a deixava para trás, ali sozinha entre os gases, o fogo e a escuridão; mas então, com um movimento veloz, agarrou Daimhin rodeando-a com o corpo.

Esta, alarmada ao sentir-se apanhada por ele, tirou sua katana, agarrou-a pelo cabo e com um movimento de frente para trás, cravou-a no estômago de Steven, retorcendo a lâmina para que a soltasse.

Estavam muito perto do precipício. O corpo de Steven caía para frente, os dois iam de cabeça entrar na fenda.

Steven poderia tê-la soltado e ela poderia ter desencravado a katana e permitir que se fosse. Mas nem um nem outro trocaram suas posições.

Daimhin se assegurou de levá-lo com ela, retorcendo mais a lâmina.

E Steven, sem pensar duas vezes, levantou a cabeça e, cheio de raiva como estava, mordeu-a no pescoço.

Os dois caíram no precipício, entre a terra aberta e o mar de lava esperando-os.

II

MIDGARD

Escócia

A Terra se removia de dor. As placas se levantavam, os gases tóxicos emergiam de suas vísceras e o calor e a lava brotavam de suas gretas como se fossem sangue pútrido e poluído.

Edimburgo sempre teve uma cidade subterrânea infestada de fantasmas. Chamavam-na Mary King's Close. Steven conhecia sua história e sabia que clandestinamente se achava o Royal's Mele, um dos becos da antiga metrópole na qual, quatrocentos anos atrás, pereceu grande parte da população após sofrer uma epidemia de peste e ver-se lançados ao esquecimento durante mais de um século e meio. Sabia que na atualidade se faziam tours para visitá-la e vendiam que ali continuava havendo fantasmas, as almas de todos os que ali perderam suas vidas.

Em troca, se fizessem visitas guiadas ao que estava vendo naquele momento, trespassado pela espada samurai de Daimhin, caindo às cegas com os olhos irritados pelos gases e o vapor, dirigindo-se a um precipício incerto, nenhum humano se atreveria a pagar por isso, já que sua espécie valorizava a vida e a segurança; e quando se tratava de uma aventura real como aquela decidiam recuar.

Mas ele não. Nem tampouco Daimhin, a razão pela qual estava ali. Não seria capaz de deixar a essa garota sozinha jamais. Enquanto ela retorcia a ponta

da espada em seu estômago, ele rugia de raiva e de dor, agarrando seu pescoço com suas presas, marcando-a; não fazia nada para se soltar, já que sabia que não havia outro lugar onde pudesse estar nesse momento que não fosse aquele, ali com ela.

Steven se esqueceu de tudo: de seu clã, de seu lar em Wester Ross, dos guerreiros mortos na fortaleza de Eilean Arainn enquanto ele estava responsável por todos... Esqueceu de sua dor, de sua tristeza e seu arrependimento; deixou de lado a guerra em que estavam envolvidos e se concentrou unicamente em proteger essa loira de aroma de melão, cuja pele saboreava enquanto a mordia. Ela, ninguém mais que ela, era agora o mais importante.

Daimhin tinha tomado a decisão de encontrar seu irmão suicida. E Steven não acreditava nem um pouco que esse guerreiro loiro, musculoso e de olhar atormentado tivesse em seu sangue nem um grama de esperança por viver. Parecia procurar a morte com esforço.

E a vaníria demonstrava com sua atitude ser tão irracional como seu irmão. Quis convencê-la a retornar juntos ao lago Maree, pra sua casa, mas depois de passar meio dia procurando Carrick, Steven compreendeu que a jovem cabeçuda não cessaria em seu objetivo. Ou retornava com seu irmão ou não retornava.

E ali estavam os dois, caindo rapidamente de cabeça por uma greta provocada pela irrupção dos ovos de purs e etones que tinha provocado o terremoto que abriu ao meio e destruiu Edimburgo e parte da Escócia. Uma incrível tristeza a destruição da bela cidade, sepultada agora entre escombros e morte.

Steven sabia que deviam deter sua descida de algum modo ou acabariam no rio profundo de lava que se vislumbrava ao final da greta. O berserker abriu os olhos amarelos o máximo que pôde em busca de um sulco ou uma pedra em que se segurar e começar a escalar. Desencravou as presas da pele clara da jovem e, segurando-a pela cintura, rodeando-a com um braço, estendeu o outro e encontrou uma pedra que necessitava e que serviria de suporte.

A palma da mão e as pontas dos dedos arderam ao queimar com a rocha negra que lhe servia de cabo, mas se impulsionou com força em uma impecável demonstração de habilidade e poderio físico para sair do apuro. Entraram em um

dos buracos da parede escarpada e Steven caiu de costas, ainda com a jovem guerreira colada a ele, e sua katana profundamente inserida em seu estômago.

Daimhin apertava os olhos doloridos, pois o ardente vapor das entranhas da Terra assediava suas retinas e queimavam a delicada tez das pálpebras.

Tentou tomar um tempo, uns segundos, para que sua vista regenerasse; assim que sentiu que podia piscar de novo, virou-se sobre Steven e continuou empunhando sua espada com força, sem extraí-la de seu corpo.

Daimhin não podia acreditar no que esse berserker tinha feito.

— Maldito! — alfinetou-o, mostrando as presas como uma fera fria. — Está louco?! Por que fez isso?! Mordeu-me!

Steven desenhou uma linha frustrante com os lábios. O longo rabo de cavalo de Daimhin caía para baixo e batia no seu queixo, deixando a cada inclinação brusca um inconfundível aroma nocauteante. Sim, Daimhin era sua *kone*, a mais difícil de todas as fêmeas para sua sorte.

Tomou ar para responder.

— Por que acha? Tenho sua espada me perfurando um pulmão, presas — encarou-a. — Vai se zangar agora por uma mordidinha? Não foi pra tanto!

Uma mordidinha? Daimhin não podia acreditar. Uma mordidinha?!

Não era uma dentada qualquer. Era uma dentada de berserker, uma que tinha ido diretamente à sua corrente sanguínea. A típica dentada que gravava uma marca a fogo na pessoa que a sofria. Uma mordida de posse, tão conhecida entre os machos e as fêmeas de sua espécie.

Seus excepcionais olhos laranja com bolinhas amarelas estreitaram, transbordantes de aborrecimento por ele, por seu moicano castanho e vermelho, por sua corpulência, sua roupa escura e seu incrível olhar de ouro, enquanto movia o pescoço ao sentir o desconforto das incisões do berserker em sua garganta. Tinha-a mordido muito forte.

Mas esse guerreiro estava louco se acreditava que sua dentada ia afetá-la. Nada podia estimulá-la. Era uma boneca quebrada, desejosa de destruição e de vingança.

Com esse pensamento, dirigiu seu olhar ao punho que segurava com tanta ira e a tirou de repente. Steven exalou dolorido e cobriu sua ferida com a mão para paliar a dor.

— Que suave é... Cheia de delicadeza — ironizou erguendo-se pela metade, enquanto o sangue saía a fervuras de seu estômago.

Ela piscou agachando-se de frente para ele como se Steven falasse em um idioma que não compreendia.

— Me escute bem: não sei que pensamento tem você por mim... Você pode fazer o que melhor lhe convir. Mas eu vou atrás do meu irmão — limpou a lâmina da espada passando dois dedos pelo metal e sacudindo-os depois para secá-los mais tarde na calça negra e justa que vestia, como se seu sangue a enojasse. Ergueu-se, inspecionando os arredores da caverna em que se achavam. Um longo túnel entrava através das camadas subterrâneas do planeta, como se um grupo de mineiros o tivesse trabalhado com suas próprias máquinas de perfurar. Virou-se, sem se preocupar com o estado do berserker, e caminhou com seus saltos vermelhos estampados de caveiras através da insondável escuridão para afastar-se da anódina luz e de Steven.

— Mas onde pensa que vai? — Ele deu um salto, sem dar atenção à ferida e correu para se localizar às suas costas. Continuava impressionado ao ver a determinação de Daimhin para lutar e enfrentar seus demônios com saltos.

— Já disse — respondeu ela. Não queria responder tantas perguntas nem queria que ninguém se preocupasse com ela. Era uma sobrevivente. Valia-se por si mesma. O que acontecia com esse homem?

— É o fim do mundo. Esta fenda percorrerá toda a crosta terrestre e o Midgard irá à merda. E você e eu estamos brincando de sermos espeleólogos para ir em busca de um vanírio louco e desmedido que...?

Daimhin se virou sem pensar duas vezes e colocou a ponta de sua katana no pescoço do berserker. Olhou-o de frente com o rosto marcado pela fuligem, a sujeira e a determinação.

— Cuidado, Steven — advertiu. — Meu irmão é a pessoa mais importante para mim. — Ele levantou o queixo, mas tampouco se intimidou ante sua ameaça. — Não fale dele assim ou o racho de cima a baixo. Não parou para pensar que talvez o Midgard tenha o que merece? Os humanos são uma raça desprezível, não sabia? Está bem que se afundem entre sua merda — verteu com raiva. — Entretanto, meu irmão foi feito para o bem e a proteção, é o melhor que conheço; e quando a vida foi injusta conosco, foi ele que esteve lá para nos

proteger e cuidar de nós. Ele deu a cara e parte de sua alma! Assim me perdoe se não me importo com o que acontecer com este reino de demônios. Perdoe-me se não me importo absolutamente com o que você faça com sua vida ou as decisões que possa tomar. Porque é verdade — seus olhos alaranjados clarearam com sinceridade —, não me importa. Carrick entregou tudo para me proteger e cuidar de mim — guardou a katana de novo na bainha às suas costas. — Não vou deixar que vá sozinho para a escuridão. Eu também sei protegê-lo. E é isso o que vou fazer, queira ou não. Não tente me impedir.

Steven não gostava de escutar que ela não se importava absolutamente com ele. Ele a tinha descoberto, era sua companheira, o reflexo no qual ele se veria.

Meu reflekt.

Mas essa garota tinha a alma marcada por feridas e cicatrizes que não se atrevia a imaginar. Era uma das crianças perdidas. Assim eram chamados os sobreviventes de Capel-le-Ferne: a todos esses guerreiros, seja qual for a idade que tivessem, aos que arrebataram a dignidade e a inocência por trás de experimentos e da banalidade. Ele não queria pensar em nada do que puderam chegar a sofrer nas mãos dos membros do Newscientists... Embora pudesse ter uma ligeira ideia. A maldade do ser humano e a maldade dos jotuns podia acabar com a luz da alma mais pura. Imaginar a essa preciosidade sofrendo revolvendo seu estômago e encolhia seu coração.

Mas Steven não era estúpido. Sabia que Daimhin era uma vaníria muito complicada e difícil. Mas ele não se caracterizava tampouco por ser comum nem simples. Sua personalidade estava marcada por outros acontecimentos de sua vida que não soube encaixar e aos quais nunca enfrentou. De fato, dias atrás havia tornado a fracassar em sua missão de protetor, quando tantos guerreiros, mulheres e crianças morreram pela traição de Buchannan, Anderson e Cameron enquanto ele estava responsável por Eilean Arainn.

Muitos de seus amigos já não existiam, foram para sempre. E tinha que enfrentar as mortes dos berserkers que tinham perecido sob seu comando. Seu clã se partiu por completo, e agora os guerreiros que ainda continuavam lutando na Escócia eram uma mistura de crianças perdidas, valquírias e einherjars, clãs vanírios *kofuns* e berserkers de Milwaukee, todos com diferentes personalidades e

mais ainda diferenças que tentavam reconciliar-se no tempo. Supunha-se que deviam se unir para lutar e enfrentar o fim do mundo. A pergunta era: conseguiriam?

O que seria do Johnson? O que seria de Ardan? E das valquírias? Eles eram sua única família e talvez não voltasse a vê-los nunca mais. A greta que tinha partido Glasgow e Edimburgo não demoraria a alcançar a falha original do país, já que os tremores não cessavam. E se isso acontecesse, a Escócia afundaria para sempre.

Sim, não havia dúvida. Era o fim do mundo. Do seu mundo. Do de todos.

E quando chegava o final, as pessoas olhavam para trás e queriam se agarrar às melhores lembranças e às maiores experiências de sua vida. E Steven não tinha nada. Em troca, Daimhin poderia lhe dar a verdadeira razão pela qual ele ainda continuava vivendo e tanta gente que tinha amado não. Com Daimhin, talvez tudo valesse a pena.

Era dele e precisava protegê-la. Se ela quisesse ir em busca do vanírio triste e de cabeça raspada, faria isso. Acompanharia-a.

Talvez se o reconhecesse como seu *mann*, daria um sentido à sua torpe existência.

E tinha pouco tempo para ganhar sua confiança.

E dizia confiança porque na realidade não queria se precipitar e exigir o que de verdade desejava, que era o amor recíproco dessa garota com corpo de mulher e mente de anciã.

Com o pouco tempo que restava nessa terra, cedo ou tarde, a jovem saberia, perceberia que ambos estavam destinados a estar juntos. Ele e sua mordida se encarregariam de recordar-lhe.

— Acompanharei você porque acredito que é impossível que esses saltos a façam durar muito. Vai à guerra, não a uma passarela — respondeu Steven decidido, seguindo seus passos.

— Eu adoro — ela assegurou. — Além disso, eu tampouco te digo que não traga suas ferramentas de limpeza para brigar, não é?

Steven franziu o cenho, curioso por sua reflexão.

— Por que acha que vou limpar, sádica?

“Sádica?” Daimhin deu de ombros, e enquanto ingressavam na mais absoluta penumbra daquela gruta, acrescentou:

— Acaso não leva uma vassoura meio laranja na cabeça?

Steven acariciou o meio moicano que aparecia sobre seu crânio e sorriu divertido pela comparação.

Os purs e os etones eram trabalhadores das superfícies rochosas e arenosas; introduziam-se como vermes e apodreciam a terra como mofo até furá-la, como uma cárie a um molar. Prova disso era a quantidade de túneis que tinham criado na crosta terrestre embaixo de Edimburgo em tão pouco tempo. Daimhin e Steven perderam a conta dos quilômetros de túneis que já tinham percorrido.

Quantos? Trinta? Quarenta? Eles tinham visão noturna e podiam ir mais rápido que um humano, mas não à velocidade que desejava a jovem vaníria. A pedra estava quente, como se parte do vulcão que repousava sob essa área do país escocês tivesse revivido com os tremores acontecidos.

Os dutos abertos permaneciam lisos ao tato com uma pequena camada gelatinosa originária dos corpos dos purs. E cada túnel dava para grutas mais escuras que as anteriores.

Daimhin tentava se concentrar em captar o sinal mental de seu irmão, mas só encontrava um muro e muito mais escuridão do que havia nessas passagens subterrâneas. Sua mente insondável deixava o próprio Mal engatinhando. Era uma esmagadora realidade que seu irmão se aproximava do lado obscuro irremediavelmente, e que só ela e a lembrança do que uma vez foi prendiam o lado vanírio mais do que o nosferatu. Estremeceu e seus olhos umedeceram ao pensar em seu *bratháir* vencido.

Não queria. Carrick era um lutador. E se estivesse em sua mão, faria todo o possível por salvá-lo de sua própria autodestruição.

Steven franziu o cenho ao notar o nervosismo de Daimhin. Passaram muitas horas procurando seu irmão, e a jovem não desistia.

— Se seu irmão for tão forte como diz, seguirá com vida, sádica — Steven queria falar com ela, mas Daimhin não lhe dirigia a palavra. A garota tinha as costas retas e os ombros suaves jogados para trás. O cabo da katana balançava de um lado a outro de sua nuca, como se balançavam seus quadris. Era magra,

mas alta, esbelta e tão bonita que sua boca secava ao contemplá-la. E esse cabelo... esse cabelo liso e comprido, tão loiro que quase parecia branco, de onde tinha saído? Como tinha crescido tanto desde a última vez que a viu? — Nós o encontraremos.

Ela continuou com os olhos laranja e dourados fixos no final dessa nova gruta que averiguavam. Não queria pensar no fato de ter um berserker que era o dobro do seu tamanho colado às suas costas e a sós com ela clandestinamente ali, onde ninguém jamais poderia encontrá-la. Aceitava muito bem, mas quando pensava nele, como nesse momento, as mãos umedeciam e o coração descontrolava no peito, frenético em suas taquicardias. Um sabor amargo e conhecido se hospedou em sua língua, e teve que fechar os olhos com força e fazer provisão de seu melhor autocontrole para não começar a correr e procurar uma saída com urgência.

Malditas lembranças. Malditas experiências. Maldito Newscientists.

— Em pouco tempo os purs conseguiram criar um reino subterrâneo no Midgard — disse para separar de sua mente os pesadelos.

— As entranhas deste país são como um queijo cheddar — explicou Steven lendo a linguagem não verbal de Daimhin. Estava tensa e assustada, e não queria pensar que era ele quem lhe dava medo. Dava-lhe pânico estar ao seu lado? Seu instinto berserker e seu olfato diziam que sim. E isso lhe doía horrores. O aroma do medo de Daimhin tinha o matiz do caramelo queimado e Steven não podia suportá-lo, por isso continuou falando, para afastá-la desse lado de sua mente e de suas emoções, que a convertiam em alguém assustadiço e vulnerável. — Isamu conseguiu tratar os mares com o tratamento anti-esporos. Mas os ovos dos purs e etones já evoluídos, os que cresceram muito rápido, são os que abriram espaço através das gretas e eclodiram, sem importar onde o faziam. Por isso o mundo treme e as placas se abrem... Não há solução para isso — deu de ombros.

Continuaram caminhando em silêncio. O movimento do longo rabo de cavalo de Daimhin relaxava Steven, que ia de um lado a outro, hipnotizando-o e sincronizando com o batimento de seu coração. Se compartilhassem o *chi*, ele poderia ajudá-la a relaxar e a sincronizar com seu coração. Ele seria seu bálsamo e a ajudaria a acalmar as palpitações tão aceleradas que ameaçavam sair do seu

peito. Podia escutar o bombeamento perfeitamente e o sangue correr através de suas veias, como se não houvesse amanhã.

O berserker colocou a mão no ombro dela, mas Daimhin deu um salto para frente para separar-se dele, como se o contato a queimasse.

Steven estreitou os olhos cor de ouro e um grunhido espontâneo, mas não muito duro, soou em seu amplo peito.

— Por que me toca? — perguntou ela, estendendo a mão por cima de sua cabeça para agarrar o cabo de sua katana. — Não solte grunhidos, maldito.

Steven olhou sua própria mão e depois a olhou nos olhos. Os enormes luzeiros alaranjados de Daimhin brilhavam encurralados através da escuridão, como os de uma felina disposta a arranhar para se salvar.

Steven desejou com todas as suas forças encontrar-se cara a cara com as pessoas que fizeram isso com ela e arrancar suas cabeças, uma por uma. Quem e por que tinha ferido a uma ninfa como aquela?! Como podia ter medo dele?

— Sinto muito — ele se desculpou com voz grave.

— Não sinta — disse ela, engolindo em seco. — Simplesmente não volte a fazer isso. Não gosto que me toquem.

Ele deu um passo à frente, ferido por sua proibição. Daimhin não gostava que a tocassem e ele morria de vontade de tocá-la. Como ia dizer a ela que era sua *kone*? Que seu instinto a tinha escolhido? Estava ferrado.

Seu queixo esticou e depois assinalou algo no final do túnel.

— Só queria te alertar sobre o que há ali — seu indicador apontava um tênis branco e sujo de número pequeno. — Há um calçado de criança deixado na metade do túnel.

Daimhin olhou para onde ele sugeria e encontrou o objeto ao qual fazia referência. Que diabos fazia isso ali, a quilômetros da superfície terrestre? Uma sapatilha de criança?

E então Daimhin inalou profundamente e cheirou o sangue. Steven também percebeu o sutil perfume da vida de uma criança em seus últimos suspiros.

— Está morrendo — disse Daimhin correndo para frente.

— Espera! — Steven não perdeu seu passo. — Pode ser uma armadilha!

Mas Daimhin não queria pensar em armadilhas. Tanto ele como seu irmão não podiam deixar de ajudar aos mais indefesos. Passaram muito em Capel-le-Ferne para ignorar a dor alheia. Mal ouvia o coração.

Seguiram o caminho subterrâneo até chegar a uma cavidade mais larga. Em meio àquele lugar, sobre o chão enegrecido e vulcânico da gruta, uma menina de cabelo negro, curto e liso, repousava lutando pelo último depósito que ficava de oxigênio. Os gases a impediam de respirar bem. Tinha os olhos ardidos e inchados e a tez tão pálida como a neve.

Daimhin ajoelhou ao seu lado e a tomou nos braços. O que fazia essa menina ali?

Steven, em silêncio, olhava a cena sem muita esperança. Em Eilean Arainn morreram muitas crianças pelas mãos da crueldade dos outros. Essa pequena, cedo ou tarde, uniria-se aos espíritos dos caídos. O curioso era que a parca¹, em crianças inocentes, chegava a ser imensamente mais dolorosa que a morte em homens que escolhiam lutar. Porque esses homens e guerreiros decidiam seu destino, e sabiam que podiam correr o risco de não voltar e morrer com honra. Mas uma criança... Nada justificava a morte de uma criança. Nada paliava essa dor.

— Ainda respira — disse Daimhin, aproximando o ouvido à boca entreaberta da pequena. — Ainda... — olhou-a fixamente —... posso salvá-la. Se não fizer alguma coisa, morrerá.

Steven negou com a cabeça.

— E o que fará, Daimhin? Percorrer as centenas de quilômetros subterrâneos que andamos para tentar mantê-la com vida? Olhe para ela. Não pode fazer nada por ela... — Observou as incisões que tinha no braço e os hematomas que deixaram nela. Não eram dentadas de vampiros. Os buracos eram mais grossos que os de umas presas de nosferatu ou de lobacho. A essa menina não restava nenhuma gota de energia vital em seu corpo. Eles a sugaram.

— Não penso deixá-la aqui — negou-se Daimhin, estudando as feridas.

Steven se agachou ao seu lado e a obrigou a olhá-lo.

— Me escute bem, vaníria. A menina está morta. Completamente vegetal. Respira por que ainda tem o reflexo de fazê-lo. Seus pais devem ter morrido ali

¹ Figura da Morte.

em cima — assinalou o teto —, como todos os humanos que não pudemos salvar. Não vamos nos responsabilizar por isso. Assim, deixe-a.

Ela o escutava, horrorizada, com os olhos cada vez mais claros e cheios de fúria.

— Mas o que é você, insensível? Esta menina...

— Esta menina está morrendo! — ele recordou, furioso. — Como metade do Midgard! E não vai poder salvar a todos! Se quiser fazer um pouco de proveito antes que bata as botas de verdade, tente ler em seu sangue algo do que aconteceu. É uma vaníria, não? Por que não lê o que diabos faz aqui e quem a trouxe até este lugar? Talvez ela não possa viver... Mas e se houver mais como ela por estes túneis?

— Mais crianças? — perguntou, olhando-a atentamente. Só de imaginar grupos de pirralhos inocentes presos, e à mercê de ogros e demônios abusadores fazia com que a bÍlis subisse pela garganta.

— Não tem que beber muito, não? — Steven pensava nas consequências que comportava para os vanÍrios beber sangue humano e teve medo por ela. — Não a transformará... não?

Daimhin negou com seriedade.

— Bastará uma gota — respondeu, tomando ar. Ainda com reservas, estudou pela última vez o rosto da pequena moribunda, outro espírito que pagava pelos erros dos adultos de seu mundo. Se alguns humanos não tivessem cedido a Loki, nada do que estava acontecendo jamais teria acontecido. Steven tinha razão. A pequena estava tão fraca que não poderia nem transformá-la. Além disso, não gostava de se vincular com ninguém. E as trocas de sangue vanÍria eram vinculantes eternos. — Nunca bebi sangue humano — reconheceu com assombro. Seria essa sua primeira vez?

— Se acha que vai supor um perigo, é melhor que não o faça... Porra.

Mas Daimhin já tinha descoberto a ponta de uma branquíssima e diminuta presa no polegar da criança. Apertou para que emergisse uma gota rubi e consistente, mas com muita dificuldade dava para mais. Seja quem for ou o que a atacara assim, deixara-a completamente seca. Lambeu a pérola avermelhada e soltou a pequena imediatamente. Em seguida, fechou os olhos para ler e experimentar algo do que a menina tinha visto.

Sentiu o pânico, o pavor, a impressão de ver seres que só tinha acreditado possíveis nas séries de televisão ou na mais fantástica das ficções. Os pais da criança morreram ao cair por uma das gretas, e a ela tinha levado um dos etones de pele negra, aspecto reptiloide e olhos amarelos, saltando ao interior da greta, e seguindo a muitos como eles, que carregavam crianças da mesma idade dela.

Daimhin sacudiu a cabeça e apertou as têmporas. O rastro do sangue em seu paladar desaparecia. Era muito pouca quantidade para saber lê-la. Cahal McCloud, o *druidh* do clã *keltoi* de Dudley, era o melhor rastreador, junto com seu irmão Menw. Todos os adultos podiam rastrear pensamentos e imagens em sangue ainda vivo. Mas ela, que a maior parte de sua vida esteve inabilitada e maltratada nas mãos da organização da Newscientists, não tinha desenvolvido plenamente essa habilidade. Fazia muito pouco que tomou a decisão de lutar. Daanna a ensinara a utilizar a katana, e Miz O'Shane, a companheira do *druidh*, tinha lhe servido de grande apoio para se sentir um pouco mais forte. Cahal, por outro lado, devolveu seu cabelo e uma pequena porção de sua autoestima. Era como uma boneca quebrada que tentava encaixar os poucos pedaços de prudência que ainda restavam.

Entretanto, ainda ficava muito por aprender. Mal acabava de sair da casca de ovo destrutivo onde ela e muitos mais foram jogados, obrigados a aceitar um trato que não teria desejado jamais nem a seu pior inimigo. Exceto agora. Agora clamava por vingança. A dela. A de seu irmão. A dessa criança que soltava seu último suspiro.

Daimhin deixou as pálpebras caírem com pesar e estendeu sua mão para fechar os olhos abertos da menina já falecida.

— Sinto muito. *Beannachd leat*. Adeus.

— Sim, adeus — repetiu Steven com tristeza. — Há mais? — perguntou preocupado. Teria gostado de se aproximar de Daimhin e abraçá-la, mas aquilo era tão impossível quanto Loki se converter à religião aesir.

Daimhin assentiu com a cabeça e se levantou com lentidão.

— Levaram muitas crianças a estas grutas. Um pur a mordeu... Não sabia que esses bagulhos comiam humanos — murmurou atônita.

— Não comem humanos — assinalou Steven. — Levaram somente crianças. Só os pequenos — seus olhos se tornaram duas linhas amarelas fosforescentes

na escuridão. Mataria a todos. Precisava deixar ir embora a raiva que sentia ao saber que os vilões sempre se aproveitavam da fraqueza e da bondade dos menores. — Vejamos se encontramos seu irmão, sádica. Vamos seguir.

Daimhin parou em seco; não o seguiu.

— Mas e se houver crianças pelo caminho e pudermos salvá-los... Nós os salvaremos. Não penso fazer vista grossa.

Steven deu de ombros e a olhou jogando a cabeça para trás. Sorriu com indulgência.

— Faça o que quiser.

Ela oscilou os longos cílios escuros e inclinou a cabeça para um lado. O que Steven queria dela? Por que insistia em acompanhá-la?

— Por que está aqui? Por quê? Eu não te pedi que o faça. Pode ir quando quiser — concordou sem compreender a esse rapaz. — Se quiser, pode ir agora. Eu seguirei meu caminho e...

— Cale-se já — Steven começou a assoviar baixinho, ignorando-a por completo. Continuou com seus passos longos, deixando-a para trás.

— Não me conhece. Não acredito que goste muito de mim. De fato, acredito que não gosto de você. Eu não gosto do seu cabelo... por que não cresce quando muda? O cabelo dos outros berserkers alonga. O seu não. Também está aleijado?

Steven se pôs a rir e negou com a cabeça.

— É um esgotamento raspar tanto a cabeça. Eu fui mais radical. Fiz um pequeno tratamento capilar para que não crescesse... Mas com os anos o efeito desaparecerá.

— Um tratamento capilar? Qual?

— Não queira saber.

Ela fez uma careta de desagrado.

— Tampouco gosto do brilhante que usa na orelha. E eu não gosto de falar com você.

— Pois para quem não quer falar — disse ele com um sorriso —, não se cala, bonita.

Daimhin apertou os dentes com raiva; e quando ia replicar, Steven a olhou por cima do ombro e a espetou:

— Acompanho-a porque é, nada mais nada menos, o que tenho que fazer. Ajudá-la. E goste você ou não, não pode me expulsar daqui. Tente me suportar.

Daimhin seguiu Steven com os olhos e contemplou seu corpo comprido e largo, seu andar seguro e sua atitude um pouco despreocupada. No cinturão da calça escura, na parte de trás, tinha uma vara metálica, cuja capa de couro escondia a cabeça de seu oks. Até agora não o tinha visto usá-la. Esses machados eram armas letais nas mãos dos guerreiros berserkers. Em Eilean Arainn, inclusive na colina de Arthur's Seat e posteriormente em Edimburgo, tinha lutado junto a berserkers e contemplado com admiração o modo que tinham de decepar as cabeças de seus inimigos. Incompreensivelmente, sua pele arrepiou ao imaginá-lo.

A dentada no pescoço, essa marca das presas de Steven em sua pele, formigou incomodamente. Isso a obrigou a cobrir a dentada e a esfregá-la com a palma da mão. Por que ardia? Começava a arder como o inferno.

E de repente, algo que tinha controlado em seus anos de cativo, despertou como o preguiçoso amanhecer de um urso depois de hibernar durante meses, com lentidão, mas com uma ansiedade esmagadora.

Tinha sede. Sede vaníria.

III

A escuridão era sentir como ele se sentiu durante tanto tempo. Um espaço carente de sorrisos e luz. Um lugar pessoal no qual só residiam os pensamentos carentes de claridade. Um poço negro onde só cabiam a dor e a vergonha; duas sensações dilacerantes que se retroalimentavam uma da outra até chegar a destruir os únicos retalhos do que alguma vez, em sua curta vida, foi.

Carrick vivia sozinho porque a ânsia de vingança o manteve de pé quando o fizeram em pedaços e apagaram com um golpe forte o menino que brigou até o final para sobreviver. Sonhava com o dia da vingança final, não porque quisesse esquecer e continuar. Não. Mas sim porque cada maldito amanhecer desde que saiu de Chapel Battery se convertia em uma eternidade de tortura e desespero por não poder deixar ir toda a fria fúria que fervia em sua alma. E ter algo tão

quente em seu interior, no final acabava queimando e transformando tudo em cinzas.

Cahal McCloud se ofereceu para apagar suas lembranças e devolver seu cabelo loiro, característica do vanírio celta proveniente da longa linhagem de bardos do qual ele e sua irmã descendiam. Mas Carrick rechaçou sua proposta, porque de que servia trocar o pacote se o interior estava podre? Não lhe servia de nada que o polissem quando estava tão manchado como podia estar um porco no barro.

“Porco. Puta. É a vergonha de seu clã”. Recordava aquelas duras palavras que tanto repetiram os humanos da Newscientists. Nem sequer o repugnavam. Converteram-se em combustível para seu fogo interior.

Mas aquela vida que tanto dano lhe causou não podia entender se estava rindo nesse momento dele. Malditas nornas do diabo... Parecia que inclusive o mais desgraçado e perdido de todos os vanírios podia chegar a ter uma oportunidade para recordar que uma vez teve bondade em sua mente e em seu coração. E essa oportunidade se apresentou na forma de uma japonesa chamada Aiko.

Fazia só um dia e meio que a tinha visto desde que chegaram naquela terra convulsa e a ponto de morrer chamada Escócia.

Após isso, desde que Carrick cravou seu olhar nos seus olhos puxados e escuros, em seu cabelo liso e negro e em seu rosto exótico, a necessidade de matar se colocou milagrosamente em segundo plano.

Diziam que os *cáraids* vanírios se reconheciam pelo aroma. O companheiro escolhido desprendia um perfume que nocauteava os sentidos de sua consorte. Seus pais se amavam antes de ser transformados pelos deuses. Os casais que ele conhecia já estavam formados quando nasceu. E agora, às portas do Ragnarök, ninguém poderia lhe explicar se o que ele estava percebendo com essa japonesa do clã vanírio *kofun* era ou não era a vinculação dos *cáraids*. A única coisa que podia fazer era seguir o rastro desse aroma de chocolate quente, que recordava as noites nas quais sua mãe, quando era muito pequeno, preparava uma caneca para que pudesse descansar, relaxar e dormir, embora os vanírios não o necessitassem.

Aiko teria a capacidade de relaxá-lo?

Tinha-a visto lutar; e também tinha reconhecido a luz em seus olhos quando obtinha a dor de seus oponentes, quando cortava a vida dos jotuns, como uma perita e maravilhosa sanguinária. Parecia séria e disciplinada, nada acessível para ninguém, exatamente como ele era agora. Não obstante, Aiko tinha olhado para ele durante uns eternos segundos enquanto o purs a levava, como se quisesse dizer algo ou despedir-se dele. E esse leve, mas intenso contato, foi o que acendeu a faísca em sua tenebrosa alma, e o que o fez acreditar que se havia uma *cáraid* para ele depois do que viveu, então não estava tudo perdido.

Então Carrick não teve nenhuma dúvida sobre o que tinha que fazer. Decidiu ir procurá-la. Encontrá-la era seu maior afã.

O túnel constava de tetos e paredes altas. Desconhecia qual era a autêntica fisiologia dos purs para criar essas penetrações na pedra, mas seja como for, esses monstros tinham a necessidade de construir tocas. Para que? Por quê?

Carrick se deteve no final do novo túnel, que acabava em uma nova bifurcação. A quantos metros clandestinamente estavam?

Fechou os olhos e esperou que o aroma de Aiko o acertasse de novo.

Sim. Estava perto. Continuava viva. E iria atrás dela.

Carrick se impulsionou sobre os calcanhares e, ao perceber sua iminente aproximação, começou a correr através do túnel escuro e sombrio. Ao final dessa nova passagem, uma claridade alaranjada iluminava a abertura do outro lado do corredor.

Ele entrecerrou os olhos e as presas explodiram aparecendo através de seus lábios. Seu olhar castanho claro se avermelhou por completo.

Ali não pulsava apenas o coração de Aiko. Havia outros corações, menores e mais humanos que os da japonesa.

Crianças. O que crianças faziam ali dentro? Era impossível que sobrevivessem à falta de oxigênio provocada pelos gases subterrâneos e pelas altas temperaturas das cavernas.

Aumentou a velocidade e saiu como uma bala pelo buraco, até levitar em uma gruta tão grande quanto um coliseu.

Abaixo, rios de lava que outorgavam claridade àquela boca do mal, rodeavam uma plataforma de pedra. No centro dessa rocha, dois purs maiores que o normal, de pele viscosa e cinzenta e com olhos grandes de cor preta como

carvão, estavam flanqueados por etones de pele negra e olhos amarelados. As duas raças de jotuns eram muito pouco agraciadas.

Aparentemente, os dois purs de grandes dimensões agiam como as abelhas rainhas de uma colmeia. Todos os protegiam, e a eles eram levadas as crianças que carregavam sobre seus ombros aquelas aberrações de Loki.

Nada surpreendia Carrick. Nem a maldade, nem a violência, nem o ódio, nem a lascívia dos seres de Loki. Mas continuava o machucando o fato de que jogasse com a inocência dos mais indefesos.

Purs e etones deixavam aos pés do par de líderes os corpos quase sem vida das crianças que tinham sequestrado do Midgard. Caíam enfraquecidos, como bonecos de pano. Via seus rostos e recordava as crianças perdidas de seu clã que mal tinham uma oportunidade para lutar, tão fracos e tão maltratados...

Os dois purs, que dobravam em tamanho e em largura ao resto, agarravam as crianças e abriam suas asquerosas bocas para cravar duas presas putrefatas em sua tenra pele. Não deixavam de sugar até que lhes arrancavam a energia vital.

E quando acabavam... Deuses... Quando acabavam, vomitavam algo pela boca. Algo avermelhado, redondo e gelatinoso.

— São ovos — sussurrou Carrick estupefato.

Esses desgraçados podiam incubar ovos depois de arrebataram a vida das crianças. E tinham uma incrível montanha deles que outros se encarregavam de guardar em orifícios feitos sob medida na pedra, como se fossem os berços dos futuros purs ou etones que saíssem dali.

Enquanto observava aquela cena e procurava desesperadamente Aiko entre aquele enxame de crianças, ovos, purs e etones, notou a intrusão mental de um eton.

Os etones tinham a capacidade de ler a mente de seus adversários e manipulá-la conforme seu desejo. O lápis anulador de frequência tinha ficado sem bateria fazia horas, mas Carrick estava mais do que disposto a enfrentar aos jogos telepáticos do jotun. Usaria a mente do jotun para averiguar onde estava Aiko.

Alguns etones elevaram as cabeças, dispostos a enfrentar Carrick que, todo vestido de negro, com sua espada samurai na mão e sua cabeça loira e raspada,

apontava a cada um deles com um sorriso maquiavélico, disposto a enfrentar a morte.

— Venham até mim — animou-os.

Carrick se dirigiu ao enxame como uma bola, com a inconsciência de quem deseja a batalha porque não tem nada a perder.

Grasnou como um selvagem enquanto ia cortando cabeças, pernas e braços, enquanto investigava nas mentes dos etones onde tinha ido parar a vaníria.

Esquivou o ataque de um eton e esmagou a cabeça de um pur com a sola de suas botas militares negras.

Movia a lâmina de sua espada samurai com diligência e sobriedade. Cortes limpos e mortais, precisos como os de um cirurgião.

A pele do pur estava recoberta por uma gelatina que se parecia com o ácido e queimava pra cacete. Muitos deles tentaram agarrá-lo e, acima de tudo, proteger a suas duas rainhas poedoras de ovos, que procuravam um modo de sair dali antes que elas ou suas ninhadas sofressem algum percalço.

Mas Carrick não ia permitir isso.

Muitas crianças tinham morrido em suas mãos para que escapassem sem receber o castigo que mereciam.

Um pur o cuspiu e a saliva impactou em sua calça. Imediatamente o tecido afetado desapareceu, completamente queimado. Como a pele mais superficial de sua perna.

Enquanto lutava, procurava o eton com o qual teve esse contato mental... ele o queria. Diria-lhe onde estava Aiko, embora o fizesse acreditar que já não estava aí.

As poedoras de ovos perfuravam o chão e criavam uma fenda bem grande para conseguir desaparecer como vermes. Não podiam escapar dele!

Sobrevoou a cabeça de um grupo de etones e então cravou a ponta da espada em um dos dois purs que queriam desaparecer. Atravessou a cabeça deles. O pur gritou como um animal ferido e se revolveu, querendo escapar da ponta metálica de Carrick, que se retorcia em sua cabeça e que começava a atravessar seu corpo.

— Mato você como uma isca, verme! — gritou-lhe olhando por cima de seu ombro para se proteger do golpe de um eton. Suas garras, curvadas e afiadas, negras como sua pele, arranharam suas costas. Carrick se queixou, mas antes de encarregar-se de seu novo atacante, percebeu o pensamento do eton que tinha ancorado à sua mente. Estava fugindo. Fugindo por uma das grutas superiores.

Tirou a espada e deu a volta sobre si mesmo para utilizar esse mesmo movimento como um moinho degolador com o qual pôde fatiar o pescoço de vários purs.

Depois, ignorando a todos os outros, elevou voo para seguir o eton que sabia onde Aiko estava. Quando chegou ao orifício pelo qual o jotun tinha desaparecido, deteve-se na soleira, impressionado pelo que seus olhos viam.

O eton tinha Aiko completamente imóvel, adormecida e sem vida... estava colocado às suas costas, puxando seu cabelo, sem perder o olhar de Carrick. Seus olhos amarelos e reptiloides sorriam vitoriosos.

Um dos purs sugadores a tinha mordido até o ponto de deixá-la quase sem sangue.

“É isto o que busca, vanírio?”, perguntou o eton mentalmente. Seus dentes amarelados e seu focinho, parecido ao de uma serpente, convertiam-no no primeiro anfíbio bípede que Carrick tinha visto em sua vida.

— Devolva-me ela — respondeu Carrick aproximando-se deles, sem abaixar a ponta da espada nem um pouco.

“É muito tarde para ela. É muito tarde para vocês”.

O vanírio negou com a cabeça, sem perder a calma.

—Não é tarde se houver vida. Para que diabos pegam as crianças? São deploráveis.

“Sustento. Sustento para nossa espécie. Entre nós nascem poucas fêmeas que possam procriar. Mas descobrimos que a energia vital de suas crianças nos ajuda a incubar. Acabaram com todos nossos ovos dos mares — inquiriu com fúria. — É justo que também acabemos antes com os seus, não acha?”

— São humanos. Nem crianças, nem ovos — destacou Carrick, dando outro passo para eles, enquanto rezava para que soltasse a japonesa, que tinha os olhos fechados. — Por que mordeu a vaníria?

“É um ser sobrenatural. Tem muito poder e sua energia é tão pura e vital como a das crianças que Sal’zenac e Pur’nic. Ela é virgem. Como eles. Há muita energia nas virgens... Não sabia?”.

Carrick escutava atentamente a voz oxidada desse eton dentro da sua cabeça. Outros etones e purs subiam as paredes de pedra, escalando e arrastando-se para chegar a ele. Não teria muito tempo antes de agir. A energia de uma virgem os alimentava? Então, com ele, não teriam nada que fazer.

— Sal’zenac e Pur’nic? — repetiu Carrick. — Assim se chamam as criaturas poedoras de ovos? Tem nomes?

O eton ergueu o canto do que parecia ser seu lábio superior e dedicou-lhe um sorriso torto.

“Todos temos um nome. Você acabou com a vida de Sal’zenac — disse mostrando sua língua bífida entre as presas. — E luta para proteger uns humanos que odeia. Está cheio de asco”.

— Não luto por eles. Jamais lutei por eles.

“Talvez não lute por eles, mas sim guerreia por ela — olhou para Aiko e jogou o braço para trás, para cravar os dedos nas costas dela e tentar atravessar seu peito. — É justo que te devolva a afronta”.

Carrick correu veloz e o deteve. Liberou Aiko das garras do eton e cortou a cabeça do jotun.

Quando se virou, Aiko estava deitada no chão, estirada de modo disforme, com a cabeça jogada para trás.

Carrick a agarrou nos braços, balançando-a e retirando seu cabelo negro do rosto.

— Aiko? Ouve-me? — O coração pulsava errático.

Isso não podia acontecer com ele. Não podia perder essa vaníria quando mal acabavam de se encontrar. Que merda de vida a ele coube viver? Carrick a sacudiu.

— Ei! Escute-me! Não pode ir! Não pode ir! — mordeu o pulso e abriu uma ferida profunda pelas suas veias. Não queria lhe dar seu sangue manchado. Se a salvasse pediria perdão, mas precisava oferecer sua linfa para que despertasse. Depois a mordeu e bebeu do pouquíssimo sangue que ainda pulsava por suas veias. Necessitava três. Três trocas de sangue. Os purs se aproximavam para a

cavidade em que ele estava. Tinha que tirá-la dali com vida. Mas Aiko não respirava. Seus olhos negros seguiam voltados para cima.

Carrick notava as coxas molhadas, sinal do sangue que Aiko perdia pelas costas. Desesperado, virou-a até que compreendeu o que tinha acontecido.

Desviou a vista para o eton que jazia sem cabeça no chão. Na mão tinha o coração da japonesa, que ainda pulsava de maneira reflexa.

— Não... Não pode ser... — fixou seus olhos castanhos e cheios de lágrimas no rosto da vaníria. Piscou para conter as lágrimas e inspirou profundamente pelo nariz. Os vanírios morriam se arrancassem sua cabeça ou o coração. E Aiko foi vítima do segundo. Deixou cair o pescoço para trás e gritou até que seus pulmões arderam.

Carrick a deixou no chão e se levantou com o rosto completamente escurecido, sem brilho em seu olhar opaco. Agarrou o cabo de sua espada e esperou. Esperou que os purs viessem.

— Venho logo — disse Carrick ao corpo sem vida de Aiko enquanto que com passo miserável, dirigia-se à entrada da caverna em que esperaria um a um daquele enxame de etones e purs que encontrariam sua morte, antes que ele clamasse pela sua própria.

Matar. Acabar com todos era o que ia fazer antes de acabar com tudo. Antes de dar fim à sua tristeza e sua tortura.

Antes de entregar-se, por fim, ao Sol.

Quando dois irmãos estavam tão conectados como estavam eles dois, um sempre sentia a dor e o desespero do outro.

Durante anos, Carrick se ocupou de cobrir suas emoções e de dar coragem a si mesmo para que Daimhin jamais soubesse como se sentia, para que nunca lesse nele nada do que faziam com ele. Por isso não podiam falar telepaticamente entre eles, porque Carrick não permitia.

Mas nesse momento, correndo a grande velocidade entre os túneis subterrâneos, Daimhin se deteve em seco e levou a mão ao coração. E esse vazio? E essa falta de vida ou de emoção? Era como uma bofetada.

Steven diminuiu o passo e se aproximou dela ao perceber a angústia da jovem.

— O que há? — perguntou.

— Não sei... — os olhos laranjas de Daimhin clarearam de repente e agarrou com força a camiseta até amassá-la à altura do peito. — Não estou segura. É... Carrick. Algo aconteceu.

— Algo aconteceu? O que? — tão alto como era, tinha que se encolher para falar com ela quase à mesma altura.

— Não sei... — sussurrou com o olhar perdido. “*Carrick? Bratháir, está bem? Fale comigo, por favor*”. Mas as perguntas sempre vinham acompanhadas de incômodos silêncios.

Steven levantou a cabeça e se colocou diante de Daimhin.

Ela também se deu conta do movimento que provinha do final do túnel. O aroma de putrefação acertou suas fossas nasais.

— Já vêm. Vêm para cá — anunciou Steven em posição de defesa sem deixar de olhar à frente.

Daimhin desembainhou sua espada e a agarrou com as duas mãos.

— Vai fazer com que eu me preocupe com você? — perguntou Steven olhando-a de soslaio. — Melhor não deixar que a machuquem.

Daimhin o olhou fixamente e não respondeu. Que não se deixasse machucar? Como se a ferissem porque ela queria! Esse berserker estava louco!

— E eu espero que seja o que for que apareça por ali, derrote-os. Que esse topete te sirva de algo.

Steven sorriu dissimuladamente.

— Caramba — murmurou agradado —, se até sabe fazer brincadeiras.

Daimhin não respondeu, mas assim que ele afastou o olhar, descobriu-se sorrindo ligeiramente, agradecida por essas palavras. Sabia fazer brincadeiras? Impossível.

O mal, a ameaça e seus inimigos apareceram por duas frentes. O final do túnel era uma delas. O que não esperavam era que sob a terra seus pés, emergissem as mãos ácidas dos purs para retê-los e queimar suas peles enquanto os etones corriam e investiam contra eles.

Steven tirou seu *oks* das costas e o utilizou como o incrível guerreiro que era. Talvez não fosse o líder mais amadurecido, mas sim era o mais habilidoso e tenaz. Movia seu machado de uma maneira totalmente brutal.

Transformou-se como o berserker que era. Seus músculos aumentaram e incharam, marcando veias e cobrindo sua pele de um pelo suave e gostoso ao tato.

Seus olhos âmbar se tornaram totalmente amarelos e suas presas superiores e inferiores alongaram, as de cima mais que as de baixo.

Eton que se aproximava, eton que matava.

Purs que apareciam entre as paredes ou furando as paredes, purs que tinham a cabeça arrancada.

Uma coisa estava clara: esses seres podiam ser seres criados por Loki, mas os vanírios e os berserkers estavam muito mais preparados para a luta que eles.

Daimhin não pôde evitar não apreciar aquela selvagem transformação nele. Tinha visto berserkers transformando-se, mas a nenhum tão... belo. Se belo fosse uma palavra apta para um homem.

— Sádica, defenda-se! — gritou Steven, olhando-a irritado.

— Me deixe algum! — protestou.

— A seus pés!

Ela deu um salto, ergueu sua espada e cortou a mão do pur, maior que o normal, que pretendia mordê-la na perna e que tentava arrastá-la através do buraco que fizera na terra. Puxava com tanta força com a outra mão que restava e que ardia em sua panturrilha, que conseguiu arrastá-la até o chão.

A espada escorregou dos dedos. Daimhin levantou o pé e lhe deu um golpe em cheio no rosto. Depois se levantou de um salto, segurou sua espada e, com um movimento de esquerda para a direita, separou a cabeça do pur do corpo.

Os etones a seu redor começaram a gritar como loucos, como se o que tivesse feito fosse um sacrilégio; e então um deles tentou estabelecer comunicação mental com ela.

“É a irmã de Carrick”, começaram a repetir todos para confundi-la. “Venha comigo, levarei-a até ele” “Venha, vaníria. Ele está bem e a salvo”.

Daimhin sacudiu a cabeça e olhou a luz piscante do bracelete em que tinha o anulador de frequências mentais. Maldição, já não restava energia, por isso os etones falavam com ela.

— Steven, os etones se metem em nossas cabeças! — gritou Daimhin mantendo a lâmina no alto.

— Não preste atenção neles! — replicou Steven arrancando a cabeça de um eton. — Pense somente em acabar com eles! Cortá-los!

Mas os quatro etones que a rodeavam asseguraram que seu irmão estava vivo e bem. Tinham-no visto? Conheciam-no?

— Os etones têm mentes grupais, consciências coletivas! — Steven gritava rodeado de purs babosos que queriam ir em cima dele. — Arranque suas cabeças, maldição! Defenda-se, Daimhin! Estão te fazendo mal!

“Venha. Nós a levaremos até ele”, continuavam instigando-a.

Daimhin fechou os olhos com força e decidiu utilizar o contato mental do eton em seu próprio benefício. Se eles tinham mentes grupais e em conjunto todos saberiam e teriam visto o mesmo. Daimhin não recuaria. Enquanto pensava nisso e procurava a informação que necessitava, não percebia que um pur estava queimando sua perna com suas mãos e que um eton abriu a carne das costelas com suas garras. Podia se isolar da dor; aprendera essa capacidade em Capel-le-Ferne e tinha consciência disso. Não prestaria atenção às suas feridas, mas sim aos circuitos mentais do jotun reptiloide. O que queria era encontrar Carrick na mente desses etones.

Através de suas lembranças, viu o final de um túnel como todos os que já tinha atravessado, mas este dava a uma gruta enorme que parecia um maldito coliseu de pedra.

— Crianças... — sussurrou Daimhin contrariada. — Muitas crianças mortas. Oh... por Morgana...

— Daimhin! Reaja! — Steven lutava para afastar seus atacantes. Tinha que ajudá-la ou a matariam!

A vaníria não fazia nada contra as múltiplas feridas que lhe propiciavam os etones e os purs, decidida a obter a informação que descobria.

Até que o viu. Até que a obteve.

Viu tudo.

Os poedores de ovos, Aiko morta e Carrick... Carrick aniquilando a cada um dos jotuns que havia nessa colmeia. Massacrando-os. Depois tudo escureceu e já não viu mais nada.

Daimhin abriu os olhos esgotados e laranjas como faróis, saindo da mente do eton. Lutou para sair de seu intumescimento e por fim começou a lutar contra aqueles que pouco a pouco tiravam sua energia, cortavam-na e a feriam com garras, presas e essa baba asquerosa que exudavam seus corpos.

Assim que acabou com todos seus oponentes, Steven se dirigiu como um raio a socorrê-la.

Tão ferida como estava Daimhin, não poderia sozinha com eles. Horrorizado e zangado com a jovem samurai por ser tão inconsequente, jogou-a para um lado, afastando-a do foco da violência. Ele seria seu martelo castigador.

Daimhin caiu e se chocou com a parede. As pernas mal a sustentavam. Tinha perdido tanto sangue? Olhou o próprio corpo e imediatamente fechou os olhos com estupefação. O maldito eton a tinha colocado onde ele quis, e embora agora soubesse onde seu irmão estava e para onde devia dirigir-se para encontrá-lo, o contato a tinha deixado à mercê de seus inimigos, que a converteram em uma bagunça num instante.

A carne aberta, o corpo sangrando... Feridas profundas que deviam ser atendidas se quisesse continuar.

Levou as mãos às incisões do estômago e se encolheu sobre si mesma.

O veneno dos purs e das venenosas unhas dos etones fluía pela sua corrente sanguínea e a fazia entrar em colapso. Não podia perder os sentidos. Seu corpo devia lutar para resistir e começar a curar. Os vanírios eram imortais, mas suas feridas, principalmente quando estavam tão fracos como ela, não se fechavam com facilidade. Necessitaria algo mais para melhorar e para que os cortes se fechassem com maior velocidade.

Steven acabou com os últimos purs que o espreitavam, e quando se virou respirando agitadamente, suado, e cheio ainda da raiva berserker, cravou seus olhos nela para estudá-la com atenção.

Daimhin o olhou por sua vez e levantou o queixo com dignidade.

— Não me olhe assim. Já sei onde está meu... — queixou-se quando tossiu sangue pela boca.

— Deuses... Cale-se!

Steven não perdeu nem um segundo: ajoelhou-se a seu lado enquanto sua transformação minguava pouco a pouco e recuperava o estado normal, não tão animal, mas igualmente violento.

— Não se defendeu! — Parte do corpo da jovem vaníria que olhava era uma área machucada e dilacerante. Não deixaram nada sem golpear. — Que tipo de guerreira é você, hein?! Está louca?! É uma suicida?!

— Fiz isso para encontrar meu irmão. Mataram Aiko... Mas já sei onde está. Sei como chegar até ele — disse com calma, engolindo em seco e tentando controlar as pontadas de dor. Como doía.

— Afaste as mãos. Deixe-me ver...

Steven não queria escutá-la, só ajudar a cicatrizar suas feridas. Doía-lhe o corpo ao ver a dor dela, sua pele tão branca, tão maltratada. Ele não pôde defendê-la, mas tampouco esperava se deparar com uma Daimhin imóvel enquanto outros a espancavam e a feriam daquele modo.

— Não há nada para ver, punk. Estou destruída — reconheceu ela sufocando a vontade de gritar.

Steven fechou os lábios com força, atordoado, mas também decidido a fazer o que fosse necessário para ajudar a essa garota.

— Ardan me contou em Wester Ross que os vanírios que estiveram presos durante tanto tempo em Chapel Battery suportaram sua sede como puderam, à base de autocontrole e...

— E desespero. Muito desespero — respondeu ela de frente, mordendo o lábio inferior para não deixar sair um grito de dor.

— O curador de Black Country criou os comprimidos Aodhan para que os vanírios suportassem a sede de sangue e para aqueles que não tinham seu *cáraid* — Steven cobriu um corte na sua coxa de onde não cessava de borbulhar sangue. Daimhin gritou, mas ele não retirou o tampão que seus dedos faziam. — Ele teve que dar a todos... — Observou Daimhin esperando encontrar uma pochete negra e plana, como a que todos carregavam na cintura. Mas ela não carregava nada consigo. — Onde está?

Daimhin apoiou a cabeça loira na rocha da parede e negou com a cabeça.

— Não sei. Perdi... Creio que ao lutar com você no precipício ela desabotoou — respondeu abatida.

Steven grunhiu e deixou a cabeça cair. Para um berserker como ele ver sua companheira em tão mau aspecto significava um duro golpe.

— Não pode continuar assim... precisa de combustível para fechar todas estas feridas.

— Se fosse uma vaníria forte não demoraria nada a me curar — lamentou. — Mas...

— Estupidez, Daimhin! É muito forte, mas agiu sem disciplina e com uma falta de responsabilidade absoluta.

Ela franziu o cenho e investiu as poucas energias que restavam para olhá-lo mal-humorada.

— Não brigue comigo. Não tem direito.

— Agente! — Steven a agarrou pelos braços sem nenhuma permissão e a sentou sobre suas pernas.

O coração de Daimhin, que já trabalhava a um ritmo superior ao habitual para abastecer a todos seus órgãos de sangue e de oxigênio que lhes faltava, acelerou pelo nervosismo e pelo estresse.

— O que faz? — sussurrou Daimhin, petrificada.

Ele percebeu seu medo; esse aroma partia seu coração, mas não se deteria.

— Quer ir em busca de seu irmão e não desfalecer pelo caminho? — Segurou-a pelo queixo com pulso firme e seguro. — Olhe pra mim, Daimhin. Estamos apenas você e eu. Tem que beber.

Ela negava, decidida a fugir dali e daquele tipo de contato. “*Não me aproxime disso. Não me toque. Como se atreve?*” Em um último fôlego de energia, defendeu-se daquilo como uma gata lutando por sua sobrevivência.

Zás!

Mordeu a mão de Steven com força e depois a soltou.

Ele a olhou estupefato. A dentada foi dolorosa.

Steven retirou a mão um tanto confuso. Seus olhos eram uma linha fina amarelada que mudava do ouro ao vermelho, como se não soubessem que cor escolher.

Por sua parte, Daimhin desceu de suas pernas e agora estava agachada diante dele, com as presas vermelhas de sangue e os lábios manchados, observando-o como uma fera disposta a arrancar sua cabeça.

A jovem engoliu em seco alterada pela situação, só para descobrir pela primeira vez, de maneira fulminante, o incrível sabor fresco e picante do sangue. Na Newscientists jamais bebeu; debilitaram-nos e os minguiaram para que nunca pudessem se rebelar. Uma vez fora de seu cárcere, Menw ofereceu os comprimidos que certamente surtiam efeito. A ansiedade desaparecia, embora restasse uma lembrança adjacente e adormecida do que era a fome vaníria.

Mas nunca, jamais, esperou experimentar a sensação de beber vida. Vida tão pura, forte e brilhante como o sangue de um guerreiro berserker.

Antes aquilo era pecado. Vanírios e berserkers se odiavam em tempos passados e não podiam conviver juntos, muito menos trocar seu sangue. Mas Thor mudou as regras; e eles mesmos, as crianças perdidas, lutaram lado a lado com crianças e jovens de distintas raças em Chapel Battery, e o fizeram para sobreviver.

Se eles podiam lutar para sobreviver também podiam viver juntos para lutar, não?

— Me morde, sádica? — Steven a olhou de esguelha e depois mostrou a mão sangrando com os dois orifícios um pouco rasgados da dentada. Sabia que a estava provocando e que ela não poderia resistir ao aroma e energia que lhe daria beber dele. — Olhe, aqui tem o que necessita. Sangue para você.

O sangue gotejava no chão e Daimhin mostrava suas presas sem pudor.

Um elixir da vida, um rejuvenescedor e constituinte... o combustível que necessitava nesse momento corria livre e selvagem pelo corpo do guerreiro que tinha na frente dela.

— Tem ideia do que está fazendo? — ela perguntou com um fio de voz, sibilando como uma serpente, tentando afastar-se disso. Seu coração bombeava ofegante de mais sangue, mais oxigênio, mais vida. Seus músculos palpitavam, clamando por aquele líquido que os reconfortaria. Sua pele pedia mais. Sempre mais.

— Estou te oferecendo meu sangue, sádica — explicou ele. — Sou um berserker, você uma vaníria. É óbvio que sei o que estou fazendo.

— Não vou saber parar — assegurou, temerosa de si mesma.

Steven piscou perdido por aquela sinceridade, para segundos depois sorrir com doçura. Era tão bonita e parecia tão selvagem... e tão assustada...

— Calma, presas. Não vou deixar que me mate. Conduzirei isso. Mas, maldição, faça antes que cheguem mais jotuns e já não possa se defender.

Daimhin não pôde suportar. O sangue de Steven a hipnotizava e exigia prová-lo, bebê-lo como água. Não era forte para resistir àquilo. Era fraca.

Agarrou o braço que o berserker oferecia e controlando-o a cada momento com seus olhos claros e laranja, cravou de novo as presas nas perfurações já feitas. Quando começou a beber, não teve força de vontade para continuar suportando o olhar dele.

Fechou os olhos para deixar-se levar pelo prazer, por seu sabor e por todas as lembranças que alguém como Steven era capaz de albergar.

IV

Paso Shipka

No Midgard havia um lugar chamado Inferno. Um território para o esquecimento e a loucura; um reduto exclusivo feito à imagem e semelhança das ideias de Loki, sua particular terra de morte, ódio, frio e fogo.

E foram os humanos quem ajudaram a criar aquele campo de concentração de seres sobrenaturais, movidos única e exclusivamente por suas ânsias de saber, de ambição, de conquistar... E, acima de tudo, movidos por seu medo de morrer e de desaparecer.

Anos atrás, fruto da curiosidade de Mikhail Ernepo, fundou-se a Newscientists, uma organização formada por importantes cientistas, químicos, biólogos e astrofísicos que estudavam a existência de seres como eles, como os vanírios e os berserkers. E em vez de se perguntar o que faziam ali, em lugar de questionar-se se não chegaram à Terra para protegê-los em vez de atacá-los, se tinham um motivo para encontrar-se nesse universo que não era o deles, esses humanos, tão mentalmente preparados, tão cheios de inteligência, mas vazios de bom senso, estacionaram suas perguntas e se concentraram no que podiam obter e absorver de uns corpos como os seus.

E se dedicaram a caçá-los como animais, com a inestimável ajuda de alguns traidores que não eram capazes de suportar a sede vaníria e que preferiram se colocar ao lado de Loki para deixar de sofrer. E entre todos fizeram experimentos com eles para obter esse elixir prezado da eterna juventude e da imortalidade. Mas nem vanírios nem berserkers tinham a chave dessa fórmula, só quem os tinha criado tinham todas as respostas.

E como os humanos desconheciam de onde vinha essa substância mágica que os faziam idosos, e sabendo que nem sequer um ser imortal podia suportar tantas torturas e tantas provas, decidiram cloná-los e fazer seres à sua imagem e semelhança, mas vazios de alma e coração.

Entretanto, os clones só lhes serviam disso, de clones. Não podiam estudá-los nem tampouco obter o que queriam de seus corpos porque eram iguais a seus corpos originais, embora piores: não raciocinavam nem sentiam nenhum tipo de emoção que não fosse a de comer e destruir. Foi então quando os membros da Newscientists tentaram estudar a origem real dos vanírios e dos berserkers, e pensaram que seria boa ideia abrir portais dimensionais e visitar o mundo desses deuses que os criaram.

Ele sabia. Sabia perfeitamente que cada passo, cada decisão errada desses humanos que optaram por apoiar ao deus Vigarista, levaria o Midgard a esse ponto onde sem dúvida se encontravam. A completa destruição.

Uma vez, fazia muito tempo, sempre acreditou que havia um pouco de luz nos humanos. De fato, nem toda sua vida foi um vanírio. A ele, como todos os de seu clã, os deuses vanir transformaram-no no círculo de pedra de Stonehenge; e outorgaram dons a ele, embora também uma ou outra fraqueza. A eternidade fez com que esquecesse sua parte humana, e às vezes duvidava se alguma vez foi um na realidade.

Mas sim, recordava... Thor MacAllister se agarrava à lembrança do amor que sentiu por sua mulher. E foi um amor que não podia ser catalogado de humano, mas tampouco de desumano: foi um amor divino. Mágico era a palavra. E a pouca razão que ainda restava e que tanto insistiram em lhe arrebatá-lo, agarrava-se a essa lembrança imprecisa como a um prego ardendo, sem importar-se o queimava por isso.

O nome de sua mulher era Jade. E não era humana, mas tampouco vaníria. Era berserker. Então sua relação era completamente impossível porque ambos vinham de raças totalmente inimigas. Mas seu coração vanírio escolheu o coração dessa fêmea berserker, toda uma loba, toda uma princesa: a filha do líder do clã de Wolverhampton.

Ele, Thor, também fora um líder. O líder do clã vanírio de Dudley, de Black Country, ou isso acreditava... Porque de líder já não restava nada. A questão era que quando a viu não pôde resistir: nem sequer fez a tentativa de lutar contra isso, contra o magnetismo daquela mulher. Caiu fulminado por ela, por seus olhos tão verdes como a pedra que levava seu nome, e por seu sorriso doce e ladino. Aqueles atrevidos olhos cor de jade e seu sorriso altivo e desafiante

mudaram tudo, e puseram em dúvida o mundo de preconceitos que ele e os seus construíram a seu redor. Se um vanírio podia chegar a desejar uma berserker até o ponto de quase ficar louco, queria dizer que os dois clãs não estavam tão longe um do outro como acreditavam. E se os deuses estavam equivocados?

Talvez aquilo tenha sido realmente o detonante de todas as desgraças seguintes. Talvez ele e Jade com sua decisão de quebrar as normas iniciaram tudo. Deram início à chegada do final dos tempos.

Agora, encadeado naquele salão escuro, fraco e quase sem forças, esperava o amanhecer. Necessitava o amanhecer como a água de maio. Seu dom, depois que o afastaram de Jade, descontrolou-se por completo, afetado por todas as drogas e torturas às quais o submeteram e acentuaram muito mais por não poder voltar a beber dela, que fora seu bálsamo ao presente outorgado. Tinha-lhe dado um poder sublime, convertendo-o no melhor telepata de todos os do seu clã. Podia entrar em contato com quem quisesse, quando quisesse. Além disso, era o vanírio mais rápido de todos: podia cruzar os céus dos continentes em menos de um dia. Mas o dom que agora o caracterizava era o de ler mentes, estivessem no raio que estivessem... Entretanto, sem poder beber de sua *cáraid*, as vozes, os pensamentos e as mentes se descontrolaram e o faziam perder o juízo. Em certas ocasiões, quando ainda se sobrepunha às suas torturas, às suas dores e sua mais que possível perdição mental, tentava ler em todos os membros da Newscientists e em todos seus inimigos, o que estava acontecendo no exterior, nesse mundo que ele já não podia defender. Tinha tentado entrar em contato com a superfície: mas tal como lera nas mentes dos membros da segurança, uma barreira de proteção mental impedia que se produzissem fugas. Ele, como as centenas de guerreiros que incrivelmente debilitados esperavam a seguinte sessão de raios de sol, de feridas, de extrações de sangue e de tentativas de hibridações com mulheres de outras espécies, pendia pendurado nas correntes, como porcos em um matadouro.

Thor abriu os olhos lilás e arroxeados e os cravou no teto daquela prisão de seres exilados ao purgatório, como se tivessem pecados a limpar... Quando, talvez, o único erro que cometeram foi acreditar nos humanos pelos quais tanto lutaram.

Já fazia dois dias que por ali não passava nenhuma alma. Nem guardas nem médicos lhes faziam nada... Nada de repreendê-los com golpes nem seringas que mais pareciam adagas; nem um insulto, nem um esgarro. E agradecia; agradecia esse isolamento porque já não tinha forças para suportar mais nada.

Atrás dele um guerreiro que não conhecia tossiu e gemeu de dor. Quem seria? Seria algum dos amigos que fizera nos Bálcãs, onde berserkers e vanírios viveram em respeito e harmonia? Muitos dos que conhecia morreram tentando defender a ele e aos seus. Sempre fora um líder destinado a ser considerado como tal, seja em Casivelania, em Black Country ou nos Cárpatos, onde viveu alguns anos com Jade.

Agora tinha a cabeça embotada; as enxaquecas eram insuportáveis. A droga que injetavam somente atrasava o inevitável: quando passasse o efeito, as vozes e os pensamentos de todos os que ali estavam, fossem humanos ou imortais, entrariam nele como se fosse um canal aberto. Jade teve o poder de silenciar as vozes e de lhe dar o controle para que escutasse somente a quem ele queria. Entretanto, fazia quase duas décadas que o separaram dela... Duas décadas de uma dor tão profunda, de uma agonia sem medida, tão cruel por sua perda que já não podia aguentar mais. Não se sentia capaz.

E mesmo assim, enquanto respirasse, sempre acreditaria em suas possibilidades. Embora fosse incapaz de quebrar essas correntes metálicas que o prendiam, embora as pontas nuas dos dedos dos pés doessem por manter o equilíbrio, embora suas feridas demorassem meses para fechar... Tinha uma razão para continuar vivo. E se agarrava a ela.

E esse motivo era o seguinte: um cientista chamado Francesc o liberou dos laboratórios de Oxford onde os enviaram primeiro, tanto a Jade como a ele. Ali perdeu completamente o contato com ela. Desesperou-se pensando que talvez tivesse morrido... Mas seu coração dizia que não. Que a berserker continuava com vida porque ele estava preso a ela, e fizeram a promessa de morrerem juntos. Thor só pensava nela... Em sua lembrança... Jade não podia ter morrido porque ele continuava vivo. Suas almas estavam conectadas. Era simples assim.

Francesc disse ao seu ouvido quando o levou nos contêineres até os Bálcãs, que esperava que um dia ele pudesse se libertar; e que quando o fizesse se encaminhasse para um endereço que já mal recordava... Francesc, além disso,

tinha colocado um chamariz para os vanírios de seu clã, para que o encontrassem e investigassem toda a verdade sobre o que acontecia. Esse cientista não aprovava o *Modus operandi* da *Newscientists*, parecia que a voz da consciência lhe dera um beliscão. Não duvidava de que, cedo ou tarde, Mikhail e os seus o matariam. Apostava que estava morto.

— Francesc... — sussurrou para comprovar se ainda recordava como falar.
— Jade...

Outro guerreiro pigarreou e vomitou. As arcadas daquele companheiro, que parecia botar o fígado pra fora, revolveram seu estômago. Aquele lugar cheirava a fezes e ácido... O fedor era insuportável. E ali estavam eles: intoxicando-se dia a dia com sua própria merda.

Os humanos iam deixar aquele lugar abandonado com eles dentro, perdidos em sua miséria e destruição. Mas até quando? Quando acabaria tudo?

As coisas no Midgard se tornaram loucas, e no planeta se começava a falar de algo chamado “mudança climática”, uma série de perturbações e desastres naturais que afetavam a toda a humanidade. Mas Thor sabia que não se tratava disso. Havia algo que detonava o desaparecimento de uma civilização, e se a Terra se revelava era por uma razão: não suportava os parasitas que viviam nela.

Talvez o destino dele e o de todos esses vanírios e berserkers, que uma vez foram guerreiros indomáveis e agora eram vítimas da ambição de uma espécie inferior era, sem sombra de dúvidas, abater-se sem lutar e perder-se no mais absoluto esquecimento. Mas como dizer adeus sem saber se sua *cáraid* continuava viva? E havia uma criança... Como se chamava? O que seria dela? Por que a esqueceu?

Sacudiu a cabeça, aborrecido consigo mesmo... tantos rostos imprecisos, tantas lembranças perdidas. O tratamento de eletrochoque recebido durante tanto tempo e sistematicamente deixaram marcas nele... Seu passado estava impreciso, muitas pessoas desapareceram das lembranças de sua mente obstruída... Como se jamais tivessem existido. Lembrava-se de alguns detalhes de sua vida. De outros... De outros não mais.

— Jade... Jade... — repetia, deixando-se ir por sua loucura, abaixando a cabeça.

Calou imediatamente quando acreditou escutar o som de uma porta metálica ser aberta em um dos andares superiores do edifício. Levantou a cabeça de novo e piscou confuso.

Haviam retornado.

Aparentemente estavam tocando algo, programando algo... Viriam buscá-los? Agarrou-se às correntes com força.

Justo nesse preciso instante, pela primeira vez em tanto tempo, sua mente ficou em silêncio. Nem um gemido, nem um pensamento, nem um grunhido lastimoso de rendição...

Um nada.

As pupilas negras de Thor dilataram até quase abranger o lilás claro e especial de seus olhos. E foi então quando, enquanto tentava escutar o pensamento desse cientista que manipulava o sistema de informação do edifício, outra voz cheia de paz e empatia falou com ele e invadiu cada uma de suas sinapses.

“Atraia-o. Atraia-o, Thor. Tirou a barreira. Atraia-o”.

Thor não entendia de onde procedia aquela voz. Não a conhecia e, apesar disso, sabia que vinha de alguém amigo.

“Por que pode falar comigo? Quem é?”

“Sou um amigo. Atraia-o, Thor. Ele não imagina que ainda tem energia para manipulá-lo. É um vanírio. Obrigue-o a chegar até você e os liberte”, ordenou.

Thor tinha a garganta tão seca como uma bucha, mas se impeliu a engolir saliva e concentrar-se no que estava acontecendo com ele nesse momento. Alguém tinha entrado em contato com ele e o animava a que, com seus dons, atraísse a esse membro da Newscientists que tão descuidadamente entrara ali de novo depois de dias de isolamento, para desligar as máquinas e qualquer tipo de energia que houvesse nesse edifício.

“Faça. Pode fazer. Faça um último esforço”, animou-o. “Se o fizer, se você se libertar, teremos tempo suficiente para te ajudar e tirá-los daí”.

“Mas como? — perguntou aturdido. — Todas as portas desse edifício se abrem por fora... Não tenho tanta energia para manter contato com ele tempo suficiente e convencê-lo a fazer tudo”, lamentou abatido. Estava tão fraco...

“Só se encarregue de atraí-lo para que o liberte. Quando aparecer você decide o que fazer com ele; mas têm que sair daí. É apenas uma pessoa. Quando chegar o amanhecer, os tetos desse reduto se abrirão e então todos morrerão queimados pelos raios de sol. Deve aproveitar o momento agora ou não terá outra ocasião. Depois que acabar com ele, liberte a todos os guerreiros que há nesse lugar e os dirija aos muros exteriores. Antes do amanhecer receberão ajuda”.

Thor escutou com atenção cada palavra desse emissor, e se deixou banhar por sua paz e sua amabilidade. Fazia tanto tempo que não escutava ninguém falar com ele assim...

O vanírio assentiu e com energias renovadas por esse hálito alheio de ânimo, concentrou-se de novo na pessoa que rondava pelos andares superiores.

Era um homem de quarenta anos. Chamava-se Adolf. Estava na planta número 2, a principal. As demais eram plantas inferiores localizadas clandestinamente.

Adolf se encarregava da segurança do edifício; e o enviaram para desconectar tudo e deixar unicamente prontas para sua abertura as comportas que fechavam a caverna em que eles estavam e que se converteria em um crematório para os seus.

Adolf era meticoloso e ele fazia tudo como um robô, sem pensar se o que executava era correto ou não. Tinha pressa para sair dali e abandonar aquele lugar maldito. Queria ficar a salvo do mundo caótico que desmoronava lá fora e só se preocupava com sua pele.

A voz que tinha entrado em contato com Thor tinha razão.

O tal Adolf tinha desligado esse escudo protetor de ondas mentais e agora, por fim, Thor, ajudado pela paz dessa pessoa que roçava ainda sua mente, podia tocar sua cabeça sem nenhuma restrição. E era melhor tocar a mente de um assassino sem compaixão que ter convivido com todas as vozes torturadas que ocupavam seu espaço, seus medos, seu desespero. Aquilo o deixara louco.

Thor entrou em contato com ele como um furacão, sem inflexões nem fissuras. Não lhe daria nenhuma oportunidade de escapar.

Pôs toda sua vontade e as poucas energias que milagrosamente ainda residiam em seu interior e se concentrou em seduzi-lo com sua voz.

Com as esperanças concentradas em sua última tentativa, sorriu através de seu longo e emaranhado cabelo negro e, depois de anos de opacidade e tortura, seus olhos lilás clarearam como dois focos e se cravaram à frente, justo na porta que apesar de estar absolutamente às escuras ele podia divisar e, cedo ou tarde, esperava que se abrisse para conhecer Adolf.

“Adolf, venha. Tenho algo a te dizer”.

V

Túneis Subterrâneos

Em alguma parte de Escócia

Incrível.

Por mais que tentasse não encontrava palavras para descrever.

O líquido avermelhado percorria sua garganta e ia parar em seu estômago, estimulando e devolvendo à vida. A uma vida que jamais pôde imaginar e que a atraía tanto quanto assustava. Havia uma grande diferença entre ambos: ela respirava a cada dia, apesar de sentir-se morta por dentro, porque era um ato reflexo. Ele, em troca, tinha tanta vitalidade e tantos sonhos...

Sangue. Bebia sangue pela primeira vez. E não sangue humano, nem vanírio. Mas sim a energia vital desse berserker, que por vontade própria oferecia o que tinha.

Steven. A essência desse homem iluminou cada canto escuro de sua mente, banhando-a como um analgésico para a dor, como um antibiótico para os maus pensamentos que, como um vírus, atacavam-na diariamente.

Daimhin cravou a unhas em seu forte antebraço ainda coberto pela leve camada de pelo que desaparecia a cada sucção. O berserker deixava lugar ao homem; e este era tão poderoso e cheirava tão bem... pensava ela.

Steven gemeu e se sentou no chão com as costas apoiadas na rocha, sem retirar o braço do qual se alimentava a jovem Daimhin. Estaria louco se cortasse essa conexão.

As presas limpas e pequenas da vaníria faziam amor com sua pele, e para sua vergonha, tinha uma ereção enquanto ela sugava. Fechou os olhos e jurou que ele não deteria aquela doce agonia. Que tomasse tanto quanto quisesse, porque chegar a experimentar o que estava experimentando era para felizardos.

Sua *kone* bebia dele porque necessitava e parecia gostar do seu sangue. Saber disso o agradava porque isso era um presente para ela, para sua companheira, que sabia quanto o necessitaria ao longo dos dias. Sorriu ante a ideia de ver-se furado diariamente por ela e seus lábios, e por essas presas fantásticas que a faziam parecer tão sexy e tão selvagem.

Daimhin deixou escapar um gemido suave e continuou bebendo, até que as lembranças dele entraram nela.

Começaram desde sua infância. Steven era o filho do líder berserker da Escócia e residiam em Edimburgo. Não era filho único. Tinha uma irmã chamada Scarlett, uma líder nata, igual a seu pai, Marlo.

Quando Marlo morreu, Scarlett, que era a mais velha, atribuiu-se a liderança do clã. Todos a respeitavam e Steven a adorava. Sob o mandato de sua irmã, os berserkers tiveram uma direção muito boa. Mas aconteceu algo que ninguém esperava: Scarlett se apaixonou por um vanírio chamado John, que era o melhor amigo de Ardan.

Daimhin não sabia que houve outro caso como o de Thor e Jade. Além disso, Scarlett e John tiveram um filho chamado Johnson. Johnson, que ela já conhecia, foi nomeado protegido de Ardan das Highlands, e o laird adorava a criança. Mas Cameron, o berserker traidor, preparou uma emboscada no castelo de Arran enquanto Ardan e Steven uniam forças para fazer vigilância em Edimburgo.

Scarlett e John morreram pelas mãos de Cameron.

Daimhin sentia como a tragédia doía em Steven. Ele se considerava responsável pelo acontecido, de não ter sido suficientemente forte para proteger a sua família e a seu sobrinho. Levaram Johnson para estudá-lo na Newscientists e passaram anos sem vê-lo...

Até que as valquírias retornaram ao ESPIONAGE com Johnson nos braços.

Nesse instante, Steven, que tinha passado tempo afastado do clã depois da morte de sua irmã e de seu cunhado John, tinha recuperado seu lugar como líder

dos berserkers. A alegria de voltar a ver Johnson se contrapunha à dor de recordar em suas feições infantis a sua irmã de alma, porque continuava sentindo-se mal por não poder ter feito nada por ela. Porque se sentia sozinho e sem família.

Só tinha Ardan e Johnson.

Daimhin meditou se continuaria bebendo ou não, porque o que estava fazendo era uma intrusão emocional em toda regra. Era fascinante o modo como se conectavam seus sentimentos e suas lembranças, e como ela podia viver tudo em primeira pessoa.

O problema radicava em que se havia um modo de deter-se, ela o desconhecia. Beber era muito bom.

E então viu em sua lembrança a primeira vez que ambos se encontraram através da tela do computador dos fóruns. Ela estava em RAGNARÖK e esperava contatar com as valquírias porque ansiava vê-las. Nunca tinha visto uma.

Sorriu ante a lembrança e se sentiu maravilhada de descobrir o impacto que causou nele.

Steven passava a mão pelo moicano com visível frustração. Ser o guardião de Johnson era uma honra, mas encarregar-se além de estar atento aos computadores era muito. O jovem berserker se sentia explorado.

Ele era um guerreiro, jovem, mas um guerreiro no final das contas. As duas valquírias pediram que se conectasse em tempo real com a câmara do MAC porque veria as instalações do RAGNARÖK em Black Country. Esse local subterrâneo era uma espécie de clube social para os clãs, conforme tinha comentado Gúnnr com ela. Ali tinham levado os membros resgatados de Chinook onde tinham viajado Róta e Johnson, e ali tentavam recuperá-los mental e fisicamente.

Através da câmara do computador podia vislumbrar suas paredes de rocha natural, umas jacuzzis ao fundo e uma multidão de salas que havia no andar superior, cujas paredes eram de vidros opacos que davam ao salão central.

O RAGNARÖK era um lugar único, aberto e de grandes espaços, e com um ambiente muito especial. Ao fundo, havia um balcão em que quatro mulheres falavam entretidas enquanto olhavam algo em um notebook. Olhavam umas às outras e sorriam. Seriam as humanas sobre as quais Gúnnr falou para ela?

Aparentemente, o clã de Black Country estava fazendo algo diferente aceitando humanos com aptidões especiais entre seus agrupamentos e não ia mal.

Steven sorriu e pensou no grupo de fanáticos intelectuais que se reuniam no JOHNNIE FOXES e falavam sobre suas teorias do Asgard. Se dissesse a verdade a eles como agiriam? Estariam dispostos a ajudá-los ou deserhariam como covardes animais?

Johnson estava sentado a seu lado e tocava as teclas do computador enquanto prestava atenção à tela.

— Já sei, guri — disse Steven. — Isso é tedioso. Como não vem ninguém falar conosco, vamos ficar de cabelo branco. — Pôs o iTunes no computador; ao menos poderia escutar música enquanto permanecia à espera. A canção de *When we stand together* do Nickelback arreventou os alto-falantes sem fios.

Johnson batia a perna da cadeira com o pé, seguindo o ritmo da música.

— Venha, guri — animou-o o jovem berserker, olhando-o divertido. — Bata forte, isto é música de verdade e não esse treco gótico que o laird escuta.

Johnson sorriu e balançou a cabeça ao compasso que marcava a bateria da canção. Steven sacudia os ombros e movia a cabeça pra frente e pra trás, e o pequeno híbrido o imitava.

— *We must stand together* — cantarolou o de topete. — *There's no giving in...*

— Olá? — disse uma voz doce e um pouco rouca do outro lado da tela.

Steven se deteve imediatamente e fixou seus olhos dourados na janela da câmara. Um rosto de garota, de incríveis e lindos olhos tristes, lábios grossos e uns cílios insultantemente curvados, apareceu do outro lado do monitor. Era muito loira, embora tivesse o cabelo raspado, mesmo assim era embriagadoramente feminina. Vestia uma camiseta preta de alças e parecia vulnerável e ao mesmo tempo possuidora de uma incrível força, uma força que não residia no físico, pois era muito pequena e magra, mas sim no aspecto espiritual.

Como a força da Fênix que renasce de suas cinzas. Essa garota estava nisso, notava-se nas olheiras que tinha que pronunciavam mais a cor de seu olhar. Steven sentiu um murro no estômago quando a jovem cravou seus olhos tão azuis e claros na câmara.

— Olá? — repetiu ela, tentando averiguar quem estava conectado. — Ouço a música que colocou... Estão aí?

O berserker inclinou a cabeça para um lado e sorriu ao ver que ela franzia o cenho, contrariada. Estendeu a mão e acariciou sua bochecha e lábios com os dedos. Desejou que não estivesse a milhares de quilômetros de distância e imaginou que a tela do computador era na realidade a fria e suave pele da jovem.

— Caramba... Que coisa mais bonita... — murmurou o berserker.

Daimhin abriu os olhos tempo suficiente para olhá-lo de soslaio e estudar ao mesmo tempo em que saboreava seu sangue e seus pensamentos. *“Acredita que sou bonita?”*

— O que? — Não a escutou bem.

— Não tem a câmara ligada — disse ela. — Sei que estão conectados da Escócia. Aileen e Daanna nos disseram que são valquírias e eu... — Mordeu o lábio e sorriu envergonhada. —... nunca vi uma. Tem a voz muito grave.

Johnson deu uma cotovelada em Steven e este reagiu. Acreditava que era uma valquíria?

— Sei que o Engel está com vocês e que tentam recuperar os totens — ela afirmou olhando à câmara de frente. — Aqui também estamos todos ocupados — endireitou os ombros insegura. — Estamos ocupados tentando nos recuperar para lhes servir de ajuda — reconheceu com humildade.

Steven ligou a câmara com mão trêmula. Essa garota tentava recuperar-se? Do que? Sentiu frio na alma ao pensar que algo tão bonito pode ter sofrido pelas mãos dos homens da Newscientists. O coração tinha disparado e parecia querer sair do peito.

Daimhin lamentou que ele sentisse compaixão por ela e não gostou dessa ferroadada de medo que atravessou o peito de Steven nesse instante. O berserker tinha pavor de descobrir o que ela teve que viver ali dentro, nesse buraco carente de sensibilidade e compaixão. E melhor que não soubesse nunca ou certamente essas sensações que ela despertava nele se transformariam em profundo asco.

No momento em que ele apareceu na janela, ela empalideceu e recuou como se algo a tivesse golpeado. Levantou-se disposta a deixar abandonado o homem que havia do outro lado.

Sim. Recordava o primeiro impacto de falar com um homem desconhecido. E de que esse homem fosse ele.

— Não, não... Espera — rogou Steven, colando o rosto na tela. Que não se fosse, por favor. — Não vá.

— E as valquírias? — perguntou nervosa.

— Estão lá embaixo com a Róta. Estão...

— Eu quero falar com elas.

A garota deu meia volta disposta a partir definitivamente.

— Não, espera, por favor... Há um menino que precisa vê-la... ele se chama Johnson — agarrou o pirralho nos braços e o sentou sobre seus joelhos. — E esteve sequestrado como...

Ela girou sua cabeça arredondada e o olhou por cima do ombro. Só podia ver o crânio raspado do mencionado e os suplicantes olhos dourados do punk. *“Que cor de olhos mais estranha”*, pensou.

— Como eu? Esteve sequestrado como eu, é o que queria dizer? — esclareceu a garota, tentando aparentar uma fortaleza que ainda não tinha. Sentou-se pouco a pouco, reunindo coragem para encarar a esse desconhecido.

Steven engoliu em seco.

— Não me olhe assim — ela pediu ao ver compaixão naquele olhar de cor amarela. — Quem é você?

Steven pôde ver em seus olhos o medo refletido e a desconfiança ao falar com ele.

— Steven — disse sem ainda saber como reagir. — Eu sou Steven. Sou responsável por Johnson e faço parte do clã de laird Ardan.

— Ah... Johnson é essa cabeça que está aparecendo aí embaixo? — perguntou mais interessada no pequeno e não nele.

Steven olhou para Johnson que brincava com o mouse do computador, alheio ao que ambos falavam e sentiu ciúmes do menino. Agarrou-o pelos braços e o obrigou a saudar a câmara.

— Este homenzarrão é Johnson, o Terrível. Recentemente retornou a nós, não é verdade, campeão?

Johnson assentiu e olhou a garota com serenidade e firmeza. Ela o olhou por sua vez e Steven sentiu que ambos podiam comunicar-se só com essa troca. Possivelmente ambos tinham sofrido o mesmo.

— Olá — saudou-o ela. — Caleb McKenna nos disse que havia um menino com vocês, um menino especial. Um híbrido. É você, não é?

Johnson deu de ombros e assentiu envergonhado.

— Como Caleb sabia que era um híbrido? — perguntou Steven, franzindo o cenho. *“Se ele sabia, por que Gabriel e os outros não souberam?”*, pensou.

Ela se incomodou e duvidou entre contar-lhe ou não. Esse rapaz era um desconhecido, mas se estava ali seria porque estavam no mesmo lado, não?

— Porque Johnson disse a ele mentalmente. Foi o que nos disse. Que o menino tinha pedido que o deixasse com as valquírias, que com elas estariam bem. Explicou-nos que Johnson era especial, como Aileen. E que agradecia que por ele estar vinculado a uma híbrida e beber de seu sangue, o pequeno pôde comunicar-se mentalmente com ele; porque tinham a mesma frequência e assim ele sentiu. Que não sabia como, mas o fez.

Steven arqueou as sobrancelhas vermelhas e olhou para Johnson com cara de maroto. Não entendia nada.

— Fez isso, cara? — perguntou assombrado.

Daimhin estudava o modo de falar de Steven e a maneira de tratar Johnson, avaliando se o ruivo era ou não era boa pessoa.

— Pode falar com o líder dos vanírios mentalmente? Uau, é um fenômeno. — As palavras de Steven estavam cheias de admiração.

— Dentro de um instanteo chegarão outras crianças — disse ela. — Agora estão na casa-escola com a Aileen e a Ruth, não demorarão — mordeu o lábio. — Eu devo ir com Daanna McKenna.

— Daanna, a Escolhida? Têm nomes de títulos de livros — brincou esperando ver um sorriso nesse rosto de anjo machucado. Mas a garota desconfiada não se divertiu com a observação. — Aileen, a Híbrida, Ruth, a Caçadora, Daanna, a Escolhida...

Ela não se dignou nem a avaliar o comentário.

— Vou indo — apressou-se em se despedir. Estava claro que não se sentia à vontade falando com ele.

— Espere, o que vai fazer? O que é tão importante para que vá com a Daanna?

— Aprender a me defender — um brilho de coragem percorreu seus olhos —, ela me ajuda. Me deu de presente uma espada samurai e me ensina a usá-la. Tenho que ir.

— Não vá — disse, assombrado por seu pedido e pelo desespero de não poder ver seu rosto de novo. Ai, não. Não queria que se fosse!

Ela arqueou as sobrancelhas loiras como se não entendesse sua ordem.

— Johnson não quer que vá — Steven decidiu que era melhor mentir que dizer abertamente que se partisse ele não poderia dormir nunca mais até vê-la de novo.

— Agora virão outras crianças — ela assegurou, olhando o híbrido. — Ouça, tem que alimentar Johnson com as doses de ferro vitamínicas que o Curador prepara. Se tiver sangue vanir, precisará delas. Está funcionando bem conosco. Cinco envelopes de um grama ao dia. Elas o ajudarão a recuperar-se mais rapidamente. Até mais tarde, Johnson, o Terrível... — olhou para Steven de soslaio. Deu meia volta e levantou uma mão trêmula para despedir-se.

— Ei! Espere, como se chama? — perguntou Steven desesperado, levantando-se e agarrando o monitor entre as mãos, esperando assim reter a imagem que o tinha nocauteado. — Me diga, como se chama?

Ela se deteve. Devia lhe dizer como se chamava? Isso era uma conversa entre um rapaz e uma garota? Assim era? A vaníria meditou a resposta durante uns segundos.

Steven prendeu a respiração e esperou que ela o iluminasse.

— Sou Daimhin, filha de Beatha e Gwyn.

Steven exalou o ar no instante em que sentia milhares de alfinetes atravessando seu coração. Seu peito doía e sentia uma bola de nervos no plexo solar.

— Daimhin — repetiu ele, sorrindo para ela com a ponta do nariz e as bochechas um pouco vermelhas. Era um nome gaélico de menino. Desconhecia por que puseram nome de menino em uma beldade como aquela. Significava bardo, a pessoa encarregada de recitar lendas, histórias ou poemas através do canto. Steven sorriu com os olhos sonolentos — Daimhin, a Quebradora de

Corações Barda. — Levou a mão ao peito e se deixou cair de repente na cadeira, como se um raio o tivesse fulminado.

Ela piscou lentamente como se não entendesse a insinuação. Deu meia volta e desapareceu do campo visual da câmara enquanto pendurava uma espada samurai às costas.

— *Hand in hand forever, that's when we all win* — sussurrou Steven cantando o último verso da canção com os olhos desfocados. — *Se unirmos nossas mãos para sempre, ganharemos...*

Daimhin sentiu uma mão que rodeava sua nuca e a acariciava com uma cadência que a relaxava e despertava por igual.

Sim. Ela também recordava esse encontro. Desde que o viu tinha pensado nele frequentemente, em seus sonhos fantasiosos e infantis... Porque não deixava de ser uma barda e de recordar as histórias de amor, embora em seus duros dezoito anos e tão jovem lhe mostraram a parte mais feia e crua das pessoas, a que dizia abertamente que os príncipes encantados não existiam e que o amor e a bondade escasseavam.

Não obstante, embora as recordasse, embora fosse feita de música, embora repassasse mentalmente cada canção, cada lenda e cada lição, já não acreditava em suas notas melodiosas nem em seus belos versos porque sabia que, infelizmente, já não estavam escritas para sua apreciação. Não mais.

Anos atrás quando era pequena e sonhadora e ainda acreditava nas histórias de amor e nos sábios conhecimentos que transmitia seu pai Gwyn, tanto seu irmão como ela, que estavam destinados a transmiti-las também e fazê-las realidade com sua voz, confiavam plenamente na veracidade da informação que transmitiam.

E tinha acreditado às cegas nos contos românticos e nas canções que cantavam. Então sim, acreditava.

Porque Daimhin, como seu pai, tinha um dom. Sua voz musical afetava as pessoas e construía realidades emocionais. Seu irmão, em troca, escrevia-as para que ela as cantasse. Juntos formavam uma excelente equipe. Era uma *filidh*, filha de celtas vanírios com dons mágicos, possuidora da *geasa*, a mais pura magia existente e por haver.

Mas seus pais e os sábios mais ancestrais diziam que alguém podia acreditar na magia só se acreditasse também no amor.

E era aí onde estava o problema. Um muito grave. Carrick e ela tinham acreditado.

Até que os destruíram e os converteram no que eram nesse momento.

Agora duvidavam que a *geasa* continuasse neles. Muito menos dispor de espaço para o amor e a esperança em seus corações.

Viviam para a vingança e se enchiam de ânsias de devolver cada dano infligido.

Um *filidh*, um bardo com esses pensamentos já não era digno possuidor da *geasa*.

Ambos eram cientes de sua nova natureza e a assumiam. Não havia magia neles porque a magia residia na pureza da mente, do corpo e do coração. E não havia verdade mais flagrante e daninha que reconhecer que eram impuros.

A mão em seu pescoço a massageava e acalmava, tentando afastá-la desses pensamentos destrutivos. Era gratificante sentir essa carícia compreensiva.

Daimhin continuava bebendo, sem fôlego desta vez, totalmente afastada das lembranças de Steven, agora só centrada em sua miséria e em suas experiências. Mas esse sangue... esse sangue a limpava e fazia acreditar em coisas que sabia que não existiam.

Então aqueles dedos poderosos esticaram-se em seu pescoço e começaram a lutar com ela. Mas Daimhin não reagia.

Nem sentia os puxões que dava em seu cabelo.

O que era a dor comparada com a alegria de beber?

Nada. Nada absolutamente.

— Solte, Daimhin... Solte! — Steven tentou empurrá-la para obrigá-la a desencravar suas presas. Estava bebendo muito e sentia que perdia a consciência. A jovem vaníria o absorvia como uma esponja. — Daimhin!

Ela levantou a cabeça e focou seus olhos meio animais de cor laranja nele como se saísse de um sonho que não compreendia. Os olhos amarelos de Steven rogavam por uma resposta.

— Deixa de beber... estou tonto. Está me escutando? Hein, sádica...? — Ele puxou mais brandamente o longo cabelo prateado.

“Ele estava ficando tonto? Por que?”

Seu sangue... Claro. O sangue de Steven era o que descia por sua garganta. Teve que se lembrar que era dele de quem bebia; que esse elixir mágico e saboroso provinha do berserker que com tão boa vontade tinha lhe devotado sua veia. A vaníria saboreou o último gole e pouco a pouco extraiu suas presas. Depois, de modo inato, olhando-o a meio caminho entre o assombro e a desculpa, deu-lhe uma lambida para que os orifícios se fechassem, já que a saliva dos vanírios era cicatrizante.

Steven relaxou os dedos que se agarravam ao cabelo da nuca dela. Mas não os retirou de seu cabelo, ficou massageando lentamente seu pescoço. Depois sorriu fracamente e apoiou a cabeça na rocha, mais tranquilo ao ver que a jovem tinha se reparado.

— Agora tem muito melhor aspecto — murmurou engolindo em seco, com os lábios ressecados.

Ela limpou a garganta, ainda sem compreender seu ímpeto.

— Não posso dizer o mesmo de você. Sinto muito.

— Não se desculpe — negou com a cabeça. — Gostei que me esvaziasse como a um fornecedor de combustível. — Ela franziu o cenho sem compreender e Steven se pôs a rir ao ver que não pegou a brincadeira. — Adorei vê-la apreciar. Seus olhos se tornam mais claros e seu rosto se suaviza.

Daimhin se manteve em silêncio, erguendo-se pouco a pouco. Mostrava-se perfeitamente, não tinha nem um só arranhão em sua pele e se encontrava maravilhosa, tanto física quanto mentalmente. Mas Steven parecia não ter forças nem para se levantar. Foi sua culpa por não saber se deter.

“Deuses, quase o mato”, pensou humilhada.

— Quase o mato — disse descarnadamente.

— Não diga tolices. Você jamais poderia me matar de uma dentada...

— Mas eu te disse que não saberia parar — tentou desculpar-se sem saber o que fazer nem para onde olhar.

“Que curioso é... A primeira vez que a vi tinha os olhos castanhos claros com bolinhas azuis. Mas o castanho não era laranja como agora. Tem um tom diferente. É linda”, pensou Steven.

— Que diabos está fazendo? — perguntou Daimhin dando um passo atrás com desconforto. Tocou a têmpora, um pouco aturdida.

— Eu? — Steven não compreendia nada. — Além de estar a um passo de ficar inconsciente? Nada. Não estou fazendo nada. Agora me ajude a me levantar?

“Sim, me ajude porque não sou capaz de fazê-lo sozinho. Pequena sanguessuga...”

— Não sou uma sanguessuga, maldito punk!

Ele levantou a cabeça com assombro, tão rápido como permitia sua anemia. Suas pupilas se dilatavam intermitentemente.

— Leu meus pensamentos?

— Não! Eu... Não, não, não faço de propósito — Daimhin estava cheia de energia e precisava relaxar. O sangue bebido era muito poderoso. Sentia que era capaz de tudo, inclusive o corpo tremia como se não fosse capaz de assimilar aquele divino alimento regenerador.

— Claro — compreendeu ele, meditando para si mesmo. — É isso... Acontecia com minha irmã e com o John. John era vanírio e podia falar com ela mentalmente. Podia sentir tudo dela. Com o tempo, minha irmã aprendeu a controlar porque para ela era um pouco intimidante tê-lo em sua cabeça permanentemente. Entretanto, seus muros não duraram muito. Sabiam que precisavam estar em contato um com o outro. John ofereceu seu sangue a Scarlett; e assim que começaram a trocar mordidas... o vínculo mental se consolidou. Scarlett também podia falar com ele quando quisesse. O justo seria que me deixasse beber de você... Não acha? Acredito que seu sangue surtiria o mesmo efeito curador em mim. E estou minguando, sádica — assegurou arqueando as sobrancelhas. — Você me deixa te dar uma mordidinha?

Daimhin parecia estar totalmente desnorteada. Steven queria beber dela? Para que? Para estar em sua mente? Não, nem pensar. Afastou-se de sua cabeça com um pensamento cheio de intenção. Talvez não fosse tão difícil manter-se à margem, não?

— Você está zombando de mim? — respondeu ela, olhando-o de cima a baixo, absolutamente incrédula ante sua proposta. — Ficou louco? Mudou sua dieta? Os berserkers não bebem sangue.

— Poderia beber o seu — o rosto de Steven se tornou sério e decidido, olhando-a com todo o desejo que fervia em seu corpo.

Daimhin tomou ar sem perder seu olhar. O coração saltou um batimento, mas não demorou nem um segundo em trocar a expressão e fazer como se escutasse que ia chover.

— Enfim, suponho que isso é um não. Que desrespeitosa — brincou ele, levantando-se aos tropeços. Não queria incomodá-la mais. Colocou a mão nos rins e estirou suas costas até que rangeram todas suas vértebras. — Então me deixe te dizer qual é o plano.

— Já sei qual é o plano. Ir correndo atrás de Carrick. Já sei onde está. — Genial, depois daquele estranho silêncio por fim podia falar de seus movimentos seguintes.

— Sabe?

Claro que sabia, e não só pelo que tinha extraído da mente dos etones. Agora era mais forte, muito mais do que antes. E era mais poderosa que seu irmão. O vínculo com Carrick não desapareceria, mas ela era mais dura e tinha mais poder. Não demoraria muito em derrubar a barreira mental de seu *bratháir* e falar com ele. Mas para isso tinha que contatá-lo em cheio só um instante. E Carrick não se deixava.

Com essas palavras, Daimhin e seus saltos se dirigiram a seu destino. Mas Steven a deteve pelo braço e se abateu sobre ela.

— Ir atrás do seu irmão está bem. Mas há regras a cumprir, Daimhin. E vai escutá-las.

Ela esteve a ponto de replicar, mas o grunhido de Steven a sossegou.

— Primeiro: somos dois companheiros que devemos lutar juntos. Não pode me deixar abandonado outra vez deste modo. Se lutarmos juntos, preciso que se defenda e que não me tenha constantemente preocupado — seus olhos amarelos se tornaram fosforescentes — pensando que cedo ou tarde verei sua cabeça rolando pelo chão porque ficou contando os dentes dos etones como antes...

— Eu não fiquei calculando os dentes de...

— Sim, fez isso, maldição! — sacudiu-a pelo braço. — De agora em diante quero que lute. Nunca mais volte a me fazer o que fez. Jamais. Não posso ter juízo por você.

— Está exagerando... — engoliu em seco, ofendida por sua reprimenda.

— E a segunda regra que vamos respeitar é que assim que encontremos seu irmão, tenho que sair daqui para encher meu estômago e tirar de mim esta anemia galopante que me provocou. Já que não quer me oferecer um pouco de sangue para que melhore, tenho que comer — arqueou as sobrancelhas vermelhas e sorriu com docilidade.

Daimhin bateu os cílios e o olhou de esguelha.

— De acordo. Mas primeiro me ajude a tirar o Carrick do buraco onde está. E logo iremos atrás da sua comida.

Steven assentiu e a soltou. Estava tão fraco que todo o corpo doía e os olhos fechavam sozinhos. Mas não podia aparentar debilidade perante aquele torvelinho de força e agilidade no qual se converteu Daimhin desde que tinha bebido dele.

Estaria à altura de sua *kone*.

VI

O que restava agora? O que tinha feito para merecer aquilo? Nascer no seio de uma família *filidh*? Chamar-se Carrick? Ser diferente?

O vanírio não compreendia nada, exceto a dor. Sabia disso, e muito. Conhecia a violência, agressão, raiva, coação, abusos... Ele tinha respirado essas emoções como se não existissem outras durante tanto tempo que lhe pareceu uma eternidade.

Carrick penteou com seus dedos o macio cabelo negro de Aiko, que se achava morta entre seus braços, com aqueles incríveis olhos puxados fechados e cheios de escuros e longos cílios. A pele pálida de suas bochechas se manchou de pontinhos vermelhos de seu próprio sangue. Seus lábios, perfeitamente delineados, adquiriram uma tonalidade rosada, puxando para o azulado.

Era sua *caraid*. A garota japonesa de não mais de dezoito anos que tinha deixado de respirar e cuja alma, certamente, teria retornado ao caldeirão de Anwn, era sua companheira de vida. E a vida riu dele outra vez, ao fazê-la aparecer

surpreendentemente quase dois dias atrás, para que acariciasse algo em seu interior, como uma lembrança do que uma vez foi e sentiu, chamando-o à vida, ao despertar, para lhe dizer mais tarde: “Você a vê? Pois já não a terá”.

Carrick sentiu a necessidade de abraçá-la, de grudá-la a ele, como se assim pudesse lhe insuflar parte de sua vida, por mais sombria que esta fosse. Mas, melhor sombria do que morta.

Cerrou os olhos para inspirar seu aroma, essa essência natural que se evaporava do mesmo modo em que desvaneciam sua última vontade de viver e de continuar.

Acariciava sua oportunidade de salvar sua alma, mas lhe escapava por entre os dedos como uma utopia ou como o oásis que falsamente via um sedento no deserto, vítima de suas próprias alucinações.

— *Dal dy wynt! Arbed dy dafod!* Volte a respirar. Permaneça viva — sussurrou acariciando a ferida do peito da jovem, tingindo os dedos de líquido rubi, mágico e ancestral. Morta. — *Dal dy wynt, Aiko...* — Na rocha seca do solo, escreveu com dois de seus dedos a mesma oração com sangue, dedicado à sua companheira caída, como um mantra.

Carrick a olhou com ternura. Seus olhos castanhos, desprovidos de esperança, lamentaram seu destino, enquanto a carregava nos braços e voava através dos túneis escuros.

Como desejaria carregá-la assim em vida! Ele sabia pouco de amor e de sedução, mas com sua *caraid* ele teria tentado, porque ela não merecia outra coisa.

Sempre teve uma orientação e um sentido de tempo invejável. Em Capel-le-Ferne sabia quando era de dia ou de noite, contava os dias que se sucediam um após o outro, e localizava-se dentro das horas e das semanas como se tivesse uma ampolheta aderida à sua cabeça.

Agora era a mesma coisa.

Passara um dia e meio sob os túneis, e sabia que quando encontrasse a saída para aquele labirinto de pedra, não demoraria nada para que o astro rei levantasse e iluminasse com seus raios a Terra convulsa que, irremediavelmente, dirigia-se ao fim de seus dias.

Como ele.

Enquanto voava e fixava seus olhos nos estreitos corredores perfurados, recitava em voz alta uma oração para Aiko.

Aqui jaz parte de minha alma, a única que podia me prender à luz, cujo porto seguro me pertencia.

Aqui jaz minha única salvação. E se ela não retorna com vida, viajarei com destino à luz do Sol, a caminho de minha despedida, de volta pra casa e pra minha rendição.

Daimhin deteve seu voo e cravou os olhos no teto de pedra. Não apareceram mais etones nem purs; e isso era bom, porque assim só tinha que focar sua atenção no único sinal mental de seu irmão.

Mas acontecia algo com Carrick. Era como se já não estivesse ali. O desânimo o envolvia, porque também envolvia seu coração; e eles sempre tiveram uma relação parecida com a dos irmãos gêmeos. Viver o que viveram juntos em Chapel Battery os vinculou de modos inexplicáveis; e também os fez mais fortes e poderosos, mas só quando estivessem juntos. Juntos superavam tudo.

E agora não estavam superando.

— O que foi, sádica? — perguntou Steven, esgotado atrás dela. Sentia-se tão fraco como um velho de 80 anos. Apoiou as mãos nos joelhos e respirou fundo dissimuladamente. Os pulmões ardiam. Daimhin tinha bebido muito sangue.

Ela levantou a mão e disse:

— Shh... Não fale agora.

Pequena ditadora. Manda-me calar depois de salvá-la... Além disso, não falei. Mas está metida na minha cabeça.

A jovem o olhou por cima do ombro escutando seus pensamentos, e se sentiu mal por ele. Embora sua atenção agora estivesse centrada no que acontecia com Carrick e não pudesse atender o berserker.

— Algo aconteceu — disse a ele.

— Pode contatar seu irmão?

— Estou tentando. Mas meu irmão não me deixa... As forças que lhe restam ele utiliza para me manter à margem. Sempre faz isso — lamentou com despeito. — Sente tanta dor... Ela morreu. A valente Aiko morreu. E Carrick sentia que era sua *caraid*... E isso é terrível.

Daimhin sentia medo e pavor perante o que podia chegar a acontecer com ele. Que decisão rondava pela cabeça de Carrick? O Sol? Não pode ser... Tinha que encontrá-lo!

— Há sangue vanir perto — murmurou Steven movendo as narinas.

— Sim. Sei. — Daimhin se virou com uma determinação inabalável. Em um piscar de olhos, apareceu atrás das costas de Steven, agarrou-o por debaixo dos ombros, segurou seu torso às costas largas do guerreiro e elevou voo com ele para ir mais rápido.

— O que está fazendo? — perguntou Steven surpreso.

— Carregando você. Vai muito lento e não tenho tempo.

Steven não replicou. Havia momentos nos quais se devia engolir seu orgulho, e aquele era um deles. Agradeceu o descanso. Realmente, seu corpo sem sangue não era nada, por mais imortal que fosse.

Daimhin voou o mais veloz que lhe permitia sua nova e renovada energia. Saiu como uma bala do túnel no qual se encontravam, igual a todos os anteriores, mas este finalizava em uma enorme gruta, em que centenas de crianças e jotuns cobriam o chão como um grotesco manto sem vida.

Ela ficou sem respiração, suspensa no ar, ao ver tantas vidas jovens e inocentes arrebatadas. Usaram-nos como alimento para pôr mais ovos, mas Carrick se encarregou de acabar até com o último eton ou purs daquele inferno infestado de lava e chamas. Sim, seu irmão lhes deu o que mereciam.

Steven grunhiu ao observar tantas vidas arrancadas. Doía-lhe observar tanta morte e não poder ter feito nada para evitar.

— Mataram a todos — murmurou abatido.

Daimhin engoliu em seco cheia de pena. Mas, embora odiasse admitir, aqueles cadáveres eram o de menos. A ela só importava salvar a vida de seu irmão.

Voou com Steven até o buraco na parede, uma nova gruta, em que Aiko tinha morrido. Daimhin a reconhecia por tê-la visto na lembrança da mente grupal dos etones.

Quando entraram na gruta, a vaníria deixou seu companheiro no chão e, com seus vivos olhos, procurou a seu redor por seu irmão.

Mas Carrick não se escondia ali, é óbvio que não. Movia-se buscando sua liberação eterna. Seus olhos se encheram de lágrimas por ele... Seu irmão bardo tinha inclusive deixado uma mensagem escrita no chão com o próprio sangue de Aiko, que ainda permanecia úmido.

Daimhin caminhou arrastando os saltos até aquela mensagem.

Houve uma época em que adorava cantar as canções que seu irmão escrevia, adorava pôr música a tudo o que ele criava, rimasse ou não. Em Capelle-Ferne, Carrick, que era um poeta, escrevia pouco, e Daimhin, na falta de suas belas palavras, cantava as canções que sua mãe e seu pai ensinaram a eles. Sabia que sua voz provocava sensações boas em quem a escutava, e com ela dormiam os meninos perdidos. Menos Carrick. Ele nunca dormia. Sua mente não obtinha descanso porque se sentia responsável por todos e queria erigir-se como o guardião e o protetor dos cabeças raspadas. E foi.

Agora, ela era a única em pé que podia encontrá-lo e protegê-lo.

E não era capaz de ir ao seu encontro. Seu irmão fugia dela.

Desabou de joelhos e se angustiou ao pensar em uma vida sozinha. Machucava-a perceber que seu Peter Pan, seu bondoso e atormentado Carrick, tinha jogado a toalha.

Passou os dedos pela bela letra de seu irmão, tocando o sangue de sua companheira morta, enquanto escutava os passos pesados de Steven atrás dela.

— *Dal dy wynt, Aiko* — leu em voz alta. — Meu irmão escreveu isto... Pedindo que Aiko... — respirou fundo entre estremecimentos —... pedindo que retornasse à vida. Oh, *mo Carrick*...

Ele a olhou de maneira solene. Daimhin parecia tão longe de se pôr a chorar, tão inteira, que Steven se sentia um pouco ridículo por querer abraçá-la e acalmá-la.

Mas queria, porque até os cactos, apesar de seus espinhos protetores, necessitavam de luz e carinho para crescer.

E Daimhin necessitava de seus cuidados. Ele queria ser o ombro no qual essa jovem se apoiasse.

— Seu irmão estará onde ela estiver, presas. Busque-a através do sangue — mandou Steven, animando-a para que não se rendesse. — Os vanírios não fazem isso?

Ela virou e o olhou por sua vez.

— É sangue morto...

— E não pode? — Desafiou-a ele. — Sangue morto não diz nada a vocês?

Daimhin entrecerrou os olhos, perdida, e negou com a cabeça enquanto esfregava a substância líquida entre seus dedos com patente curiosidade. Talvez Steven tivesse razão... talvez ela pudesse fazer um esforço e Aiko...

Um clarão de luz em sua mente a deixou cega. Zás!

Uma imagem atravessou sua cabeça, seguida de um caminho de pedra a seguir para encontrar seu irmão... Como podia ver seu irmão? Carrick estava de joelhos olhando para o céu, na saída de uma das grutas que regressavam à superfície da crosta terrestre... ao exterior. Tinha saído?

Começava a amanhecer. Carrick estava de joelhos com os olhos fechados esperando que o sol o iluminasse e levasse.

Daimhin abriu os olhos de repente, tremendo violentamente, assustada e desesperada para encontrá-lo.

— Não, não, não... Carrick! — gritou com todas as suas forças.

Sem pensar duas vezes, agarrou Steven e o carregou com ela.

— Você o viu?

— Sim!

— Vamos, Daimhin! Se apresse! — animou-a ele.

Sabia onde estava! Agora só tinha que chegar a tempo!

Carrick se entregava ao sol. Fechou os olhos com gesto atormentado, sem paz nem glória, sabendo que sua *caraid* jazia morta às suas costas, esticada no chão... desaparecida.

Em cinco minutos, um novo amanhecer naquela terra cujos dias estavam contados, verteria sua luz com impotência. Aos humanos não servia de nada a claridade do sol, porque não viam a realidade nem que a focassem com cem mil sóis. Os seres como ele, filhos de pais imortais cujo destino fora proteger aos humanos, foram educados para o mesmo: como guardiães e protetores.

Mas ele não respeitava os seres do Midgard. A maioria era sombria, não eram evoluídos, traiçoeiros e desinteressados. Uma minoria estava cheia de sensibilidade, inteligência e boas intenções. Mas, como em todas as guerras, as minorias sempre perdiam esmagadas pelo poder das majorias. As majorias manipuladoras, ignorantes e ambiciosas.

E assim ia acontecer com vanírios, berserkers, einherjars e valquírias... Por mais resistência que oferecessem, sucumbiriam ante as garras do mais puro mal, enquanto os deuses contemplavam seu fatídico destino sem fazer nada.

E ele não veria esse final. Mas tampouco se tornaria um jotun de Loki. Por essa razão, como sabia que Loki tentava e que a escuridão nascia nele de forma iminente, o melhor era se despedir como um herói caído do que como um vilão que se converteu porque, embora já não acreditasse na bondade universal, tampouco tinha coragem suficiente para enfrentá-la e fazê-la desaparecer.

— Acabou... — murmurou com uma última lembrança para seus pais e para sua irmã, pela qual sempre tinha lutado e a quem sempre protegeu. Ela era a verdadeira demonstração do bem na Terra. Daimhin era luz. Sua luz. Mas não viveria para decepcioná-la, porque sentia tanta raiva pela morte de Aiko que estava a ponto de se esconder na gruta de novo, fugir dos raios do sol e matar até se converter em Nosferatu. Por essa razão, lutava por se manter sereno e aceitar sua sina. Um destino sem manipulações. Uma imolação por decisão própria. Morreria sem ter sido submetido pelo Vigarista.

O calor do amanhecer esfregava sua pele morena e iluminava seu cabelo loiro e raspado como se fosse uma lâmpada. Daqui a pouco, o primeiro raio o alcançaria e queimaria até fazê-lo desaparecer. Sua alma iria embora e suas cinzas fosforescentes alcançariam o céu.

Tudo teria acabado.

Apagariam sua luz para sempre...

Uma mão quente o agarrou pela camiseta e o afastou da claridade do amanhecer, lançando-o ao chão e cobrindo-o com seu corpo por completo.

— O que acha que está fazendo, guerreiro?

Carrick piscou confuso ao ver o belo rosto vivo e resplandecente de Aiko na frente dele, a um palmo de seu rosto. Os olhos negros da vaníria brilhavam como o ônix, tão grandes que se destacavam em seu rosto e ligeiramente puxados, outorgando-lhe uma face exótica e asiática, embora sob as pálpebras tivesse leves olheiras.

Mostrava-lhe as presas através de seus lábios rosados rechonchudos, não mais pálidos nem secos. Lábios vivos.

— Mas o que? Você...? — Não tinha palavras para descrever como se sentia nesse instante.

Aiko o olhava com assombro, como se para ela ele também fosse um incrível descobrimento. O loiro alto e torturado, com aspecto de eterno menino perdido, estava com ela... a sós com ela. E Aiko poderia passar sua vida inteira cheirando-o sem descanso. Era fascinante.

— Ia se entregar ao sol? Está louco? *Bakka!* Tolo!

Uma mecha de cabelo negro de Aiko acariciava a bochecha de Carrick, e sua essência de flores o embriagava.

— Não entendo nada — murmurou embevecido, absorvendo toda sua beleza.

— Nem eu. Ia se suicidar?

— Está viva? — sussurrou perdido e emocionado.

Aiko piscou confusa, pois tampouco compreendia. Passou de estar lutando em Edimburgo a ser raptada por um monstro jotun e perder os sentidos até esse momento.

— Sim, estou. Como se chama?

— Carrick.

— Carrick — repetiu para notar seu nome na língua com agrado. — Me salvou, Carrick?

Ele negou com a cabeça, arrependido e aflito por seu fracasso.

— Não me deu seu sangue? Não foi você quem fez eu me recuperar? — Ela não entendia a resposta.

— Arrancaram seu coração — respondeu Carrick aceitando, ligeiramente incomodado, o leve peso de Aiko nele. — Um eton o arrancou diante de mim... Tinha morrido. Um vanírio morre se destroçarem seu coração.

Aiko se endireitou com lentidão e ficou sentada sobre o estômago do vanírio. Levou a mão ao buraco na camiseta preta que tinha em cima do peito, na altura do coração. Via-se parte do sutiã da mesma cor e a curva pálida de um seio.

— Me arrancaram o...? Mas continua aqui — franziu o cenho. — Não me lembro de nada.

Carrick olhava fixamente o buraco no tecido, pensando em que instantes atrás só havia carne arrebitada através da qual se podia ver o outro lado da gruta.

— Tinha morrido — repetiu ele com voz sufocada.

— Pois... Parece que continuo viva.

— Sim, parece.

Ela sentiu vergonha ao se ver tão exposta e perdida. Além disso, fazia isso na frente do vanírio que lhe chamara a atenção como a luz às traças desde que o viu pela primeira vez.

Quem era Carrick? Era dela? Finalmente tinha descoberto seu *caraid*? Jamais pensou que pudesse ter alguém para ela. Apenas com sua rígida disciplina suportou a eternidade sem ir para o lado de Loki, como aguentaram Kenshin Miyamoto e Isamu. Eles esperaram até encontrar a seus companheiros de vida. Seu irmão Ren, em troca, depois de perder a sua companheira e quase enlouquecer, tinha decidido viver para ajudar aos seus e se sacrificar, como pretendia fazer Carrick, e isso a encheu de fúria e impotência. A rendição, por mais honrada que fosse, não entrava no seu vocabulário.

Não suportou ver seu irmão morrer. Não permitiria que Carrick seguisse o mesmo caminho.

— Deixa ver se eu entendi... Você me viu morrer e ia fazer o mesmo?

— Sim.

— Um guerreiro nunca se rende — repreendeu furiosa. — Ia entregar sua vida? — apoiou-se com as mãos sobre seu peito e se levantou de um salto, afastando-se dele. — Isso não está bem.

— Estava morta — respondeu ainda aturdido. — Sem coração. Como é possível que continue viva? Nós vanírios morremos se arrancam nosso coração ou cortam nossa cabeça. Não compreendo.

Aiko prendeu o cabelo liso em um coque mal feito, sem perdê-lo de vista nem um instante.

— Me imobilizaram, drogaram e me arrastaram para a greta... Não me lembro de muito mais e não sei do que está falando.

— Eles iam te comer — explicou. — Mataram a todas as crianças que levaram com eles. — Carrick se levantou com lentidão, respirando agitadamente, esgotado pelo esforço e sua fraqueza.

— Crianças? Para que?

— Utilizam a energia das crianças humanas para incubar ovos. É energia pura e, ao que parece, serve a eles.

— E por que iriam me querer? Não sou uma criança. Tenho muitos séculos nas minhas costas — assinalou buscando sentido, sendo prática como era.

Carrick a olhou de cima a baixo, sem vergonha nenhuma.

— Porque é vaníria e é pura. Sua energia é muito potente para eles.

Aiko inclinou a cabeça de lado, ruborizou, mas a vergonha não a fez negar tal verdade. Sim. Era virgem.

— Têm etones poedeiros de ovos, como as porras das galinhas — assegurou Carrick, observando como um dos raios iluminava a gruta e avançava quase até onde eles estavam. — Por mais que eu pense, não entendo como voltou à vida se...

Aiko voltou a afastá-lo dos raios, com força e velocidade suficiente para esmagá-lo contra a parede contrária e que se produzisse um pequeno desprendimento de areia sobre eles.

— Acorda, celta! — instigou-o. — Vai se queimar.

Carrick a estudou com estupefação, a escassos centímetros de seu rosto. Estava tão séria e era tão bonita e delicada que seus dedos coçavam pela vontade de tocá-la. Entretanto, reprimiu-se e cravou as unhas nas palmas das mãos. Como ia acariciá-la? Ele era um ser desprezível.

— Deve esquecer seus instintos suicidas — ordenou-lhe Aiko sem titubear. — E deve se fortalecer. — Observou tudo o que os envolvia. — Não sei onde

estamos, mas tem que retornar a Wester Ross e ajudar a nossos clãs. Estarão preocupados conosco. E você não pode continuar assim. Perdeu muito sangue. — Seus olhos negros dilataram e, sem pensar duas vezes, levantou seu antebraço à altura da sua boca e o mordeu até que as gotas de sangue caíssem por sua pele até o cotovelo. — Eu te ofereço minha essência, guerreiro. Beba.

— Como diz?

— Beba. Fique forte.

Carrick não soube como reagir e o fez da pior das maneiras: rechaçando seu oferecimento.

— Não quero. Obrigado.

Aiko arqueou as sobrancelhas negras e entreabriu a boca para pegar fôlego, assustada por sua resposta. O coração parou, ofendido. Doía obter um não a algo tão íntimo para ela. Jamais ofereceu seu sangue a ninguém.

— Arriscou sua vida por mim e veio me buscar para rejeitar o maior dos presentes que podemos entregar entre nós?

Carrick não estava acostumado à honestidade tão direta dessa jovem. Era samurai, não? O pouco que tinha investigado desde que a viu foi que tinha que se cuidar para não ofendê-la ou guardaria mágoa para sempre.

— Seu sangue é um presente muito valorizado por mim — respondeu ele tentando retificar —, mas não sou merecedor disso e não estou acostumado a beber. Não sei como posso reagir. Não quero te sujar.

Aiko franzia o cenho a cada palavra que saía da boca do vanírio celta até que se encheu de escutar todos os contras. Se Carrick era para ela, como sentia que era, e se ele acreditava no mesmo, não podiam perder tempo desse modo... Seu sangue faria a ambos fortes. E vendo como estava indo o Midgard, não podiam regular nem reforços nem esforços.

— Me sujar? — Aiko sacudiu a cabeça e o agarrou pela gola da camiseta preta sem mangas. Imobilizou-o com seus olhos e sussurrou sem inflexões, impelindo-o a fazer o que ela queria. Nesse instante, ela era mais forte que ele e se aproveitaria. — Beba do que te ofereço, guerreiro. Aceite-o. Meu sangue te fará bem.

No momento em que Aiko esmagou seu antebraço na boca do vanírio de aspecto melancólico e triste, e no instante que seu sangue tocou a língua dele, algo nos olhos castanhos de Carrick mudou até torná-los selvagens.

— Não faça. Se fizer isto — disse Carrick com as presas e a língua vermelhos, e sua voz afiada como o aço —, não poderá me negar isso nunca mais, samurai. Não importará o que descubra; sua vinculação comigo se fará com todas as consequências — seus olhos mudavam do castanho ao caramelo muito claro. — Esteja de acordo ou não.

— Não funciono mediante ameaça, Carrick. Agora beba sob minha responsabilidade. Temos que sair daqui.

Ele segurou o braço de Aiko contra sua boca e pela primeira vez provou sangue.

O sangue de sua *caraid*. E então, todo seu corpo ficou tenso. Carrick a imobilizou grudando-a ao seu corpo e não deixou de beber de seu braço até que se saciou.

E Aiko acreditava que tudo se fazia sob sua responsabilidade... Que inocente era. A japonesa não tinha nem ideia de que ele seria seu companheiro, e que não estava precisamente sadio da cabeça.

Ele perdeu o juízo anos atrás.

— Por todos os deuses! Está viva! — gritou Daimhin.

Steven se liberou de um salto dentre os braços da vaníria assim que pôs seus olhos amarelos na figura que faziam Carrick e Aiko juntos. Eles os encontraram.

A japonesa não estava morta como Daimhin tinha sugerido.

O vanírio estava sangrando-a, bebendo dela e deixando-a inconsciente, tal como sua irmã mais nova tinha feito com ele.

Ao que parece, estes irmãos bardos eram um perigo.

— Daimhin, me ajude! — ordenou Steven. — Ele vai matá-la! Não sabe se conter, é como você!

Ela reagiu imediatamente quando compreendeu o que acontecia. Dispôs-se a afastar Carrick de Aiko, mas quanto mais sangue bebia da japonesa, mais forte seu irmão era; mais lhe alargavam os músculos e se tornava belo e desafiante como um leão.

— Pare, Carrick!

O sangue era viciante para os vanírios, e mais ainda para eles, que durante tantos anos foram confinados a morrer de fome e a aguentar todo tipo de torturas e vexames. O impacto que produzia neles aliviar a fome e a sede era difícil de administrar. Como ver o sol de novo.

Carrick se afastou deles, ficando escondido no teto de barriga para baixo como um morcego, com os olhos brilhantes e claros enquanto se nutria de sua companhia e os desafiava a que se aproximassem.

Steven deu um salto para liberar Aiko, mas Carrick o impediu o golpeando com o pé no peito. O berserker caiu agachado no chão, enquanto Daimhin levitava lentamente para seu irmão, que parecia uma besta selvagem com o melhor dos manjares em suas garras.

Steven, por outro lado, olhava aniquilado a imagem da jovem suspensa no ar, vestida com roupa justa preta, a *katana* pendurada às costas e esses sapatos vermelhos de caveira... Olhando a seu irmão fixamente e falando com ele em silêncio, telepaticamente. Tão loiros os dois, tão parecidos... E, ao mesmo tempo, tão distintos. Mas que imagem faziam.

A vaníria lhe permitia escutar a conversa, e Steven não sabia se o fazia por respeito a ele ou porque não tinha nem ideia de como fechar seu canal recém-aberto. De qualquer forma, as razões não importavam. Só importava salvar Aiko.

Deixa de beber, Carrick. Está inconsciente, pediu-lhe Daimhin.

Ela me permitiu. É minha companheira. E não sei parar... defendeu-se.

Steven registrou o impacto que Daimhin sofreu ao escutar o reconhecimento aberto de seu irmão para Aiko. Sentia-se feliz por ele e, ao mesmo tempo, assustada por ela, como se pensasse que ficaria sozinha.

Se não parar agora, ela morrerá, Carrick. E o que é pior, não permitirá que se aproxime outra vez. Pensava que tinha morrido...

Eu também. Mas abriu os olhos de novo... Recuperou seu coração.

Recuperou seu coração? Arrancaram o órgão do corpo de Aiko. Como era possível que se regenerou de novo? Era uma ressurreição plena?

Deixe de beber, Carrick. Explique-me como Aiko retornou dentre os mortos.

Não tenho resposta para isso. Só um pouco mais. Me deixe beber um pouco mais... Ela é minha.

Não, Carrick. Escute o coração dela, mal bombeia... Escute-o e ponha-se em sintonia com ele. Ajude-a a se recuperar e pare agora mesmo. Faça-o por você e por ela. Pelos dois.

Carrick fechou os olhos com força e abraçou Aiko. Fazia um tempo que tinha deixado de beber de seu braço para mordê-la diretamente no pescoço. A japonesa tinha a cabeça arremessada para trás, o coque quase desfeito \pontando o chão, e seu aspecto se parecia com o de Steven depois que Daimhin bebeu dele. Ligeiramente gasto.

É tão bom... admitiu envergonhado, sob os efeitos da potente droga natural. Faz eu me sentir tão bem, Daimhin...

Sim, é. Mas devemos respeitar o presente que nos dão e não abusar disso.

Ela me deu de boa vontade. Não a matarei. Não posso viver sem ela, não entende? Só um pouco mais...

— Carrick, droga! — gritou sua irmã enfrentando-o, preocupada com sua companheira. — Por acaso salvou a Aiko para você matá-la?! Estava morta! E por algum motivo reviveu! Solte-a! Este não é você! Não se deixe levar pela ansiedade da sede! Respeite sua companheira!

Minha companheira?

— Sim, Carrick... Sua companheira de vida.

O jovem tremeu os cílios e desencravou as presas da carne suave de sua vítima. As palavras de sua irmã foram como um jarro de água fria. Focou o olhar em sua companheira, Aiko, e a olhou horrorizado.

— Aiko? O que... O que fez? — Engoliu em seco e desceu do teto para depositá-la no chão, sustentando-a entre seus braços. — Eu te disse que não era boa ideia... Que não saberia como...

— Sim, sim... — Steven acudiu, correndo para se interessar pelo estado da jovem. — Os irmãos sádicos têm a obsessão de deixar seu companheiro seco, né? Têm um problema com a bebida.

Daimhin não gostou da brincadeira, mas tampouco respondeu.

Carrick lhe mostrou as presas quando viu que as grandes mãos de Steven foram verificar as feridas das presas em Aiko.

Daimhin o deteve e negou com a cabeça.

— Não a toque agora, berserker. Não é boa ideia...

— Não se aproxime, vira-lata, ou arrancarei sua cabeça — grunhiu Carrick ferozmente.

— Pois vai ter que lhe dar sangue, presas, ou eu mesmo a darei — ameaçou Steven. — Está quase morta...

Daimhin franziu o cenho e o frio envolveu seu coração e sua mente. Como Steven se atrevia a sugerir tal coisa? Seu sangue não era de ninguém além dela. No instante em que esse raciocínio ocupou seus pensamentos, assustou-se e o apagou de sua mente. De onde nascia esse sentimento de posse?

Eu te ouvi, sádica, disse Steven pomposo.

Saia da minha cabeça.

Me tire você, se quiser. É seu poder. Você se incomoda que eu queira dar sangue a Aiko?

— Você não fará tal coisa — ela o censurou, cravando-o no lugar. O que ele pensava? Que seu sangue era o menu de todos?

Carrick, por outro lado, limpou o sangue da boca com o antebraço e negou com a cabeça repetidamente, tão decepcionado consigo mesmo que quase não podia suportar.

— Seu irmão deveria alimentá-la e trocar sangue com ela — repetiu Steven.

— Não — negou Carrick. — Ela não merece isso — penteou o cabelo negro dela para trás. — Me perdoe, por favor — sussurrou em gaélico.

Steven levantou a cabeça para fixar seu olhar no vanírio. Aiko não merecia seu sangue? Daimhin tampouco queria lhe dar o seu. O que os irmãos pensavam? Que iriam infectá-los por lhes dar de beber?

— O que se passa com vocês? Seu clã bebe de seus pares e troca sangue. Por acaso são vegetarianos?

A jovem vaníria o olhou de esguelha e depois deixou a cabeça cair para frente, afetada por não poder fazer Steven entender que seu sangue não era bom. Que ela não era boa.

— Se minha irmã disser que não, é não — ordenou Carrick, carregando Aiko e terminando a conversa. Parecia mais forte e sadio. Muito mais intimidante que antes. — E se eu disser que não, é não. Nem você, nem ninguém, vai nos obrigar a fazer nada que não queiramos fazer. Já passamos por isso. Acabou.

Steven ficou ali plantado, sem saber como reagir.

— Mas, sim, podem beber de outros e deixá-los fracos? É um pouco egoísta, não acha?

— Não — respondeu Carrick, abraçando Aiko com ternura. — Acredite. Não é. É suficiente que a gente esteja ferrado. Não precisa ferrar o outro.

Steven daria de ombros para relaxar a tensão entre eles, mas não estava de acordo com que se entrincheirassem.

— Que seja como vocês estão dizendo. Mas estou morto de fome e Aiko está inconsciente. Não podemos sair dos túneis porque é de dia e o sol os matará. As entranhas desta terra estão infestadas de purs e etones que incubaram ovos e mataram crianças... Se continuarmos aqui nos encontrarão, mas não podemos sair até que caia o entardecer.

— Então ficaremos aqui e vigiaremos que ninguém nos espreite até o anoitecer — sugeriu Carrick. — Estão de acordo? — Olhou a Steven e Daimhin alternativamente.

O berserker se sentou no chão e apoiou as costas largas na parede quente do túnel. Daimhin se sentou entre ele e seu irmão, que não deixava de acariciar o rosto branco como a neve de Aiko, pedindo-lhe perdão em todos os idiomas que ele conhecia.

Esperariam. E ao cair da noite, eles se dirigiriam a Wester Ross para ajudar Ardan a organizar aos seus.

A guerra era sombria debaixo da terra, mas cruel e muito mais genocida na superfície. E era ali onde mais os necessitavam, não nesses malditos túneis subterrâneos que não cessavam de tremer, como se o mundo estivesse a ponto de se partir em dois.

E estava.

Daimhin apoiou a cabeça no ombro de Carrick e este acomodou a sua sobre a dela. Beijou o loiro topo e murmurou em voz muito baixa.

— Sinto muito ter te preocupado.

Daimhin sacudiu a cabeça e esfregou sua bochecha no ombro dele. Seu irmão esteve a ponto de se entregar ao sol ao saber que Aiko tinha morrido. Por quê? Por que a teria abandonado assim? Ela jamais o teria deixado de lado. Ele era a coisa mais importante em sua vida.

— Por que Aiko continua viva? A lembrança em seus pensamentos... arrancaram o coração dela.

Sim. Aquilo era um mistério sem resolver. Um enorme enigma sem respostas coerentes. Mas, longe de procurar uma razão, Carrick ficava com a grande injeção de vida e alegria que lhe dera sua estranha ressurreição.

Quando ela voltou a nascer, ele voltou a nascer.

Daimhin não podia ler a mente do seu irmão. Depois de beber de Aiko, sua mente se tornou uma fortaleza, e era intransponível.

— O importante é que continua viva — argumentou Carrick, impregnando-se do aroma de Aiko. — É a única coisa importante para mim.

Daimhin cravou seus olhos na japonesa, que continuava adormecida e fraca entre os braços de seu irmão. Não sentia ciúmes dela. De fato, era feliz por saber que seu irmão tinha encontrado o seu par e que, ao que parece, apesar de seus medos e traumas, lançou-se por ela com valentia suficiente para saltar através de uma greta infestada de jotuns, lava e gases tóxicos, só para retornar com ela. Porque era dele.

Aiko era vaníria, como ele. Faziam um bom casal, supôs.

E ela... Ela o que? A quem tinha?

Steven se enrijeceu ao ler sua expressão. Incomodava ao berserker que a jovem não queria estar perto dele, que tivesse medo dele. Por acaso não compreendia que, de todos os homens do Midgard, ele era o único que jamais lhe faria mal? Por acaso não notava que seu sangue seria o único para ela? Por que estava tão fechada a ele e ao inquestionável vínculo que os unia?

Ele era um berserker. Não era um vanírio. Mas isso não queria dizer que seu amor fosse impossível.

— Mantenha longe seus pensamentos, sádica — Steven sorriu sem vontade e penteou seu topete com dedos trêmulos pela fraqueza.

Daimhin jogou os ombros para trás.

— Você não pode lê-los — disse ela como uma soberana empertigada.

— Não preciso. Sua cara os diz em voz alta. Sinto não ser um sanguessuga. — Seus olhos amarelos se separaram dela para fixar-se na entrada da gruta. — Embora ser vanírio tampouco garanta que me corresponda — referia-se a Aiko e a quão fraca estava porque Carrick não lhe dava de beber.

O aludido levantou a cabeça de repente e não enfrentou Steven porque se sentia bem pra caramba com a vaníria nos braços.

Em troca lhe sorriu falsamente e disse:

— Eu perdoo sua vida, vira-lata. Seu aspecto é deplorável e não gosto de matar por matar. Não teria emoção — deu de ombros. — Já me devolverá o favor.

— Como devolveu o favor a Aiko depois que te ofereceu seu sangue? O que acontece com vocês? Dê-lhe de beber e a terá desperta e forte como você está agora — insistiu beligerante. Olhou-os cheio de recriminação. — Por acaso não sabem como é isto? Eu te dou sangue e você me dá o seu. Cinquenta por cento para cada um. É assim como funciona entre os do seu fodido clã. Mas vocês dois são como carrapatos — sibilou com raiva, agarrando uma pedra pequena para lançá-la contra a parede. — Só sugam, até deixar seu hóspede seco.

Aquelas palavras doeram na alma de Daimhin e fizeram uma greta na fragilidade do seu endurecido coração. Steven tinha razão, e ela tinha agido conscientemente. Egoistamente, sim. Mas com consciência. Não queria compartilhar seu sangue com ninguém. E muito menos com ele. Abasteceu-se dele até que se fartou.

— Não sou eu quem morde sem permissão — esfregou a marca impressa na pele do seu pescoço. — Você aceitou que eu bebesse de você. Não o obtive sem permissão. Não sou um carrapato — sussurrou.

— Bebeu dele? — perguntou Carrick, pasmo pela revelação. Sua irmã tinha bebido de um berserker?

— Sim — replicou ela, cravando as unhas nas palmas das mãos.

— Bebeu de mim até me deixar como uma geleia — informou Steven, dando-lhe a importância que para ele tinha. Muita, com certeza.

— Não pode supor as coisas só porque acha que devem ser assim, Steven — continuou ela. — Eu... não quero te dar meu sangue. Não é para você — respondeu ela engolindo em seco, franzindo os lábios para evitar dizer algo mais. — Eu lamento.

— Lamenta? Seu sangue não é para mim? — repetiu, levantando-se pouco a pouco. Tinha caráter e muito temperamento. E sempre quis mantê-lo sob controle, como tinham conseguido manter seu temperamento o resto dos líderes de sua família. Seu pai sempre conseguiu acalmar sua ira, e Scarlett sempre

lutou para dominar sua fúria. Steven se orgulhava do excelente trabalho que tinha feito até então com aquela parcela de sua personalidade. Entretanto, nesse momento, tudo em que trabalhou durante anos ia por água abaixo. — Seu sangue não é para mim?! — plantou-se diante dela com os punhos a cada lado das pernas, tão tensos e duros como uma pedra. Seus olhos amarelos trocaram de tom para o fosforescente. — E se não é para mim, que me deixou à beira de uma anemia permanente, para quem pensa que é, pirralha?! — perderia as estribeiras.

Daimhin o olhou do chão, inquieta pela atitude de Steven. Não havia simpatia nem docilidade em seu porte. Era toda agressividade e caráter. Não obstante, não estava assustada. Sentia-se mal consigo mesma. Mas não tinha medo dele.

Carrick deixou Aiko um instante no chão. Para proteger sua irmã o faria, deixaria de lado a paz que ganhava com a japonesa. Por isso, de um salto agarrou os braços de Steven por trás e o chocou contra a parede em frente.

O berserker não deixava de olhar Daimhin, sem ação e decepcionado pelas palavras da jovem. Carrick o agarrou pelo queixo com dureza para que se centrasse nele e lhe mostrou as presas.

— Não nos julgue. Não a julgue pelo que acredita que pode ser o melhor para sua estabilidade. Se ela não quer te dar sangue, se não quer compartilhar, é a maldita decisão dela. Não sua! Não a conhece, não sabe nada de Daimhin. E não vou permitir que a force ou a faça se sentir mal. Entendeu?

Steven não afastava a vista da jovem, que piscava confusa e um pouco inquieta por ver os dois homens discutindo por ela.

— Não briguem — pediu com voz fraca. Sentia-se perdida, desconcertada pelas palavras de Steven. Com pena por que as coisas eram assim. E zangada por ter os problemas e os medos que sentia.

Então, Steven torceu a cabeça até ficar cara a cara com Carrick. Uma veia começou a palpitar em sua têmpora e seu coração disparou frenético. O *Odd*, a fúria dos berserkers entregue por Odin, corria livre por suas veias. Ele ia se transformar de novo, desejando enfrentar a todos, quebrar coisas, arrebentar cabeças... Não podia descontar sua impotência com Daimhin. Jamais lhe faria mal. Mas a seu irmão...

— Carrick... — mostrou-lhe os dentes brancos para que visse como suas presas se alongavam dispostas a extirpar membros. — Solte-me nesse instante ou vamos lutar.

O vanírio o olhou com seriedade, de cima a baixo. Steven jamais ganharia. Estava fraco e à beira do desmaio. Até que não repusesse forças não seria um digno competidor para ele.

— Não pode comigo — desafiou Carrick com diversão. — Assim não.

Aquelas eram as palavras que descontrolavam Steven e o convertiam na massa de fúria e destruição que começava a ser nesse momento. “Steven não é capaz de ser o líder berserker de Edimburgo”, “Steven não pode. É jovem, mimado e inexperiente”, “Steven não intimida nem a um coelho. Não pode nos dar ordens”, “Steven nunca será como Scarlett” “Steven é impulsivo. Não pensa. Não pode exercer como nosso comandante. Não tem dom de comando”, “Steven abandonou o clã. Não queria responsabilidade”.

Steven isso, Steven aquilo outro... Mas ele sempre esteve ali, escutando cada sarcasmo, aguentando a vontade de retrucar e demonstrar que era um líder natural. Talvez fosse inexperiente, mas tinha os genes de seu pai e de sua irmã; e embora tivesse cometido erros, agora era amadurecido e responsável para resolvê-los.

Ou talvez, quem sabe todos tivessem razão... E se não era bom o suficiente para ser o par dessa vaníria, se ela não o queria, talvez estivessem certos e ele era um pária. Alguém incapaz de inspirar respeito por todas as más decisões tomadas no passado. Além do mais, quando destruíram o castelo de Eilean Arainn, quem estava no comando? Ele. E morreram todos. Todos.

Talvez...

Daimhin se levantou, preocupada ao perceber a tristeza e o desespero do punk. No que estava pensando? Por que assumia a culpa de tudo? Com lentidão, aproximou-se dele para falar com ele e acalmá-lo. Estava equivocado. Ele não era o problema. Ela que era. Mas não se atrevia a dizer-lhe.

— Steven, olhe para mim — pediu Daimhin com gesto sereno.

O berserker não atendia a ninguém. Carrick cada vez mais custava dominá-lo. Talvez o tivesse subestimado.

— Tire as mãos de cima de mim ou arrancarei sua cabeça, menino perdido.

Carrick piscou com surpresa. Steven rugiu como o faria um lobo encurralado, empurrando-o e afastando-o.

Nesse momento, a gruta tremeu.

Os três guerreiros desviaram a atenção uns dos outros para concentrá-la na saída que dava ao exterior.

Algo acompanhado de um som estranho, como um zumbido, dirigia-se para eles.

O convidado dourado entrou na velocidade de um míssil. Era uma serpente metálica, não muito grande, do tamanho de uma pulseira. Tinha os olhos vermelhos como rubis.

Daimhin franziu o cenho, colocou-se em sua trajetória e a desviou com um golpe de sua espada. A serpente bateu contra a parede.

— Que diabos é isso? — perguntou Steven, dando um passo à frente para observar o objeto.

Mas a serpente seguia em movimento. Levantou a cabeça dourada, movendo as escamas como uma de verdade, e fixou os olhos vermelhos em Steven. Estes brilharam com interesse e decisão e foi atrás dele.

— Afaste-se! — ordenou-lhe Daimhin.

Não foi rápida o suficiente para liberar Steven de sua dentada. A serpente se enrolou no forte antebraço do guerreiro e o mordeu.

Ele gritou com todas as suas forças. O veneno o queimava por dentro e o imobilizava.

— Steven! — exclamou ela, aterrada.

Daimhin correu para socorrê-lo, assustada por ele.

Mas outras duas serpentes penetraram através do buraco e voaram como torpedos para suas novas vítimas.

E foi exatamente nesse momento de ignorância, caos e descontrole quando a gruta sofreu uma nova sacudida. Pareceu desdobrar-se no espaço, como uma imagem que ondeava em um poço plano e calmo no qual se lançava uma pedra.

Daimhin olhou para Steven, que apertava os dentes, cheio de dor. Não entendia nada. O que estava acontecendo?

— Daimhin — grunhiu Steven. — Não posso me mover...

Ela passou os dedos pelo topete dele e tentou carregá-lo, mas ao ver que não dava tempo de fugir do ataque dos répteis estranhos de aço, cobriu-o com seu corpo protetor.

Ela o protegeria, não ia abandoná-lo.

Carrick foi socorrer Aiko, lançando-se em cima dela para que essas estranhas serpentes não a ferissem.

A gruta estava vazia e escorreu como o faria o líquido em um funil, ou como o faziam no espaço os buracos negros intermitentes.

Depois, como acontecia com as imagens refletidas na água quando as ondas desapareciam, a gruta voltou a emergir, cristalina e serena.

Inalterável.

Mas sem rastro algum dos quatro guerreiros que a ocupavam.

Já não estavam. Tinham desaparecido.

VII

Bulgária

Paso de Shipka

Apenas um humano.

Deixaram um único humano na Newscientists para programar a abertura dos tetos de vidro e arrasar com todos os vanírios ali imóveis e acorrentados, fritos pelos raios do sol. Para os berserkers, os aspersores da mesma sala desprenderiam ácido até desfazê-los.

Um Auschwitz para imortais é o que era esse reduto. Um campo de concentração no qual seres como ele, sob o violento cajado dos cientistas e guardas humanos, perderiam sua mortalidade e sua imunidade.

Teria sido tão fácil acabar com eles, pensou Thor. Eles os minguaram tanto que esqueceram que eram seres poderosos e mágicos. Deuses dos humanos.

Mas nunca se podia dar um vanir por morto até que não arrancassem sua cabeça ou esmagassem seu coração. E nem com o último poderiam acabar com alguém como ele, pois seu coração fora devastado ao afastarem Jade dele. E, mesmo assim, ali continuava.

Tinha ordenado ao guarda que lhe tirasse as algemas. Também que trouxesse alguma roupa, um roupão com o qual poderia se cobrir. Adolf obedeceu, deixando o roupão ordenadamente dobrado sobre o chão.

Os pinos metálicos se desencravaram de seus pulsos, o que lhe provocou uma dor abrasadora. O sangue brotou de suas feridas, mas Thor já tinha sido liberado.

— Tanto tempo dominado... — murmurou com voz áspera enquanto puxava o cabelo de Adolf. Inclusive sua voz soava estranha. Há muito tempo não a ouvia. — Tenho fome... — abriu a boca e mostrou suas presas.

Ele ultrapassava quase meio corpo ao guarda insignificante que tinha à sua frente, e não custou nada se alimentar dele e beber sangue para se fortalecer. Sabia que não devia se sobrecarregar e que jamais devia beber mais sangue do que continha seu próprio corpo, porque fazê-lo seria um convite direto para que Loki pudesse tentá-lo. Os vanírios carregavam a cruz da fome, e se eles se deixassem levar pela gula, iriam de cabeça à perdição.

Bebeu o suficiente para cobrir suas primeiras necessidades, e depois partiu o pescoço dele com uma rotação seca de suas mãos. O corpo do humano desabou dando um golpe duro contra o chão, próprio de um recipiente vazio e sem alma.

Thor tinha realizado o último esforço que aquela voz suave e empática tinha sugerido: focou-se em Adolf e o dominara mentalmente com seu último fôlego de poder.

Depois liberou um a um a todos os guerreiros que mal se mantinham em pé e que o olhavam perplexos pelo que tinha feito. Não demoraram a tomar o corpo de Adolf para beber o que restava de sangue... o que não foi suficiente para tantos guerreiros como havia.

Em seguida, o vanírio saiu dali com os crachás que pendiam do pescoço de Adolf e as chaves que abriam todas as portas e decodificavam programações. Mancharam-se com seu sangue. Não se importou. Thor as limpou com a mão e dirigiu seu olhar lilás para a porta que conectava com o andar de cima.

No edifício não havia nem uma alma. Só eles. E sem a proteção, sem a cúpula que anulava os sinais mentais, toda a informação do povo dos Cárpatos que havia no exterior entrou nele.

Esse era seu dom. Sua maldição. Sem Jade, sem seu sangue, estava totalmente perdido, e sabia.

Com paciência e firmeza, conseguiu caminhar até o andar superior, deixando que todas as vozes entrassem em sua cabeça, aceitando que o deixassem louco e que convivessem em sua mente.

Elas diziam que o mundo estava acabando, que a terra tremia e que dela saíam seres monstruosos dispostos a devorá-los e a acabar com a humanidade. Falavam de caos e assassinatos, de fendas e de apocalipse.

Sorriu para si mesmo. Será que o Ragnarök tinha chegado de verdade? Será que Loki por fim tinha trazido seu reino de maldade para a Terra e tinha mostrado seus malignos filhos?

A voz que o contatou disse que se dirigissem todos para o andar de cima, aos muros exteriores, que uma vez ali receberiam ajuda. Thor obedeceu, com todos os recém-libertados seguindo seus passos, não sem dificuldade.

A fraqueza neles era patente.

Mas a ajuda que ele necessitava ninguém podia lhe dar.

O que acontecia na realidade naquela terra que uma vez protegeu não devia lhe importar muito. Por ele, que todos os humanos morressem, porque só queria encontrar uma pessoa.

A razão de sua existência.
A mulher de sua vida.
Sua *caraid*, Jade Landin.

Fazia muito frio. A terra tremia debaixo do seu corpo.

A Escolhida abriu os olhos e levou a mão ao ventre descoberto e já um pouco volumoso. Aodhan crescia muito rápido. Cobriu a barriga com o pulôver preto, esquentando-o.

Olhou ao seu redor e não pôde reconhecer nada.

Fazia um instante estava no RAGNARÖK com o resto do Conselho Wicca. Falavam das novidades sobre os contatos com alguém dos Bálcãs. Diziam que estavam presos e que os matariam de um momento para outro; que os humanos abandonaram as dependências do campo de concentração em que estavam. O amanhecer chegaria e, com isso, milhares de vanírios morreriam.

Vanírios.

Ela escutava tudo atentamente, surpresa que tantos de sua espécie sobrevivessem sob uma terra que desconheciam. Seria uma grande ajuda na guerra.

Sabia que estava apoiada sobre o ombro reconfortante de Menw, seu companheiro. Ele brincava com os dedos de sua mão fazendo cócegas e aquilo a relaxava, tanto a ela como a seu bebê.

Com ele se sentia tão a vontade que não pôde evitar dormir.

Isso era a última coisa que recordava.

Daanna se levantou e fixou seus olhos verdes nas grades de uma propriedade. Estava escrito em cirílico, o idioma da Bulgária.

Ela estudou o edifício que se via ao fundo, no alto de uma colina. Em algumas horas amanheceria.

Saltou a grade e correu até chegar às portas metálicas que cercavam a propriedade.

Um enorme estrondo subterrâneo provocou tremores em toda a colina.

Daanna abriu as portas metálicas com seu poder mental e o de Aodhan, que era incrivelmente vigoroso. Seu bebê seria um rei entre reis e era muito importante para o dia que se avizinhava, o Ragnarök final.

A Escolhida não sabia por que, só sabia que lutaria pela sua sobrevivência.

Sabia onde estava. Estava em Paso de Shipka. E sabia quem havia sob essas instalações. Eram os vanírios. Dali um dos vanírios se pôs em contato com eles.

Como sabiam do fórum? Como contataram?

Daanna entrou no edifício e não soube para onde se dirigir. Pousou suas mãos sobre seu ventre e disse:

— Ajude a mami, bebê. Se sentir e souber onde estão, e como pode tirá-los daqui, ajude-os. *Caithfidh siad duit*. Precisam de você.

Cúrsa, mammaidh. Claro, mamãe, respondeu Aodhan mentalmente.

Daanna esfregou seu ventre e sorriu.

Estamos aqui, Thor. Já chegamos.

Thor nem sequer piscava. Tinha os olhos fixos na porta de concreto, que separava o campo de concentração no qual tinha vivido os últimos anos, privado do exterior, da vida em liberdade.

Quem?

Nós.

Mas quem são vocês? Como se chamam?, quis saber.

Minha mãe é chamada de a Escolhida. E meu pai é o Curador, que pode te ajudar com a sede que tem. Ele ajuda os vanírios sem companheiros para que controlem a fome.

Sua mãe... A Escolhida? Uma vez teve muitos amigos, recordou com dificuldade. Membros de seu clã com os quais viveu todo tipo de experiências... Agora sua mente, tão castigada durante anos, devia super se esforçar para ordenar sua memória confusa. Suas emoções estavam desconectadas de seu cérebro, povoado por rostos imprecisos e nomes sem identificação. Deuses, o que fizeram com ele?

Com o tempo poderá se encontrar melhor. Meu pai te ajudará, Thor.

Como sabe meu nome?

Minha mãe recorda de você frequentemente. Recorda que quando eram crianças cassivelanas e os vanir ainda não tinham ido atrás de vocês, você foi o único que a animava a aprender a lutar. Mas meus tios e meu pai o impediam.

Thor entreabriu a boca, movendo os olhos cintilantes, submerso em seu passado eliminado. Sentia espetadas que atravessavam seu crânio cada vez que empurrava a barreira do esquecimento, como se acessar a suas origens estivesse vetado a ele. Então recordou a uma menina morena e sorridente, que adorava os animais e a vida, escalando árvores junto a ele em um povoado celta...

Daanna McKenna? Minha amiga Daanna? Thor não podia compreender como essa voz suave lhe falava dela... Supunha que o Curador era Menw? O melancólico Menw? Sim... Podia se lembrar dele agora. Indevidamente, a lembrança dela o levava até ele. Porque não tinha havido no mundo duas pessoas mais predestinadas que eles. Isso queria dizer que, finalmente, depois de milênios, Daanna e Menw se reconciliaram?

Sim. Ela é minha mãe. E meu pai é Menuw. Eu me chamo Aodhan e sou seu filho.

Thor engoliu em seco, e só um leve movimento de seu lábio refletiu seu nervosismo e emoção.

E quem vem por nós? Quem são os reforços?

O silêncio se rompeu com a suave e pura risada do Aodhan.

Nós somos os reforços.

O som de dobradiças rangendo, portas ao se abrir e funcionamentos mecânicos ficando em movimento inundaram a colina. Material oxidado, sem dúvida.

Passados alguns minutos, as luzes das grades e ao redor se acenderam. Daanna não duvidava de que aquele lugar devia chamar a atenção da cidade, e a todos os que vivessem nos declives do misterioso porto da montanha no qual se encontrava.

As cercas de ferro, o chão de terra e todo tipo de instrumentos que havia no exterior, instrumentos de tortura, continuavam manchados de sangue.

Aquilo revolveu o estômago da vaníria. Ali martirizaram aos seus, e eles não tiveram nem ideia. Não puderam ajudá-los porque desconheciam seu paradeiro.

De repente a porta central metálica, imensa, robusta e cinza, abriu-se de par em par.

Daanna estava só a dez metros desta e veria com clareza quem apareceria através dela.

E só havia a silhueta de um homem, de braços e pernas abertos e tensos a cada lado de seus quadris.

Um homem musculoso e firme, vestido com um roupão branco manchado de sangue. Tinha o cabelo negro, comprido e liso, e os olhos... Os olhos lilás.

Ele levantou o olhar para ela e tentou sorrir, mas só lhe saiu uma careta mal feita.

Onde você está, Aodhan?, perguntou Thor confuso.

Estou aqui. No ventre da minha mãe.

Thor piscou como se estivesse vendo um sonho quando fixou seus olhos no ventre volumoso da vaníria. Como podia ser? Os vanírios custavam muito a conceber... E como era possível que recordasse isso agora?

Estou há séculos esperando nascer. Os deuses disseram que não era meu momento milênios atrás. Meu momento é este.

Daanna abriu e fechou a boca, pois não sabia nem o que dizer.

O impacto era tal que seus olhos se encheram de lágrimas, e deu um passo para aproximar-se dele e olhá-lo melhor, pois se sentia incrédula perante aquela aparição.

— Olá, Escolhida — saudou-a o homem com voz quebrada.

Thor, seu dom pode ler mentes a longas distâncias, assinalou Aodhan. *Minha mãe e eu desapareceremos agora mesmo; viemos aqui só pra te libertar. O que tem que fazer é encontrar a pessoa que contata daqui ao fórum de mitologia nórdica e...*

E o que?, o sinal do Aodhan era cada vez mais fraco.

Minha mãe não aguenta mais... Saberá o que fazer... Traga a todos os guerreiros que puder e una-os para a luta final.

Daanna não teve tempo de dizer mais nada. Desmaiou imediatamente, ao mesmo tempo em que seus lábios sussurraram um nome desaparecido para os

de sua raça. Um nome de culto e respeito entre os vanírios. O nome de um líder caído, torturado. Assassinado.

— Thor?

VIII

Quando Steven abriu os olhos, teve que piscar várias vezes para focalizar melhor. Não sabia onde estava; a única coisa que reconhecia era que entre seus braços, estirada sobre um leito de musgo verde e flores coloridas, principalmente margaridas, achava-se Daimhin, aconchegada contra seu peito como se fosse um bebê necessitado de calor e cuidados.

Várias luzes que levitavam fixas no ar iluminavam o lugar, como se fossem chamas azuis que prendiam velas imaginárias. Pareciam as luzes mágicas que seguiam a princesa Merida no filme *Valente*.

O berserker não entendia por que Daimhin estava ali com ele sem reclamar. E mais, depois de ter deixado claro que seu sangue não era para ele. Em outras palavras: que não o queria.

E essas roupas? A jovem vestia um espartilho de couro marrom que se prendia ao pescoço e deixava seus ombros descobertos. Tinha folhas de trepadeira intensamente verdes que se enrolavam pelo seu torso e a parte superior de seus braços. Embaixo, cobria-a uma espécie de saia feita com o mesmo tecido, um lado mais comprido que o outro. E calçava umas botas de couro marrom escuro com umas inscrições em ouro que pareciam ser letras élficas decoradas com tribais.

Steven, cuja saga favorita era *O Senhor dos Anéis*, sabia que tipo de letra era aquela e que tanto se parecia com a de Tolkien. Ele também se vestia diferente. Com roupas de couro preto. Vestia uma camiseta sem mangas com o que pareciam ser fivelas prateadas que se cruzavam umas com outras no peito. Uma calça larga, com tecidos elásticos e couro, e umas botas dignas do melhor motoqueiro do Midgard.

Quem os vestiu assim? Onde estavam Aiko e Carrick? Onde eles se encontravam?

Um ruído o sobressaltou. Steven olhou à frente, entre as mimosas² que caíam do teto da pequena e acolhedora gruta em que repousavam. E viu dois homens de cabelo comprido, ralo e negro, vestidos de verde musgo e dourado, posicionados na frente de uma pira de pedra e de cristal.

Tinham a pele serigrafada com letras élficas de uma cor mais escura que o tom de sua pele, as mãos longas e estilizadas, e falavam com alguém a quem ele

² Mimosas são árvores do grupo das acácias, com florzinhas delicadas que formam cachos.

ainda não podia ver. Era uma mulher de incrível e longa cabeleira vermelha. Vestia uma túnica carmim e tinha braceletes dourados nos braços.

Apoiou-se em um cotovelo e entrecerrou as pálpebras para enfocar melhor o olhar. Nesse instante, Daimhin se remexeu e colocou uma mão sobre seu peito.

Todo o corpo do guerreiro endureceu ao contato da jovem. A pele de Daimhin era suave e cálida. Tinha depositado os dedos sobre seu coração, e Steven, embora quisesse continuar zangado com ela por seu egoísmo, não pôde fazer outra coisa que se comover pelo rosto de duende e elfo da vaníria. Por sua inocência.

Tão doce, tão linda... Tão fria e tão mortal. Um universo de contrastes, isso era Daimhin para ele.

Steven levantou a mão para acariciar o cabelo tão loiro e brilhante, alheio aos dois homens, à misteriosa mulher e ao mundo em geral que acabava de descobrir. Só ela importava; só eles dois nessa alcova escondida e mágica. Subterrânea.

— Se apenas pudesse se ver como eu te vejo, sádica — sussurrou aproximando sua boca dos lábios dela. — Se apenas pudesse sentir o que sinto, ajudaria-me a compreender meu coração... que pulsa com força por você — levou seus dedos até o queixo dela e ali a acariciou com o polegar. — Me chama de louco, tenha medo de mim se é o que quer... mas eu sinto que é minha. Por que você não vê?

Alguém pigarreou.

Steven levantou o olhar de repente, como se saísse de um sonho. Claro, ali havia mais alguém... Sacudiu a cabeça. Não entendia como podia relaxar sabendo que havia dois seres que desconhecia, que estava em uma gruta, que uma serpente de ouro o mordera e que... tinham trocado sua roupa. E ele só pensava em beijar Daimhin. Que diabos estava acontecendo?

— Não fique animado, lobo. É o fungo dos *huldres*³ — o tom divertido daquela garota arrepiou seus cabelos. — Agora está em seu mundo. Eles os salvaram de uma morte segura nas mãos de seus mais acérrimos inimigos.

Sim. Era uma mulher incrivelmente bonita. Pele pálida e brilhante. Resplandecente, como se vivesse envolta em luz. Mas era seu cabelo o que se

³ Huldre é uma criatura sedutora da floresta no folclore dinamarquês.

enredava com o tecido da túnica da mesma cor de fogo, como se tivesse vida própria. Era fascinante.

A mulher cruzou os braços e moveu os lábios muito vermelhos de um lado ao outro, fazendo caretas.

— Que fungo? Quem é você? — retrucou Steven. — Lembra-me alguém...

Ela arqueou as sobrancelhas vermelhas e perfeitamente desenhadas, e seus olhos escureceram.

— Minha filha te deixou inconsciente depois que a elogiou como um estúpido em uma das casas de Ardan, o dalriadano. Não faça que eu arranque sua língua por sua falta de consideração.

Steven piscou, passou por cima de Daimhin e se colocou na frente dela para protegê-la. Seja quem for essa enigmática dama, tinha autoridade e poder.

— Continuo sem saber quem é — provocou, reconhecendo-a imediatamente. Seu poder era arrebatador. Igual ao de sua filha Freyja.

— Sou Nerthus, imbecil. Repito: está no meu mundo subterrâneo, acompanhado de meus *enguias huldre*. Sente-se confuso pelo efeito do fungo, que tem qualidades alucinógenas. É uma das plantas mais usadas para a cura por meus *huldre*. Converte a dor em prazer. Por isso não sente o ácido nem a paralisia do veneno da serpente escura.

— Dor? Que dor? Eu me encontro bem...

Nerthus sorriu meio de lado e negou com a cabeça.

— Está profundamente sedado — olhou-o de cima a baixo. — É impossível suportar a dor da dentada da serpente dos *Svartálfar*. Só os *huldres* ou os deuses podem curá-lo. Entretanto, foi o primeiro a despertar. É o mais fraco dos quatro que recolhemos; encontrava-se em um estado bastante lamentável, mas se sobrepôs ao efeito da planta e é o primeiro a lutar. Interessante. Sua resistência provém de sua ânsia de proteger a Barda, suponho — observou Daimhin com ternura.

Steven se levantou do leito de musgo e se dirigiu cambaleante para ela, até afastar as tramas de plantas que, como uma cortina, separava-os do mundo élfico no qual dizia que se achavam.

— A serpente dos *Svartálfar*...? Os elfos sombrios do Asgard — não era estúpido. Conhecia a história de seus deuses criadores e seus mundos de cabo a rabo. — O que fazem aqui?

Nerthus endureceu o rosto.

— As dimensões se abrem, Steven. Por que acha que a Terra treme? Não é porque sinta calafrios. Enquanto os deuses continuam presos em seu reino sem poder sair, a escuridão chega ao Midgard. Loki convocará a todos seus jotuns; tem tudo o que necessita para isso. E eles, como bons sequazes, já comparecem à chamada de seu rei através dos portais que já abriram, os mesmos pelos quais podem começar a viajar. Começam a chegar a seu reino com seus objetivos muito claros. E os elfos sombrios são, de todos os seus guerreiros, os mais preparados e intuitivos. Se alguns deles já estão aqui, é porque têm pressa para acabar com vocês.

— Nós? Nós somos seus alvos?

Nerthus assentiu solenemente.

— Somos tão importantes? — insistiu Steven, incrédulo.

Um dos dois elfos, o mais alto e esbelto, de cabelo negro e liso, orelhas bicudas e olhos prateados, olhou-o de soslaio e estalou a língua como se acabasse de ouvir um impropério enquanto guardava as serpentes de ouro em uma caixa dourada.

Steven ergueu a cabeça para se fixar nele.

— Nem sequer sabe quem está contigo... É uma falta de respeito — disse o *huldre*.

— Como diz? — Steven ficou assombrado pela má vontade do elfo.

— Raoulz, agora não — censurou-o Nerthus. O elfo abaixou a cabeça submisso, mas através das mechas de seu cabelo negro, dirigiu a Steven um claro olhar de desdém — Importantes? — repetiu Nerthus, inclinando a cabeça de lado. — Parece que sim, são. De fato, nem sequer imaginam — assegurou misteriosamente, entrando na abrigada alcova e sentando-se sobre o leito que Daimhin ainda dormia. Passou os dedos de unhas vermelhas pelas madeixas e, enquanto o fazia, mudou seu penteado para um meio coque com tranças. Sorriu ao ver o quanto lhe caía bem. — Meus *huldres* os trouxeram aqui por um motivo. É uma bela vaníria, não acha? — mudou de assunto abruptamente.

O berserker assentiu sem um pingo de dúvida. *Sim, é linda, e é minha.*

— Já sei que é sua. Vejo que a mordeu — assinalou Nerthus, passando o dedo indicador por seu pescoço. — Deixou sua marca nela. Não deve ter lhe caído nada bem.

Ele sorriu e deu de ombros.

— Não. Não gostou muito.

— Já lhe deu seu sangue.

— Sim.

— Então... — Nerthus se levantou meditativa. — A vinculação se iniciou e supostamente começou a lhe entregar seu dom... Mas não estará completo até que o assentamento seja absoluto.

— Completo?

— Necessita o *comharradh*, o selo dos casais para a total recepção de seus dons. Tem que provocar que lhes saia o *comharradh* o quanto antes. Mas este não sai se não houver...

— Se não houver o que?

Nerthus fez uma careta de preocupação.

— A vinculação física. O sexo. Não me olhe assim. Minha filha Freyja é uma romântica, e foi ela quem resolveu — salientou divertida. — Eu teria sido mais prática, mas...

Steven desviou o olhar surpreendido de Nerthus a Daimhin, que ainda continuava adormecida. Tinha que se deitar com Daimhin sem que ela arrancasse sua cabeça depois como uma louva-a-Deus. Impossível.

— Essa garota não está disposta nem sequer a me dar seu sangue — murmurou Steven, passando a mão pela nuca. — Quando a mordi, ela me cravou a espada e retorceu com vontade. Não sei do que seria capaz se lhe desse um beijo. E imagina se me deitar com ela.

— Nerthus. Devo ir. Já está tudo disposto para realizar a cerimônia — interrompeu Raoulz com gesto sereno.

— Está bem — assentiu Nerthus muito séria. — Assim que acabar de falar com o berserker, irei preparar a todos os grupos mágicos do Midgard. Talvez não voltemos a nos ver, *bom priumsa huldre*.

Raoulz engoliu em seco e seus olhos prateados foram invadidos por uma sincera tristeza. Era uma clara despedida.

— Sei.

— Ou talvez sim — Nerthus sorriu como uma bipolar. — O que proporcionará o tear para todos nós? Quem sabe? — Sua expressão se apaziguou. — Ouça, *huldre*.

— Sim, deusa?

— Vocês têm uma missão a cumprir. Não me decepcionem. São meus guerreiros mais apreciados e bonitos.

— Não o faremos, deusa — deixou a cabeça cair em gesto afirmativo. — Longa vida justa.

— Longa vida justa — repetiu Nerthus enquanto olhava como os dois elfos saíam daquela alcova subterrânea. — Meus *huldres* bondosos... Tão justos e corretos. Tão mágicos — sussurrou enternecida. Ao ver que a emoção a embargava, focou de novo em Steven para dar a ele as últimas diretrizes. — A guerra já começou — respirou fundo e exalou ao mesmo tempo em que afirmava rotundamente. — Vamos perder.

— Como diz? Não vamos perder — replicou Steven. — Lutaremos.

— Sim — Nerthus não titubeou em nenhum momento. — Morreremos todos. Todos. Será um drama.

Steven enrugou o cenho e entre suas sobrancelhas se desenhou um claro V de contrariedade.

— Não penso morrer pelas mãos dos jotuns. Nem permitirei que Daimhin nem ninguém a quem eu ame morra — assegurou veemente. — Esse não será nosso final.

Nerthus sorriu abertamente.

— Uau... Sim, gosto de você, topete — felicitou-o Nerthus por sua atitude. — Mas estamos mais do que vencidos. Somos poucos *huldres*, valquírias, einherjars, berserkers, híbridos e vanírios, os que defendemos o Midgard, comparados com as hordas que Loki vai convocar. A verdade é que não temos nenhuma possibilidade. A não ser que...

— O que? — perguntou ansioso.

— Que vocês cumpram seu trabalho. O que minha filha lhes tem reservado.

— E qual é?

— Isso — Nerthus bateu seu nariz com o dedo —, meu precioso punk rebelde, só minha filha sabe. Seja como for, eu conto com vocês. E os *huldres* acreditam em vocês, por isso vieram procurá-los. Talvez com vocês tenhamos uma oportunidade, seja ela qual for. Já sabe, menos é nada. Entretanto — Nerthus juntou as duas mãos e as esfregou como se tivesse uma varinha de madeira para fazer fogo contra uma pedra —, sem *comharradh*, não haverá proeza. — As mangas folgadas e vermelhas da túnica se moviam sem descanso à altura de seus cotovelos. — Daimhin é um ouriço. O que ela passou foi realmente ruim, e precisará de ajuda para poder se aproximar de você.

— Nem sequer acredito gostar dela — disse Steven em voz baixa. — Mas ela é minha *kone*. Não posso estar enganado, não é?

— Os berserkers e os vanírios são os seres mais intuitivos que conheço. Quando encontram seu par, é para sempre. E nunca erram. Não obstante, a vida não é fácil para ninguém, e põe obstáculos no caminho da felicidade. Já sabe o que dizem: se suas metas não custam, é porque não valem a pena. — Deixou de esfregar as mãos, e quando as abriu, duas pedras de cor âmbar do tamanho de um comprimido repousavam em sua pálidas palmas. — Mas não vou enganá-lo: Daimhin é fechada. Vai ser impossível para você.

— Uau, tanta sinceridade me aflige — comentou sem convicção.

— A não ser que te deem uma mãozinha. Já sabe — piscou um olho pra ele —, é difícil, mas não impossível. Não estamos malucos — bateu os cílios.

— O que são? — Steven pegou uma. Parecia minúscula entre seus enormes dedos.

— São inibidoras do medo. Chamo-as *Riley*, porque significa valente em gaélico. Daimhin tem um enorme bloqueio. Vai precisar lhe demonstrar que não a machucará, mas para isso deve permitir que se aproxime e deve deixar de temê-lo. Estes comprimidos o ajudarão. Dê sem que ela perceba.

— Não me teme — replicou.

— Não teme a você. Mas teme o que representa. Lembre-se que o *comharradh* surge depois da terceira autêntica vinculação de amor. Devem fazer amor três vezes. Três — ergueu três dedos de sua mão esquerda. — Dê isto a ela antes de seduzi-la.

— Não preciso drogá-la para seduzi-la.

— Não seja estúpido! — exclamou. — Steven, neste exato momento tem menos futuro com ela que um vendedor de estufas nos trópicos. Por isso vou te ajudar — deu de ombros. — Que vocês dois se vinculem levará a surpresas e nos dará uma esperança. E pode ser que seja determinante para a guerra que assola o Midgard. É o que veremos.

— Mas aqui só tem dois comprimidos — Steven não entendia. — Só tem dois.

— Te dar uma mão não quer dizer solucionar o problema — Nerthus sorriu falsamente. — Arrume-se como puder, mas o tempo está acabando e tem poucas oportunidades. Não falhe, Steven.

— Tudo bem... Não o farei. Ela é muito importante para mim. É a mulher feita para mim — salientou com segurança. Steven guardou os dois comprimidos no bolso da frente daquelas calças novas. — O que pensa que a gente deve fazer agora? Onde estão Aiko e Carrick?

— Devo ir — Nerthus desapareceu diante dele em um piscar de olhos, enquanto sua voz continuava falando. — Devo acabar de preparar meus exércitos. Carrick e Aiko estão bem. Quando despertarem se reunirão com os *huldres*. Como vocês. Só têm que seguir as luzes mágicas azuis. Steven?

— O que?

— Não se rendam. Quanto mais escura for a noite, mais perto estará de sair o sol.

Steven ficou sozinho na alcova de pedra, musgo e trepadeiras. As luzes mágicas adentravam pelo arco de pedra de belas pedras preciosas e madeira, através do qual Raoulz, esse estranho elfo e sua acompanhante, tinham desaparecido.

Steven olhou por cima do ombro para Daimhin, a vaníria que lhe pertenceria, e que com a ajuda das pedras preciosas, poderia ser completamente sua.

Ele não negaria que o mais importante era a sobrevivência de todos os clãs guerreiros, mas se isso acontecesse por ter que ajudar a Daimhin a superar seu medo para que se deitasse com ele, faria isso.

Sem nenhum tipo de remorso.

Na luta pela vida, tudo era permitido.

Aiko olhava com gesto concentrado as duas pedras *Riley* que a deusa Nerthus lhe dera. Nunca pensou que conheceria a mãe de Freyja. Ter a oportunidade de vê-la foi um autêntico presente, pois finalmente pôde desabafar com ela e dizer tudo o que pensava das conversões imortais de sua filha.

Era japonesa, *kofun*, samurai e vaníria.

Sua rígida moderação e sua autodisciplina ajudaram a não se afundar pela fome, nem tampouco a desfalecer ao ver como seu querido irmão Ren morria pelo vínculo indestrutível que teve com a Sharon, sua *caraid*.

Por um lado, sempre invejou a união vaníria, o laço que conectava Sharon a Ren. Por outro, temia-o e o odiava, porque a pessoa que te outorgava o dom maior, aquilo que te diferenciava dos outros, era a mesma pessoa que podia te destruir.

Amar desse modo, até perder o norte e a razão, não devia ser bom.

Aiko escutou toda a informação que a deusa tinha para lhe dar. Das serpentes dos Svartálfar até os portais abertos através dos quais os filhos de Loki entravam no Midgard, e o lugar secreto e subterrâneo dos *huldres* em que se achavam.

— Então você é Nerthus — disse a jovem Aiko enquanto se ajeitava em seu leito particular, no qual descansava junto a Carrick.

— Sim. Essa sou eu — tinha respondido a deusa, divertida.

— Quero que saiba que se eu pudesse voltar atrás, jamais aceitaria que me convertessem de novo. Viver tão sozinha, tão assustada e tão faminta durante tantos séculos não foi um bom prato. É muito normal — espetou, encarando-a sem nenhum respeito — que tantos vanírios e berserkers tenham caído pelo caminho em sua intenção de serem bons e honestos e não se submeter a Loki. Vocês acreditam que nos outorgam dons, e nos enchem de fraquezas...

— Está me enfrentando, japonesa? — perguntou, incrédula.

— Claro que sim. Não só nos jogam a uma vida de ansiedade e sede eterna até que encontramos a nosso suposto companheiro de vida, mas uma vez que o

encontramos, fazem-nos tão dependentes dele que depois, se um dos dois morre, o outro não pode sobreviver pelo maldito sofrimento. — Seus olhos negros, brilhantes como a noite, refulgiram com a chama da ira e do desprezo. — Como crê que meu irmão suportou?

— Seu irmão Ren foi um autêntico guerreiro de honra. Graças a ele, conseguimos triunfar na Batávia.

— Graças ao seu sacrifício — seus olhos se encheram de lágrimas. — Isso foi justo?

Nerthus sorriu com indulgência e negou com a cabeça.

— Justiça? Você me fala de justiça? Não ponha essa palavra na sua boca, pois nem todos nós vemos justiça nos mesmos feitos. Foi necessário que Ren fizesse isso. Foi valente, um ato de honra. Sinto muito a dor que te causou perder seu irmão...

— Dor? O que vocês deuses sabem de dor?

Nerthus fez um gesto com a mão, como se não lhe desse importância.

— Oh, linda... sabemos um pouco. Por exemplo: os deuses são justos contigo. Tiraram Ren de você, não é verdade? Em troca, Aiko — Nerthus levantou o olhar para ver o belo Carrick ainda adormecido —, puseram seu *caraid* no caminho. Isso não é maravilhoso? Uma ficha por outra?

— Não é — replicou aterrada, levando a mão ao coração. — Ninguém pode ocupar o lugar do meu irmão em meu coração. Os sentimentos que tenho agora por Carrick são diferentes. Não posso suportá-los. Tenho medo de perdê-lo constantemente. Assim não posso lutar. Serei incapaz de me concentrar. E ele não está bem... É um suicida.

Nerthus começou a rir diante da estupefação de Aiko.

— Tão inocente... — sussurrou, passando a mão pelo seu cabelo negro e abundante, e deixando um rastro de tranças perfeitamente colocadas que se uniam no topo da cabeça. — Você vai mudá-lo. É a razão pela qual ele permanecerá de pé. Resta tão pouco tempo... A batalha final começou. Assim que saírem daqui a verão com seus próprios olhos.

Aiko deu um passo atrás ao ver claramente nos olhos mágicos da deusa que dizia a verdade. Sempre teve intuição para saber quem mentia ou não.

Nerthus não o fazia. Acabava de afirmar o que ela já imaginava. Acabava o tempo de todos. O fim já estava em seu mundo.

— Mas o resultado dessa batalha final pode variar, dependendo dos dons novos que desenvolvam os recém-descobertos casais. E acredite em mim, que tanto minha filha como Odin, inclusive eu — apontou a si mesma —, necessitamos desses dons outorgados para ver até onde podemos chegar e quais são nossas verdadeiras possibilidades. Não sei o que Freyja espera de vocês. Mas, sem dúvidas, espera algo.

— De mim e de Carrick? — perguntou sem compreender. — Freyja espera algo de mim e dele? O que?

— Só saberão quando se atarem. O nó perene deve emergir em sua pele. E então — disse olhando a um fictício horizonte por cima da cabeça de Aiko —, então todos saberemos qual será nosso verdadeiro destino.

— Você é uma deusa. Por acaso não sabe o que é que nos cabe fazer?

Nerthus negou apaixonadamente e levantou o dedo indicador, como quem avisa que vai dizer algo realmente importante.

— Minha filha tem carta branca. É livre para decidir e orquestrar, desde que essas decisões sejam para um bem comum, por mais que faça suas vítimas sofrerem. A luta é pelos deuses e pela humanidade. E só há um olho que tudo vê... Esse é Odin. Embora, inclusive a ele, escapem detalhes.

Desta vez foi Aiko quem rebateu contradizendo-a iradamente.

— Não é verdade. A luta é pelas pessoas que amamos e que estiveram conosco desde o começo. Não luto em nome de deuses nem de humanos. Eles não sabem nada de mim, mas eu já sei muito sobre eles. E não gosto. Não sei se voltarei a ver o Isamu, nem tampouco se poderei ver o Kenshin. Mas eles são minha família. E onde estiver, se eu desembainhar minha espada, lutarei por eles e... por ele — desviou os olhos para Carrick, que continuava dormindo profundamente. — Lutarei por ele por que... por que...

— Pertence a você — Nerthus sorriu e esfregou as mãos com força. — Mas Carrick está profundamente danificado, Aiko. Em seu interior há escuridão. E você deve iluminá-la.

— O que está fazendo? — perguntou, observando o movimento de suas mãos.

— Necessitamos que reajam, e quanto mais cedo possível, seus dons sejam revelados. E está em seu poder. Porque Carrick jamais a tocaria. Não porque não mereça — esclareceu compassiva. — É bonita e está claro que ele gosta de você. Seu sangue o deixa louco, como tem que ser. Mas não poderá te tocar porque acredita que está sujo e manchado, que é um pária, uma pobre alma penada.

— Carrick não está sujo — retrucou Aiko, defendendo-o até a morte. — Matarei quem disser o contrário. Todos os cabeças raspadas sofreram muito... Ninguém pode julgá-los.

Nerthus assentiu concordando até que lhe mostrou dois comprimidos de cor âmbar translúcido.

— Por isso mesmo. Porque sei que você não acredita que ele não valha nada, e porque não deseja que se entregue ao sol, deve lhe dar estes comprimidos. Com eles poderá seduzi-lo duas vezes...

Nerthus explicou o que ela já sabia. Que o *comharradh* saía com a terceira troca. Nunca de outra maneira.

As pedras preciosas a ajudariam nas duas primeiras vezes. A terceira ela devia ganhar.

Quando saísse dessa toca e seguisse os passos das luzes azuis, reuniria-se com os misteriosos *huldre*, e com Daimhin e Steven. Não sabia onde nem por qual motivo, mas iria com eles.

Entretanto, embora levasse séculos e eternidade sobre seus estilizados ombros, e embora sua férrea determinação a tenha ajudado a sobreviver, nunca deixou de pensar no que era o verdadeiro amor.

Viu-o nos olhos de seu irmão quando olhava a sua mulher.

Viu-o na fúria apaixonada de Róta por Miya.

Reconheceu-o nos olhares doces de Gúnnr para Gabriel.

Presenciou-o na adoração de um arrependido Ardan para a guerreira Bryn sobre seu cavalo alado.

Compreendeu-o no livre amor de Isamu para Jamie.

E ela? A quem ela amou? Por quem ela lutou? Era uma vida completa viver sem ter sido amada?

Adoraria ter um espelho para comprovar se seus olhos refletiam amor ao contemplar Carrick. Mas não tinha. Nem tampouco dispunha do efêmero tempo.

A única coisa que importava era que ele a salvara só de cruzar um olhar.

Sacrificou-se por ela. Tinha bebido dela.

Aiko não tinha tempo para averiguar se realmente se pertenciam; mas sem dias, e com a importância adicional de seus possíveis dons inesperados, não se distrairia entre dúvidas e medos.

Para ela, Carrick cheirava a vida. Não queria morrer sem experimentar como era a paixão de um homem.

E não qualquer homem, não. Mas sim, o vanírio com alma de Peter Pan que esteve a ponto de tirar a própria vida ao pensar que estava morta.

Não era isso o amor? Dar a vida por outro?

Com essa pergunta em mente e uma absoluta decisão, Aiko guardou um *Riley* no bolso, e com a outra se introduziu na alcova escondida de hera e trepadeiras onde Carrick repousava.

Era sua decisão, seu momento. Por uma vez em sua longa vida, seria dona do seu destino e capitã de seu próprio barco. Por uma vez, só ela mandava.

E ninguém mais.

E demonstraria a Carrick que um sobrevivente como ele jamais deveria viver com vergonha.

Aiko acariciou os lábios dele com a ponta dos dedos, sorrindo ao ver que esse contato fazia cócegas no guerreiro. Quando ele entreabriu a boca, deixou cair um comprimido em seu interior.

Ele não despertaria. Nerthus tinha assegurado que dormia profundamente e que devia aproveitar todos os momentos que a vida lhe desse para abrandar o muro de concreto que rodeava a mente e o coração do vanírio ferido.

Aiko, como boa japonesa, seria rígida e disciplinada em sua tarefa. Não desfaleceria. O vínculo devia se completar para, pelo menos, ter uma oportunidade de viver e seguir com sua relação.

O comprimido estava em cima da língua do Carrick, ainda não o engolira. Tomou seu queixo com dedos um pouco frios pelo nervosismo e inclinou a cabeça sobre a dele.

— Meu primeiro beijo de amor, Belo Adormecido... Um beijo de amor te despertará — murmurou, recordando o conto com ternura. Ren o tinha contado muitas vezes quando era humana e pequena.

Pousou seus lábios sobre os dele, e seu cabelo comprido e negro os cobriu e escondeu do mundo de ódio e destruição que ameaçava impedi-los de se beijar de novo.

IX

Carrick engoliu algo sólido que vinha acompanhado do tato suave, quente e macio de uns lábios.

Jamais tinha experimentado uma sensação igual. O coração disparou e a pele arrepiou. Era agradável sentir. Carrick, incitado pela carícia, decidiu tocar com a língua aquilo que esfregava na sua com tanto acanhamento; e nesse instante, seu adormecido coração bombeou com força no peito de um modo que até sua caixa torácica vibrava.

Um aroma de flores da noite o hipnotizou. Assim cheirava Aiko.

Nesse instante, abriu os olhos, incrédulo ao ser objeto daquela fantasia. A japonesa os tinha fechados e estava beijando-o. Carrick piscou sem compreender a situação, até que se deu conta que o que estava lhe acontecendo não podia ser outra coisa que um sonho.

O penteado de Aiko tinha flores de amendoeira entre as tranças, e ela se vestia como uma ninfa dos bosques, como seus pais, Gwyn e Beatha, tinham lhe assegurado através de suas lendas que se vestiam as fadas e os elfos, a Boa Gente.

Sim. Esses beijos ternos e aquela mão hesitante que acariciava seu queixo áspero pelo começo da barba não podiam ser de verdade; não podia ser um gesto dado voluntariamente. Porque depois de beber dela violentamente até deixá-la exausta, a vaníria jamais o trataria daquele modo tão amável. Não merecia.

Entretanto, por uma vez, Carrick, imóvel, aceitou. Aceitou que só pudesse beijar e tocar Aiko daquele modo em sonhos, e decidiu se aproveitar disso porque seus sonhos nunca eram sonhos, senão pesadelos, e porque esse era o primeiro sonho agradável que tinha depois de que os membros da Newscientists o sequestrou.

Sua respiração se tornou pesada, como pesados eram seus beijos, esquentando e se tornando mais atrevidos e necessitados.

E sim. Estava faminto. De novo. E não queria despertar. Queria ir rápido, não recuperar a consciência e ficar no melhor.

Carrick levantou as duas mãos sem perder o contato do beijo, pousou-as sobre o rosto da Aiko e se endireitou.

— Carrick... — ela sussurrou contra seus lábios.

Ele balançou a cabeça, calando-a de novo com outro beijo mais profundo que o anterior, temeroso de que em seu sonho ela pudesse dizer algo que o incomodasse ou que provocasse seu despertar.

Não queria despertar. Jamais.

Usava uma roupa élfica e ele sabia como devia tirá-la. Porque os bardos conheciam os segredos do mundo élfico, já que assim os tinham instruído de geração em geração. As folhas que cobriam seu torso eram a verdadeira chave e não as fivelas. Acariciou-as, pedindo permissão às sutis trepadeiras que forjavam sua proteção, como um muro. O espartilho abriu de par em par, deixando-a parcialmente nua.

Carrick olhou para baixo e contemplou os seios brancos e perfeitos da japonesa que engoliu em seco, impressionada pela velocidade com a qual ele se movia. Ruborizada por seus beijos, certamente, tanto como ele estava.

Deitou-a sobre o leito de grama, flores e margaridas, e ele se colocou sobre ela. Ansiava tanto fazer amor com ela... Ele jamais tinha feito amor.

Fizeram outras coisas com ele, mas nunca amor.

Tentando afastar os fantasmas de sua cabeça, focou-se apenas em Aiko, que agora rodeava seu pescoço e voltava a beijá-lo como se compreendesse que seus medos tentavam assolá-lo.

— Apenas você e eu, Carrick — disse ela com doçura.

Carrick assentiu com a cabeça e prosseguiu com o trabalho de despi-la. Mas tinha pressa. Se era de verdade um sonho, não haveria tempo a perder.

Subiu sua saia com urgência e escutou a risada nervosa de Aiko. Ele levantou a cabeça, maravilhado por tão doce som.

Passou a mão entre as pernas de Aiko e sussurrou:

— Por favor... — A seguir deslizou a calcinha marrom aveludada que cobria a intimidade da bela japonesa por suas pernas e a tirou pelos tornozelos, envoltos em estilizadas botas élficas.

Carrick se ajoelhou e desabotoou a calça para poder liberar sua ereção.

Desde que tinha visto Aiko, aquela parte adormecida nele costumava despertar pelas manhãs e, principalmente, quando cheirava sua essência, como nesse momento.

Aiko deixou a cabeça cair no tapete de grama verde e estendeu os braços para ele, convidando-o a deitar em cima dela.

Carrick engoliu em seco e assentiu. Mas não sem antes subir a saia para vê-la totalmente nua. A jovem estava úmida entre seu sexo, completamente lisa.

Era um milagre que ainda tivesse a capacidade de sonhar, pensou ele. Sua mente ainda tinha vontade de criar beleza. Como os tecidos que desenhava quando pequeno sobre outros mundos.

Carrick guiou sua ereção para a entrada de Aiko e empurrou, aflito e extasiado pelo prazer do roçar de suas carnes: a sua inchada; a dela estreita e escorregadia.

Ela gritou curvando-se, desenhando um semicírculo com as costas, agarrada a seu pescoço e pendurada nele.

O vanírio ficou imóvel e sorriu interiormente. Guardaria aquele sonho sempre porque tinha sido capaz de criar uma Aiko pura para ele. Era a primeira vez de ambos.

Desajeitada, terna e quente, tanto que não soube deter-se. Carrick a segurou e começou a investir nela com ímpeto. O aroma do sexo e o de seus corpos o excitou ainda mais.

Sentia as paredes internas de Aiko se contrair, absorvê-lo como se dissessem a gritos que aquele sempre foi seu lar. Um lar descoberto muito tarde e sob o influxo do sonho.

Carrick a cobriu com todo seu corpo sem deixar de se mover em seu interior.

Ela, tão acelerada quanto ele, passou as mãos por sua camiseta com todo o ardor que lhe proporcionava e deixou seu torso descoberto, liso e perfeito, já que seu sangue o tinha curado totalmente. Inclusive tinham desaparecido as

cicatrizes que trazia no crânio, produto dos cruéis experimentos em Chapel Battery.

Carrick afundou o rosto no pescoço de Aiko e grunhiu com raiva por ter sido vítima de tal tratamento. Os quadris balançavam pra frente e pra trás, até lá no fundo, e Aiko gemia e murmurava palavras em japonês que a ele soavam a glória.

Mordeu Aiko para beber dela enquanto seu corpo começava a tremer com os primeiros estertores do orgasmo.

E em seu sangue, desta vez, pôde ver a pequena *kofun* que foi. A traição que seu clã sofreu sob o comando de Seiya, o irmão gêmeo do Kenshin. Descobriu que teve um irmão que perdeu em Diablo Canyon. Entendeu a dor da perda de Ren e por que o olhou com tanta raiva quando ele mesmo tentou se sacrificar ao acreditar que estava morta. Aiko não acreditava na rendição porque isso era coisa de covarde. Compreendeu por que ela era quem era e como era. Soube que embora tivesse um corpo muito jovem, era toda uma mulher de mil e quinhentos anos. Uma anciã envolvida em muitas guerras, que sempre brigou pelos justos e que nunca abandonou seu clã. Essa lealdade e essa entrega foi o que mais impressionou Carrick.

Não eram muito diferentes um do outro. A mesma coisa movia os dois, a solidariedade e a lealdade a si mesmo e aos demais; a todos aqueles que seguravam uma arma e a erguiam para brigar lado a lado em honra à verdade.

Carrick sentiu o momento exato em que Aiko começou a alcançar seu orgasmo. E embora o tenha surpreendido que ela o mordesse, permitiu que o fizesse e que bebesse o quanto desejasse, porque enquanto ambos gozavam e bebiam um do outro, um sonho não podia mudar nada de sua vida real.

Porque sonhos eram só isso, sonhos.

E seu segredo continuava bem guardado, como sua vergonha.

Quando Aiko deixou de beber, fez por necessidade, porque não podia suportar mais dor e mais crueldade. O sangue de Carrick se abriu diante dela sem nenhum obstáculo. Suas lembranças, gravadas todas em seu DNA e em sua

mente, vieram para fustigá-la e para lhe dar uma lição: deu-se conta de que seu sofrimento tinha sido infantil comparado com tudo o que o valente e protetor vanírio vivera em nome de todos, para proteger as crianças que viviam com ele nesse buraco de ódio, abuso e violência. Carrick foi o Peter Pan de todos eles, que cuidava deles, que lhes transmitia que apesar do sofrimento e dos maus tratos, inclusive nesse inferno continuavam tendo a ele e continuavam sendo como uma família. Ele se converteria em seu lar.

Sim, uma família perdida, com a inocência quebrada e arrastada pelo lodo. Mas ele deu a cara por cada um deles.

E Aiko se encheu de admiração e de vergonha, golpeada pela bofetada da honestidade. Vergonha por ela, por suas queixas fúteis, porque uma eternidade apenas não podia se comparar com os castigos eternos e humilhantes que ele sofreu sob a direção dos humanos dia após dia enquanto esteve cativo. E tudo por quê? Porque ele possuía algo que eles não tinham. Imortalidade, pureza, valentia, dignidade e poder. E o temiam. Por isso quiseram destruí-lo.

Por esse motivo torturaram e humilharam a centenas de crianças e guerreiros que poderiam ter salvado seu mundo. Por ambição e avareza. Por inveja e cobiça.

Malditos pecados capitais que manchavam de sangue e dinheiro as almas da espécie humana e que a cegavam para que nunca vissem que a magia os rodeava, nem para que compreendessem quão insignificantes na realidade eram.

Nada comparado com a magnanimidade e a força dos vanírios ou dos berserkers.

Enquanto Carrick continuava movendo-se dentro dela, Aiko sufocou um soluço de ira reprimida e de ânsia de vingança, e se abraçou a ele, a esse herói com aspecto de príncipe incorruptível, para lhe transmitir quanto desejava curar cada ferida de seu espírito quebrado.

— Carrick...

Iria amá-lo toda sua vida por isso.

Nesse instante de entrega absoluta e certa surpresa por cada revelação, por cada ferida aberta e que supurava, e por esse reencontro com sua alma gêmea, a única que podia complementá-la, Aiko decidiu que lutaria o tempo que ficasse ao lado de Carrick.

Jamais o abandonaria. Esse era seu momento. E não importava se tratava de um só instante, de umas horas ou de dias.

Carrick era dela. E de ninguém mais.

E se finalmente seus dons não conseguissem evitar a destruição final, quando a luz se apagasse e tudo ficasse escuro, a única mão que iria querer manter agarrada à sua seria a dele.

— Não sei quando despertarei deste sonho — sussurrou Carrick com voz áspera, ainda duro em seu interior —, mas me deixe aproveitar o tempo que resta dentro de você. Seu corpo me enche de luz e esperança.

Aiko acariciou sua cabeça raspada com os olhos cheios de lágrimas e de amor incondicional por seu companheiro, e sussurrou ao seu ouvido:

— Para você, o que quiser.

Aiko desconhecia quanto a *Riley* duraria no corpo do vanírio, mas deixou de perguntar quando Carrick voltou a começar de novo a construir um mundo entre eles repleto de sensações e tato, e uma lembrança permanente que ela guardaria como um tesouro para sua efêmera eternidade.

E a segunda vez, a segundo troca, a segunda entrega por amor, foi melhor que a primeira.

Quando Daimhin despertou, a primeira coisa que viu foi Steven, sentado sobre o mesmo leito de pedra e musgo que ela, vestido com roupas incomuns, próprias dos duendes e elfos. Brincava entre seus dedos com uma margarida e a cheirava concentrado em seus pensamentos. O topete vermelho voltava a estar perfeitamente penteado para cima; e o brinco de sua orelha refulgia sempre que uma luz cintilante e suspensa, uma chama azul, movia-se ao redor deles.

— Luzes — sussurrou estupefata. Enrugou as sobrancelhas loiras e finas, e se levantou subitamente, estudando perplexa as chamas flutuantes. — Fazia tanto tempo que não as via...

Ele a olhou com intensidade e negou com a cabeça.

— Não são apenas luzes. São luzes mágicas, almas mensageiras que devem sussurrar segredos...

— Não são luzes mágicas — retrucou levantando do leito e afastando-se ligeiramente dele. — É um fenômeno natural comum na Escócia — explicou sem muito encanto. — É produzida pela filtração da quantidade de pântanos e brejos através das camadas terrestres. Não sei onde estamos exatamente, mas asseguro que estamos debaixo de um pântano ou algo assim. A água penetra através das paredes destas rochas esculpidas.

— São luzes mágicas e pronto — cortou ele, levantando-se por sua vez para colocar-se a seu lado. — Já não acredita em contos de fadas, Barda?

Daimhin não pôde reagir ao encanto e à beleza de Steven de outro modo que não fosse olhá-lo fixamente, tensa e também um pouco nervosa pelo efeito que provocava nela. Seus olhos brilhavam cheios de vida, amarelos como o sol, compartilhando também seu calor. Sorria como se soubesse as verdades dos Nove Mundos e cheirava a laranja... E ela adorava laranjeira; adorava o perfume que emanava de suas folhas e frutas. Isso lhe lembrava a menina que uma vez foi.

— Por que estamos aqui? — apressou-se a perguntar, evitando a resposta. — O que nos aconteceu?

— Não é óbvio, sádica? — disse ele dando uma volta sobre si mesmo com os braços abertos. — Nós nos reunimos com Arwen e Légolas para uma festa dos elfos.

Os olhos alaranjados da bela vaníria dilataram, como se seu cérebro captasse a brincadeira imediatamente. O canto de seu lábio estirou levemente, como faria um chiclete duro.

— É uma piada, suponho.

Steven revirou os olhos e exalou cansado. Pegou-a pela mão e puxou-a com energia e força.

— Claro que é uma piada. Nerthus veio nos ver, seus *elver huldre* nos salvaram do veneno das serpentes douradas dos elfos sombrios Svartálfar — introduziu-se através do portal no qual as luzes azuis entravam. Devia segui-las. — Carrick e Aiko também estão bem.

— Onde está meu irmão? Quero vê-lo.

— Logo os encontraremos, não se preocupe. Nerthus me disse que temos algo a fazer, e que quando despertasse devíamos seguir as luzes e nos encontrar com os *huldres*.

Daimhin cravou os calcanhares de repente, séria e inflexível em sua decisão de não prosseguir.

— Diz que Nerthus veio nos ver?

— Sim.

— A mãe da Freyja? A Deusa Mãe?

— Sim.

— E... Como é?

— É tão bonita como sua filha.

Daimhin franziu o cenho. Um desconhecido receio percorreu seu estômago como ácido. O que era essa sensação? As presas alongaram como se estivesse disposta a morder alguém forte o suficiente para arrancar um membro ou outro.

Steven a olhou de esguelha e sorriu.

— O que foi? E essa cara de cachorro?

— Não aconteceu nada — respondeu sem vontade. — E não tenho cara de cachorro. E diz que vamos nos reunir com os *huldres*? Os *elver huldres*, os elfos que ficavam em contato com os druidas de meus antepassados? — perguntou ainda ressentida, tentando soltar-se de um puxão do férreo aperto do berserker.

— Sim. Foi o que disse.

— Uau...

— Parece emocionada — Steven continuou puxando-a, envoltos pelas luzes flutuantes em um corredor tão escuro como a noite. — O que foi?

Daimhin passou a língua pelos lábios e sacudiu a cabeça, consternada.

— É só que jamais vi um. Sei que existem, meu pai me falou deles. O pai dele também falou da Boa Gente... Tenho vontade de vê-los.

— Daimhin, é vaníria. Tão mágica como eles — Steven se deteve quase no final do longo corredor, quando a claridade e a corrente de ar se faziam mais patentes, e o leve vento trazia os murmúrios de uma multidão falando e rezando em idioma antigo. Seja o que for que iriam encontrar no final desse túnel, sem dúvida seria a primeira vez para eles.

— Não entende. Não importa.

— O que eu não entendo?

— Tudo. Não faz a menor ideia.

— Pois serei idiota, e que conste que não é nenhuma novidade. Mas aprendo rápido — Steven se plantou diante dela, tão enorme e alto como era. — Explique para mim. O que está passando por essa sua cabeça dura, sádica? Não leio a mente como você. Não sei nada de você. Conta pra mim — animou-a.

Ela deixou o ar sair com cansaço e o olhou de frente.

— Não entenderia.

— Me teste.

— Sou uma barda, Steven. Os bardos têm relação especial com o mundo feérico, com elfos e duendes; mas eu jamais tive nenhuma — respondeu nervosa e afetada. — Nunca falaram comigo. E nunca o farão — engoliu em seco com vergonha, agitada por pensar que quando os elfos lessem sua alma e vissem o quanto era suja, não iriam querer ter contato com ela. — Não sou digna da Boa Gente.

Essas palavras golpearam o coração de Steven. Que uma garota como essa, tão cheia de magia e de coragem, dissesse que não era digna... Não podia permitir.

— Daimhin — Steven deu um passo à frente e a pegou pelo queixo para erguê-la, para que seus olhos atormentados se encontrassem. — Você tem os olhos mais incríveis que eu já vi, mas eles enxergam menos que os de uma toupeira. E acredito que se os anjos existissem teriam seu rosto.

— Não sou um anjo...

— Cale-se — grunhiu. — Não vê as asas. Não as vê como eu. Quando os *huldres* a virem ficarão sem palavras, tal como eu fiquei ao te ver pela primeira vez. São eles os que têm a honra de te ver e contemplar, de falar contigo. Eles. Não o contrário. Não volte a dizer que não é digna, quando são os demais que não somos dignos de você.

O silêncio entre eles se fez pesado e expectante.

Daimhin sentiu alegria e angústia na altura do peito por ser a receptora de tão belas palavras. Não as merecia. Ela não podia merecer tais lisonjas.

Pequena idiota... Só se veja como eu te vejo, pensou Steven.

Por que me diz isso? Ela se perguntou perdida, sem saber o que fazer nem o que sentir. *Por que me olha assim? Não me vejo no reflexo de seus olhos, não vejo o que você vê... Não sei o que espera de mim.*

O pomo de Adão do berserker se moveu de cima a baixo; e com a suavidade das asas de uma mariposa, segurou o rosto dela no alto. As luzes azuis revoaram sobre suas cabeças e os sussurros dos elfos impregnaram o ambiente como vozes longínquas e proféticas.

— O que está fazendo? — disse Daimhin, assustada.

— *Thoir pàg dha Daimhin*. Dar um beijo em Daimhin.

— *Pàg?* Um beijo? — repetiu absorta na doçura do olhar de Steven.

Nunca a beijaram. Os beijos deixaram de ser belos para ela... Entretanto, poucas vezes tinha vivido um momento mais belo que aquele. Rodeada de luzes mágicas, embora dissesse que não acreditava nelas. Cortejada pelo guerreiro mais sexy e vistoso que já viu em sua vida.

Os vanírios tinham boa aparência, bonitos guerreiros, pois Freyja, vaidosa e bela como ela era, não podia permitir que seus filhos não fossem. Os berserkers eram mais masculinos e selvagens, mais terrestres... Mesmo assim Steven era bonito, como se ser bonito fosse pecado.

Daimhin fechou os olhos a ponto de começar a chorar por medo e nervosismo. Esta era ela de verdade? Aceitaria um beijo de Steven? Por que ele era diferente? Por que a fazia sentir-se merecedora de um beijo de amor?

Levantou o queixo e fechou os olhos.

Steven sorriu como um homem apaixonado e decidiu pousar seus lábios sobre os dela.

— Lamento muito interrompê-los, *bom priumsa*, minha princesa.

Daimhin se afastou de repente, escorregando dos dedos de Steven como se tivesse sido um sonho impossível, tão fugaz como uma estrela.

Os olhos do Steven avermelharam de frustração ao ver que o elfo que quase o insultou na câmara subterrânea justo quando ele acabava de despertar estava plantado na saída do túnel, com um joelho cravado no chão e os olhos prateados fixos nela.

Agia como se ele não existisse, o maldito.

Daimhin piscou impressionada ao ver o elfo. Seus olhos se encheram de encanto ao contemplá-lo, como se de repente todos os mundos mágicos que ela tinha negado em seu cativeiro se abrissem de repente, como um amanhecer.

Steven experimentou o primeiro murro do ciúme em pleno plexo solar.

Esteve a ponto de beijá-la; ela o queria tanto como ele, e de repente ficou ofuscada pelo *huldre*. E ambos, tanto o elfo como a Barda, afastaram-no da equação.

O rosto do berserker azedou.

Daimhin se aproximou do elfo como se seus passos tivessem vida própria. O cretino a tinha chamado “minha princesa”. Teria que deixar bem claro que Daimhin não era de ninguém, e caso fosse, seria dele. Não de um *huldre* vestido com malhas verdes e couro marrom, miçangas douradas, um brinco com uma bola de brilhante e os braços decorados com braceletes transbordantes de verdor.

— Este é Rulos, o elfo — apresentou Steven de má vontade para romper o feitiço nascendo entre eles.

— Meu nome é Raoulz, princesa — corrigiu o elfo, dirigindo um olhar compreensivo para Steven, olhando-o como se fosse lerdo e não soubesse somar dois mais dois. — Esperávamos seu despertar com ânsia. É uma alegria imensa ter aos filhos dos bardos conosco.

Raoulz ofereceu sua mão e Steven teve que contemplar com amargura como Daimhin, tão reticente como esteve a respeito dele a tocar, não teve dúvida alguma em pousar a mão sobre a de *huldre*, e inclusive sorriu entre o acanhamento e o flerte.

— Esperavam-nos?

— Sempre — respondeu terminantemente Raoulz. — Permita que eu te acompanhe ao Salão da Boa Esperança, e ali poderemos informá-la sobre tudo o que nos acontecerá neste futuro iminente. Seria uma honra desfrutar de sua companhia, bela Daimhin.

Bela Daimhin?, perguntou-se Steven. Ele tinha que medir suas palavras para não assustar a Barda e acaba que ao elfo permitia tudo.

— Vou operar a porra das orelhas — murmurou em voz baixa.

Daimhin afirmou com emoção e caminhou como uma princesa ao lado de seu príncipe através da saída do túnel. Justo quando ambos estavam a ponto de

desaparecer, Daimhin se deteve na soleira, olhou por cima do ombro para Steven e disse sem soltar a mão do *huldre*.

— Você vem, berserker?

Steven engoliu o rancor e o ciúme e moveu a cabeça afirmativamente.

— É óbvio, sádica.

Quando o berserker os seguiu, levou a mão ao bolso da calça em que repousavam os comprimidos *Riley*.

Não precisou deles para ter estado a ponto de beijá-la. Não tinha precisado nem de magia, nem de ervas, nem de força. Mas Raoulz os interrompeu, e agora parecia uma cena longínqua e inatingível.

Não os usou ainda porque não queria abusar e pegar Daimhin de guarda baixa. A ordem de Nerthus foi clara. Devia usar os *Riley* porque os novos dons resultantes da vinculação poderiam ser de ajuda no destino dos deuses e do Midgard. Muitas coisas dependiam disso.

Não. Corrigiu-se. Tudo dependia deles.

Talvez devesse deixar suas objeções de lado e ser como o cara sem interesse e irresponsável que sempre fora. Dessa maneira, afastaria sua consciência e faria o que um homem tinha que fazer, embora fosse mediante uns comprimidos: ensinar à mulher destinada a ele que na realidade foram feitos um para o outro.

X

O Salão da Boa Esperança era uma catedral subterrânea parecida com um anfiteatro, coberta por ramos e raízes grossas, musgo, rocha branca e brilhante, pequenas cataratas e rios que derivavam em caminhos e repousavam em lagos e lagoas.

Nunca poderia ter imaginado que nas entranhas da terra teria tanta beleza e tanta vida. Seu pai e sua mãe contaram a eles que era igual tanto embaixo quanto em cima. Chamava-se Princípio de correspondência. E agora entendia.

Em um dos lagos se refletia a lua, que iluminava toda a ampla gruta com seu resplendor. Daimhin olhou para cima para compreender como estava ali refletida, e encontrou um grande orifício no teto que imaginava subir até a superfície da terra; e era por ali que assomava o astro da noite, como uma criança que se erguia a uma janela para ver o que havia atrás dela.

Estranhos pássaros luminosos brincavam através das flores e trepadeiras que recobriam cada canto, varanda natural e FRESTA do coliseu mágico.

Os *huldres* se achavam no centro, sentados sobre uma pedra lisa usada como plataforma, lado a lado, rezando e criando círculos concêntricos, balançando-se de um lado a outro ao redor de um altar de pedra verde esmeralda.

Os elfos eram seres bonitos e estranhos. Altos, de formas suaves, sem muita massa muscular... As mulheres se vestiam com túnicas verdes adornadas com ornamentos dourados tanto nas mangas como no cinturão. Tinham o cabelo negro e absolutamente pesado, com franjas compridas e alguns emolduravam seus olhos alongados por todo tipo de cores.

E os homens usavam roupas com as mesmas tonalidades das femininas, com exceção dos que usavam malhas verdes escuras e botas de couro marrom.

Raoulz não soltou a mão dela em nenhum momento enquanto levitavam, como duas plumas, passando por cima das cabeças dos *huldres* até pousar sobre o altar de pedra esmeralda. Um altar parecido ao palco de um candidato às eleições.

Quando os elfos viram Daimhin, todos deixaram de rezar e cantar, e emudeceram diante da beleza da jovem e de como sua presença era especial.

Raoulz levantou uma mão para que todos os atendessem e se dispôs a recitar um discurso.

— Desde tempos ancestrais — disse o elfo com voz melódica e hipnotizante —, éramos nós que entrávamos em contato com todos aqueles humanos especiais que podiam nos ouvir e ver. Aqueles destinados a preservar uma mensagem de paz e harmonia entre os mundos, e nunca foram muitos — esclareceu. — Fomos à procura desses poucos bardos, poetas e trovadores para mostrar a eles que a magia existia e que, na realidade, não estavam sozinhos. Deviam transmitir essa mensagem de geração em geração aos humanos. Mas quando a escuridão assolou o Midgard e os filhos de Loki nos caçaram, decidimos nos esconder no interior da Mãe Terra e rezar por eles à distância, para preservar nossa estirpe. Nerthus nos cobriu em seu Midgard nos ocultando aos olhos do Reino Médio. Até o dia de hoje. Pode ser que a guerra que arde na superfície não tenha nada a ver conosco — assinalou com voz dura —, mas devemos a nossos irmãos mais velhos Alfheim, os elfos da luz do Asgard, e a nossa deusa Nerthus. E é nossa missão ajudar a princesa barda.

Princesa barda? perguntou Daimhin a si mesma espantada. Ela? Uma princesa? Do que o elfo estava falando?

— Daimhin — Raoulz ergueu a mão que segurava e se ajoelhou diante dela. — É a única barda pura que reside no Midgard.

— Meu irmão Carrick também é — retificou ela. — A propósito, onde está? — olhou ao seu redor à procura dele.

Os olhos prateados de Raoulz faiscaram.

— Carrick é um bardo diferente de você. Seu pai Gwyn os formou muito bem, como formou seu pai em Casivelânia quando ainda eram simples humanos... Como seu bisavô formou a seu avô. O dom dos druidas bardos se transmite de geração a geração, como seus conhecimentos. Mas o dom não é o mesmo para todos. Por isso estão aqui. Por isso nós os resgatamos. Os *elver huldre* mais antigos — assinalou uma gruta em que três elfos de cabelo branco se misturavam com as raízes das árvores subterrâneas até quase serem absorvidos por eles. Sua pele curtida tinha restos de casca e musgo e seus olhos azuis estavam cobertos pelo tecido acinzentado dos cegos — falam de um mensageiro que voa a grande velocidade para um bardo puro e mágico. A mensagem que tem para dar pode mudar o destino de nossa realidade. Varremos toda a superfície da terra em busca desse ser e encontramos vocês, bem no instante em que os *Svartálfar* os atacavam. A providência e a visão dos anciões fizeram o milagre. Por isso continuam aqui com vida. A mensagem será dada a um de vocês dois. E em sua travessia, nós os assistiremos até o final. É nosso dever.

— Que mensagem? E meu irmão? — Daimhin olhou para Steven, perguntando-se se ele sabia algo mais sobre o que se supunha que aconteceria.

O berserker, que tinha dado um grande salto até cair agachado entre a multidão de elfos que o olharam espantados, abriu espaço quase a cotoveladas até se localizar a menos de três metros dela entre os *huldres*.

Steven lhe transmitiu tranquilidade com o olhar. Ele estava ali e ela não tinha nada a temer. Realmente, ninguém poderia lhe fazer mal nesse lugar. Estavam protegidos por Nerthus e os *elver huldre* eram amigos. A única coisa que deviam fazer era esperar receber essa mensagem e depois ir embora.

Raoulz disse algo que a jovem não estava de acordo. Carrick era tão bardo quanto ela. Podia rezar e escrever como qualquer druida com amplos conhecimentos. A única coisa que os diferenciava era o dom de suas vozes. Ela podia mudar estados, despertar intuições e engenhosidade e gravar conhecimentos em outros, desde que o dissesse cantando. Carrick preferia escrever em vez de rezar.

Nesse instante, mais um elfo acompanhava Carrick levitando sobre o altar, e o depositava bem ao lado de sua irmã.

Assim que o viu, Daimhin o abraçou com força, embora não lhe passou despercebido o cheiro de vinculação que seu corpo exsudava. Um aroma agradável e ao mesmo tempo muito potente.

A jovem se afastou de repente e franziu o cenho.

Carrick, em troca, tranquilizou-a acariciando as tranças de seu penteado.

— Está linda, *piuthar*.

Ela o olhou de cima a baixo. Carrick não só estava bonito, como se estivesse acostumado a usar aquelas roupas de folhas, couro e ouro. Havia algo em sua aura, algo em sua atitude que afetava seu rosto e o relaxava, como um sedativo. Entretanto, seus olhos castanhos estavam mais vivos que nunca. E esse estranho aroma em sua pele, como se as flores da noite tivessem aberto para empaná-lo em seu pólen...

— A que cheira? — perguntou em voz baixa.

O certo era que Carrick não soube responder, porque nem ele compreendia esse aroma de vinculação. Teve um sonho muito úmido e muito bonito com Aiko. Ele, que só tinha pesadelos e terrores noturnos, por fim tinha afastado a escuridão e se encheu subitamente de beijos, carícias e palavras de amor e aceitação.

Foi maravilhoso. Inclusive quando abriu os olhos logo depois do segundo orgasmo estava úmido, e podia decifrar o aroma do sangue nessa área do seu corpo, mas não o compreendia... Sangue de quem? Estava completamente limpo. E foi apenas uma aventura astral.

Convenceu-se que foi tudo um sonho, embora com conotações muito reais. Isso era tudo. Não obstante, se antes se sentira possessivo com Aiko, depois de ter esse sonho com ela era muito mais.

A japonesa era seu apoio entre o mundo das sombras e o da luz, sua boia no mar mais agitado... Sentia que a tinha amado a vida toda, sem saber sequer que existia. Era amor. Amor vanírio, louco, desesperado e irracional.

E para alguém acostumado a controlar sua fúria e a dominar tudo, esse súbito conhecimento, aqueles repentinos sentimentos, eram refrescantes e inundavam alguém de vida. A pergunta era se Aiko estava disposta a não beber

dele. Era muito difícil, e sabia. Mas se sua *caraid* assomasse ao mundo de suas trevas e visse o quanto na realidade estava sujo, ela o abandonaria; e pior ainda: também se mancharia.

E não podia permitir. Já era suficiente que um dos dois estivesse defeituoso.

— Bardos — chamou-os Raoulz, pegando em seus ombros para colocá-los de cara ao grande buraco que havia no teto pelo qual aparecia a lua. — Só um dos dois será o grande receptor. Chegou o momento.

— E quem pensa que vai nos trazer a mensagem? Um pássaro? — perguntou Carrick.

Daimhin ainda continuava olhando para ele de esguelha, assombrada pela mudança patente que seu irmão apresentava; como se de repente tivesse tirado dos ombros mais de meia condenação. Por quê? O que tinha acontecido?

Daimhin levantou o olhar, mais para procurar Aiko que esperar que alguém viesse lhe entregar alguma mensagem.

Encontrou a japonesa vestida mais ou menos como vestiram a ela, localizada ao lado de Steven. Ambos falavam sobre algo que não podia ouvir... E lhe pareceu irritante e estranho porque estava na mente de Steven, ancorada ali, mas então por que não podia ouvir seus pensamentos?

— Só devemos esperar para receber a mensagem. Paciência.

Daimhin se concentrou no orifício do teto, esperando algo que desconhecia. Os elfos, que permaneciam agarrados uns aos outros, continuavam balançando-se, cantando em voz muito baixa e repetitiva.

— As vozes de nossos *huldres* guiarão o mensageiro até aqui — sussurrou Raoulz ao seu ouvido. Daimhin não se afastou, olhou-o por cima do ombro sem se alterar.

— Quem é o mensageiro?

— Saberemos agora.

Com seus olhos laranja fixos no enorme buraco da pedra, começou a escutar um estranho bater de asas, tão veloz como o de um colibri, mas menos pesado.

A Barda agarrou o corrimão de jade do altar, inclinando-se para frente... O que vinha tinha asas, estava convencida.

— Já se aproxima — disse Raoulz, tão concentrado quanto ela.

Carrick se aproximou de sua irmã e segurou sua mão para apertá-la com cumplicidade. Ambos se olharam, expectantes como todos ali presentes. E então, através do funil de pedra, saiu uma luz que voava fazendo círculos. Sua luz se refletia na água em que a própria lua se estampava.

O ser se deteve no lago como se olhasse seu próprio reflexo. Depois tocou a água com a ponta dos pés provocando ondas no espelho líquido. Em seguida, continuou sobrevoando a gruta, passando entre os cabelos e as orelhas dos *huldres* até que se deteve a dois palmos de Daimhin, suspensa no ar, ignorando por completo Carrick.

A vaníria entrecerrou as pálpebras com incredulidade e descobriu que não era nem um colibri, nem uma libélula... O suposto mensageiro que devia falar com um dos bardos era nada mais, nada menos, que uma fada.

E a fada tinha escolhido a ela.

Os bardos como eles conheciam a todos os seres feéricos, e não por tê-los visto, mas sim porque lhes instruíram sobre essas entidades desde bem pequenos. Sabiam que eram especiais e que se comunicavam com as pessoas sensíveis e mágicas.

Desde que tinha se lançado pela greta com Steven trespassado por sua espada não só tinha lutado contra purs e etones poedores de ovos... Aiko tinha ressuscitado de sua morte. Os *Svartálfar* os atacaram, os *huldres* se encarregaram de salvá-los e curá-los, e Nerthus apareceu diante deles para dizer qual era sua nova missão.

E agora, era uma fada quem tinha decidido que o bardo eleito seria ela e não seu irmão Carrick.

Explicaram a eles que do próprio pó da criação nasceram as fadas. Que tinham muitos tipos e que os deuses as guardavam em caixas chamadas *handbök* para serem utilizadas mais tarde no jogo de procurar tesouros. As fadas eram guias para aqueles aos quais eram predestinadas. Essa em particular era uma mulher de cabelo negro muito curto, vestida em ouro, cujo pó mágico iluminava sua silhueta. As fadas só falavam com bardos e com valquírias, e fora assim desde tempos ancestrais.

Ela era a Barda, não havia perda.

— Olá — murmurou Daimhin, admirada pela sutil beleza daquele ser voador. — Como se chama?

A fada voou até se colocar quase sobre seu nariz. Deu-lhe um beijo na ponta e disse:

— Electra.

— Electra? Bonito nome... De onde vem? O que quer?

— Venho das terras geladas da Noruega. Acompanhei o filho do *Alfather* e a sua mulher em sua busca do objeto.

— O filho do *Alfather*?

— Sim. O deus dourado — explicou com clara evidência. — E a valquíria que não é valquíria... Eles já cumpriram sua tarefa. Agora é sua vez.

Embora Daimhin não compreendesse de quem estava falando nem tampouco o que fizeram, ansiava saber por que Electra contatava com ela.

— O que devo fazer?

— Sou uma fada especial, a única que pode guiar a duas pessoas em um mesmo voo.

— Guiar a duas pessoas?

— Sim — revoou e deu uma volta sobre seu próprio eixo. — Depois do filho do *Alfather*, cujo nome falso é Noah, é sua vez, Daimhin — sorriu com doçura. — Vou te guiar até seu objeto mágico.

Noah? O berserker de cabelo branco e olhos da cor do sol era filho do *Alfather*? Como era isso possível?

— Qual é meu objeto mágico?

— Isso não sei.

— Tenho que ir em busca de um objeto... Eu? — repetiu aturdida.

— Claro. Os deuses o guardaram só para você — apontou para ela com o dedo indicador e a bunda arrebitada.

Incrível. Os deuses contavam com ela para algo? Por quê?

— Quando Electra levar você até seu objeto irá embora — prosseguiu a diminuta criatura alada. Agitou as asas com força — para finalmente se reunir com suas irmãs e descansar longamente sobre as flores em um sono rejuvenescedor. — Juntou as mãos e apoiou a bochecha nelas, como se fosse dormir.

— Morrerá — esclareceu Daimhin cruamente.

— Sim. Morrerei.

Daimhin sorriu compreensiva. As fadas não davam importância ao fato de morrer porque para elas era como hibernar. Uma vez que voltavam a obter a energia da flora mágica de seu reino, elas reviviam de novo.

— Quando começa minha viagem? — perguntou a vaníria.

— Agora mesmo. Deve se despedir de seu irmão. Ele não pode vir.

— Ele não pode? Por que não? Meu irmão vem comigo para todos os lados — respondeu receosa.

— Desta vez não.

— Me dê uma razão.

— Porque é um bardo diferente de você, e eu só posso falar com um. Apenas com um. Carrick tem outra missão a cumprir... — Electra dirigiu seus olhos claros para seu irmão. — Ele deverá ir em busca de ajuda e depois retornar para unir-se à sua tarefa. Que reúna aos exércitos para lutar.

— Mas para onde iremos?

— Ainda não sei. Está em movimento...

— E como saberá onde tem que ir?

— São irmãos, não? Os vanírios têm laços mentais com os de seu próprio sangue.

— O que diz a fada, *piuthar*? — perguntou Carrick.

— Que devemos nos separar — respondeu angustiada. — Você deve ir em busca de ajuda e depois nos reuniremos para lutar juntos. Enquanto eu vou em busca de um objeto que os deuses têm para mim.

Carrick tomou ar pelo nariz e abaixou a cabeça. Não suportava deixar sua irmã sozinha. Mas em pouco tempo entendia que o Fim chegava a passos gigantes e necessitariam muita ajuda para mostrar resistência.

— Não quero te deixar, Daimhin.

— Nem eu quero que me deixe — sussurrou ela, assustada.

— Nós acompanharemos a princesa Daimhin para que consiga seu objetivo — disse Raoulz sem alterar o tom de voz. — Não permitiremos que nada aconteça a ela. Pode ir tranquilo, Carrick. Sua missão também é a nossa.

— Devem partir já — ordenou Electra. — Há muito por fazer. O jovem Bardo deve dar o aviso o quanto antes e você deve achar o tesouro. — Puxou uma mecha de cabelo loiro de Daimhin. — Os *Svartálfar* não demorarão a encontrar o reino dos *huldres*... Vêm para cá. Vão destruí-los. E também sabem o quanto os Bardos são especiais. Não descansarão até encontrá-los.

Os olhos prateados de Raoulz se impregnaram de uma profunda tristeza e melancolia enquanto olhava seu lar, essa gruta plena de vida e alegria, povoada de *huldres* e demais seres mágicos de Nerthus que queriam destruir. O mal pisava forte no Midgard, sem contemplações e sem compaixão.

— Nós estamos preparados para partir — informou Raoulz. Não podiam se atrasar mais. Se os *Svartálfar* estavam procurando-os, não demorariam a achar a gruta sagrada com sua magia negra. — Que os guerreiros venham comigo! — gritou levantando um bastão de madeira que repousava em suas costas. — Chegou a hora!

Uma centena de elfos levantaram seus bastões e gritaram em uníssono.

Os demais sentados em círculos, a maioria mulheres, anciões e crianças, continuavam se balançando e rezando em voz baixa, com um zumbido constante.

Daimhin os olhava, confusa. Eles iam ficar ali?

— Não vão levar os outros? — perguntou de repente.

Raoulz negou com a cabeça, disposto a expor suas razões.

— Nosso povo precisa de outro lugar no qual viver e nascer. Outro reino mágico ao qual amar e proteger... Aqui já não há amor a dar nem receber. Por isso, vão alçar de dimensão com seus cânticos e desaparecerão... Procurarão outro lar melhor. Fora dos Nove reinos do Asgard. A nosso povo não regem as leis de Nerthus ou dos aesir. A nós, só nos atrai o curso da vida.

— Crê que há mais reinos? — Daimhin não acreditava.

— Vivemos em uma realidade infinita, minha princesa. Há tantos mundos como deuses e estrelas. Só terá que descobri-los.

Ela admirou o bamboleio dos elegantes corpos desses seres. Seus olhos fechados, suas cabeleiras lisas e escuras se movendo ao mesmo ritmo; suas peles com ornamentos de outras tonalidades mais marcadas e as orelhas bicudas... Eles veriam outras realidades algum dia.

— Quisera eu poder ver esses mundos alguma vez... — desejou em voz alta.

Raoulz colocou uma mão sobre seu ombro.

— Sempre há uma possibilidade, princesa. Sempre há uma solução, se essa for sua vontade.

Carrick desceu do altar e passou com cuidado entre os *huldres* que meditavam e cantavam, a ponto de alcançar o êxtase.

Steven e Aiko permaneciam de pé falando um com o outro, mas se calaram quando ele se aproximou. O berserker tinha os olhos muito amarelos cravados no *huldre* que adorava a Daimhin, e Carrick podia compreender o que pensava, porque ele, para sua surpresa, pensava igual. Por fim, algo no qual podiam estar de acordo.

Raoulz era o príncipe dos *elver huldre* e tinha um interesse mais do que evidente por Daimhin. E era surpreendente, porque embora alguém como sua irmã fosse feita para um mundo de elfos e fadas, Carrick sabia que só havia um homem que a protegeria melhor que ele mesmo. E esse era Steven.

Sabia por sua feroz fachada, reconhecia por sua inflexão e sua atitude protetora para sua *piuthar*. E, acima de tudo, via porque olhava a Daimhin como ele olhava Aiko, como se fosse o lar pelo qual lutar, a mulher a amar e a alma a iluminar.

Os berserkers chamavam de *kone*. Os vanírios chamavam de *caraid*. Mas sua devoção era a mesma.

Os olhos escuros e puxados de Aiko o olharam de cima a baixo e se iluminaram com algo parecido à lascívia ou fome.

Carrick se incomodou e notou que ficava duro. Aquilo não era nada normal. Estava ficando louco por culpa da japonesa.

— Aiko — Carrick ofereceu sua mão com a palma para cima. — Vamos viajar até Wester Ross para avisar os cabeças raspadas. Venha comigo.

A vaníria achou graça da ordem imperativa, sem lhe dar opção à réplica ou negação. Gostou que se sentisse possessivo com ela. Carrick não notava, não sabia, mas ela estava em sua cabeça sem que ele percebesse. Saberia tudo. Ela se inteiraria de tudo, porque seu dom foi revelado e o utilizaria para seu próprio benefício.

Compreenderia-o antes que ele compreendesse a si mesmo. Fizeram amor pela primeira vez. Carrick ficou adormecido depois da segunda troca, tempo que

ela aproveitou para se limpar e a ele. Embora o aroma do sangue do verdadeiro casal era quase inapagável, fazia um bom trabalho.

Sentia-se um pouco dolorida. Mas tudo tinha valido a pena. Carrick era perfeito para ela. E o queria a seu lado sempre. Seu sangue era um manjar delicioso que nem os próprios deuses poderiam igualar. Agora, depois de ter bebido duas vezes dele, Aiko aceitou a mão de Carrick com gesto resolvido.

— Boa sorte, berserker — Aiko desejou a Steven. — Lembre-se do que eu te disse: tenha paciência.

— Obrigado, japonesa — respondeu Steven, sem perder de vista Raoulz e Daimhin.

— Steven — o tom de voz de Carrick impeliu-o a prestar atenção. — Está encarregado de minha irmã. Ela não é uma qualquer — esclareceu —, e tampouco é fácil de lidar. Somos feitos de outra maneira, forjados em outra realidade diferente da sua; mas isso não quer dizer que sejamos de pedra e que não desejemos amar. — Deu uma olhada em Aiko, que o escutava com muita atenção. — Não deixo os cuidados de minha irmã nem aos *huldres* nem a Raoulz. Deixo a você, topete. É melhor que esteja à altura de alguém como ela. Eu voltarei para ajudá-los assim que minha irmã disser para onde temos que nos dirigir. Voltaremos com reforços. Prometo — ofereceu uma mão de amizade e honra.

Steven a aceitou.

— Mas me prometa algo em troca, berserker.

— O que?

— Que você a manterá com vida até lá. Que pensará nela antes de você e que os desejos dela estarão acima dos seus.

— Nem sequer duvide — respondeu com humildade. — Carrick, não é demais dizer que se você encontrou em Aiko o seu par, eu, embora você não goste, encontrei em sua irmã o meu. Quem quiser fazer mal a Daimhin terá que passar por cima do meu cadáver.

Deram um forte aperto de mãos, olhando diretamente nos olhos um do outro, como dois guerreiros de palavra incorruptível.

— Tenham uma boa viagem. E achem o que os deuses deixaram para vocês —finalizou Carrick.

— É o que faremos, vanírio. Sorte aos dois e abram bem os olhos. Cuidem-se.

Com essas últimas palavras, Carrick e Aiko retornaram de um salto ao altar onde Daimhin ainda permanecia esperando que seu irmão subisse para se despedir.

Quando ambos se detiveram na frente dela, o coração de Daimhin encolheu. Ficaria sem Carrick. Ele partiria. Os olhos laranja se encheram de lágrimas e sua boca tremeu com um beicinho incontrollável.

Carrick deu um passo adiante e a abraçou com força.

— *Mo ál Daimhin...* Minha bela Daimhin.

— Continuo sem compreender por que temos que nos separar — choramingou ela contra seu peito. Estava tão acostumada a tê-lo a seu lado que não sabia como agiria quando ele não estivesse.

— Quem vai cantar para que eu possa dormir? — recordou ele, afundando o nariz em seu cabelo.

— Cale-se, tolo. Certamente Aiko sabe cantar...

Carrick sorriu. Sim, com certeza que sim. Embora o fizesse em japonês.

— Daimhin, me escute bem — pegou-a pelos ombros. — Deve obedecer a Steven. Faça tudo o que ele disser. É um grande guerreiro e estará encarregado de você e de sua proteção. Os *huldres* vão ajudá-los e acompanhar sua travessia, mas... Steven sabe o que melhor te convém.

— Por que confia nele de repente?

— Porque não me resta escolha. Porque você confia nele. — Beijou-a na testa. Carrick sabia que Daimhin estava um pouco mais aberta aos cuidados de Steven e que continuamente procurava seu contato visual para se assegurar que continuava ali. Isso queria dizer que começava a ter necessidade dele. — Eu te amo, *piuthar*. Nunca se esqueça.

— E eu a você, Carrick.

— Nós nos veremos logo — despediu-se Aiko com um sorriso.

Daimhin assentiu, chorosa e com o queixo trêmulo.

A seguir, Raoulz mostrou-lhes um caminho subterrâneo através do qual o casal desapareceu. Desejou sorte a eles no idioma dos *huldres* e depois foi tranquilizar a vaníria, que limpava as lágrimas disfarçadamente.

— Não se preocupe, *bom priumsa*. Eles estarão bem. Os *huldres* têm milhares de caminhos subterrâneos que conectam com pontos de todos os países. É muito difícil que os jotuns os encontrem porque estão protegidos por Nerthus. Por enquanto, Carrick e sua acompanhante têm via livre. Não demorarão muito a chegar à Inglaterra. Um dia e meio no tempo dos humanos.

— E nós?

— Nós — interveio Steven nas suas costas, desafiando Raoulz com o olhar — vamos seguir o voo de Electra. Ela nos levará até o misterioso objeto. E uma vez que saibamos do que se trata, veremos o que fazer com ele.

Raoulz sorriu seguro de si mesmo, concordando com suas palavras.

Steven afastou Daimhin do círculo de ação de Raoulz, que parecia influenciá-la, e pegou sua mão.

— Você se incomoda que eu segure sua mão? — perguntou Steven, marcando território como os cães.

— Err... não. Mas não precisa.

— Sim, precisa, sim.

Daimhin observou suas mãos unidas e aceitou que estava se acostumando a seu contato e que gostava cada vez mais.

Isto não pode estar acontecendo, repetia ela em sua cabeça.

Nesse instante, os *huldres* que se mantinham rezando em círculos começaram a se fracionar.

Daimhin não acreditava no que seus olhos viam, realmente foi incrível. De repente desapareceram, e toda sua tribo subiu para outra dimensão.

Uma dimensão que talvez eles, com seus pecados e suas mãos manchadas de sangue, jamais ascendessem.

— Electra — disse Steven à fada —, guie-nos.

Electra assentiu com muita vontade. Logo a seguir, o berserker, a vaníria, o príncipe *huldre* e seu exército, que eram os únicos que permaneciam na gruta, seguiram às cegas a diminuta mulher, que se introduziu através de outro túnel, cuja escuridão e fim poderia levá-los com muito esforço e sacrifício ao amanhecer de um novo dia, a uma aventura que teria seu princípio e, se as coisas não acabassem bem e não usassem as poucas oportunidades que tinham, seu contundente final.

XI

Black Country

Inglaterra

Quando Daanna abriu os olhos, a leve desorientação que acompanhava a cada bilocação a golpeou com força. O estômago revolveu, e Aodhan, que crescia a grande velocidade, remexeu em seu ventre como se ele mesmo se recompusesse da viagem.

A vaníria cobriu seu berço de carne com a mão.

— Olá, viajante — disse Menw, segurando-a entre os braços. Retirou seu cabelo do rosto e a beijou na testa. — Me dá uns sustos mortais...

Daanna tinha desmaiado enquanto verificava junto à Lorena e Emejota as visitas ao fórum. Estava claro que com o mundo convulso como estava e à beira da destruição, as comunicações cairiam a qualquer momento, por isso deviam preparar uma grande convocatória geral para que aqueles guerreiros que ainda continuavam desconectados ou perdidos se unissem à batalha final e lutassem juntos. Além disso, supunha-se que os cabeças raspadas deviam entrar em contato com eles para ver como iam as coisas na Escócia... Os telejornais não pressagiavam nada bom: essa era a grande realidade.

Rachaduras quilométricas, vulcões despertando, chuvas ácidas, seres estranhos percorrendo as ruas e os bosques... E muita morte. Divulgavam isso como uma invasão alienígena. Um Armagedom.

E embora parecesse, não era.

Enquanto olhavam os monitores, Daanna se desconectou, desmaiou e viajou no espaço e no tempo. O que não imaginava nem um pouco, era encontrar a quem encontrou; uma surpresa tão impactante que não sabia se depois tinha perdido os sentidos ali pelo impacto.

A *velge* piscou repetidas vezes e se levantou de repente, ainda em choque pelo vivido. As humanas trouxeram água rapidamente, angustiadas por ela.

— O que foi? O que viu? — perguntou Menw ansioso, dando-lhe água para beber.

— Não quero — ela rejeitou, olhando-a com leve asco. Desde sua gravidez só estava sedenta, mas exclusivamente do sangue de seu *cáraid*. — Menw, não vai acreditar. — Tomou ar. Tinha os olhos verdes esmeralda muito abertos e respirava com rapidez. Daanna tinha amado muito Thor, era um de seus protetores e melhores amigos. Um líder nato. E acabava de vê-lo... — Menw...

— Me diga — o Curador se sentia agitado pelo nervosismo de sua mulher.

— Thor... Vi Thor.

— O deus? — não compreendia nada. Talvez porque Daanna já tinha visto Freyja e Odin uma vez... por que não veria o deus do trovão?

— Não. O deus não. O nosso amigo... Thor MacAallister. O líder dos *keltoi*.

Menw franziu o cenho enquanto se levantava do chão com Daanna nos braços, colocou-a sobre suas pernas e se sentaram em uma poltrona, oculta em um espaço de leitura, afastada em um canto do salão do RAGNARÖK.

— Mas... É impossível. Thor está morto — raciocinou Menw. — Encontramos seu braço extirpado nos contêineres da rua Oxford. Depois, com os vídeos em nossa posse, vimos como matavam Jade... e... Thor morreu.

— Não — Daanna se ergueu levemente e segurou seu rosto. — Era ele. Juro. Thor continua vivo.

Sim era ele, allaidh, disse a voz suave de Aodhan.

Menw e Daanna fixaram seus olhos no ventre da vaníria.

Ali, coberto, repousava um bebê que não tinha mais de dois meses, mas que nas últimas semanas tinha crescido com grande velocidade, e cada dia o fazia mais. Era um ser especial, uma alma ainda por nascer, em que os deuses depositaram parte de suas esperanças... Asseguravam que Aodhan seria alguém muito importante, e que chegaria um dia em que ele ensinaria aos próprios deuses. Converteria-se em um mestre dos próprios mestres. As lições que teria a dar ninguém sabia, mas seja como for, seu filho seria alguém muito especial se sobrevivessem ao final dos tempos.

— Aodhan? — Menw inclinou a cabeça ligeiramente para o ventre de sua mulher. — Como sabe que se trata de Thor, filho? Você não o conheceu.

Por suas lembranças. As lembranças de mamaidh são muito claras. Estes dias pensaram muito nele, em que teria gostado que Thor lutasse junto a vocês na grande batalha final.

Menw e Daanna se olharam comovidos. Era verdade. Thor esteve com eles durante séculos, liderando seu clã, organizando ofensivas, mantendo o núcleo vanírio unido... Caleb tinha feito isso muito bem e ganhou o respeito do resto. Não comparavam um com o outro. Não seria justo. O que lamentavam era a perda de um imenso chefe, como era Thor.

— Como entrou em contato com ele, meu pequeno? — disse Daanna acariciando a parte mais avultada de seu ventre. Sabia que Aodhan recebia essas carícias como se na realidade o estivessem tocando.

Porque Thor tem um dos meus dons. Ele escuta o mundo.

— Escuta o mundo? A que se refere?

Sim. Mas... Não tem proteção. Você me protege, mammaidh. Agora ninguém o protege. Seu ventre é como uma couraça para mim, só escuto a quem quero. Homens e mulheres imortais que sejam como nós e se sintam sozinhos... Eu os sinto. Ouço-os...

— Oh, deuses... — Daanna levou ambas as mãos à boca com um olhar opaco por dois sentimentos contrários: admiração e terror. — Todo este tempo era você... não era? Você me levou até onde tinha que ir. Eu me bilocava e você me levava para contatar com todos os outros guerreiros. Com Miya, com Ardan, com os cabeças raspadas... com Thor. Você os ouvia.

Não ouço todos os guerreiros. Só aos que pedem ajuda. É a Escolhida, mammaidh. Só você podia chegar até eles. Eu influenciava em suas viagens porque estamos conectados. Minha mente à sua mente. Meu coração a seu coração”.

— Thor tem o mesmo dom que você, Aodhan? — Menw não sabia. Nunca lhes disse nada.

Sim, é parecido. Sua cáraid lhe deu a paz que necessitava. Seu sangue agia como filtro ou do contrário ia enlouquecer. Mas passa muito tempo mesmo sem beber dela; e agora ele está muito mal e não obtém descanso. As vozes o perseguem a cada minuto. Não pude contatar com ele antes porque o drogaram e depois o isolaram nesse lugar. Toda a instalação tinham ondas de anulação de frequências. Era uma barreira muito forte. Não podia chegar até ele. Mas justo antes de deixar a todos os guerreiros em quarentena e esperar que os raios de sol e o ácido acabassem com eles, a barreira se abriu, desativaram-na. E nesse instante o escutei. E você, mammaidh... bilocou-se.

Daanna não podia se sentir mais satisfeita de seu bebê superdotado. Era ele quem encontrava aos guerreiros. Ela era apenas a ferramenta para chegar até eles.

— Meu pequeno grande homem — murmurou emocionada.

— Aodhan — Menw apoiou a testa no ventre de Daanna. Ela acariciou o cabelo loiro, preparada para escutar com atenção as palavras de seu homem. — Era Thor de verdade?

Sim, allaidh. Era ele.

— Incrível — murmurou Menw. — Mas encontramos uma parte de seu corpo...

— Thor parecia um louco sanguinário e desequilibrado, mas tinha os dois braços — esclareceu Daanna. — Além desses olhos lilás tão excepcionais que Aileen herdou. E me chamou de Escolhida... Olhe para ele em minhas lembranças, *priumsa*. Reconheça-o você mesmo.

Menw, que morria de vontade de comprovar com os olhos de sua mente se o que diziam era correto, ingressou na mente de sua mulher até que localizou a lembrança fresca e criada recentemente.

Quando saiu dos circuitos mentais da vaníria, Menw sacudiu a cabeça, contrariado, e passou a mão pelo cabelo loiro.

— Deuses... É ele. É ele! Se tudo isto for verdade, só pode supor uma coisa — comentou o Curador. — Ou Thor também tem o dom de se regenerar ou o mesmo indivíduo que teve a desorientação de deixar um braço vanírio em um contêiner de uma rua de Londres, na realidade o que nos deixou foi um chamariz clonado de nosso guerreiro na Inglaterra para que descobríssemos pouco a pouco toda a trama.

— Acha que clonaram Thor?

— Não há outra explicação — ambos se entreolharam com intensidade. — A Newscientists clonava guerreiros. Fizeram isso com Cahal e com todas as outras crianças e adultos vanírios, e berserkers. Queriam um exército violento, sem alma nem coração, lembra?

Os olhos verdes da Daanna faiscaram com interesse. Podia estar correto. Entrariam em contato com Caleb e Aileen e dariam a grande notícia que Thor continuava vivo. Maru Beatha e Rix Gwyn, Iain e Sheenna, Inis e Ione... Todos deviam saber...

— Aodhan, sabe onde Thor se encontra agora? A viagem foi na atualidade?

Sim. Recentemente. Continua na Bulgária. Mas não vai demorar a chegar até aqui e te pedir ajuda, allaidh. Disse a ele que procurasse a pessoa que se conectava ao fórum de Paso Shipka. Comigo dentro e crescendo, cada vez é mais difícil que possa se manter bilocada. O certo é que não pude lhe dar informação, mas sabe que você e seus comprimidos podem ajudá-lo...

— Então falou com ele...

Fiz mal?, perguntou Aodhan, preocupado.

— É óbvio que não — concordou Menw orgulhoso. — Nos dá esperanças, pequeno — beijou o ventre de Daanna e a abraçou pela cintura. — Sabe algo mais do resto dos guerreiros?

Nada mais, allaidh. Quando ouvir a alguém, vou contar a vocês. Agora estou cansado e tenho muito sonho... Posso dormir?

— Dorme, coração — ordenou Daanna, esfregando sua barriga pequena com carinho.

Aodhan não demorou nada a relaxar e descansar.

— Então, Daanna — Menw levantou sua mulher de suas pernas, e fez o mesmo. — Você e eu avisaremos o resto do conselho. Devem saber o que acontece em Shipka.

— Sim! — Daanna bateu palmas cheia de energia. Com Thor e Caleb, as estratégias seriam mais fortes, e ao menos lutariam até o final por sua igualdade. — Avisarei a Caleb para que venha até aqui.

Wolverhampton

As três sacerdotisas lançavam as runas sobre a mesa. Os ossos brancos e marcados com letras antigas golpeavam a toalha vermelha que cobria a madeira em que tantas vezes tinham jantado juntas com Maria e As.

Ruth, de frente para elas, observava com preocupação os resultados.

O rosto das três anciãs não pressagiava nada bom. Desde que Cahal tinha aberto o portal e todos desapareceram através dele, ninguém mais tinha retornado.

Lá fora, o jardim cuidado continuava solitário; o silêncio monopolizava a natureza, o vento aumentava com força e arrastava nuvens premonitórias de um autêntico cataclismo. A calma só era rompida pelos cânticos do *noaiti* que, sentado sobre a grama e de pernas cruzadas, tocava seu prezado tambor com seu canto *joik* e lia os símbolos procurando respostas longínquas.

— Nada... As runas não dizem nada... Não leem o destino daqueles que partiram — disse Dyra, deixando-o por impossível, recostando-se na cadeira.

— Mas como pode ser? — perguntou-se Ruth, levando os dedos ao longo cabelo mogno. — Desapareceram do mapa? Amaia, Tea, Dyra! — Olhou as três

mulheres de longo cabelo branco, vestidas com túnicas da mesma cor, embora com diferentes fisionomias. — Não podem ter perdido o dom!

— Cem vezes atiramos as runas, juvenzinha. Cem! — Apontou Amaia, ofendida. — Nós não perdemos o dom, são as runas que não sabem o que acontece.

— Por Deus... — Ruth esfregou o rosto, enfasiada de tudo. — Isto não pode estar acontecendo... Estão caindo as comunicações ao redor do mundo. Os satélites deixam de funcionar. Os telefones já não funcionam. Estamos nos isolando justo antes de uma guerra final entre os jotuns e a humanidade! Não é assim como devem ser as coisas! — protestou.

— Mas assim são — concedeu Tea. — Nem Nora nem Liam puderam ver nem desenhar nada mais. Se o Ragnarök chegar, Loki não vai oferecer nenhuma facilidade para que entremos em contato. Ele divide, compreende? Jamais une.

— Não! Nego-me! As pessoas que amo estão perdidas em algum lugar, aposto que nos pedindo ajuda. Não podemos deixar de lado!

Ruth se levantou como alma levada pelo diabo para afastar-se das malditas runas que de repente se tornaram mudas.

Devia se acalmar.

Os gêmeos dormiam em seus quartos. Ficou um momento olhando-os embevecida, sob o umbral da porta.

Sua vida tinha mudado muito desde sua chegada a terras inglesas, e estava convencida de que no fim ficou e com o melhor: duas crianças adoráveis e um homem que amava com todo seu coração.

Esse homem, Adam, tentava por todos os meios que as nornas falassem com ele. Mas o contato com as altas esferas permanecia fechado e não lhe chegava nenhuma voz.

A jovem Guerreira saiu ao alpendre para que o ar noturno a refrescasse um pouco. Tinha passado metade de um dia desde que Caleb e Aileen partiram.

Ergueu o rosto até o céu e não encontrou estrelas. Só uma grossa camada de cor avermelhada e também negra que vaticinava o mais terrível do apocalipse. A última vez que tinha escutado as notícias, anunciavam que a Escócia estava partida em duas: a fenda avançava até a Inglaterra e já se podiam sentir seus tremores. A Irlanda tinha desaparecido, os vulcões dos países nórdicos

despertavam e destruíam povos e cidades inteiras... Milhares de pessoas morriam. E sabia que se produziam mais desgraça, mas provavelmente não ouviria mais nenhuma porque o mundo tinha ficado totalmente desligado, e ninguém mais cobriria as notícias de ninguém. Em todo caso, a única coisa que deveriam cobrir seriam as costas. Na luta para sobreviver, a quem diabos importava informar?

Na Terra, antes de chegar o Ragnarök, milhares de pessoas morriam diariamente por causa de guerras entre humanos, doenças criadas em provetas, fome e pobreza... E ninguém se preocupava muito por isso.

Mas desta vez, os humanos caíam com estrépito, dominados por forças superiores, as mesmas forças que alguns quiseram emular, acreditando-se deuses. E no final, entre a ambição de uns e o mal de outros, Loki tinha entrado. E seu planeta, o planeta que Ruth tanto amava e que era de tantos, estava indo, literalmente, à merda.

Ela era a Caçadora de Almas, a companheira do Senhor dos Animais... Eram magia viva e teriam a responsabilidade de proteger o máximo que pudessem esse reino chamado Midgard pelos deuses. Mas para Ruth, os únicos pelos quais ia lutar estava dormindo nos quartos, rezando no jardim e desaparecidos ninguém sabia onde, rodeados uns de valquírias, e outros de vanírios e berserkers.

Ruth lutaria pelas pessoas que ocupavam seu coração.

— Caçadora.

A voz de Maria a afastou de seus pensamentos e decisões; e quando se virou para encará-la, encontrou-a mais bela e cheia de luz do que nunca. Parecia etérea, mais intangível.

Tinha o cabelo negro trançado em um longo rabo de cavalo. Seus olhos de tom escuro como a noite sorriam como sempre faziam. Exibia o rosto limpo, com os lábios hidratados. A seu lado, As Landin a acompanhava, com as mãos entrelaçadas, ambos vestidos como se viessem de uma festa Ibiza como as que Ruth tinha assistido várias vezes na Espanha. As usava o longo cabelo castanho solto, a barba muito bem perfilada e seus olhos verdes brilhavam de um modo sobrenatural.

— Maria! Estávamos tão preocupados! — Ruth se dispôs a abraçá-la com força, mas a *matronae* a deteve com serenidade e um gesto infinito de amor e simpatia por ela. A jovem parou em seco, surpresa por sua atitude. — O que foi?

Maria balançou a cabeça e sorriu pesarosa.

— Ruth, tem que atender nossas palavras e comunicá-las ao Conselho Wicca de Black Country. Não há tempo.

— O que aconteceu? Onde foram? — Ruth bateu os cílios e apertou os lábios com preocupação. — Espera um momento... por que têm esse brilho ao redor?

— Ruth, encontramos Noah e Nanna.

— E onde estão?

— Preste atenção. Descobrimos muitas coisas. Noah foi ferido mortalmente por Loki. Como Nanna tinha a vinculação com ele da runa *Daeg*, ela também estava morrendo — Maria olhou para As com adoração. — Noah não podia morrer porque ele é o filho de Odin: Balder.

— O que?

— Noah é Balder. Sem ele, as possibilidades para reverter esta situação seriam nulas. Assim As e eu tomamos a decisão de entregar nosso dom de vida, o *chi*, em troca de que eles dois, que eram e são muito mais importantes que nós, sobrevivessem.

A cabeça da Guerreira rejeitava alguns conceitos apresentados por Maria.

— O que quer dizer com entregaram seu dom de vida? Não... Não entendo, Maria — aproximou-se hesitante, temerosa de compreender a verdade tal como era.

— As e eu morremos por eles dois.

— Não pode ser... — Os olhos de Ruth se encheram de lágrimas, que começaram a derramar descontroladas pelas suas bochechas. — É impossível... não podem partir...

— Ruth, *piccola*... — suplicou Maria, querendo tocá-la e tranquilizá-la. — É a Caçadora de Almas. E viemos até você porque pode nos ver. É nosso canal para poder informar os outros.

— Mas não entendo — continuava Ruth, deixando-se contagiar pela tristeza e o desespero. — E Aileen? E Caleb? As, não podia abandonar assim a sua neta... — recriminou o líder berserker.

— Fiz isso — assegurou As —, com todo o pesar de minha alma. Mas ela já é amadurecida e consciente. É forte e se sobreporá porque é uma guerreira Landin — ergueu o queixo com orgulho. — Esteve presente em minha despedida.

Ruth fungou e secou as lágrimas com a manga do pulôver negro que vestia.

— Aileen viu como entregava o *chi*? — Seu rosto se mostrava incrédulo. — Maldição, tem que estar destrocada... Onde está agora? Quero vê-la.

— Ruth — avisou As —, deve saber algo: Noah e Nanna se encontravam em um lugar fora deste tempo e deste espaço. Quando o portal de Cahal nos transportou até ali, deixou-nos perdidos em um buraco atemporal no interior da geleira de Jostedalsbreen, onde se localizava o maior portal eletromagnético. Caleb, Aileen, Miz e Cahal acompanham Balder e Nanna. Juntos viajam no *Hringhorni*, um navio imperial com aspecto de grande cruzeiro intergaláctico que Odin deixou oculto nos núcleos do portal de gelo até que Noah o descobrisse e o reivindicasse para si. Esse navio é a arma letal de Balder, totalmente invencível. Mas por enquanto não podem fazer nada com ele porque estão perdidos e sem rumo, e aguardam a oportunidade para retornar à nossa realidade. Perto dali, Loki, por outro lado, começou a invocar as suas bestas. E já estão saindo.

— Estão em um navio... As bestas de Loki já saíram — lutou para pôr ordem em sua cabeça.

De repente, Ruth sentiu uma mão sobre o ombro. Uma enorme mão quente e reconfortante.

Adam. Sua roupa escura de capoeira estava úmida pela chuva. *Quando tinha começado a chover?* pensou Ruth.

— Quero ver com quem fala — pediu com voz rouca. — Mostre-me.

A Guerreira girou a cabeça para desviar o olhar para seu *mann*. Adam estava assustado pelo que ia ver, e imaginava o que podia acontecer. Trocar o *chi* significava sentir e experimentar o que o outro via. Depois pediu permissão a As e a Maria, sem saber muito bem o que fazer.

As cravou os olhos em Adam, um de seus dois filhos amados: Noah e ele sempre foram os meninos dos seus olhos. E agora, os dois ficaram sem *leder*.

— Deixa que eu me despeça dele. Permita que nos veja — reclamou As.

Ruth fechou os olhos, tomou ar pelo nariz e permitiu que o mundo velado que só ela era capaz de ver também se abrisse para Adam.

Quando o berserker moreno contemplou seu *leder* e a mulher dele, não necessitou explicações de nenhum tipo para compreender o que tinha acontecido.

Ruth falava com os espíritos. E As agora era um deles.

Os olhos de ônix do guerreiro avermelharam de tristeza. Ver As sabendo que já não vivia era como um murro no estômago.

— *Leder...*

— *Kompiss* — saudou o chefe do clã. — Como está?

Adam se sentiu envergonhado de sua fraqueza e sua emoção, mas não abaixou a cabeça.

— Mal. O que aconteceu? — perguntou com angústia.

— Decisões, Adam. Isso é o que aconteceu. Ruth te explicará melhor o que aconteceu, mas quero que saiba que, nesse instante, você é o *leder* do clã de Wolverhampton. Sinto muito — admitiu melancólico —, muito mesmo, passar a você o Cajado do Concílio neste momento tão delicado, no qual, possivelmente, todos nós desapareçamos. Mas... Devem se manter fortes. Resistam. Unam-se, não se dividam. Desta vez não. Chegou o momento de brigar lado a lado. Já não sobra tempo. Loki abriu seus mundos, e não falta nada para que o mal e a destruição total assolem o Midgard.

Adam negou com a cabeça e pressionou a ponte do nariz.

— Temos alguma possibilidade? — perguntou desolado.

As não quis mentir, embora tampouco quisesse enchê-lo de pessimismo.

— Dizem que há um tear que só o tecem as nornas e que ali está escrito o destino da humanidade. Mas essas nornas tecem relaxadas nas raízes do *Yggdrasil*, protegidas de todo mal. Em troca, os que permanecem aqui são os que enfrentarão as consequências. O que sabem as nornas de nossa sobrevivência? O que saberão elas de nossa resistência? Não vamos nos render, não é verdade?

Adam negou com ênfase.

— Não, *leder*. Jamais.

— Gosto assim — sorriu satisfeito. — Dificilmente sei qual vai ser o final. Nem os deuses sabem. Embora seja bem certo que tanto Freyja como Odin, que

são os que nos permitiram entrar em contato com vocês através do trono do deus Aesir, esperam uma espécie de tiro de largada. E desconheço completamente o que esperam e como vai se dar esse acontecimento. Só me transmitiram esta mensagem: lutem juntos. Farão isso?

— Juntos — repetiu Adam. — Não duvide disso, *leder*.

— Bom. Acredito... Acredito que chegou o momento de me despedir, filho — sussurrou As, olhando para o céu. — Quero que saiba que não importa o que aconteça, porque faça o que fizer, sinto-me imensamente orgulhoso de você, e agradecido por ter me deixado guiá-lo e agir como tutor.

— Não, As — esgrimiu Adam, visivelmente emocionado. — Você não foi um tutor para mim. Você tem feito o papel de meu pai, e foi isso para mim. E meu coração está cheio de gratidão e amor por você. Obrigado. Foi uma verdadeira honra.

As sorriu e o alpendre se encheu de luz. Adam era arisco com quem não gostava, mas nobre e benevolente com quem amava. Odin os reclamava de novo.

— A honra foi minha — respondeu As.

Ruth chorou com Adam e entrelaçou os dedos com ele, sabendo que aquilo era uma despedida definitiva e que não voltariam a vê-los, ao menos nessa vida. Maria fez o mesmo. Sorriu com tristeza para Ruth e pediu-lhe um favor:

— Despeça-se por mim dessas três velhas rabugentas que tem lá dentro. Peça que organizem todas as sacerdotisas. Elas não têm magia nem dons guerreiros. Mas sabem de feitiços e de orações. E embora sejam uma miséria ao lado dos humanos que destruíram sua Terra, continuam sendo muitos, em troca, os que querem um mundo melhor. Peça a elas que a partir de hoje se reúnam nos Montes e orem e vertam a pouca magia que resta. Que esgotem até a última fibra de energia, a última centelha mágica... Fará isso?

— Sim, *matronae*. Farei.

— E, Ruth...

Ruth tinha um nó na garganta que a obstruía e não a deixava falar.

— S-sim?

— Sempre será minha *piccola*. Minha valente, linfa, cabeçuda e mágica Guerreira. *Grazie. Per sempre*, Ruth.

— *Per sempre* — repetiu ela.

Quando a luz os cegou, Adam, que não suportava a emoção, gritou a plenos pulmões:

— Ai vão dois dos nossos, Odin! — exclamou com orgulho, olhando o céu tempestuoso como se enfrentasse o próprio Deus. — *As dette er min!* As é meu — bateu no peito com força. — Trate-o bem!

Quando o casal mais maduro do clã, que tinha sido um exemplo de firmeza, de paciência e de amor incondicional para todos os guerreiros que lutaram a seu lado, desvaneceu-se como se desvanecia a penugem que recobria um dente de leão balançado pelo vento, Adam abraçou Ruth pelas costas, afundou o rosto em sua nuca e pediu a ela com voz entrecortada e desfeita.

— Conte-me tudo, Ruth. Onde está meu irmão Noah? O que aconteceu?

Ruth contaria tudo.

Mas imediatamente depois, eles se preparariam para partir, junto com todo o clã de berserkers que ficava em Wolverhampton para Dudley e para Jubilee Park. Ao encontro dos vanírios que estivessem em RAGNARÖK.

Deviam transmitir as surpreendentes notícias sobre a verdadeira identidade de Noah, sobre o lugar fora desta dimensão onde se encontravam ele e os outros... E sobre a batalha que já não se podia esquivar e que Loki tinha aberto.

Todos se uniriam porque não havia outra opção.

Porque uma guerra dessas dimensões não se concebia lutando cada um por seu lado.

Resistiriam até que as forças dissessem que já era suficiente.

Com honra e sacrifício.

Justo como lhes ensinaram As e Maria.

XII

Em algum lugar do mundo huldre

Daimhin e Steven viajavam de mãos dadas através dos túneis do reino dos *huldres* seguindo a toda velocidade, todos em massa, a Electra, a fada especial que guiaria a Barda até um lugar e um objeto que os deuses deixaram exclusivamente para ela.

As paredes dos túneis tremiam sacudidas seja pelo que for que acontecia na crosta terrestre, um terremoto, um vulcão, uma explosão... o que importava? O Midgard caía aos pedaços sem que ninguém pudesse remediar.

— A terra chora — disse Raoulz correndo a seu lado. — O mal que subjazia nela emergiu rebelde e prejudicial.

Daimhin o olhou de esguelha, fascinada.

— Pode ouvir a terra?

— Claro, princesa. É um ser vivo. Os *huldres* falam com todos os seres vivos deste planeta. É um de nossos dons — seus olhos puxados se esticaram ao sorrir.

— E o que é que diz? — perguntou com curiosidade.

— Chora porque morre... Querem parti-la em duas.

Uma afirmação tão contundente podia estremecer dos pés à cabeça a alguém tão sensível quanto Daimhin. E fez isso. A destruição e a dor deixariam cheio de cicatrizes o belo corpo do Midgard. Jamais poderia se levantar.

— Mais quanto tempo teremos que viajar por estes caminhos subterrâneos? Quando poderemos sair?

— Resta pouco para chegar — disse Electra ao ouvido de Daimhin. — A saída é por aqui — repetiu pela enésima vez.

— Ouviu, Steven? — Daimhin desviou a atenção de Raoulz para Steven. — Electra diz que logo poderemos sair daqui.

— Não. Não ouço nada. Só os bardos, os elfos e as valquírias ouvem as fadas. Sou um berserker, sádica.

Steven corria com o queixo pétreo e tenso, e os olhos muito vermelhos, cravados na parte dianteira daquele funil subterrâneo.

— Que diabos há com você?

— Comigo? Nada.

Daimhin inclinou a cabeça para um lado, analisando sua resposta. A vaníria, que tinha conexão mental com ele, entrou em sua cabeça para compreender por que desde que Raoulz a tinha apresentado aos *huldres*, e Electra a escolheu, sua atitude se tornou tosca e dura para com ela, embora em nenhum momento a tivesse soltado.

E ali encontrou as respostas que precisava. Por um lado a incomodaram, mas por outro lhe resultaram curiosas e ao mesmo tempo atraentes.

Steven não gostava de Raoulz. Via imagens gráficas do berserker convertendo-se em um nativo americano e arrancando pela raiz a cabeleira negra do pobre elfo, só porque Raoulz a tratava bem.

Daimhin arqueou ambas as sobrancelhas loiras e sorriu. A imagem era muito crua e visceral, mas muito cômica também. Incrivelmente, intrigava-a o modo de pensar que Steven tinha em relação a ela, como se fosse algo de sua propriedade. Com possessividade animal.

Ninguém era propriedade de ninguém, aquilo era absurdo. Pensava que Steven era mais amadurecido que ela e, entretanto, tinha ideias infantis e pouco factíveis em sua mente.

Mas começava a gostar dele. Adorava como cheirava. De fato, precisava cheirá-lo frequentemente, embora ele não percebesse. E antes que Raoulz os interrompesse, esteve a ponto de ocorrer algo estranho entre eles. E mais, seu corpo se sentia estranho, mais em alerta devido ao hormônio da dentada de Steven, que era um afrodisíaco conhecido por todos.

Mas Daimhin entendia que quando passasse o efeito, deixaria de sentir-se assim por ele.

Com tudo isso, o que teria acontecido se o elfo não tivesse aparecido?

Com essa incógnita rondando por sua cabeça loira, continuou com sua travessia sem perder de vista Electra, que de vez em quando olhava para trás para assegurar-se de que a seguiam. E quando isso acontecia, dava uma cambalhota de felicidade sobre si mesma.

— Como é convencida — disse Daimhin divertida.

Electra voou para trás e fez um barulho com a boca de brincadeira.

Depois de horas percorrendo o túnel, este por fim chegou a seu final horizontal para converter-se abruptamente em um túnel infinito e vertical, que os levaria diretamente ao exterior.

Os *huldres* se detiveram e Raoulz falou para todos.

— Quando sairmos, tudo ao nosso redor terá mudado. A Terra já não é a mesma. Estamos ante o que resta de Eilean Arainn e aqui já não resta ninguém vivo... Não há nem um humano de pé. Sairemos ao exterior como névoa e seguiremos a fada até onde nos levar.

— Como névoa, é o que você diz? Se o sol ainda está de pé, Daimhin não pode sair. Os raios lhe farão mal — disse Steven, recordando a todos a condição da vaníria. Nem todo mundo era elfo. — E eu não sou névoa — acrescentou com ironia.

Raoulz sorriu e mostrou uma capa aderida às suas costas de cor verde. Esticou-a para que todos vissem o quanto era extensível e especial.

— Daimhin pode vir comigo. Minha capa a protegerá. Mas se desejar, posso convertê-la em névoa. Os *huldres* viajam através dos elementos, berserker. Já sei que os de sua espécie não podem fazer isso, mas o ajudaremos a trocar seu estado molecular e permitiremos que você viaje conosco.

Os olhos amarelos de Steven se tornaram vermelhos por um instante. Parecia que esse Raoulz estava interessado em Daimhin? Apertou os dentes com impotência e olhou para o outro lado. Ele não voava, nem tinha capas que pudessem cobri-lo, e muito menos se convertia em pó, névoa ou vento. E era fascinante que eles sim, pudessem fazê-lo.

A vaníria simpatizou com ele e se sentiu mal ao saber que ele se sentia inseguro. Steven era um companheiro de guerra único, dava tudo pelos outros, e com ela, apesar de seu caráter e suas respostas, havia se comportado muito bem. Daimhin se aproximou dele e inclinou a cabeça para um lado, olhando-o com esses olhos de magia e feitiçaria.

— Será apenas um instante, Steven.

Steven desviou os olhos para os seus e se obrigou a não pensar nem a dizer em voz alta como se sentia miserável nesse instante.

Depois de muito tempo, finalmente tinha uma *kone* que espetava como um porco espinho e a quem não sabia como cuidar. Daimhin podia estar em sua mente; mas ele não estava na dela. Ela podia beber seu sangue, mas quando ele o tinha necessitado, Daimhin não tinha dado. E agora Raoulz queria competir por ela. E parecia ter meio caminho andado com sua magia e sua espiritualidade, quando ele, em troca, teve que batalhar tudo.

— Como você pode ver, Daimhin — respondeu seco, soltando sua mão e olhando para outro lado, sendo consciente mais do que nunca das *Riley* cobertas em seu bolso.

Seus dedos ficaram frios de repente, sentindo falta da calidez dos de Steven. Daimhin ia dizer algo mais, mas Electra a apressou voando ao redor de sua cabeça loira.

— Se apresse, Barda... O tesouro se move.

— Sim — respondeu Daimhin, jogando um último olhar para Steven, caminhando para Raoulz.

O elfo a olhou com seriedade e assentiu quando a Barda se aproximou de seu peito para que ele a cobrisse com a capa verde escura. Depois pronunciou umas palavras em seu idioma élfico e, então, diante dos olhos do berserker, Daimhin e Raoulz se desmaterializaram.

Quando Electra se introduziu no túnel, iluminando-o com sua luz azul e voando para cima, a névoa a seguiu.

Steven deu um passo à frente, angustiado por ver que Daimhin desaparecia perante seus olhos. Então sentiu a mão de um *huldre* atrás dele; e depois de escutar as vozes melódicas dos elfos, que repetiam as palavras de seu príncipe, seu corpo musculoso, grande e imortal deixou de existir e ser pesado para converter-se em uma substância vaporosa e esbranquiçada que penetrou pelo funil vertical, dirigindo-se ao exterior.

A uma terra sepultada por seus próprios escombros.

Eilean Arainn fora uma réplica da Escócia em miniatura; de fato, isso significava seu nome. Ali tinha existido o castelo de Arran; e ali Steven foi feliz em outros tempos outrora diferentes, quando seus inimigos eram apenas nosferatus e lobachos. Sua irmã e John também compartilharam grandes momentos juntos entre as paredes da mística fortaleza do *leder* Ardan.

Mas a traição mais cruel afundou os alicerces daquele lugar. Os escarpados caíram, as explosões aconteceram... e mulheres e crianças berserkers morreram de surpresa, sem ter tido uma possibilidade de sobreviver.

Daimhin, que experimentava a mágica sensação de ser etérea e vaporosa, escutava os tristes e tempestuosos pensamentos de Steven. Jogou em si a culpa do sequestro de Johnson e da morte de sua irmã, Scarlett, e de John. E agora, na atualidade, estava firmemente convencido que a destruição do castelo de Ardan e a morte de mais de uma centena de berserkers também foram sua responsabilidade.

Não pude salvá-los. Fracassei, lamentava-se Steven falando consigo mesmo.

Daimhin queria chorar com ele e lhe fazer companhia para tranquilizá-lo. Um homem nunca devia ser responsável por algo que jamais pôde nem controlar nem adivinhar.

E conhecia perfeitamente esse sentimento. Ela sempre se sentiu assim até que conheceu Miz O' Shane e recordou a ele que nenhum inocente era merecedor de nenhum castigo eterno. Que os únicos que o mereciam eram sempre os castigadores cujos pecados manchavam suas almas de tal modo que nunca voltariam a ver a luz.

Viver o que viveu em Capel-le-Ferne não foi sua culpa. Estar manchada no momento não era sua responsabilidade. Embora a verdade era que não podia acreditar por que os deuses a tinham em mente para algo, se não era merecedora disso.

Mas Steven... Steven não podia pensar assim. Ele não.

Em suas lembranças viu todos os rostos conhecidos das pessoas que perdeu, gente que ele considerava amigos e família.

Daimhin não podia jogar o olhar para trás e ver Steven porque a névoa não tinha olhos amarelos nem cabelo com topete vermelho... Mas sua mente seguia vivendo imaterial, e a dor que experimentava ao sobrevoar essa terra cheia de lembranças horríveis e recoberta por rios de sangue era insofrível, inclusive para ela, que tanto sabia de sofrer.

Electra desviou o voo e se deixou cair como uma bala até um lugar onde havia um castelo em ruínas... A água do lago que o rodeava fervia e a grama que antes tinha sido verde agora se mostrava enegrecida e queimada. Grandes frestas

recobriam a crosta de ponta a ponta, como feridas ensanguentadas provocadas pela ponta de uma espada infernal.

A Terra chorava. Não era de se surpreender.

Na mente de Steven leu que se tratava do castelo de Lochranza, bom, o que restava em ruínas, o que não era muito. Parte da torre se manteve de pé durante séculos, mas depois dos tremores e dos terremotos, as pedras desintegraram, deixando uma paragem de rocha demolida, escombros, grandes poças de água fervendo e grama carbonizada.

Electra entrou através da relíquia demolida e se introduziu por suas gretas até que a passagem que encontrou era estreita e vasta. A amplitude, depois de longos quilômetros de espaços escondidos, deu lugar a uma gruta com um lago interior, produto da filtração do imenso pântano que cobria Lochranza na superfície.

Os *huldres* se materializaram de novo em entes físicos, como Daimhin e Steven. Estes olhavam as mãos e os pés maravilhados, cativados por ser de novo de carne e osso.

Voltavam a estar escondidos. A água descia através das paredes e descansava no lago, mediante rios e riachos que percorriam a terra coberta de pedras brancas e grama com estranhas flores de múltiplas cores.

Flores que Daimhin jamais tinha visto. E mulheres que nunca antes tinha observado...

Mulheres? Um grupo de três mulheres de longos cabelos ondulados e muito loiras, vestidas com longos tecidos de seda azul claro.

Como essas mulheres sobreviveram a tal destruição? Por que corriam como se flutuassem? Para onde iam?

— Elas. Elas têm seu objeto — disse Electra apontando-as com ódio. — Elas o levam.

— Vamos! Elas têm o objeto!

Daimhin deu um salto e voou a toda velocidade atrás das três mulheres.

— Não! — ordenou Raoulz. — São *dodskamp*!

— E o que quer dizer isso? — perguntou Daimhin, detendo-se no ar, estupefata ao comprovar a atitude dos *huldres*. Todos se viraram como se não quisessem olhar a essas mulheres de nenhuma forma. — O que há com vocês?

— São as ninfas travessas de Nerthus. Aguardam em todos aqueles lugares onde residem os objetos tocados pelos deuses — explicou Raoulz.

— E o que? — perguntou Steven, olhando as três mulheres com interesse. —... Vocês tem medo? Três mulheres acovardam um exército de *huldres* mágicos, Raoulz?

Nesse instante, uma das ninfas deteve seu passo e girou para olhar o grupo que as estava observando. Em especial para Steven. A ninfa, de impactantes olhos azuis desumanos, sorriu com sua boca perfeita e o olhou com interesse feminino.

Daimhin franziu o cenho ante a atitude do berserker, que mudava seu rosto a um mais animal e carnal. O mesmo que pôs quando a mordeu.

Por que olhava a essas mulheres desse modo?

Então, perante a pouca colaboração dos *huldres*, Steven começou a correr como um selvagem para ela. A mulher deixou sair uma risada sardônica, que pôs em guarda os elfos, e acelerou para seguir às outras duas, que desapareciam entre a greta de uma das paredes.

— São as ninfas Agonia, Barda! — gritou Electra no seu ouvido. — As ninfas de Nerthus que põem a prova aos buscadores e absorvem a energia sexual dos guerreiros e se alimentam dela. Os elfos têm medo delas porque são as únicas capazes de despertar sua lascívia. E os *huldres* não acreditam nisso, não acreditam no sexo, por isso não querem nem vê-las.

Daimhin olhou de esguelha para Raoulz, que tinha os olhos escuros cravados no chão, como se ele tivesse medo de levantar a cabeça.

Raoulz se acovardou, pensou assombrada.

— Mas, Barda... Esse berserker...

— Esse berserker o que? — perguntou de repente, observando como Steven saltava de quatro para ir à caça das três Agonias.

— Ele não as teme. Os berserkers são carnis, compreende? Não obstante, as Agonias podem se deter se virem marcas de propriedade e entenderem que o guerreiro já está comprometido.

Electra esperou que Daimhin compreendesse suas palavras.

A Barda entrecerrou os olhos até que fossem apenas uma linha laranja, clara e cheia de raiva repleta de consciência e revelação.

— Não. Isso não.

Essa foi a única resposta que a vaníria deu antes de enfiar-se pela mesma greta em busca de Steven.

O berserker tinha entrado em outra gruta diferente. As paredes voltavam a se fechar por arte da magia, mas Daimhin se colocou de lado no voo e conseguiu transpassar a abertura.

E quando Electra e ela chegaram ao outro lado, encontraram-se com um salão de pedra e uma banheira cavada no chão em cuja superfície flutuavam as flores da luxúria e do amor: orquídeas. Não demoraram nada em colocar Steven na água, nem em começar a despi-lo para tirar a camiseta dele sem mangas tipo colete que cobria seu torso. Embora ainda não tivessem conseguido.

Daimhin não podia acreditar que os *huldres* ficaram à margem, assustados pela presença dessas três belas e maquiavélicas mulheres. Eles eram elfos: podiam manipulá-las se quisessem, não?

Uma das Agonias tomou o rosto de Steven entre as mãos e o beijou nos lábios, enquanto outra tentava ocupar-se de liberá-lo da constrição das calças e da camiseta. Queriam seu corpo nu como se pertencesse a elas. Como se tivessem direitos sobre ele. E para Steven parecia tudo bem.

Não. Nem pensar, vira-lata.

A marca no pescoço dela ardeu e os olhos escureceram de ofuscação. Levou a mão às costas e liberou sua espada samurai. Como se fosse a filha do demônio, de um salto enérgico e calculado, deixou-se cair na banheira.

As Agonias se viraram para olhá-la com interesse. Depois uma delas ergueu uma mão e um fio deslizou da parede para prendê-la pelo pulso que segurava a katana.

Daimhin agiu com rapidez e cortou o fio, para depois lançar-se contra a Agonia. Mas esta desapareceu e voltou a emergir atrás dela, por debaixo da água.

— Quem é você?

— Sou Daimhin — respondeu a loira virando-se com rapidez, disposta a cortar cabeças. — E você, quem diabos é?

— Brunnylda, a líder das *dodskamp*.

— O que quer, vaníria? — perguntou uma das duas Agonias que lambia a garganta de Steven. Este olhava à frente, alheio à discussão das mulheres.

Daimhin queria esmagar o belo rosto dessa ninfa odiosa. Em troca, demonstrou seu próprio autocontrole e respondeu:

— Soltem-no. E me devolvam o objeto que levaram. Pertence a mim.

As três Agonias se detiveram imediatamente e levantaram as sobrancelhas platinadas com assombro.

— É nosso — respondeu Brunnylda. — E do guerreiro que venha buscá-lo — olhou-a de cima a baixo. — Deixe-nos e depois o devolveremos. Precisamos da energia deste guerreiro.

— Steven não é seu — sentenciou a Barda.

A Agonia revirou os olhos e negou com a cabeça.

— Ah, não?

— Não.

— Demonstre-nos isso. Ele não parece se importar que nós brinquemos com seu corpo... E você não tem nenhuma marca — assinalou altiva.

Daimhin deu um passo à frente, a água ao seu redor se moveu com força. Com gesto firme, levantou seu longo cabelo loiro por trás de sua nuca, virou-se e mostrou a dentada de Steven.

— Esta é sua marca! Ele me pertence! — Quando disse isso em voz alta, gelou ao escutar essas benditas palavras em sua boca. Mas, por outro lado, gostou de ouvi-las. Não permitiria que essas mulheres o usassem e menos ainda diante dela. — E diga à sua amiga que deixe de pôr a boca sobre a dele ou fatiarei sua garganta.

A referida parou e se afastou ligeiramente do berserker a contragosto.

Aparentemente as Agonias eram umas exímias vagabundas, mas acreditavam no respeito e nos casais já comprometidos.

— Agora deixem que ele saia daí e que o leve. E me deem o objeto.

— Um momento — disse Brunnylda, erguendo uma mão pálida, emitindo uma gargalhada. — Talvez tenha acreditado que pode vir aqui e pegar o que é nosso só porque você assim o deseja.

— Não é porque eu o deseje. Nem Steven, nem o objeto são seus — replicou Daimhin ofendida. — São as ninfas de Nerthus e estão do seu lado, não é verdade?

— Sim — Brunnylda cruzou os braços e se plantou na frente da vaníria.

— Então compreendam que não resta tempo, que o Midgard está indo para o espaço, e que depende de mim e desse objeto que um pouco de tudo isto se arrume. Interessa-lhes me ajudar.

— Um discurso muito bonito, Daimhin — bocejou a Agonia como se a aborrecesse —, mas tem que me dar algo em troca. Nós nos servimos da energia sexual dos guerreiros para nos fortalecer para enfrentar a grande batalha. Nossos exércitos se desdobram para se defender. Aqui só vê três, mas somos muitas mais. Virão das terras nórdicas e geladas, das planícies ancestrais dos outros continentes... Elas precisam prover-se. Nós também. Dê-nos algo em troca para que nossos dons continuem crescendo. Vai me dar uma coisa para liberar a este delicioso exemplar de berserker — ergueu dois dedos de sua mão direita —, e outra mais para te dar o objeto que requer. É o justo.

— Está louca? — Daimhin a olhou incrédula. — Não tenho nada pra te dar.

— Ah não? — Olhou para ela e Steven intermitentemente. — Acredito que sim. As *dodskamp* se nutrem de qualquer energia sexual. O justo é que nos dê o que nos tirou. Ou prometo que não sairá daqui, vaníria. Você, diga a ela, fada — pediu a colaboração de Electra.

Electra a olhou envergonhada e afirmou com a cabeça.

— As Agonias não recuarão, Barda.

Daimhin escureceu o semblante e negou com a cabeça.

— Não vou lhes dar nada.

— Guerreira — Brunnylda sorriu, sabendo que o que pedia era difícil. — Vai fazer isso. Inclusive, se assim o desejar e ficar mais cômoda, nós os deixaremos a sós. — Estalou os dedos e desapareceram diante de seus olhos, como por arte de magia. — Me ofereça o sexo que nos roubou e nos nutra de poder. Em troca, devolvarei o belo macho.

Nesse instante, sentiu que a água atrás dela se mexia e que um forte torso se grudava às suas costas. A respiração pesada do berserker a deixou nervosa.

— Vai fazer isso, Daimhin — disse Steven ao ouvido dela. — Porque não temos tempo nem espaço. Devemos fazê-lo.

— Afaste-se, maldito — ordenou ela, olhando-o com raiva e ofendida porque Steven não tinha apresentado nenhuma resistência ante sua influência. Além

disso, estava assustada pelo que pensava que devia fazer. — Já despertou? Cheira a elas.

Embora Steven já não parecia afetado pela energia das Agonias, sim refletia pesar pela violenta situação. Daimhin quis arrancar essa expressão da cara dele a tapa. Odiava a compaixão, e embora se bloquearia se Steven fosse mais longe do que ela era capaz de aceitar, não permitiria que tivesse pena dela. Apertaria os dentes como sempre tinha feito. Suportaria o martírio, e ao acabar, deixaria essa lembrança para trás ou a apagaria, e se concentraria no presente.

— Não há outra saída, Electra? — perguntou Daimhin aflita pelas circunstâncias. — Tem certeza? — A fada moveu a cabeça em sinal de negação.

— Os *huldres* são os únicos que podem nos tirar daqui, mas não vão entrar aqui para te liberar. Temem muito as Agonias. E não tenho magia para abrir o que elas selaram nesta gruta — explicou rendida.

Ela melhor do que ninguém conhecia as Agonias, e se não lhes dessem algo em troca do objeto, não deixariam sua presa escapar. A não ser que Nerthus intercedesse, e diferente do que fez a deusa com Nanna e Balder em Galhoppiggen, aparentemente a Deusa Mãe estava de acordo desta vez com o modo de proceder de suas *dodskamp*.

— Daimhin...

A jovem, dominada pela situação, virou-se de repente e encarou Steven gritando a plenos pulmões.

— Isto é por sua culpa! — Empurrou-o com todas as suas forças e Steven caiu de braços abertos na outra ponta da ampla banheira. — Por seu estúpido instinto animal e... e mulherengo! — Afundou as mãos na água, agarrou-o pelo topete e o puxou de novo à superfície.

— Mulherengo? — expulsou a água pela boca. — São malditas feiticeiras! O que esperava? É a primeira vez que as vejo, não pude me virar acovardado como fizeram Raoulz e o resto — ressaltou com raiva. — Com o rabinho entre as pernas, por certo.

— Isso é porque eles são seres puros e sobrenaturais que não se deixam influenciar por um par de tetas e um vestido transparente! O sexo não move sua vida, diferente de você! Estão limpos!

— Limpos? Sabe por que não as olham?! — replicou, ofendido por suas acusações. — Porque cairiam como moscas! Que decepção! Raoulz, o príncipe dos *huldres*, apavorado por três mulheres porque o deixa duro e não quer jogar sua castidade por terra...

— Ele pelo menos não foi como um cachorro excitado atrás delas — repreendeu-o.

— Demoram muito — disse a voz de Brunnylda. — Vamos tirar o colete dele...

— Não o toquem! — Proibiu-as Daimhin cheia de ira, colocando-se em frente a ele com os braços abertos para que nenhuma desse trio pudesse tocá-lo. — Já disse que eu farei isso! Não se metam!

Daimhin ergueu a cabeça, e seus olhos mágicos e furiosos se cravaram nos do Steven.

Passaram-se longos segundos, nos quais Daimhin aproveitou para pensar em seu irmão e sua família, e decidiu que se tinha que ter sexo com Steven pelo bem de outros, teria. Não era nada novo para ela. Não podia ficar ali. Tinha um objeto a encontrar e pessoas pelas quais lutar. Eles contavam com sua presença. Não podia decepcioná-los...

— Isto é o que andava procurando desde que me viu, não é? Seu olhar sempre refletiu o mesmo por mim, esse tipo de interesse — disse ela, zangada pela situação. — Tudo se move ao redor do mesmo.

— Do que está falando?

— De sexo, berserker — enfatizou desinteressada. — Do maldito sexo que tudo polui. Está bem — deu um passo atrás para separar-se dele, engoliu em seco e disse: — Comece. Não tenho o tempo todo.

O berserker franziu o cenho superado pela voz dura da vaníria, seu olhar de asco e sua pose defensiva. Todo um conjunto de desdém e raiva.

— Daimhin, não tem que me temer. Eu nunca... Não farei nada com você se não o...

— Se não o desejar? É óbvio que não desejo — cuspiu furiosa. — Mas seja o que for que tenho que encontrar, está acima de você e de mim. Minhas necessidades não importam.

— Não — Steven levantou o queixo com honra. — Está enganada. Sim, importam a mim.

— Cale-se de uma vez e comece! — gritou com os punhos apertados a cada lado. — Quanto antes acabarmos melhor! Antes poderei me limpar e fazer como se nada disto tivesse acontecido!

— Mas, Barda... o que acha que farei com você?

— Sei o que é isto — esclareceu ela sem mover um músculo de seu rosto. — Acabará antes do que espero. Você se desafogará, depois eu me recuperarei e me limparei. Por isso, quero que comece já e acabe com isso.

Nunca, em seus vinte e dois anos, havia se sentido tão sujo e tão ferido como nesse momento. Daimhin o colocava à altura dos homens que a prenderam durante tantos anos... E isso destroçava seu coração.

Não era justo. Mas, por outro lado, tentava compreender o modo de pensar da linda loira, princesa das fadas, maltratada por humanos. Todos homens. E tentar compreendê-la e compartilhar sua dor era o que o salvava de não agarrá-la e tomá-la com a raiva e o desejo que, na realidade, percorriam seu corpo.

Estava insultando-o ao tratá-lo assim.

Aiko tinha contado para ele na Sala da Boa Esperança, que as cicatrizes dos dois irmãos eram muito profundas e que embora as exteriores começassem a curar, eram as da alma as que mais cuidados e tato requeriam.

Mas havia um problema: eles não dispunham de tempo para repará-las.

A japonesa também fora despertada por Nerthus e avisada do importante trabalho que tinham entre as mãos. Despertar os dons autênticos dos bardos só se conseguiria através da vinculação, com a chegada do *comharradh*. Isso implicava relações sexuais, mas não só sexo: em cada ato devia estar presente o amor. E a vaníria tinha utilizado um comprimido *Riley* para começar a assediar o corpo e o coração de Carrick. E o fizera com êxito.

O caso de Steven era diferente. Porque se Daimhin, que rondava sua mente, acabasse se inteirando da existência das *Riley*, então se fecharia e o obrigaria a desfazer-se delas. Por isso, Steven tinha pedido um favor a Aiko: que cobrisse esse segredo mentalmente, que o ajudasse a escondê-lo do controle de Daimhin.

Aiko tinha sorrido como se tivesse grande facilidade para isso e nobremente aceitou ajudá-lo. Porque ambos, tanto Steven quanto ela, sabiam que o mais importante era a sobrevivência do Midgard, e se pudessem ajudar a conseguir que se mantivesse em pé, fariam-no, embora com isso tivessem que chantagear a seus autênticos companheiros de vida.

— Mede a todos pelo mesmo nível? — Steven perguntou de repente, afetado por suas palavras.

— A todos — respondeu Daimhin levantando a cabeça. — Menos a meu irmão e aos que sofreram como eu. Ninguém me demonstrou o contrário do que penso e não espero que seja você quem o faça.

— É uma pena, Barda — Steven estalou a língua e se acomodou na parede de pedra que delimitava aquele inesperado berço de água, ou banheira do amor.

— O que é uma pena? — quis saber ela, estudando-o de cima a baixo.

— É uma pena ter que jogar todas suas hipóteses por terra.

— Como disse?

— O que ouviu, Daimhin. Não penso mover nem um só dedo para te tocar. Não vou fazer isso. Se quiser algo — arqueou as sobrancelhas —, e ambos sabemos que precisamos dele para sair daqui e seguir com a viagem, aproxime-se e tome-o. Não vou ser mais outro em sua maldita, sinistra e repugnante lista negra.

XIII

Em algum lugar do mundo huldre

Daimhin demorou vários instantes em compreender o que Steven sugeria.

Foi ler em sua mente as verdadeiras intenções do berserker, mas para sua surpresa, não encontrou nada. Só calma e paciência.

Ela sabia que era tudo mentira. Tudo sempre foi mentira. As intenções dos homens com ela sempre foram as mesmas... E nunca pôde se libertar de suas atenções, exceto no final, quando Carrick marcou como objetivo sofrer todos os abusos em busca de seu bem-estar. Ela não queria que seu irmão sofresse, mas ninguém podia estar contra Carrick. Ele fazia por chamar a atenção dos asquerosos guardas para que prestassem atenção nele. E o fizeram.

— Não sei onde está agora — disse Steven sem mover um só músculo de seu corpo. — Mas esteja onde estiver, nada tem a ver com o que acontece aqui.

— Não sei o que quer que faça.

— O que você quiser — abriu os braços com evidência e seus ombros largos pareceram enormes à jovem. — O que gostar. Não vou fazer nada. Não quero te assustar.

— Mente. Quando me descuidar...

— Não! — exclamou, obrigando-se a manter a calma. — Não o farei.

Ela pigarreou, como se não desse importância ao que iam fazer.

— Sabe? Não tem que ser amável comigo. Não quero. Sei muito bem como isso acontece... — Seus olhos laranja o olharam fixamente.

— Sêrio?

— Sim. Virá, vai me machucar, manchar, e depois eu me limparei. Será assim fácil.

Steven negou com a cabeça. A fúria de seu coração se avivou com aquela crua descrição de suas experiências com os homens. Os filhos da puta a forçaram. Sentiu empatia por ela e desejou que as coisas fossem diferentes entre eles.

Porque Daimhin não tinha nem ideia. Conhecia o mundo obscuro, violento e pervertido dos humanos doentes que abusaram de todos eles. Mas aquela não era a realidade. Só era a escuridão do ser humano que se deixava levar por sua loucura e seus demônios.

O que tinha vivido com aqueles homens nos túneis do Capel-le-Ferne nada tinha a ver com o que ele era, nem com o que podia fazer com ela. E até que Daimhin não confiasse nele, não poderia descobrir o mundo que Steven reservava para ela.

Um mundo de carícias, tato, paixão e... amor.

Só para ela. Por ela.

— Daimhin.

— Já vou — a vaníria se deslocou como um robô, com movimentos mecânicos, sem alma e sem coração. Inclusive seus olhos laranja pareciam vazios. Um belo corpo oco. A jovem estendeu suas mãos até a calça de Steven, disposta a lhe fazer o que a obrigaram a fazer em Chapel Battery. Os homens gostavam disso. E depois a agarravam, colocavam no chão de barriga para baixo e...

Fechou os olhos com força, lutando para afastar as lembranças. Voltavam o medo e a paralisia. Quando acreditava que podia com tudo, que seus terrores não eram mais fortes que sua convicção, chegava a imobilização. Mas devia fazer isso, inclusive sentindo ânsia de vômito e vontade de sair correndo... Faria com Steven

o que tinha que fazer, e depois se afastaria dele porque jamais poderia olhar na sua cara. Depois disso, nunca mais.

Ele franziu o cenho e deteve suas mãos. A vaníria ergueu a cabeça de repente, olhando-o sem vê-lo, sem compreendê-lo.

— Por que me detém? — Acaso não era isso o que queria?

Steven engoliu em seco, muito afetado pela situação. Esfregou a boca com uma mão e, sem que ela visse, introduziu a *Riley* e a pôs debaixo da língua. Nervoso e angustiado, disse:

— Disse às Agonias que eu te pertencia.

— Agora não...

— Disse isso de verdade? Acha que te pertença?

Daimhin bufou como uma égua farta de caminhar.

— Não devia ter me mordido. Sua dentada faz com que pense besteira.

— Minha dentada só age ante uma pessoa. Não marco a todos que mordo. Mas se minha companheira cruzar meu caminho e eu a morder, instintivamente me imprimo em sua pele e em sua alma. E é isso o que aconteceu comigo com relação a você.

Daimhin piscou confusa.

— Só diz tolices. Deixa de me convencer. Não ponha em evidência.

Aquilo feriu Steven no mais profundo do seu ser. Por acaso não era bom para ela? Por que Daimhin insistia em não ver o que para ele era tão claro como a água?

— Assim digo tolices, não é senhorita de pedra?

— Não quero continuar falando — confessou ela, sentindo-se mal ao ser objeto do olhar irado de Steven.

— Bem. Então não falemos. E se me beijar antes?

Daimhin se enrijeceu com surpresa.

— Beijos?

— Sim. Beijos. Quero que me deixe te beijar. Não a tocarei. Só quero te dar um beijo.

Electra, que estava sentada sobre a pedra que rodeava a banheira, cobriu o rosto e se virou para não olhar.

— Por quê? — perguntou Daimhin.

— Porque eu não faço isto sem beijos — precisava relaxá-la. Demonstrar que havia um mundo de sensações que ela desconhecia, por mais que se recusasse a ceder a isso. — Para mim são como ar para respirar.

Ela sorriu friamente, como se zombasse dele e de suas palavras.

— Não seja estúpido, punk. Porque não sou, não vou confundir isto com outra coisa. Trata-se de foder, não de montar para mim um castelo de flores.

Desta vez, essas palavras geladas foram as que mais o impactaram. Um rugido emergiu de sua boca; mostrou-lhe as presas, zangado porque alguém como ela, tão cheia de beleza e magia, se atrevesse a falar como uma puta sem coração.

Agarrou-a pelo pulso, puxou seu corpo até que a jovem impactou contra ele, rodeou-a com os braços para que ela não pudesse sair.

Daimhin riu com soberba, mas tinha as pupilas dilatadas como se mantivesse em guarda e acreditasse que aquilo que viveria seria duro e doloroso.

Estava assustada com ele, embora não o reconhecesse, a condenada.

Mas nada mais longe da realidade.

Daimhin era sua *kone*. Jamais faria mal a ela.

— Pois vai ter que aguentar, sádica. Porque eu quero o castelo de flores.

E então, com uma violência comedida e nada agressiva, beijou-a, jogando o pescoço dela para trás e segurando seu rosto com as mãos para que não escapasse de sua investida.

Daimhin paralisou.

Não pôde se mover até passados uns intermináveis segundos depois que seu cérebro comprovou que os lábios de Steven não lhe faziam mal e que segurava sua cabeça com intensidade, mas sem feri-la.

Nunca antes a tinham beijado.

O sabor de sua boca era estranho e mentolado, mas muito agradável. Seus lábios se acoplavam aos dela sem exigência, mas também com a pausa e a calma de quem sabe que duas peças se encaixam à perfeição. Só faltava o tempo e a paciência para comprová-lo.

E o tempo ali, naquela improvisada piscina cuja água esquentava com seus beijos, pareceu parar. Daimhin continuava com os olhos abertos olhando o rosto de Steven, observando como sua expressão relaxava e se tornava generosa.

Suas mãos encarceraram seu rosto, mas não o fecharam com chave.

Daimhin estava, sinceramente, impressionada pela suavidade e a amabilidade insistente do berserker que, de repente, cortou o beijo e se separou dela, ainda segurando seu rosto entre as mãos.

Abriu seus olhos amarelos e a inspecionou procurando algum tipo de resultado nela, esperando encontrar o que procurava, seja o que fosse.

E, sinceramente, Daimhin não sabia nem como reagir. Queria mais, isso sim. E se sentiu mal por não ter suficiente, como se alguém a houvesse desprovido de combustível. Que diabos havia com ela?

A marca de sua dentada começou a arder e o sangue ferveu sob a pele, a ponto de explodir como um gêiser.

Que tipo de pessoa era se desejava beijos mais longos? O que dizia isso sobre ela?

— Quer mais, Daimhin? — perguntou ele, acariciando suas bochechas com os polegares.

Ela lambeu os lábios com a língua. Que diabos queria? Não ousava piscar. O rosto de Steven ocupava todo sua presente.

Deuses... Seria estúpida se não admitisse que era excessivamente bonito e que esse cabelo não ficava bem em qualquer um. O brinco de sua orelha cintilou.

— Se quiser mais, sádica... venha buscar.

Ela inclinou a cabeça para um lado. Estava lhe dando as rédeas. Um berserker que adorava a caça e ter o controle, que teria sido capaz de matar com só um espirro a todos os humanos maquiavélicos que tão mal a trataram... Esse berserker estava outorgando o controle a ela.

Daimhin devia se aproveitar disso e continuar experimentando... Porque sua cabeça parecia embotada por esse beijo que anulava o medo e as lembranças negativas como por arte de magia.

Ela ficou nas pontas dos pés e com seu nariz roçou o dele.

Steven perdeu o ar dos pulmões, rendido à suavidade e valentia dessa garota. E quando ela o beijou e tentou com um beijo puro e etéreo, como os pós de uma fada, os joelhos tremeram e esteve a ponto de fazer o ridículo ao afundar-se na água.

A *Riley* tinha dado resultado.

Daimhin o agarrou pelo rosto como ele fizera com ela e colou seus lábios aos dele, unindo seu torso ao dele com acanhamento...

Steven deixou os braços caírem, submetido pela deliciosa doçura de Daimhin. Como ela não seria sua companheira? Se seus lábios lhe davam vida e esperança e o convertiam em alguém merecedor de coisas boas. Como ela.

Daimhin rodeou seu pescoço com os braços e continuou beijando-o. Cada vez com mais insistência, como se aquilo não fosse suficiente.

Steven entreabriu a boca compreendendo perfeitamente e estendeu a língua para que tocasse seus lábios. Daimhin deu um salto de surpresa ao notar o tato aveludado da língua. Olhou-a fixamente e estudou seus lábios úmidos, e a ponta rosada desse músculo libidinoso que ainda não se ocultou completamente.

Steven endureceu por trás da calça a ponto de explodir. Era tão sexy... e ela nem sequer sabia.

Então Daimhin deixou a cabeça cair de novo e o beijou, entreabrindo a boca como ele e esticando a língua para passear, como ele tinha feito. E quando ambas se tocaram e esfregaram como a lâmpada do gênio, ele gemeu e as presas dela alongaram.

Tinha um gosto tão bom que Daimhin desejou morder sua língua e beber dele. E foi o que fez. Descontrolada pelas sensações, mordeu sua língua e a segurou sugando, puxando-o.

Steven abriu os olhos assombrado ao perceber que essa carícia repercutia diretamente em seu membro e que devia controlar-se muito para não ejacular.

Mas não quebraria a promessa. Se Daimhin necessitava mais, seria ela quem devia ir à sua busca. Não o contrário, e não por falta de vontade, mas sim porque devia ganhar sua confiança.

Daimhin, por outro lado, sofreria uma combustão espontânea. O sangue de Steven era sua luz, banhava-a de cima a baixo, e a convertia em uma viciada nessa substância.

E entretanto, embora adorasse seu sabor, o que ela requeria nesse instante era outra coisa. Ardia entre as pernas e os mamilos ardiam. E a maldita marca não deixava de palpitar.

Cortou o beijo e sem ser muito consciente do que fazia, lambeu o canto da boca de Steven, pelo qual viajava uma pérola rubi. Respirava como se estivesse esgotada. Igual a ele.

Daimhin deslizou as mãos por seu peito, observando-o com desejo.

Desejo... Ela? Como podia atrever-se a experimentar algo assim?

Então as heras que rodeavam o colete de pele, metal e planta deslizaram e o abriram, respondendo a seu pensamento. Se ela quisesse olhar o que havia por baixo, o colete a obedeceria.

Uma risadinha de estupefação escapou de Daimhin. A roupa a obedecia.

Ela não se atrevia a tocar o peito de Steven, mas por outro lado, era a única coisa que pensava. Sentia-se flutuando, embriagada de sensações, sem a mínima recordação desagradável nem nada que recordasse os “outros”. Só existia Steven. E Steven permitia que fosse ela quem desse o passo adiante.

Em meio da onda de euforia, lançou-se por mais. Então imaginou que seja o que for que Steven tivesse entre as pernas, que tocasse entre as dela e acalmasse aquela dor surda e insatisfeita. Outra coisa que não entendia.

Como podia desejar algo que repudiava? Estava ficando louca?

Entretanto, suas mãos já procediam a desabotoar as calças dele, que seguiam exatamente os mesmos passos que o colete tinha seguido. Desabotoavam com apenas uma carícia. A hera se afastava e a fivela prateada se abria em somente olhá-la.

— Tenho que fazer isso — disse Daimhin com os olhos laranja e claros fixos na calça de Steven. — Ou faço ou não sairemos daqui. Já fiz isso outras vezes. Isto não é nada novo — tentou se autoconvencer, embora a aceleração de seu coração assinalasse o contrário.

Steven tomou ar ao sentir que as mãos da vaníria se metiam com decisão dentro da calça.

Outras vezes, pensou com amargura. Ele não tinha nada a ver com eles. E ela saberia... Embora agora estivesse desinibida pela *Riley*. Esperava com ânsia o momento em que não precisasse usá-las. Mas essa primeira vez estavam fazendo efeito. Efeito do bom, e valiam igual.

Daimhin deslizou as calças por suas coxas marcadas e duras... E quando o viu nu se sobressaltou.

Jamais pensou que um homem nu fosse bonito; de fato, ela repudiava essa parte da anatomia masculina. Já as tinha visto e não a agradavam.

Em troca, Steven... Steven era diferente. Igual em muitos aspectos, mas diferente em outros. Seu corpo não era obeso nem flácido, nem fedia a suor ou a imundície; justamente o contrário: era a musculosa carapaça de um guerreiro dos deuses e cheirava a milagre.

Seu rosto era belo e a olhava como se quisesse enchê-la de cuidados e não degradá-la como tinham feito seus carcereiros com ela e com todos os meninos perdidos. De fato, Daimhin não era nenhuma estúpida e sabia que os homens atraentes e esbeltos também podiam ser cruéis e abusivos. A maldade nada tinha a ver com ser arrebatadoramente perfeito ou parecer-se com um trol. Não obstante, Steven não parecia ter intenção de tocá-la ou de tomar a iniciativa com ela. E aquilo a tranquilizava.

Não quebraria sua promessa.

— Você terá que fazer isso, sádica. A não ser que me peça ajuda para... — Olhou sua nudez, dura e erguida, pois não podia ignorar o que a presença de sua *kone* provocava nele.

Daimhin se lambeu inconscientemente sem deixar de olhar seu membro, ruborizada pela vergonha, mas quente pelo modo como seu corpo reagia a ele.

Reagia, pensou mergulhada em sua própria estupefação.

Ajuda? Ajuda para que? Sei muito bem como fazer isto, pensou ela.

A marca do pescoço mandava ondas de calor através de toda sua pele, tornando-a hipersensível a só uma caída de olhos do berserker.

Daimhin não queria demorar-se, embora tivesse uma lembrança surda e vaga dos pesadelos sofridos, sua mente as anulava como se afastasse a uma mosca com um tapa, com essa facilidade.

Não queria pensar em por que agia desse modo, o que estava claro era que, com Steven, nada era igual e que estava experimentando pela primeira vez em sua vida o que era o desejo carnal. O autêntico.

Sem mais demora, querendo que essa sensação não passasse, ansiando aproveitá-la, a jovem abaixou a estranha calcinha que os elfos a vestiram. Quando esta se abriu, como se seguisse as palavras mágicas de “abracadabra”, e a água tocou aquela parte ardente de sua anatomia, a vaníria gemeu de prazer.

Apoiando-se com as mãos nos ombros do atraente guerreiro, Daimhin subiu de pernas abertas sobre seus quadris.

Steven exalou o ar que retinha nos pulmões como um refém que não queria liberar.

— Segure-me — disse ela, encostando seu nariz ao dele.

Piscou enfeitiçado por sua decisão e sua coragem. Daimhin estava segura de transar com ele, embora os comprimidos fossem os responsáveis por sua falta de medo.

Mas não duvidaria em obedecê-la. Aquela oportunidade era única para cumprir seu encargo. Os dons deviam ser revelados; e sem amor e sexo, jamais poderiam se entregar. Daimhin era dele, embora ela não acreditasse. Assim, não se sentiria culpado de usar todos os meios ao alcance de sua mão para que a vaníria cedesse à atração e à sina de seus destinos.

Juntos. Juntos conseguiriam.

— Vou ter que te tocar.

— Não importa — respondeu ela. — Segure-me. Tenho que...

Steven agarrou suas nádegas frias ao tato, mas arredondadas e perfeitas para suas mãos. Dava-lhe prazer tocá-la, como não? Não devia se surpreender por isso. Mas o fez.

Sorriu e fechou os olhos quando ela de repente tomou o membro entre os dedos, cercando-o, rodeando-o. Estava muito surpreendida por suas dimensões, mas não surpresa; no final das contas, era um berserker. E os berserkers eram animais em tudo, tudo.

E, pouco a pouco, Daimhin se deixou cair sobre ele, abrindo-se como uma flor à sua invasão. Embora seu cérebro não pudesse registrar o fato de que ela, uma vaníria, estava se entregando por vontade própria a um homem e não a um qualquer, mas sim a um de um clã que não era o seu, cujas diferenças os separaram durante milênios.

E acaso importava? Só importava seu objeto e sair dali. Escapar desse lugar com possibilidades de sobreviver. E essas possibilidades passavam por obedecer às vadias das Agonias.

Não havia mais.

Daimhin se deixou cair de repente nele. A impressão foi abrupta e violenta. Necessitava daquilo, e ao mesmo tempo, queria fugir dali.

— Por todos os deuses... — gemeu Steven, segurando-a pelas nádegas para que não se empalasse tão grosseiramente. — Com cuidado, sádica.

— Não há tempo para tomar cuidado — murmurou ela com sua boca grudada no pescoço dele. Desejava mordê-lo enquanto se sentia avivada e dilatada por ele. Impulsionou-se para baixo até cravar-se um pouco mais, embora Steven tentasse detê-la, sem êxito. — Vamos acabar com isto.

A dor viria, sempre vinha, não tinha dúvidas sobre isso. No final, todos eram iguais, todos os homens utilizavam essa ferramenta do mesmo modo, não?

Não. A vaníria estava equivocada.

Porque “acabar com isto” não era, nem de longe, o que ela imaginava.

Daimhin o mordeu quando Steven começou a mover-se em seu interior. Com lentidão e calma, sem perder o ritmo nem a profundidade.

Não. Ele não era como os homens que a maltrataram. Nem um pinga.

E Steven se encarregou de demonstrar enquanto a possuía, de um modo nada agressivo, permitindo que fosse ela quem levasse o tempo e encontrasse seu movimento. Porque o mais importante era saber que estava dentro dela. A partir dali, que Daimhin o usasse como melhor lhe conviesse.

Ela se queixou levemente enquanto mordia o lábio inferior, concentrada na invasão, na posse voluntária de seu corpo, pendurada em seu pescoço, roçando a jugular dele com os lábios.

— Me morda — pediu ele, enredando uma mão no longo cabelo loiro dela. Nerthus a tinha penteado e parecia que jamais se despentearia com esse coque. Steven a imaginou selvagem e entregue a seus cuidados, completamente liberada. Ainda restavam várias investidas para isso, mas ia saborear esse momento. Porque estava fazendo amor com Daimhin. — Venha, sádica. Está desejando isso...

— Quer que o deixe fraco outra vez? — perguntou ela respirando entrecortadamente.

— E acha que isto não me deixa? — replicou ele, sufocando um sorriso.

Daimhin jamais pensara nas consequências físicas que tinha para os homens praticar sexo. Certamente não eram as mesmas para ela.

— Quando vai começar a me machucar? — a pergunta saiu de repente, sem filtro para processar, nem tampouco com medo por uma resposta inadequada. Não se importava.

Steven deteve o movimento de suas nádegas e afastou o pescoço, triste por aquela pergunta.

— Seja o que for que viveu lá, onde quer que a tivessem — grunhiu abatido —, não tem nada a ver comigo.

— Mas é um homem — prosseguiu ela abrindo os lábios, procurando seu pescoço com ânsia. — É o que são. É o que fazem.

— Não — Steven negou com a cabeça, procurando os olhos plenos de desejo e luxúria da jovem. Nada. Ali não havia medo, a não ser a confirmação do que para ela era sua verdade. A única que conhecia. — Eu te demonstro isso? Morda-me.

Daimhin negou com a cabeça, enquanto se agarrava a seu pescoço e se abraçava forte a ele. Mas sua vontade a traiu. Mordeu-o cravando as presas até a veia.

Steven aproveitou para empurrar um pouco mais nesse momento e prepará-la com esse líquido perolado afrodisíaco dos berserkers, que servia para dilatar e facilitar a posse.

Quando a banhou por dentro, voltou a empurrar. Possivelmente não a penetraria por completo, mas sim o suficiente para que ela recordasse que não havia ninguém como ele.

Daimhin começou a beber, sem deter seus quadris que iam sozinhos, fazendo escorregar o falo do berserker em seu interior.

Steven jogou o pescoço para trás. Dava-lhe prazer que ela o mordesse e o marcasse. Mas combinado com a união de seus sexos, lançava-o ao orgasmo rapidamente.

A vaníria se movia cada vez mais rápido e bebia com uma fome desmedida.

Então Steven, do mesmo impulso, teve que apoiar as costas na rocha. A água bamboleava de um lado ao outro e leves gotas de sangue se deslizavam por seu torso até a água, tingindo-a ligeiramente.

E então, a explosão chegou a ambos de maneira inesperada, como os foguetes que ninguém avisa que vão chegar.

Daimhin desencravou as presas e gritou abraçando-se a ele como se fosse seu salva-vidas. Steven rugiu como um animal, provocando que o som ricocheteasse no interior da caverna, ejaculando em seu interior e deixando nela toda sua alma e suas boas intenções.

Gozaram ao mesmo tempo, chegando de mãos dadas ao êxtase mais sublime que Daimhin jamais experimentou.

XIV

Daimhin não se atrevia a se mover.

Steven tampouco.

Ela ainda tinha o sabor de seu sangue na boca.

Ele ainda a sentia palpitando ao seu redor.

Ambos tremiam pelo orgasmo de luz e cor que os percorreu de cima a baixo, convertendo-os em pó e fazendo-os renascer de novo, como se nunca tivessem existido, como se sempre tivessem existido juntos.

— Sádica? — Steven teve que pigarrear, adormecida também pelo prazer, como o resto de seu corpo. — Está bem?

— Como não estaria bem? — as três Agonias materializaram na frente deles, fora da improvisada banheira com orquídeas flutuantes. — Se nós estamos

maravilhadas, esta garota tem que estar melhor ainda. — Brunnylda se abanou com a mão como se fosse um leque. — Foi muito quente, não é? Dois guerreiros de raças diferentes e poderosas transando justo diante de nós. Nutriram-nos. Muito obrigada.

Daimhin deslizou pouco a pouco do corpo de Steven até que ele escorregou de seu interior. A jovem não queria olhá-lo nos olhos. De fato, nem queria olhar a si mesma, envergonhada e assustada em partes iguais devido às fortes sensações experimentadas, jamais imaginadas.

Assim, manteve-se em silêncio, desejando sair dali o quanto antes, com a cabeça muito confusa porque o vivido com o Steven, embora na prática fosse muito parecido, não se ajustava em nada aos terrores que ela tinha e que vivera.

Imaginava que as Agonias deviam estar satisfeitas e que agora já podiam dar o objeto e partir dali com Steven; e quanto antes se fosse e esquecesse, melhor.

— O objeto — Daimhin se virou sem dar uma palavra ao berserker, com o cabelo loiro perfeito como se nunca tivesse feito nada fogooso com ele. Levantou a palma da mão direita para cima, exigindo: — Venha, dê para mim, estou com pressa.

Brunnylda negou com a cabeça de forma jovial.

— Não, não, não, bela Barda. Isto que fez é para você levar o guerreiro. Agora tem que fazer algo mais para que eu te dê o objeto.

— Esse não era o trato — grunhiu Steven.

— Sim, era, músculos — assegurou a *dodskamp* sorrindo para ele, mas desta vez, sem surtir efeito nele. — Disse a vocês que iam me fazer dois favores. O primeiro já recebemos. Em troca, nós três liberamos Steven, certo?

As três Agonias levitaram sobre a água. Daimhin e Steven saíram dela também de um salto, ensopados, não como as ninfas, que estavam tão secas como quando as tinham visto. Maldita e maravilhosa magia.

— Qual é o segundo? — inquiriu Steven.

— O segundo é o que tem que aceitar para que entreguemos este objeto — Brunnylda levou a mão às costas e tirou algo retangular e de pedra dela.

Electra revooou ao redor do objeto com uma expressão inconformada.

— Isso não é nenhum objeto — disse Steven. — É um tijolo. Enganaram-nos! — gritou querendo agarrar as três mulheres pelo pescoço.

— Não é um tijolo, estúpido — respondeu Brunnylda muito arisca. — As Agonias jamais mentem. Deveria arrancar seus olhos só por insinuar isso. É um objeto dos deuses.

— Brunnylda tem razão. É o objeto. Mas está enfeitiçado — concordou Electra com sua vozinha. — Em Asgard, como há fadas que podem ajudar a procurar dois tesouros, há tesouros que podem ter duas funções. São enfeitiçados para isso pelos elfos da luz. Quando estes objetos completam a primeira função, convertem-se em pedra para se ocultar aos olhos de todos à espera que o buscador seguinte os ache.

— Mas é meu — disse a vaníria —, encontrei-o, por que não se mostra para mim?

— Porque se deve conhecer a magia que o rodeia para mostrá-lo de novo — respondeu Brunnylda, levantado o dedo indicador como uma sabichona. — Se um elfo da luz deixa às escuras um objeto divino, só o elfo da luz pode iluminá-lo de novo. Provérbios de Asgard — acrescentou decidida.

Steven olhou para Brunnylda e para Electra, alternativamente. Os elfos da luz estavam em Asgard. Não podiam descer porque o Asgard estava fechado. Em troca, os *Svartálfar* de Loki sim tinham aberto seu reino ao Midgard. Conclusão: estavam acabados.

— Não vamos poder descobrir o que é — disse Steven passando a mão impotente pelo topete. — É impossível. Não há nem um maldito elfo da luz no Midgard.

— Eu não estaria tão seguro disso — argumentou a Agonia sorridente. — De fato, se aceitarem que a gente vá com vocês, posso assegurá-los que tenho o modo de encontrar um elfo da luz, um autêntico. Um ermitão que todos os seres de Nerthus conhecemos.

Daimhin franziu o cenho.

— No Midgard não há elfos da luz. Não minta para nós.

— Tem certeza? No Midgard há Agonias, *huldres*, berserkers, vanírios, valquírias, einherjars e filhos de deuses... De verdade se vê com a verdade de admitir que não há nem um só elfo da luz aqui?

A jovem entreceitou os olhos laranja e inclinou a cabeça para um lado.

— Não pode ler minha mente. Nem tente — ameaçou Brunnylda.

Daimhin arqueou as sobrancelhas loiras, olhando-a com cara de pôquer.

— Não ia fazer isso.

— Venha — a Agonia bateu palma. — Decidam já, porque não temos o tempo todo. Levem-nos com vocês e direi onde achar o misterioso elfo, o único que pode revelar o que esconde a pedra.

Steven cruzou os braços e olhou fixamente para Daimhin, a qual ainda continuava sem lhe devolver o olhar. Sentia-se colérico e perdido com a reação da jovem Barda. Estava ignorando-o como se desejasse apagar de sua lembrança a ambos fazendo amor.

— Vamos deixar que as Agonias nos acompanhem — ordenou ele sem inflexões.

— Mas os *huldres* e elas... — apontou Daimhin.

— Os *huldres* deverão ceder ante suas decisões, Daimhin — respondeu Brunnylda. — É a Barda deles. Sua mensageira. A escolhida de todos eles. Sua princesa, e talvez sua futura rainha.

— Rainha? De que merda fala? — Steven descruzou os braços, alerta com o que significava aquela palavra. Brunnylda se pôs a rir. — Do que ri, Agonia?

— O príncipe Raoulz não falou disto, parece.

— Do que?

— Com a morte de Khedrion, o líder *huldre* dos países escandinavos, o irmão mais velho de Raoulz — explicou estudando as reações do casal —, o mundo *huldre* fica sem seu rei. É Raoulz agora quem herda o trono. Raoulz e os seus procuram uma mudança de dimensão longe dos Nove Reinos, mas não quer partir daqui sem uma rainha consorte. Os *huldres*, os elfos em geral, acreditam firmemente na lenda da Rainha Barda dos elfos e das fadas. Uma mulher que chegaria nos últimos dias para contatar com seu mundo e viajar com eles ao mundo feérico *huldre*. Raoulz sabe que você é essa mulher. A Barda destinada a enlaçar mundos, a ler o seu próprio e a criar junto com eles um círculo de lenda longe deste reino de destruição.

— Eu? — Daimhin levou a mão ao peito.

— Isso não vai acontecer — concordou Steven com a expressão mais dura e fria que o gelo. — Daimhin não vai viajar com eles a nenhum lugar.

Brunnylda o analisou como um raio X.

— Isso, lobinho, não vai decidir — observou ao seu redor e estalou a língua. — Os bardos e os elfos têm laços místicos. São como... a Lua e as estrelas. Caminham juntos.

— Não acredito — resolveu Steven, morto de raiva e ciúme.

— Nos tirem daqui — pediu Brunnylda —, e viajaremos com vocês como um exército a mais. Estamos esperando o resto das Agonias. Seremos muitas e os ajudaremos.

— Vocês não sabem lutar — respondeu Steven.

— Nossas armas, bonito — Brunnylda se aproximou do guerreiro, movendo os quadris com sensualidade. Segurou-o pelo queixo e o levantou, embora ele fosse muito mais alto que ela —, são outras contra as quais nenhum homem pode lutar. Poderiam nos usar para que joguemos a seu favor. Faremos isso encantadas, porque é justo o que deseja Nerthus. E ela é nossa deusa.

Daimhin analisou as possibilidades. Obviamente, as *dodskamp* teriam que os acompanhar ou não poderiam sair daqui. O único problema era que os *huldres* não queriam nem vê-las. O pró mais importante era que lutariam com suas armas e os ajudariam nessa viagem para achar ao misterioso elfo da luz.

Para Daimhin estava claro. Precisavam delas.

Ainda estranha e prazerosamente dolorida pelas angustiosas e aterradoras sensações que o corpo de Steven tinha despertado nela, procurou Electra com o olhar, perguntando tacitamente se era boa ideia que Brunnylda e suas garotas os acompanhassem.

Electra, uma fada muita prática, deu de ombros e revoou sobre sua cabeça.

— Não se trata se é uma boa ideia ou não. O mais importante para você é que a pedra se mostre tal como é. Essa é sua missão. E nada, nada, pode te desviar dela. Que venham, se tiverem que vir e a guiem até o *Alf*.

Daimhin assentiu com convencimento porque não tinha outra alternativa. A ideia de que essas mulheres que revolucionavam os homens desse modo viajassem com eles a incomodava. Raoulz não gostaria. E ela tampouco. Os *huldres* não podiam ser corrompidos por essas ninfas.

Daimhin não permitiria isso.

— Tudo bem. Virão conosco. Com a condição de que deixem os *huldres* em paz. Precisamos permanecer unidos e concentrados.

Brunnylda meditou a norma da Barda e por fim aceitou sem vontade:

— Está bem.

— Então abram a parede.

As Agonias sorriram abertamente. Steven, por sua parte, não avaliava a decisão negativamente. Se as Agonias já não podiam seduzi-lo, então poderiam seduzir Raoulz. Isso mostraria a vaníria que nem o *huldre* mais digno e espiritual estava a salvo do influxo de sedução de uma mulher. Ou isso esperava.

Brunnylda deu a pedra retangular a Daimhin e depois disso colocou a palma da mão para frente, como se fosse emanar um raio laser dela. Então sussurrou:

— Que o que permanece selado se abra.

Dito isto, a rocha se quebrou e uma greta, a mesma que atravessaram e que a percorria de cima a baixo, partiu-a ao meio e se alargou ainda mais para que todos pudessem passar.

Do outro lado, ainda de costas e em silêncio, os *huldres* esperavam impacientes a chegada de sua Barda e o objeto, mas sob hipótese alguma esperavam a companhia das Agonias.

Todos esticaram as costas e as orelhas bicudas se ergueram como se cheirassem o perigo a um palmo de seus corpos. E assim era. O que os *huldres* mais temiam estava atrás deles, com rostos sorridentes e mulheres espertas ao saber que poderiam brincar com os elfos de Nerthus.

— O que significa isto? — perguntou Raoulz sem olhar para Brunnylda em nenhum momento. Olhá-la seria cair em seu feitiço. As Agonias foram criadas para chatear os *huldres*. Não havia mais.

— Daimhin aceitou que nos acompanhem — explicou Steven orgulhoso, sabendo que Raoulz não gostaria dessa resposta. — Podem nos ajudar.

— Nos ajudar? Como? — disse incrédulo. — Elas somente conduzem ao frenesi e perversão. Caos. Nada mais.

Brunnylda levantou uma sobrancelha loira e sorriu.

— Ora, ora... Quanto medo tem de nós, príncipe Raoulz.

— Já temos o objeto — interveio Steven. — Mas está enfeitiçado e convertido em pedra. Precisamos de um elfo da luz para que retire o feitiço que o cobre.

Raoulz desviou os olhos para a Barda e o objeto de pedra que segurava.

— Você está bem, princesa? — perguntou o *huldre* moreno com preocupação. — Fizeram algo com você?

— Oh, é claro que sim... — murmurou Brunnylda.

Daimhin engoliu em seco e olhou para outro lado, aflita. Tinham que falar disso ali na frente de todos?

— Está bem? — Raoulz voltou a perguntar. Seus olhos escuros e sua pele, com aquelas estranhas tatuagens, brilharam com tons prateados como se estivesse furioso.

— Sim — respondeu ela.

— As rameiras de Nerthus a obrigaram a fazer algo que não queria fazer?

A vaníria não sabia onde se enfiar. É óbvio que a obrigaram a fazer algo que jamais teria feito. E o pior era que, para sua estupefação, tinha gostado. Não foi desagradável. Nem um pouco.

Steven, por sua vez, pensou: *Diga a ele quanto gostou de ficar comigo.*

Mas Daimhin nunca diria algo assim, e mais ainda quando não pensava que o acontecido naquela banheira de pedra fosse nada especial ou mágico. Teria sido uma transa a mais? Mais um ato sexual para ela?

— Precisamos de um elfo da luz, princesa? — voltou a perguntar Raoulz ante seu silêncio.

Brunnylda e Steven reviraram os olhos como se achassem tediosa a reverência da voz do *huldre*.

Daimhin assentiu com a cabeça. A vaníria tinha um brilho íntimo e estranho no olhar que não passou despercebido a Raoulz. E o elfo não gostou nem um pouco.

Entretanto, não podia obcecar-se com isso. A Barda era uma pessoa importante, um ser que poderia mudar todas as realidades, porque assim estava escrito e assim o dizia o vento.

Raoulz a necessitava. E venerava. Obedeceria e cumpriria seus desejos.

— Então, estamos no país equivocado. O elfo que procuramos não está na Escócia, princesa — concedeu Raoulz.

— Conhece-o? — perguntou ela, esperançosa.

— Todo os seres de Nerthus o conhecem.

— Isso eu já disse — acrescentou Brunnylda entediada.

— Mas ele não fala com ninguém — Raoulz a ignorou. — Enlouqueceu esperando a chegada de um bardo orador. Talvez — sorriu satisfeito com Daimhin —, esse bardo está pra chegar. Talvez ele sempre a tenha esperado.

Ela assentiu embevecida com as palavras do elfo. Adorava como a tratava, como se fosse pura e limpa, um cristal que devia cuidar e mimar.

E embora ela não fosse de cristal, gostava que alguém pensasse isso.

— Aonde devemos ir, Raoulz, oh, maravilhoso príncipe dos elfos? — perguntou Steven com aversão, desejoso de arrancar a cabeça do *huldre* pomposo.

— Para Gales — responderam Brunnylda e Raoulz ao mesmo tempo, evitando um ao outro.

— Bem — Steven tomou a pedra em suas mãos, mas Raoulz o segurou pelo pulso para que parasse. — O que faz, elfo?

— Os *Svartálfar*, os elfos sombrios, perseguem-nos. Estão atrás dos bardos e te asseguro que têm um radar para eles. E podem sentir a presença deste objeto se de verdade foi manipulado pelos deuses. Não pode estar à vista, embora seja apenas uma pedra, considerando que não só é uma pedra — argumentou Raoulz.

— Não me encha com suas adivinhações, Legolas. O que sugere?

Raoulz tirou a capa das costas e cobriu com ela a pedra até fazê-la invisível. Depois a ofereceu de novo a Steven.

— Agora já pode carregá-la, berserker — disse condescendente. — Não poderão percebê-la.

— Todo atencioso — Steven sorriu falsamente. Puxou a mão de Daimhin quase à força para que caminhasse junto dele. Mas ela retirou a mão como se o contato a queimasse. Ele procurou seu olhar, mas Daimhin fugia dele. — Como quiser — sussurrou, adiantando-se ao grupo para procurar a saída da caverna até o castelo de Lochranza.

Ela pigarreou e, cabisbaixa, com Electra sobre seu ombro, seguiu Steven. A situação era incômoda. O berserker e ela tiveram relações sexuais e o *huldre* a olhava como se estivesse apaixonado. Em seus olhos carvão não havia nem uma fresta de luxúria que, em troca, sim havia nos olhos amarelos do guerreiro de Odin.

Raoulz a respeitava. Sua atitude falava de flores e poesias. Dois elementos que Daimhin amava e que lhe davam vida.

Steven, em troca... Não falava nem de flores, nem de poesia.

Raoulz a seguiu, protegendo suas costas. Atrás dele, seu exército se alinhava ao seu redor.

Brunnylda e as duas Agonias sorriram vitoriosas, comendo com os olhos os guerreiros de Nerthus.

A líder Agonia sabia que seria uma viagem tensa e interessante.

O que não podia entender era que Daimhin tivesse dúvidas entre Steven e Raoulz.

Tornou-se louca?

Era certo que vanírios e berserkers não podiam nem se ver, ao menos até onde ela conhecia. E, entretanto, podiam ter relações sexuais entre eles.

Em troca, era uma verdade universal, um dogma sabido, que no mundo feérico de Nerthus, o *huldre* era mais para a Agonia; esta era a única ninfa capaz de despertar seu instinto selvagem e agressivo. E as Agonias amavam os jogos e a sedução.

E teriam uma aventura juntos até Gales para provar essa verdade a Raoulz.

Entretanto, depois de sair a passo ligeiro dos túneis sob o castelo e esticar a cabeça ao exterior das ruínas, nenhum deles esperou encontrar-se com uma nuvem de vampiros sobre suas cabeças e dezenas de purs rodeando o que restava do que uma vez foi uma bonita fortaleza guardada por um lago.

O céu cinzento pressagiava uma batalha dessas que se gravavam na terra para sempre. A fumaça os rodeava, o vapor da água ardente do lago se elevava e desaparecia como uma lembrança no vento.

Sobre eles, vampiros de todos os tipos, pessoas em outros tempos, voavam em círculo como uma reunião de abutres esperando que suas presas morressem para ir até elas.

Daimhin levantou a cabeça junto a Steven. O berserker levou a mão a seu *oks*; Daimhin o fez para agarrar sua espada, sem perder de vista seus inimigos.

Electra assobiou impressionada.

— Não podemos cair aqui, Barda — ele disse ao ouvido dela.

Daimhin negou com a cabeça. Estava decidida a cumprir sua missão e chegar até onde tivesse que chegar. Mas não ia morrer ali. Nem pensar.

— Electra, aqui — Daimhin abriu um pouco o decote de seu espartilho e a pequena fada se escondeu para proteger-se.

Os *huldres* rodearam o casal para protegê-lo. Pois Daimhin era tão importante quanto Steven. Não deviam esquecer que os *Svartálfar* atacaram os bardos e a seus respectivos companheiros.

Ergo, Steven e Aiko também os incomodavam.

Raoulz sabia, por isso pediu aos *huldres* que guardassem as costas dos dois.

As Agonias, por sua parte, colocaram-se à frente dos elfos, que olhavam para o céu, cuidadosos de não cruzar seus olhos com os das belas mulheres hipnotizadoras.

— Não podemos fazer nada contra os *purs* — anunciou Brunnylda. — Mas podemos manipular esses daí em cima — apontou os vampiros. — Continuam tendo natureza humana. E aos humanos atrai o sexo mais do que um garoto gordo gosta de bolo. Vocês vigiem aos vermes subterrâneos. Nós três iremos pegar os morcegos.

As três *dodskamp* levitaram sobre os elfos e se expuseram aos olhares dos vampiros, que não demoraram nada em observá-las e olhá-las como alimento.

Não se distraíram os viscosos *purs* e *etones* que não demoraram nada em cercá-los, como faziam com qualquer fibra de vida que assolasse esse lugar de morte.

As Agonias atraíram os vampiros, ao mesmo tempo que os *jotuns* de Loki atacaram em massa Daimhin e os outros.

Os *huldres* bateram seus cajados no chão e estes se fizeram longos como varas. Com eles manipulando-os por cima de suas cabeças como se fossem helicópteros élficos, deram um salto para equilibrar-se em círculo contra cada um dos *jotuns*.

— Não toquem a princesa! — clamou Raoulz.

Steven desejava uma guerra nesse preciso momento. Ele protegeria Daimhin, e de passagem fatiaria algumas gargantas pra desabafar.

Raoulz e sua educação; Raoulz e sua magia; Raoulz e seu porte feérico, tão ideal e atraente para uma barda o deixavam de mau humor. Porque o pior é que a barda que o elfo queria era sua companheira, sua *kone*. E embora acabassem de unir seus corpos em frente às Agonias, nada estava resolvido nem sentenciado entre eles.

Nem *comharradh*. Nem troca de *chi*. Nem eu te amo. Nada. Nada que dissesse a gritos que era sua companheira. A única.

Só uma marca no pescoço que ela repudiava e seu sangue convivendo no corpo da vaníria. Mas embora para outros seria suficiente, ele não tinha nem para começar.

Seu coração pedia mais.

Os deuses queriam mais.

E embora a situação requeria agir com mais rapidez e inclusive dominação, a última coisa que ele faria seria forçá-la a aceitar algo.

Não seria assim com ela. Muitos a maltrataram sem levar em conta seus desejos. Ele não ia ser mais um.

— Sádica... — Steven a olhou de esguelha porque não permitiria que a garota se fechasse de novo envergonhada pelo que tinha acontecido entre eles. Porque se fizesse isso, Raoulz, que era justamente o contrário a ele, nada passional, nada visceral, nada físico, ganharia. E então Steven morreria de tristeza por não poder conseguir o que mais quis na sua vida: alguém que o aceitasse tal como era.

— O que? — Ela o olhou fugazmente.

Steven estudou seu perfil perfeito. Daimhin era bela e etérea como uma fada. Com razão os elfos a queriam para eles.

— O que quer? — repetiu ela, agarrando sua espada com ambas as mãos, preparada para a investida de dois purs rasteiros.

Ele sorriu e deu de ombros.

— Tome cuidado para que não a matem.

— Ninguém vai me matar — grunhiu ela.

— Bem — Steven passou os dedos pela lâmina de seu machado viking. — Porque seria uma pena que morresse sem saber como beijar.

Ela o olhou de repente. Steven se pôs a rir ao ver a cara de estupefação e ofensa. E deuses... pareceu a ele tão linda que seu peito doeu.

Estava perdidamente apaixonado por ela. Era sua companheira de vida, maldição.

— Não me olhe assim — disse ele. — Se quiser, posso te ensinar. Talvez mais tarde.

— Como diz? — disse ela, esquecendo por completo a presença dos purs e dos vampiros.

— Preste atenção.

Steven elevou o oks por cima de sua cabeça e cravou a lâmina na cabeça de um pur que viajava por baixo da terra, levantando-a e mostrando sua trajetória.

Daimhin deu um salto para se afastar, perguntando-se se de verdade Steven não tinha apreciado seus beijos. Mas sim, tinha apreciado. Recordava perfeitamente.

— É um mentiroso — repreendeu-o ela. — “Quero beijos assim de bom dia” —repetiu em voz alta o que Steven tinha pensado nesse instante no interior da caverna.

Steven se pôs a rir e balançou a cabeça. Não devia esquecer que a vaníria estava em sua mente, diferente dele.

Pequena trapaceira.

Foi Daimhin que sorriu desta vez, enquanto atacava um pur que tentava rodeá-la com seus viscosos braços. Deu-lhe um chute voador e, aproveitando que ainda estava no ar, cortou sua cabeça com a katana.

Os purs não deixavam de sair do interior do lago, rodeando por completo os *huldres*. Mas os elfos eram rápidos e maravilhosos guerreiros que se moviam como um só time.

As Agonias atraíam os vampiros para as montanhas, afastando-os do foco da batalha.

Aparentemente o conflito desapareceria com rapidez: só deviam se encarregar de matar com rapidez a todo pur que saísse das águas do lago. E não deixavam de aparecer.

Começaram a cair gotas do céu escurecido.

Raoulz não deixava de olhar o lugar pelo qual as Agonias desapareceram, como se algo errado tivesse acontecido. E então viu: sobre a colina que antes tinha sido verde, agora havia um pequeno funil cinzento eletromagnético que se abria diante deles. Isso só queria dizer uma coisa: elfos sombrios.

— *Svartálfar!* — gritou Raoulz. — As Agonias estão em perigo!

Mas isso não foi a única coisa que aconteceu. De repente os *huldres* se detiveram e ergueram as cabeças para olhar as nuvens cinzentas e negras que obscureciam o lugar.

— O que foi? — perguntou Daimhin, acabando com a vida de um novo jotun.

— As nuvens — disse Raoulz. Seu cabelo negro ondeou pelo vento apocalíptico. Várias mechas cobriram seus olhos. — Também tem algo nas nuvens.

Um relâmpago iluminou o céu e depois da primeira fulminação vieram vários outros até converter um pequeno chuvisco em uma descomunal tormenta elétrica.

Daimhin abriu os olhos com assombro, levantou sua espada e gritou, ao mesmo tempo em que começavam a chegar até eles as serpentes voadoras e douradas dos elfos sombrios.

— Valquírias!

Gúnnr e Róta desceram através de seus fios elétricos. Seus olhos vermelhos pareciam faróis de sangue em meio à chuva, como as serpentes douradas que atacavam os *huldres*, Daimhin e Steven.

Os elfos podiam materializar-se em vapor ou em vento, como o fizeram... Mas Daimhin e Steven só podiam esquivar dos braceletes dourados como podiam enquanto atacavam os purs para que recuassem.

As valquírias conheciam a triste realidade da Escócia. Não havia nem um ser vivo sobre sua superfície. Nem animais, nem aves, nem peixes, nem humanos... Nada. Tinham aniquilado tudo. E certamente, pouco a pouco, o Midgard, tal como o conheciam, sofreria o mesmo destino em sua totalidade.

Absolutamente tudo arrasado. E mais, quando Ardan e os outros pensavam que já não restavam purs, estes tornaram a se reproduzirem para sua estupefação. E não entendiam. Pois Isamu tinha assegurado que os esporos funcionavam e os dois einherjars que restaram de pé, Teo e Ogedei, varreram os mares do norte com elas. Entretanto, os seguidores do Vigarista continuavam emergindo da água doce e salgada como se já não importassem em que habitat se desenvolver.

Entretanto, depois de varrer o território em busca de sobreviventes e voltar sem esperanças ao achar somente morte, as duas valquírias captaram as energias obscuras dos *Svartálfar*. Eram seres descidos do Asgard, como elas; e os elfos desprendiam uma vibração magnética muito perceptível para as valquírias. Nervosas ao notar sua presença, viajaram pelos céus até encontrar o foco de sua aparição, e se encontraram com mais *huldres* como os da Noruega, com as serpentes douradas dos elfos sombrios sobrevoando Lochranza e com Steven e Daimhin, lutando lado a lado para salvar a pele.

O mais surpreendente para elas foi encontrar o berserker e a vaníria. Alguns cabeças raspadas retornaram da última batalha, embora não todos; e entre as baixas sensíveis contadas estavam as de Daimhin e Carrick. Além de Steven. Um homem a quem Ardan não tinha cessado de procurar.

Ninguém os tinha encontrado.

E tampouco precisou. Duas dessas três baixas estavam diante deles, brigando junto aos *huldres*, sendo atacados pelas armas mortíferas dos *Svartálfar*, cuja presença desejava muito imediata.

O cabelo vermelho de Róta dava inclinações bruscas de um lado a outro enquanto sua energia elétrica formava redemoinhos a seu redor.

— A água — assinalou Róta. — Tem que torrar os desgraçados! Têm que deixar de sair!

Gúnnr assentiu firmemente. Ela tinha a réplica do Mjölnir pendurada ao pescoço, lembrança de seu pai, Thor. Seus olhos vermelhos observaram a nuvem de vampiros que sobrevoavam uma pequena colina perto de Lochranza, a poucos metros de onde estava a porta estelar pela qual fariam sua teatral aparição os elfos sombrios, como sempre.

E eram uns inimigos temíveis.

Gúnnr fechou os olhos, levou a mão ao colar e sussurrou:

— Pai.

O colar se converteu no martelo castigador dos céus, líder das tormentas e dos tremores, mutilador de jotuns por excelência. Gúnnr o levantou acima de sua cabeça e esperou para lançá-lo contra o que fosse que ia sair da porta estelar, sem medo que fosse engolido pelo buraco, porque o totem de seu pai sempre retornava a ela.

Róta lançava raios a torto e a direito na água queimando os assassinos pegajosos e babosos que saíam dela, sem dar uma oportunidade a eles.

Os *huldres* obtiveram vantagem apoiados pelas duas valquírias, fator que utilizaram para adiantar-se e inclinar a balança daquela batalha a seu favor.

Raoulz sabia que tinham que ganhar e tirar a Barda dali, pois ela era a esperança de dois povos, embora ainda não soubesse: do Midgard e dos *huldres*. Enquanto golpeava no estômago um pur com a ponta de seu cajado e ordenava a uma pedra da beirada do lago que esmagasse a mais dois que saíam a contagotas de suas profundezas, observou Daimhin e o berserker.

Steven brigava junto a ela como se fosse a última coisa que faria na vida. Realmente, era um guerreiro elogiável e valoroso. Mas Steven não compreendia o calibre da pérola que levava com ele. E Daimhin merecia a seu lado um companheiro que a tratasse como um diamante, que fizesse com que brilhasse a

cada dia, cuja companhia a tranquilizasse para que realizasse sua magia com facilidade. E ele poderia dar isso a ela em seu mundo. Só ele.

Não obstante, o olhar assassino da jovem estava cheio do brilho da felicidade. Não havia dúvida de que sentia satisfação com a vingança. A alma de Daimhin fora seriamente corrompida, mas ele a curaria.

Ela só tinha que aceitar.

Quando o último pur pereceu sob seu potente e mágico cajado, um grupo de *Svartálfar*, elfos de pele negra, cabelo da cor do carvão, e olhos brancos e puxados, saíram daquele funil quântico e ficaram aos pés da pequena montanha que sobrevoavam os vampiros para observar o panorama e localizar a presa que procuravam com tanto afinco. Vestiam-se com roupas metálicas douradas e negras.

E era muito normal que a detectassem com facilidade porque os bardos eram ímãs para os elfos, fossem da natureza que fossem. Fossem *huldre*, *elverhuldre*, *alfs* ou *Svartálfar*. Eles deviam transmitir sua sabedoria aos humanos e eram faróis para eles.

Normal que Daimhin também o fosse para os sombrios. Mas Raoulz e os seus não permitiriam que a levassem a nenhum lugar. Nem tampouco esse par de valquírias que se uniram à luta. Uma delas lançava um martelo com força contra os *Svartálfar*, golpeando-os e devolvendo-os de novo ao buraco.

Raoulz sorriu maravilhado. Essa guerreira era fascinante e os fariam ganhar muito tempo.

Na realidade, os vanírios e os berserkers eram superiores aos purs e aos etones em igualdade de condições. Mas aquilo não era igualdade de condições. Por cada *huldre* que havia saído à superfície, vinte jotuns.

Daimhin lutava como uma samurai, sem descanso e com disciplina, mas isso não a fizera evitar um ou outro corte ou queimadura pelas mãos dos purs.

Como Steven.

Steven era um autêntico animal selvagem lutando. Tinha completado a mutação e se via enorme a seu lado. Um homem capaz de esmagar com sua bota a qualquer um que ficasse em seu caminho.

Entretanto, algo tinha acontecido. Algo estranho e inquietante. Não podia deixar de vigiá-lo, como se velasse por ele para que não acontecesse nada. Se o machucassem, ela mesma sentia esse corte em seu coração e não o suportava.

Até que no final, deu-se conta de que não lutava para defender a si mesma, mas sim para defendê-lo. Nem sequer com Carrick tinha acontecido isso. Porque Carrick e ela se apoiavam nas batalhas, mas sua luta não chegava àquele grau de obsessão por mantê-lo a salvo. Com Steven sim. E a sensação de medo a desequilibrava.

Por quê? Por que com ele? De verdade os deuses fizeram esse truque sujo, de enviar um companheiro para ela? A ela, que era uma incapacitada física e emocional e que era incapaz de confiar em ninguém que não tivesse seu próprio sangue?

A marca queimou e palpitou sobre sua pele. Ela apertou os dentes, frustrada ao não poder esquecer o que tinha sentido com ele em seu interior. Tão diferente, tão distinto... Não podia acreditar que o ato sexual fosse bom.

Desde o começo com ele, apreciou. Seus beijos eram demolidores e poderia se tornar viciada neles. Mas assim como suas experiências anteriores foram dolorosas e minguentes, não dera tanto medo como ter feito aquilo com ele. Porque os homens da Newscientists provocavam asco e ânsia de vômito. Odiava que a tocassem.

Mas esse berserker de olhos amarelos e topete laranja avermelhado não lhe provocava asco, mas a assustava. Steven a assustava ao ponto de não querer voltar a ser tocada assim e, ao mesmo tempo, muito interiormente, esperava com histeria e ansiedade um novo encontro, embora jamais admitisse. Agradecia que o berserker não podia ler sua mente porque ficaria louco como ela estava nesse momento.

— Abaixese! — gritou Steven de repente, saltando por cima de sua cabeça com o *oks* retrátil na mão para acertar uma serpente dourada metálica que estava a ponto de enroscar-se no pescoço de Daimhin. — Pode-se saber no que está pensando?! — gritou ele, protegendo suas costas. — Eu te disse que devia se proteger! Não posso lutar se tiver que fixar um olho em você!

A vaníria ruborizou, pois sabia que Steven tinha razão. Não podia distrair-se desse modo, mas as sensações que percorriam seu corpo eram muito mais fortes que ela e era difícil controlá-las.

— Não faça isso! Não me vigie! Ninguém te pediu que seja minha babá!

— Princesa Daimhin — Raoulz os interrompeu com voz melodiosa e calma.
— Chegaram os *Svartálfar*. Devemos ir já.

O *huldre* olhou de esguelha os seus inimigos, esperando que a valquíria ainda os mantivesse em reprimidos. Mas os *Svart* reagiam lançando seus venenosos braceletes, e alguns até jogando suas lanças metálicas. Cedo ou tarde, a possuidora do martelo deveria retirar-se ou pereceria no ataque com os elfos da escuridão.

— Daimhin! Steven! — Róta desceu até onde eles estavam com o rosto cheio de esgotamento. Pelo visto não tinha deixado de lutar. — É uma alegria vê-los com vida.

— Igualmente — responderam ambos.

— Não sei onde diabos se meteram e não vou fazer menção a suas roupas saídas do jogo da Zelda, mas temos que ir. Andando! — Róta tomou Steven pelo braço. — Você, vaníria, não terá problemas em voar — comentou observando o céu. — Esta área do Midgard está coberta por uma permanente camada de cinza. Faz dias que o sol não chega a estas colinas. Miya agradece. Aposto que você também.

— Sim — murmurou endireitando as costas. — Mas antes de irmos, devemos pegar a Brunnylda e as demais.

— A quem? — perguntou Róta como se falasse com ela em um idioma desconhecido.

Daimhin limpou o suor da testa e apontou a colina onde estava a nuvem de vampiros.

— Os *nosferatus* não se aproximam porque elas os estão entretendo.

— Quem são elas? — Róta moveu as orelhas com interesse.

— São *dodskamp*, valquíria — respondeu Raoulz — O obstáculo de qualquer homem dos Nove Reinos.

— Qualquer homem viril — destacou Steven com aversão. — Coisa que você não é, *huldre*. Pode ficar tranquilo, não?

— Steven, por favor — Daimhin chamou a atenção dele como se fosse uma criança, mas o berserker sorriu como se não se importasse.

Róta não compreendia aquela troca.

— Como? Agonias? — perguntou Róta com interesse. — E por acaso elas têm que acompanhá-los para algum lugar?

— Devo a elas — a jovem ergueu o queixo. — Vão lutar junto a nós.

— Ou isso ou fodem a todos — acrescentou Róta divertida. — As Agonias não sabem lutar. Só sabem sugar energia... compreende?

— Perfeitamente — assegurou Daimhin. — Não importa. Dei minha palavra a elas.

— Mas não vê o mais evidente. Não temos meios para lutar contra esses daí! — apontou os elfos de pele negra. — São muito perigosos; eles são muitos e nós poucos. Devemos nos retirar. Já não há tempo.

Raoulz a olhou de cima a baixo, assombrado pela voluptuosidade e beleza selvagem da valquíria. Como se atrevia a dar ordens a Daimhin? Nesse reino ninguém fazia a menor ideia de quem ela era. E esse dado o enervou.

— Não — Daimhin se negou, inflexível. — Prometi a elas que deixaria que nos acompanhassem. E elas estão se dispondo por sua parte. Encarregaram-se dos vampiros, não? Além disso, também é o desejo de Nerthus. As Agonias também lutarão. E necessitam energia para fazer isso — deu de ombros.

Steven a olhou com seriedade. Daimhin não sentia desejo de quebrar sua palavra, mesmo sabendo que essas mulheres se insinuaram para ele e o fariam com todo macho vivo.

Róta exalou ar com cansaço e olhou para Gúnnr, que não deixava de lutar.

— Gunny!

— O que?! — gritou a filha de Thor. — Não me ajude! Não precisa! — acrescentou sarcástica.

— Devemos eletrocutar esse maldito buraco. Não deixe que os Svart saiam!

— Estou tentando!

— E vocês... — Róta olhou de Steven para Daimhin. — Vão atrás das malditas Agonias. Têm cinco minutos.

O casal assentiu com a cabeça, mas no preciso momento em que davam meia volta para ir em busca das ninfas, Raoulz deteve Daimhin tomando-a pela mão.

— Você não deve ir. Não se exponha a mais perigo do que já te ameaça. Nós iremos.

— Vocês? — perguntou Daimhin. — Mas se não podem sequer olhar no rosto delas.

— Não precisa — assegurou levantado a mão para avisar a seu exército. — Viajaremos através do vento e as pegaremos. Valquíria — disse a Róta —, leve-a para um lugar seguro. Nós iremos onde ela estiver. — Nesse instante, Raoulz tomou a pedra coberta com sua capa de invisibilidade. Descobriu-a e disse a Daimhin que a segurasse. Então abriu a capa verde escura como se fosse uma toalha e com ela cobriu a Barda de cima a baixo, colocando inclusive o capuz nela. — Eles tampouco a detectarão assim. E eu sei sempre onde está minha capa — sorriu afavelmente.

— Tire isso dela, cheira a elfo — queixou-se Steven, sentindo ansiedade por isso.

— Não seja mal educado, Steven.

— Não a tire — pediu Raoulz. — Fará com que ganhemos tempo com os *Svartálfar* antes que possam chegar de novo até ela. Mantenha-se coberta o tempo todo com a capa, princesa.

— Obrigada, Raoulz — agradeceu Daimhin.

Raoulz sorriu enquanto seu corpo se iluminava e transformava em pó transparente que, balançado pelo vento, voou até o lugar onde se ocultaram as Agonias. Iria buscá-las, embora não gostasse nem um pouco. E o fazia porque era o desejo de sua princesa barda.

— Bem — Róta levantou uma mão e gritou com todas as suas forças. — *Asynjur!* — Um fio azul elétrico rodeou seu pulso e ela se agarrou com firmeza. — Vamos para sua casa, Steven. Gúnnr! Deixe isso já!

Gúnnr tinha conseguido fazer retroceder o buraco cósmico até quase fazê-lo desvanecer. Os *Svartálfar* já não podiam sair dali. Por enquanto.

— Não! Não precisa me ajudar! — exclamou sarcástica.

— Mas se conseguiu fazer tudo sozinha! — exclamou revirando os olhos. Depois a apontou com o polegar e disse. — Adora se queixar.

Steven olhou de uma a outra. As valquírias tinham fama de caprichosas e loucas, e ele dera boa conta disso desde que chegaram à sua vida e entraram no ESPIONAGE como uma tormenta e com Johnson nos braços.

Tudo tinha mudado após isso. Nunca para melhor.

Mesmo assim. Não podia odiá-las. Gostava muito delas; e na batalha eram as mais desumanas. Gostava.

— Vamos — ordenou o berserker enquanto abraçava Daimhin contra ele e a segurava com ternura.

— Posso voar — protestou ela.

— Não. Eu te levo — disse sem lhe dar a oportunidade de reprová-lo.

Róta assentiu sorridente e agarrou Steven por aquela estranha camiseta sem mangas. Levantou-o com sua força até que os três subiram aos céus através do fio elétrico azulado.

Quando Gúnnr viu que Róta já ia embora, deixou de enviar raios elétricos ao portal. Deu meia volta, orgulhosa do trabalho bem feito, e os seguiu a Wester Ross.

Steven retornaria a sua casa e veria com seus próprios olhos o desanimador e delicado estado da situação em que viviam. Todos assumiriam sua realidade e suas possibilidades de seguir adiante.

WESTER ROSS

Daimhin não podia sentir-se mal coberta sob a manta invisível de Raoulz, tomada por Steven, rodeada por sua corpulência e seu aroma. Ele a apertava firmemente contra seu peito, para que nada, nem a pedra nem ela mesma escapassem de seu aperto.

E não o faria. Fugir não estava em seu futuro imediato, e menos ainda quando a capa de invisibilidade a ocultava daquele mundo agressor e arisco para rodeá-la de calor e paciência. O mundo no qual, sem dúvida, teria gostado de viver.

Segurança. Essa era a palavra que vinha à sua mente durante aquele voo acompanhados por Róta e Gunnr.

Steven a deixava nervosa, certo. Mas como protetor era imbatível. Conseguia que se sentisse com as costas cobertas, como se ele secundasse cada movimento. E era uma sensação que gostava: porque Daimhin não tinha nem ideia de delegar e jurou a si mesma que não permitiria que ninguém pagasse o pato ou decidisse por ela, como seu irmão Carrick esteve fazendo durante tantos anos em Capel-le-Ferne.

Aquele inferno já tinha passado, mas ainda ficavam suas cicatrizes, mais profundas do que imaginava.

E embora Carrick tivesse sido um herói e Daimhin já não queria mais heróis ao seu redor, Steven era outro herói, recém-chegado, mas desses alfas dos quais falavam as vanírias em RAGNARÖK. O berserker encaixava perfeitamente com as descrições que a Caçadora Ruth fizera sobre Adam: territorial, possessivo e muito... quente? Sim, Ruth disse que Adam era quente. Mas Daanna, Aileen, e inclusive Miz, falavam assim sobre seus respectivos companheiros também. Assim, pensava que Steven tinha um pouco de tudo: o dom de comando de Caleb, o líder dos vanírios; a simpatia e a sedução de Cahal, o Druida; o gene protetor de Menw, o Curador e... O coração quente e possessivo de Adam, o *Noaiti*.

Grande coquetel nocauteante.

Era uma combinação que a alguém tímido e introvertido como ela produzia pavor. E entretanto, aí estava: esfregando a bochecha dissimuladamente em seu duro peitoral, drogando-se com seu especial aroma de homem e de fruta: sua favorita, nada mais e nada menos.

Sim. Aí estava: voando coberta por seus braços, colada a seu torso, sem que ninguém a visse, sem que ele pudesse contemplar seu rosto agradecido e em paz. Podia ser ela mesma e atrever-se a sonhar nesse parêntese entre as nuvens cinzentas, brincando de se esconder das emoções e das expressões.

Ali poderia ser a Daimhin pura e inocente, a barda que acreditava em contos de fadas e sonhava falar com os elfos.

Sem ser julgada nem apontada. Sem ser compadecida.

Só era ela agarrada ao rapaz que mais gostava no mundo.

E esse leve instante era algo realmente impagável, além de revitalizante.

Se não fosse pelos inquietantes pensamentos de Steven, que ela escutava perfeitamente, o sono seria quase reparador.

Mas não podia ser; porque o que o magoava a feria como se fosse dele.

E Steven tinha muito pelo que se preocupar e muitas coisas das que se culpar.

Steven não podia imaginar que sua casa seria o último reduto de união entre os membros de todos os clãs da Escócia.

Quase se sentia como o *laird*. Oferecia seu quartel geral para uso de todos e os cobria sob o mesmo teto. Ali se alimentariam, curariam, descansariam e organizariam as novas batalhas.

Mas não havia tempo para fantasiar; porque não era um *laird*.

Nem muito menos.

Um *laird* não fugia das responsabilidades.

Um *laird* não deixava que ninguém morresse sob seu comando.

Um *laird* não cometia o mesmo erro duas vezes. Nem tampouco abandonava uma guerra em busca da mulher pela qual estava apaixonado em um claro ato de irresponsabilidade e imaturidade.

E ele tinha feito tudo isso. Que respeito mereceria por parte de todos?

Nenhum.

E estava envergonhado porque tinha um bate-papo pendente com Ardan. Um que serviria para apontar suas vergonhas.

Do que tem vergonha?, perguntou Daimhin em sua cabeça.

Steven ainda não aceitava muito bem o fato de ter alguém passeando por sua mente, embora se tratasse de sua *kone*. De que servia mentir se ela saberia a verdade? Sempre adivinharia o que pensava. O vínculo era assim e de nada servia lutar contra ele.

Está dentro de mim, vaníria. Acredito que saiba quais são minhas inseguranças.

Vi coisas. Mas não as compreendo.

Não há muito a compreender — assegurou ele secamente. — Falhei em cada um dos momentos nos quais confiaram em mim. Não estive lá quando minha irmã e John perderam a vida. Levaram Johnson sem que eu pudesse fazer nada. Renunciei à liderança de meu clã de Edimburgo. E quando retornei, Ardan me

deixou com a responsabilidade de proteger seu castelo e a todos os pequenos berserkers, suas mães e ao resto dos guerreiros... E voltei a falhar. Morreram todos. Eu só pude salvar minha vida... E a de mais alguns. Não pude fazer mais.

Daimhin ficou em silêncio, processando as palavras de Steven.

Não diz nada?

Deixa ver se entendi. Você tem a culpa de que o Midgard esteja a ponto de passar desta para melhor? Tem culpa de que todos nós vamos morrer?

Steven franziu o cenho e abaixou o olhar até a cabeça coberta pelo capuz verde. Depois olhou para baixo. À terra maltratada, aberta, cuja lava percorria sua superfície como rios de sangue, com a fumaça que cegava elevando-se até eles...

Eu não tenho culpa que este reino esteja a ponto de se destruir, respondeu.

Ah, não? Menos mal. Pensava que também era sua culpa.

Está zombando de mim, sádica? Noto um tom irônico em suas palavras.

Não é ironia. É assombro. Há coisas que escapam à lógica e que escorrem de nossos dedos sem que possamos fazer nada para evitá-las. E que aconteçam não quer dizer nem que nós mereçamos, nem que seja nossa responsabilidade. Simplesmente, às vezes, os maus ganham, e só podemos esperar que o tempo ponha tudo em seu lugar.

Steven fechou os olhos e tomou ar pelo nariz. As palavras não fechavam feridas instantaneamente, mas podiam ter efeito analgésico, como nesse momento. Talvez Daimhin tivesse razão. Talvez esses terríveis momentos fossem inevitáveis e teve o azar de vivê-los, como se fossem necessários em sua experiência vital.

Entretanto, Steven sabia que Daimhin era capaz de dar um conselho como esse, mas não aplicar a si mesma. Pois a vaníria conduzia com várias cruzes sobre seus esbeltos ombros.

Deveria escutar seus próprios conselhos, conveyedo ele.

Estamos falando de você. Não de mim, respondeu de maneira defensiva.

Steven sentiu como a jovem afundava o nariz em seu peito e apertava seu rosto contra ele, como se seu corpo não estivesse preparado para receber nenhum tipo de consolo.

Equivoca-se. Para mim, sempre se tratará de você. Eu a terei sempre em mente, Daimhin.

A conexão mental que tinham facilitou que Steven sentisse o estremecimento da jovem guerreira. Como se nunca tivesse ouvido nada parecido.

Nunca deveria ter me mordido. Isto não devia ser assim, resmungou ela.

Nunca deveria ter aparecido naquela tela de computador.

Róta abriu suas asas junto a Gúnnr, ambas espetaculares e luminosas. As duas guerreiras de Freyja localizaram a Ilha Maree.

Quando Steven alertou o que ambas olhavam, seu coração morreu um pouco.

O que antes era uma paisagem agreste e selvagem, de vívidas cores, rios e mares azuis e transparentes, agora era água suja coberta por morte e contaminação.

O interior dos mares se agitou com os tremores e os nascimentos dos ovos ácidos dos purs e etones. Os terremotos tinham afundado uma parte do terreno; a outra foi queimada pelos gases e explosões que emanavam do interior da terra.

Steven fora amante dos animais e da natureza. No interior de seu lar tinha um imenso aquário, justo onde estavam seus quartos. As janelas davam para o fundo dos rios e podia ver suas mascotes vivendo livres e felizes em seu habitat.

Não esperava encontrá-los vivos e isso o entristeceu.

As altas colinas do lago Maree, entre as quais se ocultava sua casa subterrânea, aproveitando as cavidades das cavernas que ali se achavam, ainda permaneciam verdes e com restos de símbolos celtas. Mas não durariam assim muito tempo.

Gúnnr se colocou a seu lado, ao lado de Róta, que carregava os dois guerreiros. A doce valquíria o olhou de esguelha. As pontas de sua franja batiam em seus cílios, mas ela não parecia se importar.

— Não é fácil lutar aqui e se proteger — disse Gúnnr, tentando desculpar o estado de sua terra e seu lar.

Steven engoliu em seco, afetado pelo panorama, e assentiu com maturidade.

— É uma guerra — acrescentou com serenidade.

E nas guerras todos perdiam.

Sobretudo a vida: por isso a Terra era a maior danificada.

XVI

Costa noroeste da Escócia. Wester Ross

Ilha Maree

As gretas subterrâneas e as placas colidiam, movendo-se perdidas, tentando adaptar-se à sua nova realidade. Mas jamais se adaptariam. A única mudança confiável que poderia chegar seria o desaparecimento total de um planeta bonito como fora o Midgard.

Um reino no qual seres como ele e Daimhin nasceram, embora na realidade jamais o sentissem como deles. Eles estavam ali para defender a uma raça humana totalmente corrosiva. E a corrosão de suas almas já tinha salpicado diretamente neles.

Mas esse belo círculo não tinha a culpa que seus habitantes fossem os autênticos parasitas de seu organismo.

Quando entraram através da abertura da entrada principal se encontraram com Angélico, o Pégaso de Bryn, comendo de uma terrina que tiraram da cozinha. Engolia maçãs e todo tipo de frutas.

Daimhin tirou o capuz da capa da cabeça e sua longa cabeleira loira chamou a atenção do cavalo, que piscou confuso. Relinchou e agitou suas asas.

— Por Morgana... como é bonito — admirou, levantando a mão para acariciar seu focinho.

— É da Bryn. Um presente de Freyja.

Daimhin se deteve para dar nele mais uns carinhos.

— Sei. Mas não tive oportunidade de tocá-lo. E morria de vontade... É lindo.

As valquírias assentiram divertidas e acompanharam-na ao interior.

— Houve muitas baixas — informou Róta. — Alguns dos cabeças raspadas jamais retornaram. Sinto muito. Do clã *kofun* de Chicago ainda se espera a volta de Aiko. Os que faltam morreram na batalha de Edimburgo e Glasgow.

— Aiko e meu irmão continuam vivos. Logo te contarei sua história.

— Ah. Bem. Isamu se alegrará ao ouvi-la. Estes japoneses são muito orgulhosos, mas levam o pesar por dentro. Enfim, cada vez somos menos, e eles são mais — deu de ombros. — Mas não pensamos em nos render.

— Render-se jamais — assegurou Gúnnr. — Na sala principal, Gabriel, Miya, Bryn e Ardan estão falando junto a Isamu e Jamie. Pensavam que tinham controlado o nascimento de purs e etones, mas acabaram nos consumindo. Estamos completamente cercados.

Quando chegaram à sala, os cabeças raspadas que reconheceram Daimhin se levantaram felizes ao vê-la. Os que podiam o fizeram. Os que não podiam mantiveram-se estirados nas macas improvisadas, feridos e ensanguentados, em piores condições do que estiveram quando retidos em Chapel Battery.

Quando Ardan levantou a cabeça e viu Steven, seu rosto sombrio se iluminou com orgulho.

— Steven! — O pequeno Johnson correu a seus braços do outro lado da sala.

Quando o berserker o viu, seus olhos se umedeceram e sorriram sinceramente. Tomou-o nos braços e o cobriu com ternura. Ele era seu sobrinho, o filho de sua irmã. O único menino em pé nessas terras abandonadas pelos deuses. Um menino que os jotuns jamais pegariam.

Ardan caminhou até ele.

Seus olhos negros de Kohl e os piercings intimidavam a qualquer um. Seu cabelo negro trançado era todo um desafio. Mas em seu olhar caramelo só havia carinho para Steven. Nada de ódio. Nada de rancor. Nem rastro de ira.

Só empatia e amor. Irmandade.

Ardan colocou a mão sobre o ombro de Steven. Apertou-o de maneira reconfortante e depois o abraçou em silêncio.

— Pensava que o tínhamos perdido também, Steven.

— Não, *laird*. Erva daninha nunca morre — respondeu Steven devolvendo o abraço.

— Diga isso pra mim — replicou Ardan. — Sou o pior de todos. Alegra-me não ter te perdido, Steven — admitiu com honestidade.

— Obrigado, *laird*. O mesmo digo eu. Me deixa feliz vê-los com vida. Não sabia o que eu ia encontrar.

— Eu também estou feliz em te ver — Johnson sorriu e o abraçou com mais força ainda.

— E eu de ver você, campeão.

Ardan deu dois leves tapinhas nas costas dele e acrescentou:

— Não há maneira de acabar com a porra dos jotuns de Loki. Multiplicam-se. Precisamos de muita ajuda ou no caso, de um milagre.

— Sabemos por que se reproduzem — disse Daimhin, tirando a capa e deixando-a sobre os ombros como faria a Supergirl.

— Gabriel, deveriam escutá-los — sugeriu Gúnnr. — O que contam é muito interessante.

— Falem — ordenou Gab, observando um mapa sobre a mesa central do salão. Estava cheio de marcas coloridas, dividido por áreas quentes e menos quentes. — Qualquer ajuda é boa.

Steven e Daimhin procederam a explicar tudo o que viveram desde que desapareceram atrás da fenda de Edimburgo. Narraram o que faziam os purs e etones poedores de ovos; o acontecido com o ataque dos *Svartálfar*; o resgate dos *huldres*; o contato com Nerthus e a aparição de Electra. Para demonstrar que o que diziam era verdade, Daimhin abriu seu decote, por onde apareceu a pequena ninfa alada, adormecida e sem energia. Mostrou-a embalada entre suas mãos.

As valquírias a olharam com assombro.

— É uma guia dos *handbök* — comentou Bryn. — Nossos jogos favoritos em Asgard: as buscas de tesouros. E é de cabelo negro. Guia para dois objetos ocultos dos deuses. Guia a dois buscadores.

— É a fada que Nanna nos falou. Primeiro guiou a ela. Mas não sabemos nada de Nanna desde a festa dos *huldres*. Se Nerthus assegura, como nos contou, que Noah é Balder e que Nanna é... — comentou ainda aturdida — sua esposa original, devem estar juntos. Mas onde? E o que você deve encontrar?

— Os *huldres* dizem que sou sua Barda. Olhem — Daimhin mostrou a pedra retangular e a General a observou espantada. — A fada me disse que eu devia encontrar este objeto e me guiou até ele no interior do castelo de Lochranza.

— É uma pedra — disse Miya espantado. Ele nunca esteve no Asgard e não conhecia o funcionamento de seus jogos nem de seus objetos.

— É um tesouro enfeitiçado — apontou a General. — Os elfos de *Alfheim* os enfeitiçam em Asgard. Só eles podem mostrar o objeto que ocultam desfazendo o feitiço. E estamos no Midgard... Muitos perdidos. Não há elfos de...

— Raoulz e Brunnylda asseguraram que os seres de Nerthus conhecem um elfo da luz — particularizou Daimhin, fixando o olhar laranja em Electra, cuja luz minguava —, que ficou louco esperando um bardo. Está em Gales. Eles me levarão até ele.

— Em Gales? Que merda perdeu em Gales? — perguntou Ardan.

— Para sua informação — disse Róta passando os dedos pelo cabelo do Kenshin —, e já que a ninguém chama a atenção, direi que Brunnylda é uma Agonia.

— Uma Agonia? — as orelhas de Bryn agitaram confusas e desafiantes. — Nutrem-se da energia sexual dos guerreiros.

— São apenas três — especificou Daimhin —, embora assegurem que chegarão mais e se unirão à nossa luta. Elas nos ajudarão como puderem.

Ardan e Gabriel olharam a seus guerreiros, vanírios e berserkers de Chicago e Milwaukee, com uma leve representação dos cabeças raspadas, feridos tão gravemente, esgotados, sem sangue de seus companheiros para provê-los, principalmente estes últimos, mais fracos do que o normal.

Talvez as Agonias pudessem sustentá-los e ajudar com estes últimos golpes.

— Está pensando o mesmo que eu, escocês? — perguntou Gabriel.

Ardan arqueou as sobrancelhas negras, seu piercing refulgiu quando lambeu o lábio inferior. Sorriu como um pirata.

— A grandes males...

— Pois sim, grandes remédios — assentiu Gabriel. Talvez as Agonias pudessem ajudá-los a recuperar seus guerreiros, desde que não sugassem mais energia além da permitida e aceitassem a troca. Theo e William tentavam recuperar-se dos ferimentos recebidos na última batalha enquanto sobrevoavam os mares. Sem berserkers, só com vanírios enfraquecidos, sem comprimidos Aodhan com os quais combater a fome psicológica... Qualquer apoio seria bem recebido. As Agonias serviriam.

— Não sofra, meu japonês — murmurou Róta a Miya.

— Eu não sofro, *oni* — ele retrucou, sorrindo. — É você quem está preocupada.

Ela deu de ombros.

— Bah. Não o tocarão. Você e eu estamos emparelhados e as Agonias têm um estranho senso de fidelidade. São muito respeitosas.

— Então, perdão que os interrompa. Não nos desviemos — sugeriu o Engel de Odin. — Nerthus e os *huldres* confiam na vaníria, certo?

— Cegamente — confirmou Steven. — Carrick também é bardo, mas tem a missão de avisar o clã da Inglaterra para alertá-los e que venham em nossa ajuda.

Gabriel afirmou com a cabeça.

— É a barda em que colocam suas esperanças, Daimhin — Gabriel a olhou de cima a baixo. — Embora não saiba ainda o que tem que fazer, estou enganado?

— Não. Não tenho nem ideia — respondeu com sinceridade.

— Bom... — Gaby amassou o mapa em cima da mesa até torná-lo uma bola. Estava farto de olhá-lo se não tinha estratégias a utilizar e que dessem resultado. — Menos é nada. Ao menos é algo em que podemos nos agarrar. A última fibra de esperança.

— Muita responsabilidade para você, bombom — concedeu Róta, olhando com cumplicidade para Daimhin. — Parece muito jovem.

— Não se engane pelas aparências, valquíria — concordou Daimhin sem perdê-la de vista. Já não se intimidava diante de ninguém. — Tenho muita experiência.

Róta ergueu as sobrancelhas vermelhas e sorriu, gostando da resposta.

— O mundo está incomunicável — explicou Gabriel nomeando todos os males que os atacavam. — Os desastres naturais acontecem um após o outro depois do movimento das placas. Os polos se movem. Os purs e os etones têm poedores de ovos hermafroditas, e isso era algo com o qual não contávamos. Agora, além disso, chegaram os *Svartálfar*... Essas doninhas de Loki são muito inteligentes e, por uma razão que escapa a todos, ao que parece estão procurando a dos olhos laranja. Não podemos detê-los, somos muito poucos e não sabemos como fazê-lo. Só podemos resistir — passou as mãos pelo cabelo loiro e encaracolado. — Desconhecemos o paradeiro de Noah e não sabemos absolutamente nada de como estão as coisas em Black Country. A única coisa que fizemos até agora foi lutar e perder guerreiros, porque eles são muitos. Mas se a deusa Nerthus e os elfos têm fé em você, Daimhin, a única coisa que podemos fazer é nos assegurar de que chegue até Gales. Ajudar você a conseguir realizar sua tarefa, seja qual for. É nisso que vamos nos concentrar.

— Parece bom pra mim. Os deuses nos abandonaram aqui como se esperassem nosso extermínio — anunciou Gúnnr, apoiando a cabeça no bíceps de Gabriel. — Prefiro ter o objetivo de ajudar Daimhin do que continuar vendo como caímos como moscas sem poder remediar.

— Eu me ofereço.

— Todos nos oferecemos — assegurou Bryn. — Só precisamos repor forças para seguir adiante e cobrir suas costas.

— Isso nós também necessitamos — Steven levou a mão ao estômago. — Faz quase três dias que não como. Estou morto de fome.

Daimhin não tinha muita fome já que Steven lhe proveu de sangue em Lochranza, mas entendia que o guerreiro estivesse esfomeado, assim o deixou em uma das salas que fizeram de enfermaria improvisada, comendo tudo o que seu corpo pudesse ingerir; ela, em troca, declinou o descanso.

Esteve tanto tempo presa e drogada debaixo das salas subterrâneas que agora que estava consciente, apesar das condições, só pensava em estar presente, com os olhos bem abertos e viver. Dormiria quando estivesse morta.

Steven e outros concordaram que esperariam a chegada dos *huldres* e das Agonias, e quando todos estivessem se reorganizariam para partir até Gales.

Enquanto isso, ela dava uma volta a pelas imediações, dividida entre umas instalações futuristas e submarinas, e as estranhas casas circulares da comunidade dos hobbits. Era um lugar criado por uma mente cheia de imaginação e gosto.

Os cabeças raspadas a saudaram e falaram com ela, apesar dos ferimentos sofridos. Realmente estavam em muito mal estado.

Tinha conhecido a Theo e William na enfermaria principal, uma sala perfeitamente preparada para recuperar os guerreiros. Daimhin se surpreendia que Steven tivesse aquela fortaleza marinha tão bem organizada e pensada para todos, para situações de emergência como a que viviam nesse instante, em que se decidia em um suspiro se alguém vivia ou morria. Por isso, ao ver a magnanimidade de Steven, não compreendia por que o guerreiro se considerava um líder menor e se menosprezava tanto. Valia muito. Pensar o contrário era uma estupidez.

Depois Daimhin tinha dado uma mão a Bryn enquanto socorria aos dois einherjars.

Daimhin sentia uma profunda admiração pela General; embora não a conhecesse muito, conhecia sua história, a da descomunal descarga de energia que ofereceu na igreja de São Peter, e estava a par do que diziam sobre ela, tinha retornado dos mortos para pôr Ardan das Highlands na linha.

— Tem noções de cura, Daimhin? — perguntou Bryn enquanto enfaixava a perna de Theo com delicadeza. Tinha cortes por toda parte. — Sinto muito, Theo. Sem o *hjelp* não podemos cicatrizar suas feridas tão rápido como você quer. E vocês não têm valquírias que os ajudem — lamentou.

Theo e William deram de ombros e suportaram a dor o melhor que puderam. E era muito tendo em vista suas lesões.

— Não sei muito — respondeu a barda.

— Não foi o que ouvi. Rota me disse que se encarregou de cuidar dos meninos achados nos túneis de Capel-le-Ferne. Você e seu irmão Carrick são heróis entre os raspados. Autênticas lendas.

— Não cuidava deles. Só... Só lhes dava consolo com minha voz. Nada mais.

Theo prestou atenção nela e fixou seus olhos azuis nos dela.

— Com sua voz? O que fazia?

A Barda fez uma careta e depois se aproximou dele para segurar a atadura com seus dedos e ajudar Bryn.

— Cantar. Só cantava. Nada mais.

— Cantar... — O loiro romano a olhou de cima a baixo. — Aqui já não há música. Desde que tudo foi pra merda já não há rádio, televisão, música, nem linha telefônica... nada. A energia desapareceu, e Bryn e as valquírias não querem sustentar as equipes.

— Não serviria de nada — respondeu a General. — Além disso, meu poder não foi criado para alimentar a bateria de um iPod, romano. Não me insulte.

Theo se pôs a rir, mas o esforço fez com que tossisse com dificuldade.

— Porra... Tenho os pulmões encharcados de sangue — olhou a William que seguia em silêncio, concentrando-se em não sentir a dor de sua perna amputada. Tinha a longa juba vermelha emaranhada e manchada de seu próprio sangue. — Causamos pena. Sem a unção dos anões nos recuperamos em outro ritmo, né, William? — Theo tentava animar o escocês.

— Eu jamais vou recuperar a porra da perna, a não ser que alguém me leve a Asgard e me besuntem de *hjelp*. E como isso não vai acontecer, creio que a conclusão a que chego é que estou tremendamente fodido — olhou a vaníria com gesto duro. — Por acaso tem uma canção para me animar?

A vaníria não abaixou a cabeça, como era costume nela. Deixou as pálpebras caírem e olhou para ele de soslaio. O tom do escocês foi muito áspero, mas não importava. Ela tampouco estaria com bom humor se metade de sua perna faltasse e não tivessem remédios para acalmá-la.

— Pode ser que sim. Venho de um clã de bardos *keltois*. Nossa música não é como a dos outros. É a única coisa que posso fazer por você — assegurou sem

perder seu porte amável. — Mas também pode ficar em silêncio, apertar os dentes e suportar a dor sentindo-se um desgraçado aleijado.

William franziu o cenho, sem graça pela resposta. Theo não soube se ria ou não, e Bryn afirmou com a cabeça enquanto dobrava as ataduras limpas e as deixava em cima da mesa, para a cura seguinte.

— Eu gosto de você — admitiu Bryn, sorrindo com orgulho.

— Pois me cante uma canção, então... Por favor — pediu William com a educação que não usava fazia séculos.

— Como quiser — Daimhin se sentou na maca de William, com cuidado para não mexê-lo muito. Com tranquilidade, pôs a mão sobre o peito dele esperando que sua voz musical fizesse sua magia como diziam que tinha feito em Chapel Battery, acalmando e curando as emoções dos meninos perdidos.

Gille beag ò, leanabh lag ò Gille beag ò, nan coarach thu Gille beag ò, gille lag ò Gille beag ò nan caorach thu.

Gille nan caorachan, gille nan caorachan Gille nan caorachan, gaolach thu.

Pequenino ou, menino fraco ou Pequenino da ovelha é

Pequenino ou, menino fraco ou Pequenino da ovelha é

Menino da ovelha, menino da ovelha, Menino da ovelha, meu queridinho é.

Daimhin cantou desfrutando da cadência daquelas palavras melódicas em sua boca. Era como se pudesse tocá-las, como se ganhassem vida através do som. Cantando imaginava a William quando criança, em uma colina das Highlands rodeado de ovelhas. Sua mãe se aproximava ao ouvi-lo chorar e cantava aquela canção que agia como um bálsamo para suas feridas.

Quando acabou de cantar, Bryn estava sobressaltada, não se atrevia a se mover.

Theo sorria em paz, assombrado pelo efeito daquela música no corpo de seu amigo e no dele mesmo. Era como láudano para suas feridas.

William não podia compreender o que havia acontecido. A dor se desvaneceu como se jamais tivesse existido, e em seu lugar, só lembranças que

havia esquecido de sua infância afluíram à sua mente, até o ponto de recordar perfeitamente de sua mãe, cujo rosto se desvaneceu com o passar do tempo.

Seus olhos azuis embaçaram e os fechou envergonhado.

Quando Daimhin acabou de cantar, levantou da maca aflita pelas sensações que tinha despertado em todos.

— Sim, é um dom — confirmou Bryn.

— Como sabia? — perguntou William subitamente.

— O que? — Daimhin não compreendia.

— Que quando era um menino humano tínhamos ovelhas. Sempre que escorregava por um penhasco e me machucava, minha mãe corria para me curar e me cantar essa canção. Foi como... como se estivesse ali. Até inclusive me pareceu sentir o cheiro do seu cabelo.

Daimhin sabia. Sabia o que obtinha seu dom. Quando era pequena, suas canções sempre influenciavam os animais... Com o tempo descobriu que também afetavam as pessoas e que, de algum modo, sempre dava com a canção ideal para aquelas que adoravam escutá-la e que necessitavam de suas rimas e sua música.

— Não sei bem. Não sei como funciona — explicou. — Mas é assim. Surge efeito na alma e no corpo de quem me escuta.

William assentiu com os olhos fechados, apoiando a cabeça no travesseiro e levantando uma mão hesitante.

— Obrigado. Muito obrigado... me deixem descansar. Preciso dormir agora, a música fez efeito — informou. Seu rosto suavizou e já não marcava tão profusamente as rugas de dor nos cantos da boca e dos olhos. Parecia relaxado. Maravilhosamente... drogado.

A vaníria limpou as mãos úmidas na saia e deixou a cabeça cair em sinal afirmativo.

— De nada, William. Doces sonhos.

O escocês dormiu como uma criança, para a estupefação de Bryn e Theo que permaneciam mergulhados no efeito mágico de suas letras.

— Sua batalha teve que ser infernal — admitiu Daimhin, avaliando suas feridas.

— Foi. Se houver algum humano em pé — narrou Theo —, agora é um vampiro às ordens de Loki. Foram convertendo a todos em nosferatus, como se

fosse uma praga, uma doença. Há jotuns por toda parte e chegarão aqui mais cedo ou mais tarde — Theo lambeu os lábios ressecados.

— A situação é igual em todo o planeta?

— Ficamos sem comunicação quando começaram os tremores cada vez mais fortes — disse Bryn. — Não sei como estarão na Inglaterra ou na Noruega... Mas tudo aponta que o caos é geral. Para onde olhe há um foco de destruição ou uma paisagem desolada... Sobrevoamos os oceanos para deixar cair a terapia antiesporos, e no transcurso do caminho ficamos sem palavras. Quase todos os animais marinhos, sejam de água doce ou salgada, morreram. As aves caíram do céu desorientadas e foram devoradas pelos jotuns. O resto da fauna que vivia na superfície se converteu em alimento para lobachos, vampiros, purs e etones.

— Deuses... — murmurou compungida. — Não se pôde salvar a ninguém?

Theo assentiu com um meio sorriso.

— Ao retornar, perto da área que antes se conhecia como Royal Mile, achamos um cachorro. Um cachorro — sorriu como se fosse uma piada — vivo e mais desorientado que um morcego de dia. Nós o pegamos. Pelo menos pudemos salvar alguém — bufou, fechando os olhos sob o efeito do torpor ilusionista da canção da Barda.

— Vamos deixá-los para que descansem — Bryn a acompanhou até a saída.

— Mas... o cachorro está bem? — perguntou Daimhin inquieta.

— Sim. Está por aqui, superalimentado por todos. Sim, não me olhe assim. Já sei que os humanos dizem que não é bom dar de comer de tudo a eles. Mas a questão é que não sabemos quantas horas restam de vida. Se nós temos poucas possibilidades de sobreviver, imagine o animal — fecharam as portas atrás delas. — Por isso decidimos que coma o que quiser.

O berserker estava de pé diante da larga janela que dava vista para o interior do lago. Tinha a alma quebrada por contemplar todas essas espécies que ele tinha recuperado flutuando sem vida, perdidas e desorientadas pelo mundo, agora mortas.

Fora um amante dos animais e odiava vê-los sofrer.

Seus peixes, de todos os tipos, tinham perecido depois que as temperaturas da terra aumentaram com o despertar dos vulcões e o movimento das placas tectônicas. O interior do círculo ardia e a água queimava da mesma maneira.

Depressivo e melancólico por seus animais, Steven escreveu no vidro da janela da sala com o dedo indicador uma reza: “Revivam. Revivam. Revivam.”

O fim do mundo.

Era isso. Morte, morte e mais morte.

Talvez chegasse a eles também... Mas ainda não. Ainda estava vivo. Ele e todos os que amava. Ardan, Johnson, Bryn... e sua Daimhin.

Tinham que chegar a Gales e encontrar ali ao misterioso elfo que mostrasse o que a pedra escondia. Que objeto seria? Uma arma que pudesse acabar com todos os jotuns de repente?

Afastou-se da janela para não continuar se afligindo com a triste imagem. Em cima da cama tinha muita comida preparada que já tinha devorado enquanto a vaníria foi dar uma volta pelo bunker.

Steven tinha vivido ali sozinho e tinha uma sala de armazenagem de comida, mas toda em lata, disposta unicamente para ser aquecida e ingerida. Batatas fritas, pizzas, bebidas isotônicas, bolos, doces e demais... Os guerreiros se alimentaram a vontade.

Aquela que segurava com os dedos era a terceira pizza barbacoa⁴ que comia e a quarta lata de Rockstar⁵ de meio litro com sabor goiaba que bebia.

E comeria mais. E beberia mais.

Embora seu verdadeiro desejo fosse que sua companheira lhe desse de comer. Mas Daimhin não estava pronta.

Quando estava com uma porção de pizza a meio caminho de sua boca, escutou o latido de um cão. Girou a cabeça e o encontrou com a língua para fora, olhando-o com desejo.

Steven lhe devolveu o olhar insolitamente. O que esse animal fazia ali?

— Ei, peludo... — saudou Steven ao ver que o cachorro se aproximava dele e se sentava em frente, esperando que esse pedaço de pizza fosse para ele. —

⁴ Barbacoa é sabor churrasco.

⁵ Rockstar é uma bebida energética da coca-cola.

Quer? — O cachorro latiu e acabou dando sua porção, que engoliu em um instante. — Uau... come mais do que eu.

Steven se sentou no chão, apoiando as costas na cama, e permitiu que o animal deitasse entre suas pernas e apoiasse a cabeça em sua coxa, lambendo-se pelo sabor da pizza.

— Quer mais?

Steven se limitou a repartir a comida com o cachorro até que este decidiu que seria seu melhor amigo, e não voltou a se mover do seu lado.

— Alguém salvou sua vida, né? — Acariciou-o por trás das orelhas dele até que o viu sorrir. — Como é sortudo.

O cachorro latiu e levantou a cabeça cheirando o ar. Começou a mover o rabo em sinal de alegria e emoção. Steven cravou os olhos amarelos na porta aberta.

Ela se aproximava.

— Também gosta do seu aroma? — perguntou ao animal. — Eu te entendo.

Se Steven tivesse rabo também o moveria feliz. Sua *kone* se aproximava para enlouquecê-lo com seu perfume, com seus meios sorrisos, e seus olhares velados e cheios de um desejo que não reconheceria nem ameaçada de morte.

Vaníria orgulhosa. Se apenas soubesse a quantidade de amor que tinha pra dar... Se somente abaixasse as barreiras um instante suficientemente longo para se permitir amar.

Daimhin era puro amor. Um amor incorruptível que Steven reclamava para ele.

E para ninguém mais.

O problema era que sem tempo para cortejá-la, devia vincular-se com ela para que sua relação fosse selada com o *comharradh*. Já o fizeram uma vez.

Só restavam mais dois, dois atos completos para que esses dons, tão importantes para o destino dos deuses, fossem totalmente entregues.

XVII

Daimhin se deteve no umbral da porta. Queria ver como se encontrava Electra. A fada cada vez desprendia menos luz e seu rosto denotava cansaço, como se tivesse sono permanentemente. Descansava no interior de um cofre de madeira acolchoado e dormia. Só dormia.

Daimhin entrou no quarto sem dizer uma palavra e se inclinou sobre o cofrinho que repousava sobre a mesinha de cabeceira branca e funcional.

Electra continuava dormindo e suas asinhas estremeciam a cada movimento de seus ombros.

— Por enquanto continua bem — informou Steven, que não perdeu nenhum de seus movimentos. — Está esgotada.

— Sim. Pobrezinha — murmurou.

— Com certeza você também está. Essa pedra deve pesar.

— Oh — Daimhin deu uma olhada na capa verde escura como se não lhe desse importância. — Nem a noto. Tem um bolso onde posso guardá-la. E... Bom, já sabe. Sou vaníria. Coisas pesadas não significam um problema. Mal percebo o peso — dissimuladamente, observou o festival culinário que Steven tinha ingerido sozinho, cujos restos de plásticos, pratos e papelões vazios repousavam em uma bolsa preta em cima da cama. Pelo menos, pensou estupefata, era limpo. — Uau... certamente tinha fome.

— Já te disse — respondeu. — Me deixou seco duas vezes. Na terceira... — seus olhos amarelos faiscaram com um brilho ameaçador e franco, embora o sorriso de lobo tenha suavizado seus traços. —... eu é que vou te deixar seca.

Daimhin nem sequer piscou até o final de vários segundos. Todo seu corpo estremeceu perante seu tom. Era medo? Ansiedade? Ou talvez expectativa do que despertava em seu ser? Seja o que for, deixou-a sem palavras.

— Eu te assustei? Depois do que fizemos na gruta das Agonias, é de se espantar que ainda fique nervosa.

— Como sabe como me deixa? Não pode ler minha mente, punk — reagiu. — Eu sim, posso ler a sua, mas não o contrário.

— Não. Tem razão. Como não me deixa beber de você, não posso ler sua mente. Minha irmã e John tinham o mesmo problema a princípio. — Ergueu a lata de Rockstar e bebeu um longo gole, como se brindasse a ela. — À minha irmã repugnava beber seu sangue para completar o vínculo mental com ele. Mas eu não tenho aversão. Não me importo se for algo seu. Mesmo assim, ainda que me prive disso, continuo sendo um berserker; ouço o pulsar acelerado de seu coração, percebo como prende a respiração e cheiro a leve e sutil mudança de sua essência, que se torna ligeiramente picante — olhou-a pelo canto do olho. — Nós, os berserkers, fazemos isso com nossos companheiros, nós as ouvimos, cheiramos, conectamos e cuidamos delas. Não quer que cuide de você, sádica?

— Eu me cuido sozinha, obrigada.

— Sim?

O silêncio se fez eterno, como uma pausa cheia de intriga.

— Sim — afirmou contundente.

— Não acredito.

— E por que não?

Steven precisava pressioná-la mais para conseguir seus propósitos.

— Sabe? Os vanírios precisam beber sangue uns dos outros para se vincularem. Mas nós, os berserkers, como já te disse — deixou a lata sobre o chão de madeira —, não precisamos. Basta uma dentada para marcar a nossa mulher, e com a troca de *chi* para nos unir à sua mente, seu corpo e seu coração. Na gruta, embora queira apagar esse momento de sua cabeça, parte do meu *chi* te banhou, Daimhin. É por causa disso que posso sentir cada um dos seus estremecimentos. Posso captar as sensações que te percorrem quando a marca de sua nuca desperta, como agora, quando estou diante de você. Pinica, te dá vontade, e com certeza seus mamilos e entre suas pernas estão sensíveis.

— Cale-se. Não fale assim — ela proibiu, inquieta e insegura. — É sujo.

Steven deu de ombros e acariciou Dallas distraidamente.

— Para mim não é sujo falar assim com minha *kone*. É minha companheira e quero que possamos falar de tudo. Se aceitasse o nosso relacionamento, seria natural — apoiou a cabeça no colchão e suspirou.

— Deixa de dizer sandices, está bem? — Daimhin queria fugir dali, mas havia algo na surpreendente segurança de Steven ao afirmar tal barbaridade que a fazia desejar ficar e escutá-lo por toda a eternidade. — Não pode haver um “nosso”, não entende?

— Só está assustada. Mas sabe quem sou para você.

— O problema não é esse, Steven — cortou-o. — O problema é que você não sabe quem sou.

— Ah, sim... — suspirou teatralmente. — Daimhin, a menina perdida, não é verdade? Posso chegar a imaginar o que viveu nessas prisões...

Em um piscar de olhos, a vaníria estava na frente dele com a ponta de sua espada samurai levantando seu queixo até cortá-lo de leve.

— Não ouse insinuar que sabe o que vivi. Não tem nem ideia. O fato de sugeri-lo faz com que me sinta insultada.

Steven nem se alterou, cansado dessa atitude. Daimhin poucas vezes erguia a voz, mas bastava que empregasse o tom de voz sibilante para fazer calar a qualquer um. Menos ele.

— Pode parar de ameaçar, vaníria, e acabe de uma vez o que começa. Eu te tomei na gruta e o farei de novo, porque é o que pedem nossos corpos — afastou a lâmina da espada de repente, provocando um novo corte na palma da mão. — Porque embora não o queira e resista, acontece que somos um casal!

O cachorro gemeu assustado e Daimhin se deteve, assombrada por sua própria beligerância. Não sabia por que Steven a tirava do sério. Mas o fazia, e sempre acabava se comportando com uma rebelde violenta, que na realidade não era.

— Ah — Steven sorriu sem vontade ao ver como Daimhin olhava o animal. — Presas por fim se interessa por você, isso é toda uma honra, cachorro. Olhe, sádica — levantou a pata dianteira do Golden. — Este é meu novo amigo: Dallas. Dallas, esta é Daimhin, minha garota, a que não deixa de me rejeitar.

Ela não ousou se mover.

— Como disse que se chama?

— Dallas.

A jovem se agachou na frente do cachorro e levou a mão até o medalhão que pendia de seu colar de couro vermelho. Sim. Estava Dallas. E era o mesmo Golden de não mais de três anos que achou morto entre os contêineres das ruas rachadas e destruídas de Edimburgo.

Estava morto.

O que fazia ali vivo agora? A vaníria não compreendia nada.

Absolutamente nada.

— Eu vi este cachorro na cidade... — Dallas se adiantou e começou a lambar o rosto de Daimhin. — E juro pelos deuses que estava morto. Tinha um corte enorme na cabeça.

— Talvez só estivesse inconsciente — opinou Steven sentando-se de novo na cama, admirando o modo como a jovem acariciava com carinho o animal.

— Não. Não estava inconsciente. Tinha os olhos virados e não respirava. Tinha morrido.

— Isso não é possível — refutou o berserker —, certamente se enganou de animal.

— Digo a você que não estou enganada. Olhei sua medalha e tinha Dallas. Era o mesmo cachorro.

— Daimhin, talvez se confunda. Lembre-se que também viu Aiko morta e depois estava dando de beber a seu irmão, desta vez sim, a ponto de morrer.

— Aiko estava tão morta como este cachorro — defendeu-se ela. — Tão morta como os peixes que vejo através do vidro — lamentou, percebendo a dor que essas palavras causavam no Steven. — Meu irmão me reconheceu isso. Um pur arrancou o coração de Aiko e isso é fatal para os vanírios, punk. Por isso morreu.

— Claro. E para nós também. Não somos imunes a isso. Cortam-nos a cabeça e morremos. Arrancam nossa cabeça e morremos. Bebem completamente de nosso sangue e nos deixam em estado de coma. É uma imortalidade subjetiva. Mas o que sei com certeza é que ninguém retorna depois que te fazem algo assim. Não há mais oportunidades para um mortal.

— Carrick tampouco compreende por que Aiko ressuscitou — afirmou ela. — Não sabe. Como eu desconheço por que razão este cachorro está vivo se deixou de respirar já faz três dias em Edimburgo — assinalou-o. — É tão estranho... E se os espíritos não estão abandonando o Midgard corretamente? Sabemos que Loki está abrindo os portais de seus reinos sem demora. Isso pode afetar o funcionamento da vida e da morte neste mundo?

Ambos olharam ao animal como se fosse um inseto estranho. Dallas tinha a língua pendurada e de vez em quando se lambia com o fel da fome.

— Não faço a menor ideia — respondeu Steven.

Mesmo assim, ela não deixou de acariciá-lo e alegrar-se por ele, porque tinha retornado dentre os mortos.

— Não sei o que tem feito para viver — deu-lhe um beijo no focinho —, mas me alegra que o tenha feito.

— Ei! — Gúnnr entrou no quarto como um furacão, agitada por alguma coisa. Tomou Daimhin pelo pulso e a puxou. — Dá uma mão pra gente.

— Pra que? O que foi? — perguntou, arrastando Steven atrás seguindo seus passos.

— As Agonias chegaram com os *huldres* — explicou a valquíria —, e estão causando uma revolução no pessoal. Faça alguma coisa.

— Eu?

— Sim. Você. É a Barda, não? É a você quem uns e outros obedecerão.

Daimhin assumiu a responsabilidade com uma sublime maturidade que dizia muito quem era.

Mulher intuitiva e sensível sempre.

Insegura para umas coisas.

Sábia para outras.

Menina para nada.

O salão principal daquele bunker parecia uma enfermaria e uma ala psiquiátrica ao mesmo tempo. As Agonias gritavam como lavadeiras, tentando chamar a atenção dos guerreiros feridos, ante a estupefação e o cansaço dos *huldres*.

Ao que parece, a viagem até encontrar Daimhin foi uma aventura épica repleta de insultos e desdêns entre os membros de ambas as raças que, é óbvio, sendo uns inimigos dos outros não podiam se suportar.

A Barda tentava escutar a uns e a outros, embora se houvesse alguém cansado e esgotado, com marcas de expressão que antes não estiveram em seu rosto suave, esses eram os elfos. Diferente das Agonias, que pareciam sair de uma sessão de SPA em um balneário, os *huldres* não tinham bom aspecto nem um pouco.

Estavam rendidos. De fato, Raoulz, que encabeçava seu exército, caiu de joelhos diante do espanto de Daimhin, que correu para socorrê-lo.

— Raoulz! — exclamou preocupada, tentando sustentá-lo.

Brunnylda bufou sem perdê-lo de vista.

— Ao pobre não caiu nada bem nos transladar em sua névoa... — comentou com deboche. — Estar tão perto de uma mulher deve ter lhe baixado a pressão — olhou a seu redor com desinteresse. — A ele e a todos.

— Deveria nos agradecer por salvarmos sua vida — sussurrou Raoulz furioso.

— Estávamos bem — Brunnylda olhou suas unhas com desinteresse. — Os vampiros brincavam conosco e nos davam energia.

— Estão mortos. Que energia podem encontrar neles? — perguntou horrorizado.

— Nisso vou te dar razão, elfo. Tinham pouco poder. Os neófitos são assim. E esta terra está cheia de humanos recém-convertidos. Não nos servem —

observou os guerreiros feridos que os rodeavam. — Embora aqui possa ser que tenha material melhor... — Deu um passo à frente em busca de suas novas presas e as duas Agonias a seguiram.

— Não — Daimhin barrou seu passo. — Não vai se aproveitar da energia deles — assegurou protetora com os seus. Os cabeças raspadas que seguiam em pé não mereciam que ninguém os usasse de novo.

Brunnylda revirou os olhos.

— Nós nem sempre ficamos com a energia. Também a devolvemos. Podemos fazer isso se for nosso desejo. Mas precisamos energia igual para lutar.

— Mas se não sabem lutar — argumentou Bryn arqueando uma sobrancelha loira.

— Comemos a nossos pretendentes, valquíria. Chupamos a vida deles, como fizemos com cada um dos nosferatus que caíram sob nossa influência. Ainda estou esperando que nos agradeçam, por certo.

— Fazer boquetes não significa engolir homens. Tem um conceito errôneo sobre o que significa comer — assinalou Róta.

— O que façamos com nosso dom não deve importar a vocês, contanto que não seja seus guerreiros a quem seduzimos. Pelo menos podemos despistar e atrair vampiros e lobachos enquanto vocês fazem rolar as cabeças de outros jotuns. Não podem se dar ao luxo de prescindir de nós, não é, Barda? Você me prometeu — recordou. — Não pode nos abandonar. Os bardos nunca traem aos seres de Nerthus.

— Deixou o Raoulz em mal estado — repreendeu Daimhin. — Obrigou-o a fazer algo que ele não quer.

— Que o *huldre* diga que o sexo não lhe interessa não significa que seja certo. O que ele quer dizer é que não encontrou o ser que o estimule desse modo. No final, a atração sexual é instintiva e está em todos, Daimhin. Não se pode negar.

— Deixe-o em paz — deu um passo adiante. — Se você se aproximar dele, vou ficar zangada e romperei nosso pacto.

— Ah, que doce... — Brunnylda sorriu falsamente. — Gosta dele?

Steven endureceu o rosto e ficou imóvel. Daimhin apertou os dentes, furiosa.

— Ele não quer o que você lhe dá — a vaníria se postou na frente dela. — Não pode obrigar a ninguém a aceitar isso. Deve deixá-lo.

— Princesa Daimhin — disse o referido, esgotado. — Não entre no jogo dela.

Brunnylda sorriu como se soubesse um segredo escandaloso e revelador, repassando o *huldre* com o olhar azul claro.

— Não se preocupe por ele, Barda — a Agonia relaxou. — Vão se recuperar assim que cantem e batam palmas. Os *huldres* são como crianças. Uma boa festa e uma canção e já os tem recuperados.

Raoulz a olhou de esguelha e pronunciou umas palavras élficas que soaram realmente mal.

— Sua espécie, no caso — respondeu Brunnylda desanimada.

— A Agonia tem razão, por mais absurdo que pareça — Gabriel que escutava tudo para compreender a situação, colocou-se na frente de Raoulz e dos seus, entre Daimhin e Steven.

— Precisamos repor nosso poder esgotado na luta — reclamou o *huldre*. — Cedo ou tarde os *Svartálfar* detectarão de novo a Daimhin e ao objeto. E virão até aqui. Não podemos permitir que a encontrem. Nosso destino fica longe e a viagem é longa.

Gabriel estava de acordo com o *huldre*.

— Na Noruega, os *huldres* precisaram recuperar energia criando um círculo das fadas para poder acompanhar Noah e Nanna.

— Sim. É exatamente o que precisamos. Por favor.

— Obrigaram-nos a dançar com eles — explicou Gaby — e se nutriram de nossa vibração e poder para se recuperarem. Precisamos deles para sair daqui e te ajudar a chegar em Gales, Daimhin. É nosso objetivo mais iminente. Até agora só podíamos nos manter com vida, mas tendo um propósito, nós os ajudaremos. — Os olhos azuis celestes de Gabriel cintilaram com a decisão de um líder. — E se os *huldres* agora estão fracos e necessitam de um círculo, então um círculo das fadas é o que daremos.

— Mas... — a Barda não entendia nada. — O que propõe? Como vamos criar um círculo das fadas aqui?

Gabriel e Ardan se olharam e não precisaram de palavras.

Ardan rodeou os ombros de Bryn com um braço e a atraiu a seu corpo.

— Sereia — sussurrou na sua têmpora. — Preciso de seus raios só esta vez.

— Precisa deles sempre, escocês — corrigiu ela.

— Não para isto — inclinou-se e a beijou. — É a primeira e última vez que te peço.

A General e suas valquírias utilizaram seus raios para carregar a bateria do equipamento de som com wireless do Steven.

O salão principal deixou de ser um hospital para ser iluminado com velas, cobertas por cristais e recipientes coloridos que o berserker, como um romântico, tinha como ornamentos nas estantes e guardava para emergência no interior de seus móveis.

Os *huldres* só queriam música; eram adoradores da alegria e da desinibição.

Colocaram-se em círculo, cujo centro não demorou a ser ocupado pelas valquírias e demais guerreiros que já tinham presenciado na Noruega como as gastavam, e estavam dispostas a experimentar outra farra curta, mas intensa, para repor energias entre todos.

As Agonias não tinham veto algum para agir. De fato, todos concordaram que os cabeças raspadas que desejassem jogariam com as ninfas, pois... Quem sabia quanto tempo restava de vida? E pelo menos, se morressem amanhã, poderiam levar para o túmulo uma lembrança distinta do que tinham das grutas de Capel-le-Ferne. Talvez a experiência fosse boa. As Agonias eram insaciáveis e não matavam de dor, mas sim de prazer.

Uma boa morte, pensou Steven, apoiado no balcão do bar localizado em um canto do que uma vez foi um moderno e espetacular salão de reuniões.

Era o segundo gim-tônica que tomava. Já escasseava o álcool e o kit de remédios esgotou já fazia um dia e meio. Encontravam-se em condições precárias.

Consumia um segundo gole enquanto controlava Daimhin pelo canto do olho, com um olhar tenuemente acusador. A Barda sorria a Raoulz e se colocava no centro do círculo junto a Gunnr e Róta.

Mas seu *laird* o afastou de ser vingativo.

— Steven — Ardan se sentou ao seu lado, sobre o tamborete de couro vermelho escondido debaixo do balcão. — Quando os *huldres* reporem sua energia, abandonaremos Wester Ross. Iremos daqui e lutaremos para que você e sua companheira possam cumprir a tarefa que os deuses lhes impuseram. — Tomou a garrafa de uísque escocês pelo meio e a levou ao rosto sem muita demora.

— Agradeço, *laird*.

— É minha família aqui — soltou um suspiro profundo, esgotado. — E sei que conseguirá. Tem que fazê-lo.

Steven o estudou e se deu conta que o duro Ardan por fim se rendeu às emoções no Midgard. Essa dura camada de gelo que cobria seu coração se desfez finalmente nas mãos da General.

Continuava sendo um homem muito intimidante, decidido e capaz, mas seu rosto, curtido em mil batalhas, refletia pela primeira vez o medo e a preocupação.

E foi esse detalhe que tocou a alma de Steven ao perceber que Ardan das Highlands, o dalriadano, temia por sua segurança e a das pessoas que amava, entre os quais se encontrava ele.

— Por que está tão certo que conseguirei obter meu propósito?

— Porque eu te conheço desde que era um moleque. Sempre viveu à sombra dos outros. De seu pai, de sua irmã, de mim... E isso não permitiu que brilhasse com a força que possui. Mas é um líder, Steven. Os poucos berserkers que ficam em pé na Escócia o seguiriam com os olhos vendados.

— Surpreende-me que fale assim de mim — reconheceu cheio de humildade, cravando o olhar no chão. — Cometi muitos erros.

— Todos nós cometemos. Mas às vezes nos culpamos injustamente, Steven. Você e eu nunca falamos disso e lamento ter demorado a ter esta conversa durante tanto tempo. Estive tão envolvido em meu ódio que não fui capaz de reconhecer o que acontecia ao meu redor, e às pessoas com quem me importava. Não foi culpa sua nada do que aconteceu. Você não matou sua irmã, nem a John, nem sequestrou o Johnson. Você não dinamitou nossa fortaleza e matou a tudo que se encontrava dentro dela. Nem eu — tornou a se ajeitar e olhou de frente a Steven. — Não somos culpados. Somos vítimas de acontecimentos cruéis e

atrozes que nunca pudemos evitar. Quem criou a dor foi o Traidor; nós saímos igualmente feridos ao confiar, mas não somos responsáveis nem artífices de suas maldades. A única coisa que devemos fazer é nos recuperar, vingarmos se pudermos; mas se não der, continuar. Continuar como fizemos até agora, Steven — passou a mão pelo seu topete e o puxou. — Como tem feito você, e como faço eu. E continuaremos porque é a única coisa que resta. Nós o ajudaremos a realizar sua missão, berserker. E o faremos, até que nossos pés nos parem — ergueu a garrafa e a ofereceu. — Certamente a vida irá nisso — sorriu com tristeza, olhando a Bryn que tinha Johnson nos braços, dançando no ritmo da música como se na realidade não estivessem em guerra. Como se não estivessem às portas de uma batalha em que, com total segurança, pereceriam. Mas eram plenamente conscientes de que a guerra os minguava e que provavelmente não ficaria nenhum amanhecer mais por ver. Por isso Ardan admirava Bryn, as valquírias, Miya e os *kofun*, Gabriel e seus einherjars... Via como se eles dançassem em câmara lenta. Estava conectado com eles e sabia que não perdiam o alerta, que se nesse instante um jotun entrasse pela porta, não demorariam nem um nanossegundo em torrâ-lo. Mas não se esqueciam de sorrir. Unidos para o que der e vier. — Porra... — sussurrou emocionado. — Eu não encontro outro modo melhor de morrer do que viver cada instante como se fosse o último. Não há melhor morte, guerreiro, que morrer em nome da vida e da liberdade ao lado das pessoas que mais nos importam.

Steven engoliu em seco, assombrado pela honestidade das palavras de Ardan. Foi direto cutucar seus maiores temores e vergonhas, e com apenas umas palavras acabava de tirar o peso de suas costas, que tão pra baixo o tinha deixado. Até esse instante, não tinha se dado conta de como precisava escutar o apoio e as palavras de seu *laird*. Porque Ardan era como seu irmão mais velho, alguém a quem admirava e com quem gostaria de se parecer.

Steven tomou a garrafa que ele oferecia e bebeu do gargalo, como Ardan fizera.

— Então, até que nossos pés parem — repetiu Steven. — Obrigado, Ardan.

— Não há de quê — o escocês deu de ombros. — E agora, vou com minha mulher e meu afilhado. Quando os elfos recuperarem sua força, não demoraremos a partir. Aceita um último conselho? — Ardan procurou Daimhin e

não demorou a encontrá-la falando e dançando no centro do círculo com Raoulz. —... Toma sua garota e demonstre a ela o quanto é importante pra você antes que o elfo a leve para o seu lado.

Steven piscou atônito. Não era o único. Todos notaram o interesse de Raoulz por Daimhin. E ela não lhe era indiferente.

— Daimhin é minha *kone* — disse solene.

— Sabemos — assegurou Ardan. — Isso é algo fácil de adivinhar entre seres imortais — sorriu por cima do ombro. — Mas tem que ficar muito claro para ela.

— É delicado.

— Imagino — sabia. Os cabeças raspadas eram guerreiros que não confiavam em ninguém e quem não gostava que os tocassem muito. Sabia o complicado que foi tentar curar as feridas físicas durante os confrontos. Menos mal que o combinavam com os comprimidos Aodhan, mas infelizmente já não tinham mais. — De qualquer forma, Steven, sei que não sou o mais indicado para dar conselhos amorosos. Sou um autêntico bruto. Mas quando tem algo que é meu, gosto que esse algo saiba e possa demonstrar. Não dê o braço a torcer. O medo é somente um muro que terá que derrubar; e pra sua desgraça, não há tempo a perder.

— Só tento fazer isso direito. Tenho que tratar Daimhin bem. Não posso ser dominante com uma mulher que se negou terminantemente que a cortejem. A deusa Nerthus me deu um ultimato — explicou, sem chegar a revelar todos os detalhes. — O *comharradh* tem que aparecer em nossas peles para que o dom de Daimhin seja revelado. Mas a Barda não gosta que a toquem. Não é simples.

O einherjar o escutava com atenção.

— Nerthus falou contigo sobre isto — procurou confirmação.

— Sim.

— Então, irmão, não sei que merda espera para fazer o que tem que fazer.

— Não penso me converter no que ela odeia, Ardan — jurou, convencido. — Às vezes, nem tudo vale.

O *laird* esticou seu sorriso e a cicatriz do canto se alargou.

— Uau... Não gostaria de estar em sua pele. Mas você é um fodido lobo, Steven. Vocês adoram desafios.

— Claro que eu gosto — respondeu Steven levantando do tamborete, decidido a voltar a mover o jogo por Daimhin. — Mas... Ela é diferente.

— Pois perceba que, ao que parece, os deuses contam que você dê esse passo. Faça-o — ordenou sem clemência. — É um líder, Steven. Tem que fazer valer sua condição em todos os aspectos.

Steven observou Ardan entrar no círculo e rodear Bryn e a Johnson como o incrível protetor que era. Mas ele também era um protetor e não concebia que tivesse que voltar a fazer mal e incomodar Daimhin quando era a ela quem devia proteger. Não podia se contradizer assim.

Entretanto, não pensava tolerar que a garota que amava flertasse com um elfo, a quem, por certo, parecia preferir mais do que a ele.

Havia coisas pouco digeríveis para os berserkers.

A rejeição era uma delas.

Daimhin olhava aturdida ao seu redor, como os cabeças raspadas se deixavam levar pela alegria e a influência *huldre*, meneando seus corpos e cantarolando as canções que nem sequer conheciam, atiçados também pelos corpos das Agonias que se moviam ao seu redor como autênticas bailarinas de dança do ventre. E eles perdiam um pouco o norte ao contemplá-las.

Em troca, Raoulz nem sequer as olhava. Principalmente a Brunnylda. Parecia que cada vez que a *dodskamp*⁶ se meneava perto dele, sentia um rechaço físico absoluto para sua pessoa. Em troca, a Agonia se divertia ao vê-lo tão contrariado e incomodado.

As valquírias dançavam como melhor sabiam ao ritmo da música, que não deixava de soar no volume máximo. Todos, inclusive Gabriel, Miya e Ardan, balançavam seus quadris como melhor lhes ocorria, guiados por seus companheiros. Jamie e Isamu o faziam um em frente ao outro, afetados também pelos cânticos dos elfos.

Todos pareciam felizmente... bêbados.

⁶ Agonia.

Daimhin teria gostado de ver Carrick e Aiko dançando ali também, porque à parte que a letra tivesse conotações sexuais como a canção *Gimme your love* da Morcheeba, ali se respirava felicidade e amor. E era tão estranho que homens e mulheres pudessem conviver assim... Sem necessidade de recorrer à força e humilhação.

Eles desfrutavam de seus corpos e Daimhin não sabia como se sentir a respeito.

— Meu povo é diferente — anunciou Raoulz subitamente ao seu ouvido, tendo o cuidado de não roçar em seu corpo.

Daimhin deu a volta, piscou confusa e depois sorriu satisfeita.

— Sei que são diferentes — assegurou ela.

O elfo lambeu os lábios e a olhou diretamente nos olhos.

— Princesa, nós devemos isso à música, ao amor e alegria. Devemos à poesia — acariciou com um dedo uma das folhas verdes que decoravam o perene cabelo preso da jovem. — Nesta dimensão, os guerreiros se deixam influenciar pela energia visceral, pelas mais baixas paixões. Mas nós... nós não — concluiu. — Não somos escravos dos desejos sexuais, nem da necessidade de tocar a outro ou possuí-lo deste modo. Vivemos com respeito, com amor e harmonia. E um ser tão especial como você não pode merecer menos. É como uma deusa para os de nossa espécie. Merece ser venerada e respeitada.

— Aflige-me que me fale assim, Raoulz — sussurrou envergonhada. — Isso é uma lisonja. Mas não tenho nada de rainha. Eu te asseguro.

— Tem tudo. E o que digo é a verdade. Os *huldres* não podem mentir. Meu povo necessita uma rainha como você. Seu mundo está no nosso. Não com estes selvagens.

Ela entreabriu os lábios com assombro. O que queria dizer?

— Você não pertence aqui — acrescentou Raoulz, tentando convencê-la de sua natureza. — Deveria vir conosco quando tudo isto acabar.

— Com vocês?

— Sim. Como minha princesa. Minha rainha. Seu mundo é meu mundo — sorriu docilmente.

— O que diz não tem nenhum sentido para mim. Sou vaníria, minha família está aqui. Minha gente está aqui — respondeu, confusa. — Como posso deixá-los? Ainda não cumpri minha função.

— Pode sobreviver, Daimhin. Quando o objeto for revelado...

— Se eu conseguir.

— Quando conseguir — corrigiu ele —, pode escolher: vir comigo e meu povo. Estive te esperando durante muito tempo.

— A mim? — repetiu levando uma mão ao peito.

— A você.

— Raoulz... Não sei o que dizer...

— Não tem que dizer nada. Só espero que tenha presente minha proposta. Vai fazer isso?

Ela deu de ombros como se não houvesse outra alternativa.

— Não esquecerei — respondeu.

Raoulz relaxou e seus olhos voltaram a se encher de ternura.

— Agora deixa que te mostre o que você e eu podemos conseguir juntos.

Então Raoulz levantou a mão e mandou seu clã ficar quieto, e deteve por sua vez a música do equipamento de som com uma ordem mental. O elfo cada vez tinha melhor aspecto, como seus companheiros; e as Agonias, alheias a tudo exceto sua necessidade de absorver poder, estavam rodeadas por vários jovens guerreiros e cabeças raspadas que as olhavam com lascívia.

Daimhin surpreendida observou a Raoulz, que sorria para ela como um cão fiel.

— Princesa Daimhin.

— O que foi, Raoulz? O que vai fazer? Já se encontram bem?

— Ainda não. — Seus olhos escuros brilhavam com uma súplica muda. — Você é a Barda. Sua voz é um presente para nós. Por que não nos canta uma canção? Com certeza seu efeito é imensamente melhor que o desta música sem sentido que escutamos.

Ela, que ainda não tinha saído do trauma que tinha lhe provocado tudo o que o elfo dissera, surpreendeu-se ante a sugestão.

Adorava cantar. Não custava nada fazer isso. Mas algo, um remorso que não soube compreender, impeliu-a a buscar a aprovação de alguém entre o

círculo. Esse alguém a controlava do bar, de pé como se estivesse em guarda. Seus olhos amarelos eram os mais belos de todo o salão, não havia dúvida.

Daimhin não soube por que pensou nele nesse momento, mas tampouco se espantou. Steven... Era um mundo à parte. E a afetava. E era burrice não acreditar nele. O problema era que não estava disposta a se deixar influenciar por nada nem ninguém. Ninguém poderia dominá-la.

Embora Steven tivesse lhe dado um prazer inimaginável, também a assustara profundamente. Não queria ser escrava de alguém mediante algo que tanto tinha odiado e repudiado.

Por essa razão, faria bem em se afastar dele e manter-se distante. Embora ainda em seu corpo, reverberassem as ondas de seu orgasmo.

Pigarreou e decidiu focar no Raoulz, quem não a fazia pensar em corpos úmidos. E quem jamais a tocara daquele modo.

— Tudo bem. Cantarei.

Daimhin sorriu e começou a bater palmas.

Os elfos e todos os outros copiaram seu gesto até que a percussão era perfeita e ela começou a entoar uma canção que seu pai Gwyn sempre cantava para ela.

Seu pai, quando era menina, dizia-lhe que na realidade todos pertenciam ao mesmo lugar. E gostava de recordar. Não tinha voltado a escutar aquela canção da boca de Gwyn desde que a sequestraram, mas lembrava da letra perfeitamente.

Many times I've tried to tell you

Many times I've cried alone

Always I'm surprised how well you

Cut my feelings to the bone

Muitas vezes tentei te dizer

Muitas vezes chorei sozinha

Sempre me surpreendo de quão bem

Corta meus sentimentos até o fundo.

*Don't want to leave you really
I've invested too much time
To give you up that easy
To the doubts that complicate your mind*

Não quero te deixar realmente
Investi muito tempo
Para que se renda tão fácil
Ante as dúvidas que complicam sua mente

*We Belong to the light
We Belong to the thunder
We Belong to the sound of the words
We've both fallen under
Whatever we deny or embrace
For worse or for better
We Belong, We Belong
We Belong together*

Pertencemos à luz
Pertencemos ao trovão
Pertencemos ao som de nossas palavras
Ambos caímos baixo
Seja o que for que neguemos ou abracemos
Para o bem e para o mal
Pertencemos. Pertencemos
Nós nos pertencemos.

Daimhin sorria cantando. Contemplá-la era um presente para Steven, que ainda sentia ciúme porque cantava para Raoulz e os *huldres* em vez dele.

Tinha escutado toda a maldita conversa. Do principio ao fim. E fazia enormes esforços para não se deixar levar pela mutação e arrancar a cabeça fora do elfo.

Entretanto, vê-la assim era tão bonito... Como podia sentir raiva se a mulher que amava recuperava a vida com isso?

Aquilo era amor verdadeiro. Deixar que o outro fosse feliz e entendê-lo. Desejar acima de todo o resto a felicidade da pessoa que se amava.

E ele amava Daimhin. Estava perdidamente apaixonado por ela. Por muitas razões. Por sua coragem, por sua integridade, por sua fidelidade... por como cheirava e como o fazia sentir.

E acreditava firmemente que ambos se pertenciam como dizia a canção. Era uma verdadeira desgraça para ele ter que demonstrar enganando-a com uma pedra mágica. Mas se no final a pedra conseguisse que ela acreditasse neles de verdade, então o sacrifício teria valido a pena.

Essa letra foi feita para ela e para ele. Não para o Raoulz. A não ser que a Barda realmente, a quem queria convencer de que se pertenciam, fosse ao elfo. A não ser que ela aceitasse a proposta de Raoulz.

O *huldre* fechou os olhos e moveu a cabeça de um lado a outro, com um sorriso perene nos lábios. Seu corpo se encheu de luz e seu rosto refletiu o mais puro amor.

*Maybe it's a sign of weakness
When I don't know what to say
Maybe I just wouldn't know
What to do with my strength anyway
Have we become a habit
Do we distort the facts
Now there's no looking forward
Now there's no turning back
When you say*

Talvez seja uma mostra de fraqueza
Quando não sei o que dizer
Talvez não soubesse
De todos os modos, o que fazer com todo meu poder
Nós nos convertemos em um hábito?

Distorcemos os fatos?
Agora é o momento de olhar pra diante
Não há como recuar
Quando você diz

*We belong to the light
We belong to the thunder
We belong to the sound of the words
We've both fallen under
Whatever we deny or embrace
For worse or for better
We belong, We belong
We belong together*

Pertencemos à luz
Pertencemos ao trovão
Pertencemos ao som de nossas palavras
Ambos caímos baixo
Seja o que for que neguemos ou abracemos
Para o bem e para o mal
Pertencemos. Pertencemos
Nós nos pertencemos.

O círculo de elfos rodou na mesma direção dos ponteiros do relógio, cercando Daimhin, Raoulz e a todos os que estivessem dentro dele. Steven podia observar como seus corpos se enchiam de energia luminosa de uma forma mágica, de dentro pra fora, através das palavras melódicas da vaníria.

O que Daimhin cantava, o modo como o fazia, a entonação que empregava com tanta paixão e pureza, impregnava de uma força sobrenatural a quem a escutava, afetando a suas mentes e seus corpos. Curando-os em alguns casos, revitalizando-os em outros.

Ela deu uma volta sobre si mesma sem deixar de bater palmas no ritmo da música. Os elfos batiam no chão com seus pés e as Agonias o faziam em cima das mesas, convertendo-se novamente no centro da atenção dos cabeças raspadas.

Nesse momento, Raoulz levantou Daimhin pelas axilas e ela se encheu de júbilo. Ria às gargalhadas, deixando-se levar pela mesma alegria dos *huldres*. Steven se fartou de tudo aquilo, mas seus pés não puderam abandonar o salão e deixar de ver o espetáculo que oferecia a guerreira com sua voz.

Estava hipnotizado. Morto de raiva, mas hipnotizado.

*Close your eyes and try to sleep now
Close your eyes and try to dream
Clear your mind and do your best
To try and wash the palette clean
We can't begin to know it
How much we really care
I hear your voice inside me
I see your face everywhere
Still you say*

Feche os olhos e tente dormir agora
Feche os olhos e tente sonhar
Limpe sua mente e se esforce
Em tentar e lavar toda a gama de cores
Podemos começar a nos dar conta
Do quanto nos preocupamos realmente
Escuto sua voz em meu interior
Vejo seu rosto em todos os lugares
Enquanto disser

*We belong to the light
We belong to the thunder
We belong to the sound of the words
We've both fallen under*

*Whatever we deny or embrace
For worse or for better
We Belong, We Belong
We Belong together*

Pertencemos à luz
Pertencemos ao trovão
Pertencemos ao som de nossas palavras
Ambos caímos baixo
Seja o que for que neguemos ou abracemos
Para o bem e para o mal
Pertencemos. Pertencemos
Nós nos pertencemos.

É obvio que se pertenciam.

De um modo ou de outro, todos os ali presentes pertenciam a um mesmo lugar. À luz, ao bem, à proteção. As valquírias pertenciam ao trovão, e todos, absolutamente todos, como Daimhin, pertenciam ao poder e à força de suas palavras. E, no final, de alguma maneira mística, todos podiam chegar a ser escravos do que diziam.

Daimhin disse que não eram um casal, que ele não era para ela nem ela era para ele.

E não era verdade.

Steven abandonou o salão porque já tinha suficiente desse espetáculo. Porque um homem apaixonado podia suportar muitas coisas, exceto perceber que sua *kone* parecia mais feliz com seu outro pretendente do que quando estava com ele.

A vaníria o tinha muito fácil. Era o momento de demonstrar que o pescado não estava todo vendido com ele.

Aiko, sei que está na minha cabeça. Preciso de sua ajuda, por favor.

XVIII

Percorrer parte de um continente clandestinamente e utilizar para isso túneis ancestrais e místicos criados por uma raça de seres mágicos e feéricos era uma experiência que nem Carrick nem Aiko pensaram jamais presenciar.

Mas ambos o faziam, às vezes voando, outras caminhando, dependendo da amplitude que deixasse o túnel terrestre coberto de musgo, rocha e escuridão; só iluminado de vez em quando por essas estranhas luzes azuis suspensas no ar que pareciam viver escondidas nas áreas onde reinava a umidade, e a água deslizava através das infiltrações das paredes.

Aiko sabia que com aquele dom que começava a vislumbrar depois de ingerir o sangue de Carrick e que recentemente possuía, podia fazer grandes coisas, como entrar na mente dos outros e deixar um rastro de invisibilidade impossível de captar, inclusive para o telepata mais experiente. E mesmo assim, embora seu dom descoberto fosse fascinante, sabia que depois da terceira troca de sangue e a consequente vinculação com seu lindo vanírio, o dom outorgado seria ainda melhor, mais potente; inclusive poderia ter outras possibilidades. Mas deveria esperar esse momento. Por que e para que era importante seu dom? Isso só Nerthus sabia.

E ainda restava descobrir o dom outorgado de seu homem.

Qual seria o de Carrick? Ele não notava nenhuma mudança? Talvez não notasse porque ele ainda acreditava que o que ambos viveram era um sonho úmido, doce e febril.

Mas nada real.

Quanto o vanírio estava errado.

Fizeram sexo duas vezes no lar dos *huldres*. Incríveis as duas. Ainda possuía a *Riley* restante em seu bolso da frente, e só faltava usá-la outra vez para concluir a terceira vinculação necessária para esse selo chamado *comharradh*.

Não obstante, era uma *kofun*, cujo código era ser sempre justa e honrada. Que honra havia em mentir ao homem que mais amava?

Depois de tudo que viu na mente do Bardo, compreendia perfeitamente que não queria saber sobre contato físico com nada nem ninguém. Cansou-se disso.

Mas o tinha tratado bem. E ele a tocou como se fosse uma linda boneca que pudesse chegar a quebrar a qualquer momento. Encheu-a de belas palavras que a fizeram sentir-se feminina e linda.

Carrick foi incrivelmente doce na primeira vez. Em troca, na segunda, descontrolou-se um pouco mais. Mais apaixonado e livre, embora ainda havia muito a descobrir nele.

Carrick estava convencido que seu encontro com a japonesa era fruto de um sonho único e sem repetição; e como assim era, devia aproveitá-lo porque não sabia quando teria outra oportunidade de sonhar algo assim, porque sua mente estava podre, e quando fechava os olhos a única coisa que via eram sombras escuras que o levavam e pesadelos que recordava um dia após o outro ao inferno ao que, milagrosamente, com mais atrevimento que esperança, sobreviveram ele e outros meninos perdidos.

Aiko podia entrar em sua cabeça sem que ele percebesse com seu dom de invisibilidade, e se quisesse poderia apagar todas suas experiências.

Mas então Carrick deixaria de ser Carrick. E Aiko era incapaz de arrebatar a identidade de alguém. Porque a personalidade de Carrick, tão hermética e atormentada, e ao mesmo tempo tão nobre e mágica, estava forjada em seu purgatório particular, cheio de gestos por outros e de torturas inimagináveis nas mãos de outros. O que viveu tinha criado o incrível ser que era; e Aiko sabia que nem sequer ele desejava que ninguém apagasse sua lenda, por mais amarga que fosse.

O túnel que percorriam de mãos dadas, sem se soltar nenhum só instante, atravessava, depois de ter saído da Escócia, o interior do Reino Unido, passando por Leeds, Sheffield e Nottingham até chegar a Londres, que era o destino desejado.

Já estavam perto da saída para o exterior e não o adivinhavam pela claridade que não havia, mas sim pelos sons próprios de uma terra que chorava seu presente. Nos túneis notavam os tremores do planeta como se fossem dores estomacais fortes.

Na Escócia, os humanos, no exterior, caíam sem possibilidade alguma de sobreviver. E os que sobreviviam eram convertidos em nosferatus. Se fossem

crianças eram usadas como comida para purs e etones, que necessitavam sua energia pura para continuar pondo ovos.

Imaginavam que ali, e em qualquer outra parte do Midgard, o destino seria o mesmo para todos.

— Estamos a ponto de sair — disse Carrick.

Aquela era a única frase que o vanírio tinha trocado em sua viagem subterrânea. Ambos apreciavam o silêncio, o contato cúmplice de suas mãos e de seus furtivos e não tão furtivos olhares. Ambos amavam o aroma do outro e saber que se pertenciam, embora um acreditasse ter sido em sonhos e o outro soubesse que tinha sido real.

Entretanto, Carrick não a soltava. Aiko sabia o que ele pensava. Estava em sua cabeça sem que se desse conta e lia o que pensava.

Não posso soltá-la, dizia a si mesmo. Eu a protegerei, embora seja meu sonho inalcançável, um impossível, senão difícil de realizar; para mim, ela é ela: minha cáraid.

— Vamos nos preparar — disse Aiko, seguindo o túnel que se alargava, aproveitando esse instante para adquirir mais velocidade.

Juntos emergiram das cavidades *huldres* da Terra, e apareceram sobre uma paisagem escura, de céus negros cobertos de cinza e natureza morta.

— Sabe onde estamos? — perguntou Aiko, entrecerrando seus olhos puxados.

Carrick a olhou e assentiu com um gesto conciso de sua cabeça.

— Sobre as cavernas de Alum Pot.

As cavernas eram realmente espetaculares, tinham escarpados vertiginosos e orifícios em suas rochas que se conectavam com os túneis. Embora ninguém encontraria o dos *huldres*, pois eram secretos, fechados ao olho humano.

— Para onde devemos ir? — perguntou Aiko.

Carrick observava um horizonte vermelho e negro, trêmulo pelas mesmas sacudidas que atravessariam todo o planeta. Não pensou em outra coisa que não fossem suas irmãs caçulas e seus pais, e na imperiosa necessidade de ajudá-los no caso de que estivessem em apuros.

Aiko, que também se regia pelos valores da família, adorava que Carrick colocasse sua família na frente perante todo o resto. Estavam ante o fim do mundo conhecido, mas o urgia ir até suas irmãs e seus progenitores.

— Onde estarão seus pais? Vai ter que avisar o concílio sobre o que nos aconteceu e sobre o que concerne à missão de sua irmã — comentou Aiko.

Carrick a olhou um pouco surpreso.

— Sim. Talvez estejam no RAGNARÖK — pensou aturdido pela facilidade com que leu sua mente. — O concílio se reúne lá...

— Mas Carrick... — Aiko apertou sua mão com força para deter seu primeiro impulso. — Não temos tempo a perder. Você é filho de seus pais, possuem o mesmo sangue, podem contatar mentalmente. Por que não faz isso?

— Não — ele a interrompeu decidido. — Não tenho vínculo mental com meu pai, nem com ninguém. Não preciso dele. — Seus olhos castanhos clarearam com bolinhas de vergonha.

Mas eu estou em sua cabeça, embora não me veja, pensou, sabendo que ele não a detectaria, e é um lugar bonito, Carrick. Não deve temer que as pessoas que o amam compartilhem sua dor.

Na mente do vanírio só persistia a lembrança do sabor do sangue de Aiko, porque segundo sua percepção, só ele tinha bebido dela e não o contrário. O resto foi um sonho.

Mas Aiko sabia quanto equivocada estava porque seu sangue corria no interior de suas veias, e era delicioso. Entretanto, se admitisse a ele o que aconteceu, Carrick poderia zangar-se com ela e rejeitá-la.

Tinha-o anestesiado para fazer amor com ela.

Isso tinha perdão? Na realidade, não tinha feito nada errado, ou sim?

Seus dons eram importantes para a deusa Nerthus e o desenvolvimento dos acontecimentos futuros. Só faltava dar a outra *Riley*, e Carricky e ela se selariam para que os poderes outorgados que apareciam neles se mostrassem em todo seu esplendor.

E eram muito necessários, tanto como era necessário dizer ao vanírio de olhar triste que o queria tal como era.

Aiko estava decidida a dizer-lhe nesse instante.

— Carrick, eu... tenho algo a te dizer — levantou o queixo, disposta a reconhecer o que fizera. Não era certo enganar a alguém que mal confiava em ninguém. E menos a ele.

O vanírio loiro esperou que ela falasse, observando-a sem perder detalhe nenhum de seu rosto oriental; mas nesse instante, uma incrível rachadura avançou por debaixo de seus pés. Parte das pedras e das colunas naturais de Alum Pot foram engolidas pelo corte terrestre.

Aiko e Carrick deram um salto para ficarem suspensos no ar, até que tiveram que esquivar os gases ardentes que emanavam do interior da incisão. Se alguém assomasse poderia ver as entranhas que a terra possuía sob suas camadas mais profundas. E dela saíam os parasitas conhecidos por eles: purs e etones recém-nascidos, dispostos a acabar com qualquer ser que respirasse oxigênio para viver.

A rachadura avançava para Black Country.

O lar dos pais de Carrick.

O lar que uma vez foi o seu.

— Vamos, *ál!* Vamos, bela! — exclamou ele, sobrevoando o terreno para avançar à rachadura e ir em busca de sua família. — A rachadura vai para nosso território.

Aiko sabia que não podiam enfrentar sozinhos os purs e etones porque sairiam centenas, e não podiam morrer antes de cumprir sua missão.

Deviam viver.

Por essa razão, ambos deixaram de lado sua natureza visceral e agressiva para com seus inimigos, e decidiram ir em busca de seus clãs e de sua família.

Porque o sangue era uma reclamação impossível de ignorar para eles.

Black Country

Dudley

Ele conhecia esse terreno. Os primeiros anos de sua infância viveu ali, junto a sua pequena irmã Daimhin e seus amados pais.

Coberto por campinas verdes e casas de tijolos vermelhos, Dudley nunca foi uma cidade bonita, mas sim era uma cidade de trabalhadores e de pessoas silenciosas que não incomodavam a ninguém nem chamavam muito a atenção.

Em Dudley, ninguém imaginaria que uma raça como a vaníria se assentaria sob um tipo de túnel subterrâneo nem de casas que nada tinham a ver com as típicas inglesas. Escondiam-se entre os bosques de árvores altas e estavam resguardadas com vidros de proteção solar; e tinham desenhos vanguardistas de todo tipo.

Os aldeões sempre acreditaram que os que viviam nessas mansões eram pessoas muito ricas que procurava intimidade ou, inclusive, possuidores de sobrenomes fundadores da cidade.

Mas nada mais longe da realidade.

Os lares por dentro tinham quartos circulares que recordavam os *chakras* originários de seus povos celtas.

E todas as casas, sem exceção, possuíam uma porta oculta que levava aos corredores iluminados por tochas e que conduziam, cada um deles, à sala do Conselho Wicca, onde todos se reuniam para debater os assuntos de maior importância do clã.

Aiko e Carrick tentaram ignorar o ruído e alvoroço dos humanos que tentavam pegar seus carros e fugir dali e dos tremores.

Em breve a rachadura chegaria até ali, os purs avançariam e os vampiros e lobachos, que estavam saqueando cidades inteiras dos arredores, concentrariam-se nesse foco de berserkers e vanírios, como aconteceu em Wolverhampton, Walsall, Sandwell e Dudley.

Território de dois clãs antigamente rivais.

Até esse dia, onde descobriram que os uniam mais coisas do que os separavam e que deviam lutar juntos por sua sobrevivência.

Carrick não pôde evitar sentir um beliscão de tristeza ao passear por suas lembranças e ver que na atualidade nada era como recordava.

Tinha sua casa justo diante dele.

O corpo era feito de tijolo branco e mogno. Possuía duas torres, e uma delas contava com dois quartos. Um tinha pertencido a ele. O outro seria para sua irmã quando fosse um pouco mais velha.

Mas não os desfrutaram muito. Uma noite, os membros da Newscientist os sequestraram e não retornaram nunca mais até que Daanna McKenna, A Escolhida, encontrou-os.

— Vamos entrar? — perguntou Aiko, olhando a seu redor com olho atento.

Carrick estudou a compleição cubicular de seu lar, o alpendre de madeira, as persianas abaixadas e os vidros escuros das janelas.

Ali no interior da casa não havia ninguém, mas tinha uma estranha sensação no peito. A terra continuava convulsionando com terremotos cada vez mais potentes. A rachadura avançaria até ali, mas Carrick sabia que se o corte os alcançasse, toda Dudley acabaria destróçada, junto com suas casas, seus túneis e inclusive o Salão Wicca.

Nada permaneceria em pé.

— O que está pensando, Carrick? — Aiko tentou fazê-lo reagir sacudindo sua mão. — Acaso ouve algo?

— Shh — Carrick ergueu os dedos de sua outra mão e a mandou calar. Seus olhos de animal escureceram e inclinou a cabeça para um lado como se assim pudesse escutar melhor, como um felino escondido atrás de uma árvore esperando atacar sua vítima. — Abaixo.

— Como? — perguntou Aiko.

— Estão embaixo!

Carrick puxou Aiko e derrubou a porta da casa com o ombro, entrando como um tornado no interior daquele lar desértico.

Recordava perfeitamente onde se achava a porta que os levava ao subterrâneo, ao túnel labiríntico cujo final era o mesmo para todos: o Salão do Conselho Wicca.

Os tremores e os terremotos eram cada vez mais fortes. Se no exterior deixavam rastro com casas semidestruídas, vidros quebrados e pontes partidas em duas, as passagens interiores como as de Dudley também ficavam seriamente afetadas.

Ali, sob os tetos caídos de uma das passagens, ocultos pelas paredes e as tochas caídas, os corpos de duas pequenas estavam parcialmente sepultados; duas meninas de cabelos ondulados loiros e longos.

Quando Carrick avançou entre os escombros e as viu, soube sem dúvida nenhuma que se tratavam de Nayoba e Lisbeth: suas irmãs. As filhas que Gwyn e Beatha tiveram anos depois que levaram Daimhin e ele.

Carrick não suportava ver crianças em apuros: já sofreu muito quando esteve confinado, já foi muito em defesa deles... Mas que se tratasse de suas irmãs o debilitou e deixou sem palavras, até o ponto que a opressão no peito lhe provocou dor no coração.

— Minhas irmãs... — Com a rapidez dos de sua espécie, levantou as pedras que pesavam mais do que elas até que as libertou de sua compressão. — O que... o que fazem aqui?

Por que suas irmãs estavam ali sozinhas sem seus pais?

— Carrick — alertada, Aiko se agachou em frente a elas, e enquanto ele cuidava de Lisbeth, ela agarrou Nayoba. — Tem que ajudá-las.

— Como? — Afastou as mechas de cabelo loiro da pequena que estava com os olhos fechados.

— É seu irmão. Seu sangue as recuperará.

— Mas o que diz? Deseja que dê de beber a elas?

— É óbvio. Estão muito fracas...

— Não. Vou levá-las ao RAGNARÖK. Ali cuidarão delas. Ainda continuam vivas.

— Carrick! — Aiko ergueu a voz o suficiente para chamar sua atenção. — Chega!

Ele se levantou lentamente com a diminuta Lisbeth nos braços com seu olhar fixo no dela, assombrado por seu tom guerreiro. Aiko parecia contrariada, como se quisesse discutir com ele.

— Chega do que?

— Chega de tudo! — explodiu. Com o tempo tão curto como tinham, Carrick devia reagir e se livrar desse medo e dessa vergonha de compartilhar seu sangue. — São suas irmãs! Dependem de você agora mesmo. Íamos até o RAGNARÖk e se desviou para Dudley porque pressentia que algo estava errado. Você as sentiu! É o laço de sangue dos vanírios! Mas agora que as encontrou, não pode deixá-las de lado. É uma irresponsabilidade. Seus pais não estão aqui para salvar a vida delas. Você sim.

Carrick arregalou os olhos assustado e negou com a cabeça.

— Não penso dar meu sangue a elas, Aiko.

— Ouça-me. — A japonesa desembainhou sua espada com rapidez e apontou para sua garganta com a ponta da resplandecente lâmina de aço. Com o outro braço segurava Nayoba, que tinha a cabeça apoiada em seu ombro. — Tem que se esquecer do medo. Seu sangue não está infestado, não está maldito, nem sujo. Está perfeito.

— E o que você sabe? — Carrick mostrou as presas a ela, na defensiva.

Ela sorriu com amor e aceitação. Embora também sentisse um pouco de tristeza porque um guerreiro como ele se sentia tão manchado por outros.

Não havia ninguém mais puro e especial que Carrick, e ele não acreditava.

Aiko pensou no *comharradh*, na visita de Nerthus, nos poucos dias de vida que restavam ao Midgard e na possibilidade de que eles pudessem mudar as coisas, por isso respirou fundo, e com a serenidade de seu sangue *samurai*, procedeu a lhe contar toda a verdade, embora isso significasse que perderia a oportunidade de fazer amor com ele uma terceira vez.

— Sei. Sei porque bebi de você duas vezes, Bardo.

A sobrancelha direita do vanírio se ergueu em forma de arco, incrédulo.

— Mente. Não fez isso.

— Sim.

— Não é verdade.

— Sim, é. Enquanto estivemos no lar dos *huldres*, você dormia e eu recebi a visita de Nerthus.

— De Nerthus? A Deusa Mãe?

— Sim. Essa mesma. Disse-me que você e eu devíamos nos vincular e ser selados pelos deuses porque nosso dom era importante para o desenvolvimento do destino.

— De que merda está me falando, japonesa?! — gritou Carrick, morto de medo e repleto de nervosismo.

Aiko não se intimidou e continuou relatando o acontecido.

— Mas a deusa sabia, como eu sabia — ressaltou —, que você e sua irmã não permitiriam que ninguém se aproximasse nem os tocassem. Por isso me deu isto — levou uma mão trêmula ao bolso dianteiro de sua saia de couro e hera e

tirou a pastilha *Riley*. — São umas pedras preciosas que anulam o medo. Disse-me que te desse duas para cada vinculação completa, só assim você aceitaria fazer amor comigo e trocar nosso sangue. Por isso, enquanto ainda dormia, aproveitei e te dei. Você... você a engoliu... — Os olhos negros de Aiko não mostravam arrependimento nenhum. — Despertou e... fizemos amor. Duas vezes.

Carrick bateu os longos cílios loiros e olhou de soslaio para Aiko. A vaníria digna e disciplinada, a mais reta de todas, acabava de admitir que o drogara.

— Foi um sonho — argumentou ele com voz fraca.

— Não. Não foi, Carrick. Fizemos amor.

— Foi um sonho! — gritou com todo seu coração. Se aquilo fosse verdade, nesse momento Aiko saberia perfeitamente o homem marcado pela vergonha que era.

— Não! — Aiko guardou sua espada e correu emocionada a tomá-lo pelo rosto. — E se foi, foi o sonho mais maravilhoso que tive, Carrick. O mais bonito. Que me converteu em uma mulher.

— Está... está mentindo — não queria acreditar. Era muito humilhante. — Você não podia ter feito isso comigo.

— Fiz, Carrick. Fiz por nós. E também pelos deuses. Não entende? Você e eu... nós nos pertencemos.

— Não me toque — suas palavras e sua voz estavam cheias de ódio. — É igual a eles.

— Como diz? — As mãos escorregaram de seu rosto e seus olhos se encheram de lágrimas e desilusão. Os de Carrick pareciam vazios.

— Eles me obrigaram, Aiko. Nunca me deixaram decidir — sussurrou. O olhar pardo se tingia de sofrimento. — Exatamente como você fez.

— O que? Pelos deuses, não pode comparar me com eles, Carrick.

— Não estava preparado! — gritou a um centímetro de seu rosto. — Não estava! Drogou-me para conseguir se deitar comigo.

— Carrick... Fez amor comigo — disse angustiada. — Foi maravilhoso. Foi você. Você mesmo. Não suje isso me rebaixando ao nível de seus carcereiros. Não é justo nem para mim nem para nós.

— Utilizou as duas *Riley*?

Aiko negou em silêncio.

— Não. Transamos duas vezes por vontade própria. Não pude detê-lo — seu olhar o atravessou com sinceridade. — Foi maravilhoso.

A pele dele se arrepiou, mas não demorou a reagir.

— Me dê a que sobra, então — Carrick estendeu o braço que não segurava Lisbeth e abriu a palma da mão. — Aiko, eu disse para me dar isso — ordenou inflexível.

Ela assentiu envergonhada e entregou a pedra que ainda tinha guardada, e que esperava seu momento para sair em cena. Mas não assim.

— Bem — Carrick a atirou ao chão e esmagou com a sola de sua bota preta. — Vejamos se agora pode me convencer que me deite contigo, japonesa. Já não tem a droga. Sem droga, não há sexo.

Ela lambeu os lábios, insegura e ferida por suas duras acusações.

— Aja como quiser, Carrick. Só quis ser honesta contigo.

— Honesta depois de me violar, claro — espetou venenoso.

— Eu não te violei, imbecil! — exclamou furiosa, perdendo a paciência. — Sabe o que?! Faça o que quiser, mas dê de beber às suas irmãs ou morrerão. Têm a coluna partida pelo peso do teto. Seu sangue, esse que diz que é putrefato e maligno, é como o delas. Ofereça-o para que saiam! Não seja covarde!

Carrick ia dar as costas para caminhar e sair dali com as meninas nas costas, mas virou furioso para intimidar Aiko.

— Quer que minhas irmãs, que ainda acreditam na fada dos dentes, vejam as aberrações que podem fazer a um homem?! Que merda tem na cabeça, guerreira?!

— Suas irmãs não estão capacitadas ainda para ler o sangue — disse encolerizada com ele. — São muito pequenas, Carrick. Agora estão sofrendo e pode curá-las de repente, só com o pouco que dê de sua veia. É mais forte sua vergonha que o dever que tem para com sua família? É isso? — Aiko passou ao seu lado com tanta ira em seu corpo miúdo que bateu seu ombro contra o dele e faltou pouco para desequilibrá-lo. Se ele não as salvasse, deviam sair dali para procurar ajuda. — Afaste-se. Vamos sair daqui e ir para o RAGNARÖK. Vamos procurar alguém que cumpra com seu dever.

Mas justo quando iam sair dos túneis, duas vozes chorosas conhecidas por ele, as de um homem e uma mulher, irromperam nos corredores caídos com desespero, procurando vida onde acreditavam que já não haveria.

— Nayoba! Lisbeth!

— Filhas! Nayoba! Lisi! *Am olwg!* Que desastre... *Ble diawl ...?* Onde diabos...?

Aiko e Carrick se detiveram e não demoraram a encontrar o casal que tantas perguntas e exclamações ao ar lançavam, clamando pela vida de alguém muito especial para eles.

Os dois loiros altos, vestidos ambos de negro, com roupas de guerra preparados para enfrentar qualquer desafio, detiveram-se na frente deles e interrompendo seus passos, decididos a arrancar suas cabeças se fosse preciso.

Mas não empregaram a violência porque se reconheceram imediatamente.

Eram Gwyn e Beatha.

Carrick engoliu em seco, emocionado ao ver que seus pais estavam na sua frente, e que ele segurava uma de suas irmãs pequenas a quem ainda não tinha alimentado.

— Filho? — perguntou Beatha, cuja beleza permanecia perpétua no tempo. Seus olhos castanhos e avermelhados analisaram a situação com rapidez, como faria um animal selvagem que analisava suas possibilidades de sair ileso. — Acreditava que estava em Edimburgo... Por Brigitt... — sussurrou emocionada, tomando Lisbeth dos braços de seu filho mais velho. — Deu sangue a elas, Carrick? — perguntou a bela Maru do Conselho Wicca.

Carrick negou com a cabeça, aturdido ainda por tudo. Seus pais estavam ali; ele tinha resgatado suas irmãs, mas tinha se negado a alimentá-las, vencido por suas inseguranças e sua vergonha.

Gwyn e Beatha o olharam sem julgá-lo, mas compreendendo perfeitamente quais eram as dúvidas de seu adorável e valente filho mais velho. Nenhuma recriminação se refletia em seus olhos. Só amor e compreensão.

Gwyn mordeu o próprio pulso, o mesmo fez Beatha, e não perderam tempo em pousá-los sobre as bocas secas e pálidas das meninas, animando-as mentalmente a beberem.

Quando o elixir rubi chegou a sua garganta e daí passou à boca de seus estômagos, as meninas, ainda com os olhos fechados, agarraram os pulsos que as alimentavam e beberam com a ânsia dos moribundos.

Carrick e Aiko escutaram como os ossos das crianças voltavam ao seu lugar, a coluna se encaixava de novo, a hemorragia interna se resolvia, o brilho de seus cabelos retornava e o tom de pele deixava de ser pálido e cerúleo, e passava a ter uma cor mais saudável.

— Isso, meus bebês — animava-as Beatha, sem poder evitar derramar lágrimas de alívio ao ver que continuavam vivas. — Isso mesmo... — acariciava seus cabelos com adoração, sabendo que as carícias calmantes eram as preferidas de suas filhas.

Lisbeth e Nayoba abriram os olhos de uma vez e se encontraram com os rostos conhecidos de seus pais, felizes em vê-las com vida.

— Já está bem. Calma. Deixem de beber — sussurrou Beatha sorrindo para elas com carinho. — Olá, minhas princesas.

— Olá — responderam elas.

— Por que estavam aqui? — perguntou Carrick. — O que aconteceu? Acreditava que todos as crianças se encontravam no RAGNARÖK.

RixGwyn comprovou que a menina já tinha deixado de beber e pela primeira vez, como Beatha, perceberam a garota que acompanhava Carrick e que segurava uma de suas filhas, enquanto a alimentava. Beatha lhe fez um pequena radiografia sem malícia, e depois sorriu com agradecimento e aceitação.

— E você quem é?

— Meu nome é Aiko — disse a jovem. — Sou a *cáraid* de Carrick.

— Deuses, é um milagre — murmurou Beatha emocionada.

— Isso é o que veremos — retificou Carrick com a intenção de machucar a *kofun*. Quando a jovem se afligiu, ele não estava mais orgulhoso por isso.

— Olá, Aiko — saudou-a Beatha. — Uma honra te conhecer... enfim.

— A honra é minha, Maru Beatha — fez uma reverência com a cabeça.

— O que minhas irmãs faziam aqui? — repetiu Carrick. Não queria que ficassem íntimas e cortou-as imediatamente.

— Alguns de nós, como Iain e Shenna, e Inis e Ione, decidimos esconder os pequenos nos bunkers de nossas casas — explicou Gwyn. — Os ataques ao redor

do Jubilee Park e Londres se acentuam, e pensamos que seria um modo de afastá-los do foco da guerra. Acreditávamos que era menos arriscado para eles escondê-los. Mas... os terremotos e os tremores são cada vez mais potentes, e conseguiram destruir as passagens secretas de Dudley. Nós nos enganamos. E viemos correndo para buscá-las.

— Mas nossas filhas estavam no bunker, *mo ghraidh* — replicou Beatha ainda sem compreender o estado em que encontraram suas filhas. — É muito bem protegido, não entendo como puderam sair dali. Era impossível.

— Não fomos nós, *mammaidh* — explicou Nayoba, que era um ano mais velha que Lisbeth. — Ficamos ali tal como nos disseram.

— Como que não foram vocês?

— Tiraram-nos dali — negou a menina ainda assustada. — Uns senhores de cabelo branco e comprido e pele escura com desenhos... Os olhos não tinham cor. E suas orelhas eram bicudas.

Gwyn e Beatha se olharam sem compreender nada.

— Eles nos deram medo — acrescentou Lisbeth, abraçando-se a sua mãe com seus olhos igualmente castanhos medrosos.

— *Svartálfars* — disse Carrick sem um pinga de dúvida.

— Elfos sombrios? — Gwyn escureceu o olhar e ficou pensativo.

— Sim, pai. Loki está abrindo os portais e eles começaram a aparecer. Lutamos algumas vezes com eles.

Beatha desviou o olhar para seu marido e balançou a cabeça. Se Loki tinha conseguido abrir seus reinos, então tudo estava a ponto de acabar.

— Eles fizeram algo? — perguntou Carrick a Nayoba, que continuava nos braços de Aiko.

— A porta do bunker voou pelos ares. A terra tremia muito — explicou a menina. — Nós tentamos escapar, mas o elfo nos perseguiu e nos agarrou. Cortou um pedaço de nosso cabelo — choramingou mostrando o grande corte na parte de trás de seu lindo cabelo dourado.

Beatha se sobressaltou e seu marido se aproximou para admirar o corte.

— Nada mais? — perguntou Beatha.

As meninas negaram com a cabeça.

— Logo se foi. Nós tentamos sair da casa, mas o teto caiu em cima de nós.

— Para que iriam querer o cabelo de minhas irmãs? — disse Carrick em voz alta.

— Os elfos obscuros dominam a necromancia — respondeu Gwyn. — São os mais desgraçados inimigos dos elfos da luz, e como consequência odeiam os bardos porque os temem da mesma forma. Somos os encarregados de que as lendas dos elfos e seus conhecimentos nunca morram. Percorre-nos o sangue bardo transmitido de geração em geração, Carrick. Agora, por que você acha que os *Svart* puderam fazer isto com suas irmãs?

Carrick fechou os olhos ao compreender o que acontecia. Os *Svartálfar* os atacaram a princípio e foram atrás deles. Se Lisbeth e Nayoba tinham o mesmo sangue bardo deles e tinham cortado parte de seu cabelo, só queria dizer uma coisa:

— Procuram Daimhin — assegurou. — Vão usar magia negra para encontrá-la.

— A minha filha? — repetiu Beatha, afetada por aquelas palavras. — Por que a querem?

— É uma longa história — concedeu Carrick, animando-os para que saíssem dali. Não podiam perder mais tempo. — Contarei quando chegamos a RAGNARÖK.

Quando abandonavam o caminho que uma vez conectou todas as casas dos vanírios, Aiko escutou a mensagem de Steven em sua cabeça. Ela continuava ali, de um modo que ninguém poderia detectar, anulando sua lembrança das pedras *Riley* e suas ideias para que Daimhin não pudesse vê-los.

Mas agora Steven pedia outro tipo de ajuda.

Ajuda para que Daimhin não pudesse ler nada mais dele, até que ele decidisse o contrário.

XIX

Chamava-se Si-rak. Era um dos primeiros rastreadores dos *Svartálfars*.

Sempre recorriam a ele quando deviam estudar o terreno a conquistar. Sempre o requeriam quando se tratava de procurar pessoas.

Desta vez era Loki quem antes de abrir por completo o reino dos elfos da escuridão tinha requisitado seus serviços para encontrar a um par de irmãos, filhos dos Vanir, que se afirmava que eram os únicos bardos puros do Midgard.

Si-rak sabia que não havia nada mais aborrecido para Loki e os seus, que ainda existissem bardos capazes de afetar os pensamentos dos outros, embora estivessem às portas do fim do mundo. E esses seres que tanto incidiam na mente e nas emoções dos outros podiam mudar realidades também.

Para Loki e seus jotuns, a única realidade era o caos e a destruição. A consciência não tinha nenhum papel protagonista nesse desenlace, nem tampouco a criatividade, por isso tinha encomendado a ele a missão de encontrar os bardos e matá-los, para evitar que algum deus Vanir ou Aesir ainda tivesse um Ás oculto na manga com o qual poder jogar através deles. A Resplandecente adorava jogar por casualidades e já se cuidavam de não ser surpreendidos por nenhuma delas.

Suas serpentes de ouro tinham encontrado os bardos, mas os primos dos elfos de Alfheim, os *huldres*, tinham intercedido para salvá-los. Os insensatos se converteram em seus tutores e agora os protegiam.

Os *Svart* como ele detectavam a presença das fadas também, e foi como descobriram que a fada decidiu ficar com a garota barda. E não com o rapaz.

Isso só queria dizer uma coisa: ela era a peça importante. Era ela a quem devia caçar.

Entretanto, quando lançaram a ofensiva perto do castelo de Lochranza, as valquírias se interpuseram em seu caminho e fecharam seu portal. E não só isso. O sinal da fada e da barda desapareceu, como se já não existisse no Midgard. Si-rak compreendeu então que os *huldres* a esconderam com algum tipo de magia.

Mas a magia suave e branca dos elfos da luz e seus semelhantes era vencida com a magia negra. Mediante um feitiço de localização sanguínea, o elfo sombrio descobriu que havia duas meninas de potencial muito menor e por despertar que se pareciam com a Barda e tinham a mesma composição dela.

Abriram um portal e as encontraram. Cortaram um pedaço de cabelo delas para pôr em andamento seu feitiço de busca. Não as mataram porque o boneco que pensaram utilizar só funcionava se o cabelo que o recobria viesse de um indivíduo que ainda continuava vivo.

Agora Si-rak, oculto em um dos prédios abandonados da rua Oxford, acabava de rodear o bastão enfeitiçado com o cabelo das meninas.

Seus olhos brancos estudavam com atenção o amuleto que tinha na mão e que mostraria onde se escondia a Barda. Sorriu diabolicamente e levantou o boneco parecido aos de vodu por cima de sua cabeça, como se fosse uma oferenda aos deuses.

Seu cabelo branco se agitou pelo vento impetuoso que começava a sacudir a Inglaterra e seus arredores.

O céu se iluminava com relâmpagos que caíam por toda parte, provocando incêndios e destruindo tudo que alcançasse.

— Nada se esconde aos meus olhos! — gritou Si-rak com vigor. — Que o que os *huldres* escondem saia do seu esconderijo!

XX

Foi-se. Não o cheirava ali. As laranjas, o aroma da fruta que sempre a acompanhava fazia dias, diluía-se pouco a pouco.

Steven foi embora. Buscava-o entre o salão, esperando encontrá-lo atrás do balcão com o rosto perturbado e os olhos um tanto soturnos, como sabia que a observava durante toda a canção. Esperava poder alegrá-lo e que ele também se banhasse de sua luz. Mas não. Quando o procurou, em seu lugar só havia vazio e uma garrafa de uísque completamente seca.

O fato de que não a contemplasse a fez sentir-se só e desamparada. O peito encolheu e a tristeza a envolveu com a força de um furacão.

Deuses, não suportava sentir-se assim. Por que sentia que o tinha decepcionado? Por que sentia a necessidade de ir em busca dele?

— Maldita vinculação... — murmurou angustiada. A dentada, o fato de que tiveram intimidade... Tudo os conectava e Daimhin não tinha nem ideia de como encarar isso. Urgia-lhe encontrá-lo e descobrir o que havia com ele. Deu umas batidinhas nos braços robustos de Raoulz para chamar sua atenção. — Desça-me, por favor.

— Por que, princesa? Não sente o júbilo e a alegria? Não aprecia se sentir assim? — fez ela girar no ar. — É assim que nós vivemos.

Aquela foi a primeira vez que Daimhin compreendeu que fazia algo incorreto. Que não era ao que pertencia.

— Não. Desça-me, Raoulz — pediu inflexível.

O elfo a obedeceu instantaneamente e estudou seu semblante.

— O que a desagrada?

— Nada — replicou ela. — É só que me sinto indisposta e quero me retirar para meu quarto.

— Mas... vai pensar no que disse?

Daimhin afastou o olhar e mordeu o lábio inferior. Como ia pensar nisso? Raoulz estava propondo que ficasse com ele; estava cortejando-a do seu modo, em meio a uma nuvem de alegria, júbilo e canções... Mas aquela não era sua realidade. A realidade era que o mundo ia cair sob as garras de Loki, que os humanos morriam e que as pessoas de sua raça sofriam... Esse universo paralelo que Raoulz apresentava como um Éden era atrativo e fácil de querer, mas era seu universo?

— Os elfos e os bardos estão destinados a se entenderem e ficarem juntos, princesa. Fizeram-nos assim e assim está escrito. Nós nos complementamos — ratificou sem dúvida alguma. — Não tem que se opor a isso. Só siga o fluxo com naturalidade e se dará conta de que assim deve ser.

Ela o deteve levantando uma mão. Não ia escutar mais por enquanto. Queria sair dali. A opressão no peito era cada vez maior.

— Está bem, Raoulz. Pensarei sobre isso — a única coisa que queria era escapar para ir ver Steven. Para voltar a cheirá-lo. Definitivamente estava paranoica e desequilibrada. Já não tinha controle sobre si mesma.

— Comigo jamais ficaria louca nem se desequilibraria. Eu te darei segurança, respeito e equilíbrio, Daimhin — jurou Raoulz solenemente. — Nunca faria com que se sentisse infeliz, como agora.

Ela levantou o olhar laranja de repente e suas bochechas coraram. Infeliz? Não, essa não era a palavra que a descrevia nesse momento. Era uma sensação estranha que a varria com a imperiosa necessidade de ser abraçada e acalmada. Mas não pelo elfo.

— Não me sinto infeliz — admitiu de repente.

Raoulz parou o que ia dizer em seguida e compreendeu que a estava pressionando muito. A Barda era um tanto selvagem, tanto como um leão enjaulado, e embora ele tivesse pretendido demonstrar que seria fácil que ambos estivessem juntos, não podia pressioná-la além de sua compreensão.

— Vai descansar? — perguntou lendo em seu olhar laranja.

— Sim — Daimhin tentou tocar a mente de Steven. De repente precisava vê-lo, saber que estava ali.

— Precisa dele.

— Como?

— O descanso. Aproveite o tempo, princesa. Partiremos em breve para Gales e já não teremos tempo para repousar. Será o tudo ou nada.

Ela piscou com um pouco de insegurança. O elfo lhe dava um ultimato, assegurando-a que a viagem era mais do que uma jornada para encontrar um objeto importante. A viagem era uma tomada de decisão definitiva, e certamente ela teria a última palavra.

Dela dependeria tudo.

— Sim — Daimhin ia tirar a capa, ansiosa para ir ao encontro do berserker, mas o elfo a deteve imediatamente.

— Não, princesa. Fique com ela, é a única coisa que nos assegura tê-la oculta aos olhos dos *Svart*. Por enquanto estará a salvo.

Ela assentiu agradecida e a fechou na altura do peito.

— Obrigada por seus conselhos e sua ajuda, Raoulz — respondeu, virando-se para fugir rapidamente dali.

— Ao seu dispor sempre — disse ele, fazendo uma reverência.

Daimhin apertou a ponta do nariz, caminhando a passo ágil pelos corredores para dirigir-se ao quarto em que Electra repousava.

O êxtase dos elfos não era verdadeiro. Sua energia agia como uma droga em outros e provocava alterações emocionais, mas não eram autênticas. Ao menos, não pareciam para ela. E se sua ansiedade foi provocada por eles?

As mãos tremiam, o coração pulsava descontrolado... Até tinha vontade de chorar!

Durante um momento de euforia, todos os guerreiros, inclusive os cabeças raspadas, as valquírias e einherjars que estavam envolvidos na música dos *huldres*, tinham esquecido o mundo, perdido o juízo e ignorado a guerra que tantas baixas tinha causado.

Como era possível? Essa era a magia dos elfos. O êxtase e a euforia.

Seus pés entraram automaticamente no quarto em que não só se achava a fada, mas no qual Steven também estava sentado sobre o colchão com a cabeça

inclinada sobre suas mãos, como se observasse algo diminuto. Dallas repousava sobre a cama com as costas grudadas ao seu corpo.

O berserker não precisou virar-se para saber que era Daimhin quem estava ali.

— Morre — foi a única coisa que ele disse.

Ela se deteve a um passo da cama. Seu corpo tremia até que entrou ali onde ele estava, e gradualmente relaxou de novo. Como se aquele fosse seu remanso de paz, seu cantinho de calma.

Ali, bem ao lado de Steven.

E não era fácil administrar suas sensações e aqueles sentimentos indecentes quando ela, Daimhin a Barda, tinha suportado a solidão e a tortura durante um quinquênio sem necessidade de chorar nem de se apoiar em ninguém. Não obstante, para sua própria estupefação, agora seu corpo e sua cabeça pareciam ter um curto-circuito quando se afastavam do *punk*.

No que estava se convertendo? Em uma mulher dependente e fraca?

Caminhou lentamente até colocar-se na frente dele e fixou seu olhar entre suas mãos, onde Electra perdia as forças.

— Quando as fadas acabam sua missão, elas desaparecem para mergulhar em um sono eterno e revitalizante — explicou preocupada com a diminuta ninfa de Nerthus. — Electra está a ponto de ascender.

A fada abriu os olhos e os focou na Barda. Seu olhar negro ainda continuava brilhante, mas seu rosto mostrava um profundo relaxamento. Electra sorriu, com seu cabelo negro e despenteado apontando para todas as partes.

— É uma pena que não possa ver de que objeto se trata — reconheceu a fada. — Já não resta tempo — sorriu risonha.

— Já vai, Electra? — perguntou Daimhin.

— Sim. Chegou o momento — bocejou, reacomodando-se nas mãos de Steven.

— Dói? — perguntou a vaníria aflita por ver a luminosa fada tão sem vida.

Electra fez um sinal de negação com a cabeça.

— Vou ao mundo das flores... Onde dormirei muito até que desperte de novo — abriu um de seus olhos e o focou em Daimhin. — Você deve levar o objeto ao *Alfather*. Não deve perder seu objetivo, Barda.

— Não o farei.

— Prometa-me isso.

— Prometo.

Steven, que não escutava nada do que a fada dizia, olhava de uma para outra com curiosidade, mas não ousou interrompê-las.

— Os bardos são como as valquírias e os elfos — recordou-a Electra. — Jamais podem quebrar suas promessas. Talvez juntos — olhou a ambos — obtenham que as plantas não deixem de florescer neste reino. São a última esperança... — suspirou esgotada. Fechou os olhos novamente e então, ante a atônita vigilância dos dois guerreiros, Electra explodiu e se converteu em pó dourado, que rodeou as cabeças e os corpos de ambos, deixando-os sozinhos, sem sua diminuta companhia, embora envoltos em sua essência purpúrea e cristalina.

— Foi-se — sussurrou Daimhin melancólica. — Se foi de verdade. Peguei carinho a ela...

— Sim. É o que parece — Steven tinha as palmas douradas brilhantes pelo pó das asas da fada. — Aposto que lá para onde vai estará melhor do que aqui.

— Assim espero. Gostava dela.

— Uma façanha, hein? — murmurou Steven com amargura, evitando encontrar seus olhos. Daimhin o estava procurando, mas ele preferia ignorá-la. Fazia parte de seu plano desesperado chamar sua atenção e que reagisse, que tocasse alguma tecla nela que a fizesse ver que ele era seu companheiro e que não poderia rejeitá-lo por mais tempo. — Você e o *huldre* já acabaram de dançar? — usou um tom de indiferença.

Daimhin, que ainda estava imersa na nuvem de pó dourado que tinha deixado o adeus de Electra, controlava cada gesto e cada movimento do berserker. O pó cristalino fazia cócegas na pele e entrava pelo nariz.

— O que está fazendo? — ela perguntou de repente, sem mover um só músculo do corpo.

Steven franziu o cenho e se fez de bobo.

Daimhin continuava coberta pela capa, que ondeava atrás de suas costas e cujo capuz repousava entre suas omoplatas. O cabelo descansava sobre seus

ombros, loiro e brilhoso, cheio de vida e com o aspecto mágico que tinham outorgado a intervenção de Nerthus e dos *huldres*.

Para ele e para qualquer um que a visse, era como estar perante um ser dos bosques, uma espécie de Sininho e Peter Pan, tudo ao mesmo tempo, com um totem como arma, que era uma espada muito afiada cujo cabo sobressaía diagonalmente por trás de sua cabeça. Ela apreciava muito sua *katana*, porque pertencia à Escolhida e quase nunca a tirava. Nem sequer quando transaram na banheira das Agonias, como se pensasse que a qualquer momento fosse precisar dela estando com ele.

Daimhin sempre admirava às demais, mas não a si mesma. E muito menos a ele, de quem ainda duvidava. Quanto tempo demoraria para cair o véu que a impedia de ver a verdade tal como era? O que mais incomodava a Steven era saber que esses medos, tão razoáveis por outro lado, não a deixavam se mostrar.

Se ela soubesse o quanto era apropriado e valente, deixaria de se prender ao resto e concentraria em quem ela era na realidade.

Porque Daimhin não era uma vítima. Mas sim uma completa heroína com uma honra irrepreensível.

— Você me ouviu? — continuou ela. — Eu te perguntei o que está fazendo.

— O que estou fazendo? — perguntou ele, fechando a caixa em que Electra tinha repousado durante suas últimas horas.

— Não o ouço.

— Ah, é isso? — virou e a enfrentou como se a coisa não fosse com ele. — Então, Barda, somos dois.

O olhar de Steven deixou a pele de Daimhin arrepiada. A solidão bateu com força em sua mente e em seu coração, e sentiu que já não tinha o controle de nada.

A sensação era tão desesperadora que estava a ponto de cometer uma loucura, como ameaçar de morte o berserker até que abrisse sua mente para ela de novo. Até esse momento em que lhe tinha fechado as portas, Daimhin não se dava conta de como se sentia à vontade com seu contato mental. Ele a afastava da escuridão e a tranquilizava, como um porto seguro em que podia se agarrar. E o fazia de forma inconsciente, do mesmo modo como ela se aproveitou dele.

— Não pode fechar sua mente para mim.

— Eu não a fechei — disse ele, admitindo uma verdade parcial. — Talvez o vínculo tenha desaparecido...

— Como diz? — Seus olhos alaranjados clarearam como se sentissem uma ameaça iminente. E a ameaça era ele e sua atitude. Saber que Steven não a deixava entrar em sua cabeça e que tinha o poder de afastá-la e acertar a porta em seu nariz.

— Talvez tivesse razão, Barda. Possivelmente o que senti foi um capricho... Não acredito que você e eu tenhamos algo em comum.

Ela tomou ar pela boca sem piscar, imóvel, a apenas um metro do corpo enorme de Steven, que não dava seu braço a torcer. E estremecia como se tivesse frio nos ossos, desses impossíveis de esquentar.

Ele só tinha que pressioná-la um pouco mais para que ela se desse conta do que acontecia.

— Tem uma missão importante a cumprir, Daimhin. E parece que seu lugar é ao lado dos elfos. Acompanharei você em sua viagem até que as forças acabem, mas você e Raoulz devem conseguir o objetivo.

— Do que...? — Engoliu em seco, nervosa. — Mas do que está falando?

Steven sorriu sem vontade e deu de ombros.

— Tenho uma estranha fascinação por você, Daimhin. Já sabe. Encarreguei-me de te dizer isso frequentemente. Inclusive tivemos um encontro sexual. Mas essa fascinação não é recíproca. Você se nega a me ver de outro modo que não seja como um companheiro de viagem e não admite que diga que é minha *kone*. Eu... sinto que teve que se humilhar com as Agonias, e sinto ter sido eu quem teve que fazer isso com você. Não queria recordá-la a seus demônios — passou a mão pela nuca de forma contrita. — Já entendi. Lamento muito. Não voltará a acontecer.

Nunca, nem sequer em sua prisão, sentiu-se tão só e assustada como nesse momento. O bonito Steven, com sua honestidade tão brutal e sua franqueza, estava dizendo que ela não era sua companheira, que se equivocou. E a pobre, só a experiência que não lhe permitia entrar em sua cabeça, estava destroçando-a como nada tinha feito.

— Vou voltar ao salão para ver se me esqueço de tudo e me animo com a dança e a música dos *huldres* — anunciou imensamente mais animado do que ela.

Eram assim as relações entre casais?

Ele parecia muito mais inteiro, como se seu mundo ainda estivesse completo.

As vinculações vanírias eram muito horríveis. Muito dependentes. E tão intensas que provocavam nela um festival de sentimentos que jamais tinha vivido.

Steven ia abandoná-la ali no quarto.

Não me feche sua mente. Abra para mim, por favor...

Ele se afastava e passava ao lado dela, decidido a deixá-la para trás.

Ela sentia que morria um pouco mais e que os olhos se enchiam de lágrimas. Com o indicador recolheu uma gota brilhante de seus cílios e a olhou surpresa.

Chorava por ele.

Era infeliz por saber que, estando tão incapacitada como estava, parecia que havia um *cáraid* para ela? Ou era agraciada por isso?

Não vá... Steven, não vá, pensou com desespero, à beira da histeria. O quarto se fez pequeno, a água, que batia contra as vidraças, parecia ganhar vida para engoli-la e mergulhá-la em uma escuridão desconhecida até esse momento; a escuridão que aparecia quando a forte presença de Steven e seus olhos cheios de luz se afastavam dela sem avisar, como nesse momento.

— Não vá — rogou de costas para ele.

Steven paralisou, a ponto de sair pela porta. Imóvel, não ousou mover nem um só músculo de seu corpo. Respirou fundo pelo nariz, pegando forças da fraqueza para não equilibrar-se sobre ela. Não se tratava de convencê-la, mas sim de que ela se esforçasse em aproximar-se dele e percebesse que não podiam se afastar, e de que sua relação mais natural era compartilhar seus corpos e suas mentes. Lutar contra isso era ir contra sua natureza.

— O que disse? Não ouvi.

Ela deixou a cabeça cair até cravar o olhar na ponta de suas botas. Por que sentia vergonha? Por não ser capaz de olhá-lo nos olhos para que não descobrisse o quanto era fraca?

— Não vá.

— Não vai me reter com isso — advertiu dando um passo adiante para abandonar o quarto.

Mas então os dedos de Daimhin entraram pela parte de trás da cintura de sua calça e pararam seu avanço.

— Não vá. Não me deixe sozinha.

— Por quê? — perguntou implacável.

— Por que... Por que não quero.

— Não é suficiente, vaníria — ele ia deixar isso difícil. — Não me dá seu sangue, não me oferece seu *chi*, não tenho vinculação mental contigo... — enumerou. — Está claro que eu gosto de você porque é uma garota muito bonita e especial...

— Não continue...

— Mas acredito que me equivoquei com você. Não é minha *kone*. É impossível que seja. Minha garota estaria feliz em me ter, iria querer me tocar sempre, iria querer fazer amor comigo, falaria comigo a toda hora e nunca fugiria de mim. Você é justamente o contrário — esclareceu sem se virar. — Não quero forçar mais isto. Agora me deixe ir ao salão. Brunnylda...

Quando Daimhin escutou na boca de Steven o nome da Agonia, a aflição a golpeou com tanta força que despertou todos seus sentidos, violentando-a.

Agarrou Steven com força por onde o tinha segurado e o jogou para trás, até que seu corpo impactou nos vidros grossos que os protegiam do interior do mar.

Ela impactou contra seu corpo até imobilizá-lo. Steven tinha os braços no alto a cada lado de sua cabeça e não sorria, só permanecia sério e impassível como se esse golpe tivesse sido uma carícia insignificante para ele.

— Brunnylda?! — gritou ela, roçando nariz com nariz.

— Por que fica assim? — Ele era a calma personificada, tinha a situação controlada.

— Como se atreve a sequer insinuar ...?

— O que foi? Isso a incomoda?

— Eu o tirei da maldita caverna e transei com você para que elas não o fizessem, Steven! — gritou com ele ofendida, com a tez do rosto avermelhada, os olhos muito claros e brilhantes e as presas aparecendo entre seu lábio superior.

— Isso a incomoda? — repetiu.

— Sim, maldito!

— Então, Barda, vai ter que fazer algo para que não vá até ela...

— Não vou competir com uma Agonia — jurou, apoiando-se sobre a ponta de seus pés. — Não tem nenhum sentido que eu o faça. E abra de uma vez por todas sua maldita cabeça para mim! Não suporto que me afaste! Assim não posso te ouvir!

Ele arqueou suas sobrancelhas castanho-avermelhadas e seus olhos se estreitaram.

— Não me convenceu, Daimhin. Agora se afaste.

— O que?! — Ela começou a fazer movimentos de negação. — Não, não...

O berserker se separou do vidro e começou a caminhar para frente com o alvo fixado de novo na porta de saída. Daimhin não podia detê-lo e parecia ia atropelá-la, passar por cima dela. A vaníria levitou, sem sair de seu caminho.

— Brunnylda é uma Agonia. Elas são de outra maneira.

— É uma puta — respondeu ela.

— Por quê? Por aceitar seu desejo? Ela pelo menos sabe reconhecer o que...

Zás!

Daimhin lhe deu uma bofetada que deixou o quarto em silêncio.

Ela se assustou mais pelo que tinha feito do que ele se surpreendeu. A jovem olhou sua mão e fechou os dedos, para depois deixar cair o braço com assombro, mas não com arrependimento. De fato, ergueu o queixo para demonstrar a ele que não se sentia mal pelo ocorrido.

— Darei outro se continuar falando assim. Não me compare com as *dodskamps* — sussurrou angustiada.

— Estou cansado de que machuque — mostrou-lhe a palma da mão ainda cortada por sua *katana*. — Não vou permitir mais nenhuma. Você me esbofeteou, furou-me com sua espada e me cortou com ela...

Ela fechou os olhos com pesar, reconhecendo todos os seus pecados.

— Eu... sinto muito. É que... Não sei que diabos acontece com você! — Suas palavras soavam trêmulas.

— Já sei — respondeu ele com a bochecha avermelhada. — Mas não é culpa minha que seus medos não permitam que você e eu estejamos juntos outra vez. Hoje tivemos sexo, Daimhin. Por acaso a machuquei?

— Steven... Por favor... — Apertou as têmporas com os olhos cheios de lágrimas.

— Não! Me responda, Daimhin — obrigou-a a olhar para ele. — De verdade acha que não vou te tratar bem? De verdade pensa que a verdade dos homens que a maltrataram é a verdade de todos? Julga-me como a eles?

— Não! É só que... Eu não sei como agir...!

— Sêrio, sádica? Resta pouco tempo. Vão atrás de nós e não vão dar trégua. De verdade pensa que é momento de duvidar e de pensar se deve tentar ou não? — Fez uma careta de desdém. — Eu achava que era mais valente...

— Sou! — gritou ela.

— Então me demonstre isso. Ou vou embora daqui agora mesmo, juro — avançou inclemente.

— Não! O que quer de mim?! — levitava para trás, tentando detê-lo. Com a capa de Raoulz ondeando a cada movimento, como se fosse a Supergirl. O queixo tremeu, completamente arrasada por suas emoções incontroláveis.

Steven não respondeu. Esperou que ela compreendesse o que necessitava, o que ambos necessitavam nesse momento.

Os sentimentos e a tensão sexual entre eles explodiria o quarto. Mas Daimhin não sabia o que era o amálgama de emoções que despertavam em seu corpo. Era responsabilidade dele que ela os compreendesse.

O olhar de Daimhin impactou com o dele, sem máscaras, em carne viva, com todas suas demandas e necessidades.

Estava aterrorizada por se deixar levar. Ela? Ela não tinha direito a se deixar levar! Estava quebrada, usada, manchada, como ia acreditar em um amor verdadeiro? Quem ia querê-la?

Steven não abria sua mente para ela e isso a obrigava a confiar que ele a aceitasse como era, com todos seus defeitos e marcas, e suas poucas virtudes.

Confiar. Que palavra tão poderosa e importante. A palavra mais traída de todas era a confiança. E Steven a obrigava a acreditar nela.

Seria capaz de confiar nele?

Por Morgana... faria isso! Obrigara-se a isso desde que Steven não procurasse o que procurava com Brunnylda. Porque só o fato de imaginá-lo ou vê-lo com outra mulher destroçava seu coração.

Ciúme. Isso era ciúme. Falavam dele as canções gaélicas de seu pai: o fato de não poder ver como a pessoa a que se amava e se desejava era pretendida e tocada por outro.

E não permitiria que ele se fosse com outra porque isso a mataria de tristeza.

Faria o que fosse preciso para que abrisse seus pensamentos para ela de novo e ficasse ao seu lado. Porque a verdade é que sentia que ia morrer se ele se fosse.

— O que decide, Daimhin? — repreendeu-a ele, morrendo de impaciência.

— O que decido?

Ela juntou coragem e se equilibrou sobre seu corpo e sua boca para beijá-lo como recordava ter feito na frente das Agonias.

Quando suas bocas se uniram, Steven rugiu por dentro, vitorioso ao ter ganhado aquela pequena batalha quando ainda tinham a guerra por diante.

Vitória.

Steven levou a mão ao bolso para tirar a pedra preciosa que Daimhin tinha que ingerir com o objetivo de ser mais fácil entregar-se a ele; mas em vez disso, encontrou o vazio. Nervoso, sem deixar de beijar a vaníria, rebuscou entre seus bolsos até que a jovem o pressionou de novo contra a vidraça sem deixar de beijá-lo.

Tinha perdido a pedra. Tinha extraviado. Como era possível?

Assim que notou a língua de Daimhin tocando timidamente a sua, esqueceu os receios, e o instinto e desejo berserker afloraram em todo seu esplendor.

Eles eram dominantes por natureza, e não ia poder respeitá-la muito se continuasse beijando-o assim. Essa garota era especialista em beijos e estava fritando o cérebro dele.

— Daimhin, espere...

— Isto é o que queria? — sussurrou com a boca úmida sobre a dele e o olhar laranja banhado pelo desejo. — Quer que o beije mais?

— Quero mais, muito mais que isso — respondeu ele, sentindo o sangue rugindo por suas veias. — Mas me deixe antes... — Rebuscava a *Riley* como louco, até que se deu por vencido. Não ia encontrá-las.

Ela lambeu os lábios com elegância e voltou a beijá-lo. Juntou seus seios a seu duro peitoral e se agarrou a seu pescoço para escalá-lo.

Ele a ultrapassava por três palmos e a diferença se notava na distância dos pés da vaníria do chão.

— Tem medo? — perguntou nervoso. Como ia fazer amor com ela sem a ajuda das pedras?

Ela se negou a responder, pois seus sentimentos eram contrários. Por um lado estava assustada por tudo o que nascia em seu interior, pela vontade de morder e ser mordida, pela vontade de que ele a tocasse e a fizesse sentir bem... Mas por outro lado, sempre havia uma lembrança tenebrosa entre as sombras: as vezes que a fizeram se sentir suja e a usaram.

Deteve-se durante um momento de covardia tentando sobrepor as boas sensações com ele às más com seus inimigos.

Steven lhe permitiu a pausa, enquanto lutava para encher seus pulmões de ar apoiado na vidraça, com suas enormes mãos na diminuta cintura de Daimhin. Ele queria ser sua terapia, ajudá-la para que visse que o sexo e o amor entre duas pessoas que se respeitavam e se queriam, e que estavam loucas uma pela outra, nada tinha a ver com abusos e vexames.

— Quem me dera — sussurrou apoiando sua testa à dele, abatida por suas dúvidas — ter a audácia das Agonias. Como queria ser como elas. Certamente que não... Não faço isso bem — desta vez era diferente a de Lochranza quando se abandonou às sensações sem nenhum pudor. Agora tudo lhe pesava mais; a dor e a humilhação vinham à sua cabeça como quadros...

Steven levantou seu rosto colocando os dedos debaixo do seu queixo e disse a ela sem abaixar o olhar:

— Não se compare com elas, linda.

— Mas você disse...

— Sim, eu sou imbecil.

— Sim, é.

— Um idiota.

— Também.

— Mas você não é como as Agonias. É mil vezes mais linda e melhor para mim. Não queria outra — murmurou aproximando de novo sua boca à dela.

— Quero fazer isso — reconheceu ela, embebendo-se de sua linda e viril expressão. — Mas não sei... Nunca toquei a ninguém assim. Ensine-me. Ajude-me. — pediu suplicante.

Daimhin nunca pedira nada a ninguém; por essa razão, para Steven, essa ordem foi mais importante que tudo. E mudou tudo.

XXI

Tinham tocado em Daimhin. Ela nunca havia tocado.

Tinham possuído Daimhin. Ela jamais possuiu alguém.

Daimhin nunca foi amada, foi abusada. Ela, em troca, desejou ter amado.

E Steven só estava ali para mudar todas essas verdades e transformá-las em algo belo para ela. Mas isso era muito complicado sem o efeito desinibidor das *Riley*, que deram uma mão a ele.

Sou um exímio tolo. Como diabos a perdi?

Mesmo assim, Steven a segurou pelo rosto e a beijou, esperando que ela reagisse e que o gesto fosse recíproco. E foi. Porque o modo em que as línguas se entrelaçaram e os lábios se morderam nada tinha a ver com rejeição, mas sim com o desejo tímido e novo de uma garota atemorizada por um rebelde com topete como ele.

Lá fora no salão a música ainda continuava soando, mas nenhum dos dois a escutava. Seus corpos desprendiam calor, e de repente sobravam roupas a ela, e a ele a consciência.

— Faça comigo tudo o que tem vontade de fazer, Daimhin.

Ela, ainda esquiva, começou a beijá-lo pelo rosto com carícias suaves.

— Se deixasse que o contatasse mentalmente... suas ideias me serviriam de guia — sussurrou ela, assombrada pelo vício que provocavam o rosto, o pescoço e os ombros de Steven em seu ser. Poderia tocá-los, beijá-los e... lambê-los, sempre. Como nesse momento em que passava a língua pela carótida, desejando fincar suas presas e submetê-lo como sabia que podia fazer.

Steven exalou com prazer, gemendo pela sensação de sua boca, apoiando a cabeça na vidraça totalmente abandonado às sensações.

— Daimhin... Se soubesse quão vívida tenho a imaginação, não diria isso. Poderia sair correndo. É melhor assim.

Ela se deteve e inclinou a cabeça para o lado, como se seu cérebro analisasse essas palavras.

— Não. Você não me assusta — ela assegurou. — Bom... ainda não sei muito bem como me faz sentir. Mas vi de tudo, Steven. Fizeram-me de tudo — esclareceu sem rodeios, falando com tanta franqueza como ele tinha falado com ela. E era tão libertador. — De verdade pensa que há algo que possa me assustar?

— Não fala sério.

— Sim, falo sério — segurou-o pelo queixo para que a olhasse. — Os homens... o sexo... me causam asco e repulsa. Não me dá medo porque é algo que já conheço. Mas a dor e o fato de ficar indefesa... sim, me assustam.

— Eu te causo asco, Daimhin? — afastou-se levemente, envergonhado por fazê-la sentir assim mal.

— Você? Não. Você não. E é por isso que quero continuar averiguando o que é exatamente que me faz sentir — Daimhin se deixou cair muito lentamente por seu corpo, disposta a fazer algo com a dureza que ele tinha dentro das calças.

— Espera um instante — Steven afundou os dedos em seu cabelo ao mesmo tempo em que não estava nada de acordo com o que ia fazer. — Não. Não quero que me faça nada — só uma garota a que lhe ensinaram a fazer isso podia

agir como Daimhin, disposta a fazer um boquete que ele não tinha pedido, embora desejasse, porra. Mas não queria que Daimhin acreditasse que tinha que tratá-lo como aos filhos da puta que a converteram no que era: uma beldade fria e enojada do sexo entre um homem e uma mulher. Ele cuidava de sua mulher. Era de sangue quente e ia demonstrar. — Tudo, tudo o que tenho é pra você. Deixe-me.

— Mas eu...

Levantou-a de repente, colocando-a de pé na frente dele e não demorou nada a despi-la completamente, passando as mãos por sua roupa, pedindo permissão a hera para que se abrisse, tanto por cima como por baixo.

E a planta mágica e enfeitiçada fez isso. Abriu-se para ele e conseguiu deixá-la nua por completo, totalmente.

— Sem *Katana*, não é, linda? — murmurou com doçura, liberando-a de sua arma. — Não quero que me corte de novo.

— Sinto muito.

— E isto é de Raoulz. Vou fazê-la minha e não quero que nada dele a toque. Não o quero aqui — tirou a capa e a deixou cair ao chão.

Daimhin olhou a si mesma, surpreendida pela facilidade com a que ele a deixara como veio ao mundo. Não sabia se devia cobrir-se ou não. Sentia vergonha de seu corpo.

— No que está pensando? — ele perguntou com voz rouca, saboreando-a sem chegar a tocá-la. — Não te ouço e não sei se sente mal por estar assim diante de mim.

Daimhin olhou para outro lado, cobrindo parcialmente o rosto com seu cabelo loiro platinado.

— Eu... creio que não pode gostar do que vê.

Ele a agarrou pelo pulso e pôs a mão dela sobre sua virilha.

— Acha que não gosto do que vejo? Agora mesmo tenho o sangue todo aí, nem sequer posso pensar, exceto no muito felizardo que sou por ter a oportunidade de ter a uma princesa barda e sádica tão bonita e nua diante de mim. E sabe o que é melhor?

— Não. O que?

— Que é minha *kone*.

Daimhin suspirou emocionada por suas palavras.

— Continuo acreditando que isto é uma loucura...

— E o que não é? — Steven a atraiu com ternura até ele e a beijou de novo, deixando-a louca e sem palavras.

Como os beijos podiam fazê-la se sentir alguém bela e limpa tão rapidamente? pensava Daimhin.

O forte e apaixonado berserker a agarrou pelos braços enquanto a beijava e levou para cama. Ali ele se deitou em cima dela, fazendo espaço pra si mesmo entre suas pernas nuas e descansou a pélvis sobre seu sexo, esfregando-se num ritmo constante e lento até que a escutou gemer em seu ouvido.

— Steven...

— O que?

— O que me faz?

— Trato-a bem.

— Tem certeza? Está acontecendo comigo o mesmo que da outra vez — disse mordendo o queixo dele, apaixonada. — Estou doendo. Morro de calor e fome e me sinto vazia.

Steven se apoiou nos cotovelos e grunhiu contra o pescoço branco da vaníria.

— Sabe o que acontece com você, Barda? — desabotoou as calças como pôde e sua pesada ereção emergiu, colocando-se sobre o monte de Vênus da jovem.

Ela sabia, mas não se atrevia a dizer. Olhou para baixo e viu o pênis do berserker. Não se parecia com os dos humanos a violentaram.

Era grande, parte de um homem jovem, forte e superdotado como ele.

— Precisa de mim.

Daimhin engoliu em seco e guardou silêncio. Não ia dizer o que passava pela sua cabeça, porque inclusive a surpreendia e deixava sem palavras.

Nunca tinha falado com sua mãe sobre as relações entre vanírios; mas sabia pela boca de Miz e de Aileen que eram como uma espécie de loucura dependente que golpeava a todos os emparelhados. Sempre tinham fome um do outro, sempre se desejavam com a mesma vontade do primeiro dia e não podiam suportar a separação.

Aparentemente sofria os mesmos sintomas. E era horroroso porque como se podia viver tranquilo assim?

Entretanto, como poderia continuar vivendo sem sentir isso os poucos dias que restassem de vida?

Steven abriu suas pernas. Seu olhar era tão intenso como ele, e seu coração e ventre tremeram ao mesmo tempo.

Começava a ser dependente dele? Começava a sentir o tipo de amor desmedido e irracional que golpeava a todos os vinculados?

E então algo incrível aconteceu. Algo que nunca experimentou antes. Steven a levantou da cama e sentou de pernas abertas sobre a pélvis dele, em cima de suas potentes coxas peludas e nuas. Mas não a possuiu. O que fez foi começar a sugar seus mamilos com suavidade e carinho. Algumas vezes mais intensamente que outras.

Mas depois de um momento, Daimhin não se importava como a chupava. A única coisa que queria era que não parasse. E enquanto chupava, começou a acariciá-la entre as pernas para introduzir dois dedos que a dilataram, enlouquecendo-a e levando-a à crista da onda, movendo-os dentro e fora, rodando-os com paciência.

E assim, com a boca nos seios dela e dois dedos em seu interior... Voltou a ver estrelas e a choramingar, agarrando-se à sua cabeça como um bote no meio do mar, apoiando a bochecha sobre ela.

Emudeceu. Todas as reprimendas, todos os contras, todos os medos desapareceram depois desse orgasmo e ficou lânguida sobre ele, rodeada por seus braços.

— Deixa-me louco como goza. É incrível. Gosto de ouvir seus gemidos e ver seu rosto. É como se estivesse a ponto de começar a chorar.

E estou, pensou.

— Adoro seus seios, barda. Seus mamilos rosados e pequenos — sussurrou beijando um e logo o outro — foram feitos para minha boca.

E ela, é óbvio, não ia dizer não.

O guerreiro a desarmou por completo quando, pela primeira vez em sua vida, alguém lhe pediu permissão para usar seu corpo.

— Posso? — perguntou sofrendo pela excitação, agarrando sua ereção com a mão para guiá-la à sua entrada, que já estava muito molhada.

Perfeita para ele.

Ela assentiu enquanto o suor percorria seu pescoço e ombros, e os lábios tremiam com a boca entreaberta e inchada pelos beijos.

E Steven começou a empalá-la com cuidado, controlando a todo momento o peso de seu corpo e o modo de penetrá-la. Daimhin deixou a cabeça cair para trás desvairada pelas sensações e agradecida por descobrir a outra face da intimidade.

A prazerosa. A sublime. A milagrosa. A incrível.

Ela não tinha adjetivos para descrever aquelas experiências com ele. Porque se junto às Agonias teve a primeira experiência mística, desta vez superava à inicial, sem dúvida.

Steven já não podia deter suas investidas de nenhuma maneira.

Seus olhos avermelharam completamente. Estava no interior de sua companheira, da única que lhe pertencia, e era um berserker.

Seu membro inchou e começou a bombear líquido pré-seminal e lubrificante, que além disso era afrodisíaco nos de sua raça e em toda mulher que banhava.

Daimhin notou e olhou para baixo, sem deixar de se agarrar a ele, assombrada pelas novas sensações.

— Nós, berserkers, inchamos e crescemos no interior de nossa companheira — explicou ele. — Mas para que não doa, lubrificamos com o líquido pré-seminal que sai antes do sêmen — moveu-a por todo o comprimento de sua ereção, dentro e fora. E depois voltou a começar.

— Deuses... Deuses... — ela sussurrou, cravando os olhos no teto.

— Shh... Está bem, calma. Estou contigo.

— Não posso... — gemeu sentindo as primeiras palpitações do segundo orgasmo. Estava ardendo por dentro e por fora.

Steven fixou seus olhos vermelhos nas presas da vaníria.

— Daimhin...

Ela escutou seu nome em sua boca, prestou atenção um segundo, e imediatamente depois soube o que tinha que fazer como uma revelação: mordeu-

o e bebeu dele, afundando as presas profundamente sem rasgar a carne, sugando depois seu sangue.

A energia que recebia dele encheu-a de força e luz. Isso propiciou que Daimhin voasse com ele até chocá-lo contra a vidraça daquele imenso aquário que era o quarto especial.

Steven grunhiu ao sentir o frio do vidro e sorriu quando finalmente começou a vislumbrar Daimhin descontrolada. A jovem guerreira meio selvagem e meio sádica que bebia dele sem descanso, e que, além disso, estava rompendo com uma facilidade espantosa a barreira que Aiko tinha gravado em sua mente.

Steven a agarrou pelo cabelo e a obrigou a desencravar as presas. Então saiu de seu interior e ela abafou um gemido. Virou-a e a pôs de frente à janela, e não para que visse o interior do fundo marinho devastado, mas para que ele pudesse dominá-la, não totalmente, mas mostrando parte de sua parte mais masculina e berserker.

Agarrou os quadris nus da jovem e a obrigou a apoiar-se na vidraça. Separou suas pernas e encostou o torso às suas costas.

Ela estava tão fria... e ele ardia.

— Segure-se.

Daimhin o obedeceu, tomou sua mão que tinha ferido horas antes e passou a língua ao longo do corte da palma.

— Por Odin — grunhiu observando a linguinha cicatrizando sua ferida.

Então ela ficou sem ar quando notou a vara enorme de Steven avançando através de sua vagina, o útero e descansando no cérvix porque já não podia avançar mais.

— Por favor... — ela suplicou com a testa encostada na janela fria e com as mãos bem abertas.

Steven bombeou e fez amor com ela como uma britadeira, sem deixá-la descansar. Mudou-a de ângulo para melhorar as penetrações enquanto beijava a garganta e o ombro dela.

— Os berserkers mordem também, sádica.

Ela o olhou por cima do ombro.

— Não deve.

— Sim, devo — ele esclareceu de modo ditador e dominante. Se não bebesse de Daimhin, nunca poderia ancorar-se em sua cabeça e ter uma melhor vinculação. Assim saberia tudo o que necessitava, escutaria quando passasse mal ou quando tivesse medo, e estariam sempre em contato. Tinham pouco tempo para se vincularem. E a vinculação devia ser total: de corpo, mente e alma.

— Não faça isso! — ela o proibiu.

Mas Steven a mordeu do mesmo jeito entre a curva do pescoço e o ombro, justo onde a mordeu na primeira vez.

Os berserkers não bebiam sangue. Mas se sua *kone* era vaníria, por ela o faria porque morder e beber durante o ato sexual dos vanírios supunha êxtase e prazer instantâneo.

E assim foi.

Daimhin teve seu terceiro e longo orgasmo.

Nem sequer sabia se alguma vez ia se recuperar daquilo.

Sua bochecha repousava no frio vidro embaçado. Steven, ainda em seu interior, prendera-a entre seu corpo e aquele expositor marinho do qual ainda não sabia se queria sair. Dava a impressão de que ambos estavam à margem do mundo no tranquilo fundo submarino.

Daimhin não podia sequer pensar no grave erro de ter sido mordida. Os berserkers não sabiam ler o sangue, portanto Steven não podia ver nunca o que ela viveu em Chapel Battery, mas sua cabeça era um caos igual. Ele não se sentiria à vontade pululando nela.

Três vezes tentou tomar ar para emular uma recuperação que não chegava, até que desistiu e se abandonou às carícias que ainda lhe dedicava o guerreiro afundado nela.

Tinha-a tomado contra o vidro da janela, ela totalmente nua, ele semivestido. O interior de suas pernas estava úmido pelos fluídos de ambos e Steven ainda sugava de sua dentada, como um vanírio neófito.

— Pare — sussurrou quase sem força.

— Não. Ainda goza quando chupo, Daimhin. Por que quer que pare?

— Porque estou fraca — reconheceu rendida às persistentes sacudidas de seu orgasmo. — E preciso descansar e... pensar.

— Não. Cada vez que pensa decide que não quer estar comigo. Eu não gosto — ainda assi, deixou de beber e fechou suas incisões com uma lambida, como se fosse um de sua espécie. — Dá muitas voltas às coisas.

Daimhin sorriu contra o vidro com o olhar ainda velado pelo prazer. Deuses, custava até piscar.

— Os *huldres* já não cantam — observou.

Steven aguçou o ouvido e depois sorriu, afundando o nariz em seu cabelo macio. Por fim os elfos se esgotaram. E ela... cheirava tão bem.

Daimhin meio se ergueu para contemplar as mãos marcadas no vidro pelo vapor do quarto, consequência de sua cópula.

— Sua casa é como um sonho... É como viver no livro das Vinte Mil Léguas Submarinas.

— É um de meus livros favoritos — ele admitiu. Do que se falava depois de ter tido uma sessão de sexo tão espetacular?

— Sei — começou a fazer desenhos sem sentido com o indicador, aproveitando que o vidro estava embaçado. De vez em quando todo tipo de peixes flutuavam sem vida diante deles, balançados pelas correntes. Daimhin sentiu a tristeza de Steven ao vê-los. Ele mesmo tinha amado e cuidado desses animais de água doce. — Tinha até tubarões — murmurou triste pelo cemitério marinho que dançava diante deles.

— Sim. Eu gostava dos peixes estranhos. Enchi o lago de todas as espécies que pudessem conviver juntas. E trouxe predadores, que são os tubarões que vê agora. Sem vida — ressaltou afetado.

— Mas... Neste lago as pessoas se movem através de embarcações. Os tubarões não eram perigosos?

— É óbvio. Por isso fechei meus condomínios com muros de vidro submarinos. Os peixes podiam ser contemplados se fizessem imersões realmente profundas, mas não podiam sair daqui. É como um enorme aquário. Minha casa está escondida, Barda. Não é fácil de adivinhar nem de intuir o que há debaixo da ilha. Só eu sei.

Daimhin se manteve em silêncio até que acrescentou:

— Identifica-se com os tubarões. Você gosta de caçar como eles, mas só caça quando é necessário. Você adora a imagem que têm: sua cabeça triangular,

sua expressão... São rostos típicos de predadores. E você gosta de ser um predador.

Ele assentiu a cada coisa que ela dizia.

— Você gosta de usar moicano porque recorda a aleta superior de seu animal favorito. Sabe que sua imagem é agressiva, como a deles. E você gosta.

— Está me analisando psicologicamente?

Ela deu de ombros.

— Estou em sua cabeça outra vez. É como um livro aberto.

Steven a olhou satisfeito, abraçando-a pela cintura. Ele também estava em sua cabeça. A troca de sangue com ela tinha aberto os segredos mentais da jovem, e embora o dom não fosse exatamente o mesmo para ambos, pois como bem pensava ela, os berserkers não liam o sangue nem podiam ler nas lembranças, sentia-se totalmente rodeado por sua essência como se sua mente e a dele andassem de mãos dadas, meio fundidos.

— Eu gosto de você, Daimhin. Estar contigo me enche de felicidade — reconheceu, declarando-se abertamente.

— Steven.

— Hmmm?

— O que é exatamente o *chi*? — perguntou distraída. — Pensava nisso enquanto metia em mim contra a vidraça.

— O *chi* é a energia vital dos berserkers e de todo ser vivo. Quando encontramos nosso *reflekt*, que é nosso reflexo, a mulher em quem nos miramos para ser melhor, o berserker tem a necessidade de marcá-la e de trocar o *chi* com ela. Damos poder e juventude ao oferecê-lo com todo o coração. O feedback do *chi* é o que nos faz fortes e imortais para viver eternamente com nossa companheira.

Daimhin pensou que era bonito. O *chi* era para os berserkers o que o sangue era para os vanírios.

— Você me banhou com seu *chi* — disse ela. E não era uma pergunta. Havia sentido essa energia no comichão de sua pele e em como seu pelo arrepiava.

— Sim. Banhei-a com ele também na Lochranza.

— Sim. Notei — reconheceu, apreciando as carícias que Steven concedia sobre seus braços e suas pernas, percorrendo-a com a ponta dos dedos como se seguisse uma obra de arte feita a mão. — Eu não te dei o *chi*, não é verdade?

Ele retirou o cabelo da sua nuca e lhe deu um leve beijo tranquilizador.

— Não. Ainda não.

— Por que não? Não sai natural?

— Não, minha sádica. Sai natural quando reconhece seu companheiro, aceita-o e o ama. Antes não.

— Ah... — Aquela era uma resposta que falava de sua falta de confiança e segurança em amar a outro e ser correspondida de volta.

— Vai me dar isso, Barda — ele assegurou. — Cedo ou tarde me dará isso. Mas quanto antes me ofereça, melhor.

Ela o olhou de esguelha. Não sabia como sentir-se a respeito.

Ela era o reflexo no qual Steven queria se olhar. Pois estava preparado.

Ante o patente desconforto que nascia em seu interior, Daimhin quis se afastar dele e recuperar parte de seu espaço perdido. Agora o berserker estava em seu sangue, em seu corpo e também em sua mente, ocupando uma parte dela, ancorando-se como algo permanente.

— Está se angustiando?

— Deuses, sim... — tomou ar pelo nariz.

— Não tem por que. Eu não vou obrigá-la a nada. É você quem tem que ver isso por si mesma.

Pouco a pouco deslizou de seu interior, embora não interrompeu o contato de suas mãos. Ao contrário, entrelaçou seus dedos com os dela, apoiados no vidro da janela.

— Eu jamais a obrigarei a fazer nada que não queira fazer, Daimhin. Jamais mentirei para você. Em mim sempre poderá se apoiar. Bom — fez uma careta —, enquanto continuarmos vivos, é claro.

Daimhin exalou e soltou uma risadinha.

— Que esperançoso — murmurou.

Steven se impregnou de sua risadinha, como o tinido das campainhas.

Daimhin só precisava sentir que ele estava ali com ela, acompanhando suas dúvidas. Apoiou-se em seu torso e olhou a ampla janela.

Nesse momento, seus olhos laranja ficaram fixos em um ponto da janela.

Não tinha se dado conta disso. Até esse momento.

Havia algo escrito. “Revivam. Revivam. Revivam”.

— Você escreveu isso? — perguntou Daimhin.

— Sim. Só brincava... — reconheceu envergonhado. — Pensei que as rezas pudessem operar milagres. Mas meu desejo, como pode ver... — olhou o tubarão morto de barriga para baixo que sulcava o interior do aquário perdido. Ao subir as temperaturas da água dos lagos da Escócia os peixes morreram como em um golpe de calor, fervidos. Entretanto, as chuvas que não tinham cessado, e as tormentas de novo as tinham temperado, embora já era muito tarde. —... não se cumpriu.

Daimhin contornou as letras escritas por Steven com seus dedos entrelaçados como se ensinasse uma criança a escrever, e leu em voz baixa:

— Revivam. Revivam. Revivam.

E como se se tratasse das palavras de Deus, o tubarão abriu os olhos, remexeu-se e deu voltas sobre si mesmo até que bateu com sua cauda e ficou suspenso, olhando fixamente para Daimhin e Steven.

Que não saíam do *choque*.

— Porra! Mas que merda?! — exclamou Steven sem afastar o olhar do que estava vendo por trás do vidro. Os peixes reviviam e nadavam perdidos e desorientados, até que olhavam Daimhin, e então, um após o outro, ficavam imóveis como se agradecessem à Barda suas palavras. — Mas o que está acontecendo? — desviou seu olhar amarelado para ela. — Daimhin... Como fez isso?

— Eu... Não fiz isso — respondeu, ainda transtornada.

— Como não?! Eu falo e minhas palavras ecoam. Você fala e se faz a luz! — apontou aos peixes, exultante. — Daimhin... — Steven a tomou pelos ombros. — Não entende? Você que fez isso.

Dallas entrou no quarto e começou a latir com o rabo movendo de um lado para o outro, aos peixes que se moviam de novo cheios de vida.

Ela olhou para Dallas e aos peixes intermitentemente, e então seus olhos se arregalaram ao perceber o que estava acontecendo.

— Deuses... Steven — não saía de seu assombro. — Acredito que fiz isso.

— Claro que fez! Estou te dizendo isso!

— Não. Espera... Em Edimburgo, antes de ir atrás do meu irmão, encontrei Dallas morto. Li em voz alta um artigo de um jornal onde tinham escritas as palavras “Devolve a vida”. Eu li em voz alta: “Devolve a vida a Dallas”. E Dallas está aqui. Vivo. Agora aconteceu o mesmo com seus animais. Li “Revivam” e começaram a nadar — assinalou-os, maravilhada.

— Não é a única vez que fez isso — ele assinalou, observando com júbilo seu exemplar de tubarão. — Você o fez também nos túneis de purs e etones de Edimburgo — virou e encarou de novo sua *kone*. — Assegurou que Aiko estava morta. Carrick também disse. Mas leu a mensagem que seu irmão escreveu na parede com seu próprio sangue. O que era mesmo que dizia? Dizia...

—... *Dal dy Wynt. Arbed dy dafod* ... Volte a respirar. Mantenha-se com vida — sussurrou emocionada.

— Sim — Steven emudeceu, e a olhou solenemente e com admiração. — Daimhin —levantou seu queixo suavemente. — Aí tem seu dom especial e mágico: devolve a vida, sádica. Por isso é a Barda dos deuses. Por isso escolheram você.

— Mas eu...

— Ah, porra! Droga! — disse Róta tampando os olhos e entrando sem pedir permissão. — Já é o segundo casal que pego *in fraganti* hoje!

Steven correu para pegar uma colcha da cama e cobriu o corpo de sua *cáraid* e o dele.

— Você não sabe bater, valquíria?! — repreendeu Steven mal-humorado.

— Não há tempo para vergonha! — exclamou ainda extasiada com a música e o ritmo dos *huldres*. — É hora de partir!

— Já? — perguntou Daimhin. — Os *huldres* já têm sua energia?

— Maldição, todos a temos! Devemos sair rápido porque temos uma nuvem enorme de vampiros e um exército inteiro de lobachos e purs avançando pelas colinas das ilhas — apontou o teto. — Vêm atrás de você, Barda — olhou-a sem hesitação. — Têm que ir já — Róta lançou para eles as roupas que repousavam no chão amontoadas. — Andando!

— Vire-se, droga! — ordenou Steven.

Róta se pôs a rir e revirou os olhos, obedecendo.

Steven e Daimhin se vestiram tão rápido como puderam e saíram de trás do edredom.

Enquanto calçava as botas, Steven a ajudava com a *katana*, vestindo um ao outro com aquelas complicadas e elaboradas roupas élficas.

— Róta — Daimhin chamou a valquíria. — Me dê a capa.

Róta arqueou as sobrancelhas vermelhas e se virou para procurar a capa verde que Daimhin usava desde que chegou ao lago Maree.

— Onde a deixou? — perguntou.

— No chão — respondeu Steven, abotoando a fivela da frente do espartilho de Daimhin.

— Justo onde... — Daimhin entrecerrou os olhos, esperando encontrar a capa no mesmo lugar onde deixaram a montanha de roupa.

— Não está aqui — Róta anunciou, séria.

— Como não está? — Steven se agachou para procurá-la debaixo da cama, e quanto mais demorava a encontrá-la, mais nervoso ficava. — Daimhin...

— Eu também estou procurando! — disse a vaníria, visivelmente assustada.

O rosto de Róta empalideceu, olhando de um a outro sem poder acreditar. Daimhin levou as mãos ao rosto com horror.

— Não quero ser desmancha-prazeres — advertiu a valquíria de cabelo vermelho e olhos turquesa —, mas... tinha a pedra escondida na capa?

— Sim — reconheceu a vaníria pálida.

— Estamos ferrados — sentenciou Róta.

— Acabam de nos tirar a capa — admitiu Steven, tomando ar e quebrando de um murro a estrutura da cama. — Andando — tomou Daimhin pela mão e a puxou para que não ficassem chorando e sem reagir. — Temos que encontrá-la.

XXII

Em algum lugar de Escócia

Si-rak estudava a capa verde do *huldre* com suas próprias mãos. O amuleto com o cabelo das irmãs da barda tinha funcionado e o levou até a vaníria, a escolhida pela fada e os deuses.

Não havia nem sinal do irmão bardo, parecia que o tinham apagado do mapa ou talvez já tivesse morrido. Embora fosse pouco provável. Mas não deixava de ser estranho que não pudesse captá-lo.

Com o feitiço de localização que tinham executado com o amuleto, um boneco de pau envolto com o cabelo das irmãs caçulas, encontraram a jovem em uma casa subterrânea no lago Maree e a encontraram em uma situação muito íntima com seu berserker.

Si-rak desprezava as trocas de fluídos, como toda sua espécie. Eles não necessitavam o contato, nem esse tipo de relações as que os deuses também sucumbiam. Os *Svartálfar* estavam acima dessa energia tão baixa e terrestre. Eram um elo superior ao resto e assim o demonstravam.

Si-rak abriu a capa que cheirava a Midgard e a *huldre*, e descobriu o objeto que estava escondendo.

Seus olhos completamente brancos cintilaram duvidosos ao passar as mãos de longas unhas brancas por cima daquela pedra retangular, nem muito longa nem muito grossa. Que diabos era?

De repente o ar se encheu de uma eletricidade conhecida por ele, sinal inequívoco de que o Vigarista se apresentaria imediatamente.

Loki era um deus de aparência atraente, cabelo com mechas coloridas, olhos azuis claros delineados, e boca carnuda. Os filhos do Midgard o veriam e pensariam que era um modelo excêntrico e gótico. Mas só os jotuns saberiam que apesar de sua aparência nada agressiva, tratava-se do Vigarista mais maligno e mentiroso de todos os reinos. Um semideus que era melhor ter como amigo e aliado que como inimigo.

— Você o tem? — O deus jotun apareceu no altar de pedra escura onde Si-rak tinha depositado o objeto. Inspeccionou-o e estreitou os olhos. — O que é isto? Pedi que pegasse o objeto tocado pelos deuses pelo qual a Barda estava atrás. É isso o que me trouxe?

— É o que nos pediu, senhor — explicou Si-rak sem olhar para ele nos olhos. Loki não gostava que ninguém acreditasse que podia tratá-lo de igual para

igual. — Está enfeitiçado com a energia dos *Alfsheim*, por isso não posso seguir suas orientações e fazê-lo desaparecer.

Loki ficou pensativo acariciando uma de suas tranças de cor lilás. Sorriu e olhou para cima.

— A puta e o caolho não descansam. Só os elfos da luz podem mostrar o que o objeto oculta. E embora tenha o Midgard a meus pés e chamei a todos os meus exércitos, apesar de que os deuses sabem que vão perder, a pergunta é: por que os deuses deixariam um objeto enfeitiçado por um *Alf* para uma barda inexperiente se em teoria no Midgard não há elfos de luz?

Si-rak o olhou atentamente, mas não ousou interrompê-lo, embora imaginasse a resposta.

Loki odiava que o interrompessem.

— *Por conseguinte*: porque aqui deve haver pelo menos um *Alf* — autoconcluiu o Vigarista —, senão nada disso teria sentido. E a Vanir e o Aesir não deixam nada ao azar. Bom! — Bateu palmas e golpeou o chão com sua vara. — Dito isto, aí vai minha lista, Si-rak. Cumpra-a ao pé da letra — esfregou os dedos como se estivessem manchados de poeira.

— Seus desejos são ordens, Senhor.

— Encontre o *Alf*, obrigue-o a mostrar o objeto como é. Depois mate o *Alf*, destrua o objeto e... também mate os bardos. Não quero nenhum dos dois por aqui. São inofensivos, mas apenas sua presença me incomoda.

Si-rak abaixou a cabeça de modo submisso. As marcas de seu rosto brilharam com cor prateada.

— Assim será, senhor.

— Encarregue-se, *Svart*. É meu comandante — sorriu com advertência. — A você delego esta tarefa simples e clara — colocou-se na frente dele e sorriu como um anjo para admitir como um demônio. — Mas se falhar, eu me encarregarei que você e os seus se convertam nas putas dos trols, e estejam recolhendo merdas de orcs durante toda a eternidade. Entendido? Todos seus irmãos estão para chegar, preparando-se para afundar esta terra definitivamente. Sempre posso encontrar outro melhor, *svart*. Lembre-se. Ninguém é imprescindível.

— Sim — respondeu Si-rak, temeroso de seu destino.

— Perfeito — deixou sair uma gargalhada enlouquecida e deu um tapinha no homem. —Relaxe, jotun! Aprecie!

— Sim, senhor — disse com a cabeça baixa.

— Não me incomode a não ser que seja para me dizer que cumpriu minhas ordens — virou-se e sacudiu seu cabelo comprido e colorido. — Tenho um Reino Médio para destruir e muitos filhos para alimentar — sorriu com convicção. — Ser o Pai de Todos é muito exaustivo, não acha?

Loki desapareceu perante seus olhos.

E Si-rak ficou sozinho em silêncio, acompanhado da destilação constante da água que infiltrava em poças no interior dessa gruta, olhando a misteriosa pedra com gesto ansioso.

Devia cumprir perfeitamente sua missão e não perder mais tempo.

Não queria ser a puta de ninguém, porque para melhor ou pior, Loki sempre cumpria suas ameaças.

XXIII

Inglaterra

Aiko voava em silêncio através dos céus escuros, olhando de vez em quando para Carrick que com expressão taciturna e a testa enrugada pela preocupação viajava à frente, controlando cada desastre que acontecia na terra sob seus pés.

A *kofun* sentia sua dor como dela; dor por seu lar destroçado e desolado como estava, afundando-se sob a fenda que, sem pressa mas sem pausa, percorria a Terra em todas as direções desde a Escócia, para seguir avançando por terras inglesas e dividi-las em duas de um modo que jamais voltariam a se unir.

Tinham comprovado de um modo amargo que nada escapava à força da Natureza, nem tampouco ao exército de purs e etones que aproveitando o corte que se abria, saíam à superfície em torvelinhos para acabar com os humanos que tentavam fugir inutilmente através das estreitas estradas.

Os gritos mortais subiam até o céu. Homens e mulheres pereciam sob as garras e as dentadas dos filhos de Loki. Crianças eram levadas de novo à fenda para alimentar aos poedores de ovos e ajudar a fazer seu exército maior através de suas jovens e puras vidas.

Carrick, em um arrebatamento de fúria e impotência, desviou o voo para descer sobre o Tâmis e lutar contra todos eles.

Mas seu pai Gwyn, que protegia Lisbeth ocultando o rosto dela em seu peito, deteve-o pelo peito.

— Não — foi a única coisa que disse.

— Mas não têm oportunidade de viver — ele assinalou horrorizado. — Tenho que fazer alguma coisa!

Gwyn viu pela primeira vez, depois que Carrick foi resgatado de Chapel Battery, o brilho da misericórdia e empatia em seus olhos pardos. Seu filho era todo um homem.

Durante uns dias acreditou que o que viveu o convertera em alguém frio, sem vida e esperança, e a ponto de entregar-se a Loki.

Mas sua expressão saiu das sombras e agora tinha uma nova candura. A aparência especial que só podia dar o amor e a aceitação de um companheiro de vida.

A japonesa parecia ser seu raio de luz particular e isso convertia Aiko a seus olhos em outro membro a mais de sua família, querido e respeitado

eternamente. Estariam para sempre agradecidos a ela por salvar seu filho do Inferno.

— Não pode fazer nada por eles. Já estão mortos — assegurou inclemente. — A única coisa que você e eu podemos fazer é obedecer a Nerthus, e ajudar sua irmã Daimhin, seja como for, a cumprir sua missão.

— Mas... Não está certo não fazer nada por eles — replicou ele.

— Filho — seu tom se asseverou —, cada um dos momentos de sua vida, os que o fizeram infeliz ou feliz, trouxeram-no a este momento. Como os humanos. Cada movimento em falso e cada decisão tomada levou desse mesmo modo a este instante de morte e destruição. Era seu destino. Por alguma razão, os deuses quiseram que meus dois filhos tenham algo a dizer no Ragnarök e quero ajudá-los a conseguir seu propósito. Quero ajudá-los: a você e a sua irmã. E preciso de vocês vivos. Se descer agora, morrerá. Somos quatro e duas meninas pequenas — olhou para suas diminutas filhas. — Eles são milhares. — O enxame de jotuns a seus pés se fazia cada vez maior. — Morreremos se descermos. Quer isso?

Carrick apertou os dentes e olhou para Aiko com frustração. É óbvio que não queria isso, mas odiava os abusos de poder, e era assim como submetiam à humanidade: jogando com eles, mingando-os sem lhes dar nenhuma possibilidade de sobreviver. Estavam em desvantagem.

— Não, *allaidh*. A viagem foi muito longa até aqui. Daimhin precisará de nós vivos.

— Gosto disso. Prossigamos o voo até Jubilee Park e vamos dialogar entre todos o que devemos fazer e como ajudar a sua irmã barda. É o único objetivo que temos. Vamos cumpri-lo. Você e Aiko já sabem quais são seus dons outorgados? Se Nerthus disser que vão necessitar deles, é porque devem ser importantes.

Carrick respondeu que não pelos dois.

Embora a japonesa calou e se manteve no silêncio que outorgava e que dizia que ela acreditava saber sim.

Quando desceram a Jubilee Park, justo no pequeno parque resguardado e custodiado por uma típica cabine vermelha inglesa, nenhum deles esperou se deparar com esse panorama.

Os jotuns de Loki rodeavam o Noaiti do clã berserker; e a Caçadora estava sobre a cabine, lançando suas flechas iridescentes ao grito de *Silfingyr*, contra todo aquele que os atacassem.

Ruth olhou ao céu e quando os localizou disse:

— Entrem! Rápido! — ordenou, liberando Adam de um par de lobachos com suas flechadas.

— Entrem com minhas irmãs! Logo entraremos! — Carrick apressou a seus pais abrindo a porta da cabine para eles.

Quando seu pai e sua mãe entraram e a cabine desceu como um elevador, ele e Aiko ficaram para apoiar Ruth e Adam.

Desembainharam suas espadas e se colocaram na frente de Adam, que tinha mudado: seu cabelo negro tinha crescido, como os músculos de seu corpo, mais desenvolvido e musculoso que em estado normal.

O casal esperou que os jotuns fossem atrás deles, e como viram que não chamavam a atenção e que eram Adam e Ruth seus alvos, decidiram dar um passo à frente e irem a busca deles.

Ruth vestia uma túnica com capuz vermelho e folgado que cobria sua cabeleira mogno. No braço que segurava o belo e élfico *Silfingyr*, tinha um protetor que mantinha a articulação reta e tensa que a rodeava para não perder a pontaria. E não perdia. Como não perdia seu senso de observação. Graças a isso, depois de um momento se deu conta de algo determinante para essa briga repentina no parque.

Os jotuns, lobachos e nosferatus por igual não atacavam Carrick e Aiko por uma simples e incrível razão: não os viam.

— Não os veem... — sussurrou Ruth atordoada, escondendo-se sobre a cabine para disparar em um lobacho que tentava pegá-los. — Carrick! Não os veem!

— Como diz? — ele perguntou sem compreender.

— Não se defendem nem vão atrás de vocês porque não os veem! — respondeu gritando.

Adam se encarapitou de um salto atrás dela e agarrou pela cabeça um vampiro que ia atacar Ruth pelas costas. Separou o crânio do corpo e o lançou bem longe.

— De que fala, Katt?

— Note bem, *ulv* — recomendou. — Os jotuns passam ao lado deles. Olhe.

Adam o fez e segundos depois observou com seus próprios olhos o que sua *kone* afirmava. Ruth tinha razão. Nosferatus e lobachos se surpreendiam de receber golpes gratuitos sem poder ver seus executores. Morriam um por um.

— Porra... Ei, Peter Pan! — alertou-o Adam. — Matem a todos! São invisíveis para eles!

Carrick e Aiko olharam um para o outro durante segundos de dúvidas e de reflexão, pensando exatamente o mesmo.

Sim. A invisibilidade era um dom, sem dúvida; era um dom outorgado, fruto da troca de seu sangue. Acaso teriam os dois o mesmo poder?

— Vamos pegá-los — determinou Carrick, decidido a limpar momentaneamente essa área da influência dos filhos de Loki.

Nenhum dos dois lhes deram trégua. Eram muitos e saíam do nada, como se sempre estivessem ali.

— Ruth! Adam! — gritou Carrick. — Desçam já! Nós nos encarregamos! — O olhar que Carrick dirigiu a Adam não fez duvidar sobre o êxito de sua luta.

Instantes depois, Adam agarrou Ruth pela mão e desceram ao RAGNARÖK.

Aiko degolava por surpresa a um dos vinte lobachos que os rodeavam.

— Estão apertando o cerco! Cedo ou tarde nos encontrarão!

Os jotuns golpeavam como se brincassem de cabra cega, dando golpes no escuro.

— Se ao menos ficassem quietos... — murmurou Carrick, deslocando-se de um lado a outro para aniquilar suas vítimas. Nesse instante viria a calhar algo que os distraísse e deixasse imóveis. Como um muro que nascesse do interior da terra e se levantasse como uma muralha de proteção. Com algo assim que os parasse momentaneamente, eles poderiam acabar com todos de uma só tacada.

E então aconteceu.

Um impressionante muro maciço de pedra se elevou entre os jotuns e eles, delimitando o terreno de cada um. Uns de um lado e outros de outro. Carrick e Aiko podiam ver que era um muro transparente, mas os lobachos e nosferatus do outro lado o viam como uma parede de pedra impenetrável.

— Carrick... — sussurrou Aiko, olhando-o impressionada com sua espada na mão. — Carrick, você fez isso?

Ele girou a cabeça para fixar seu olhar castanho no azeviche dela.

— Acredito que sim — disse assustado.

Aiko desenhou um sorriso enorme que esquentou o zangado coração do vanírio.

— Percebeu?

— O que?

— Aí tem seu dom real, vanírio. É um bardo criador. É um ilusionista.

Depois disso, os dois aproveitaram para caçar *in fraganti* aos filhos de Loki e matá-los um a um mediante corte certos, degolas implacáveis e estocadas definitivas em seus corações putrefatos.

Aiko levantou o rosto, vitoriosa, e contemplou satisfeita que os poucos nosferatus e neófitos que ficavam de pé fugiam voando daquele lugar fatídico para eles.

Não demorariam a retornar com mais reforços. E quando o fizessem, tanto a *kofun* como o Bardo esperavam estar bem longe dali.

Em busca de Daimhin.

Quando o casal chegou à imensa sala do RAGNARÖK, a ansiedade e o desconcerto eram palpáveis no ambiente. Daanna, Menw, Gwyn e Beatha falavam com Ruth e Adam sobre os acontecimentos recentes que assolaram sua nova realidade.

Com crescente surpresa e incredulidade, escutaram o que uma emocionada Ruth tinha a dizer sobre a morte de As e Maria, a revelação da identidade de Noah e Nanna, e seu desaparecimento junto a Caleb, Aileen, Miz e Cahal em um navio ancorado em outra dimensão. Um navio que esperava sair quando alguém lhes abrisse a porta à sua realidade.

Por outro lado, Daanna falou sobre a descoberta sobre Thor e o reduto de guerreiros nos Bálcãs.

— Thor? Nosso Thor? — perguntou Gwyn transtornado.

— Thor MacAllister? — quis assegurar-se Beatha. — Mas tinha morrido!

— O próprio — confirmou Menw. — E não está morto.

— Ai, minha mãe... — murmurou Ruth. — Aileen sim, vai morrer quando souber que seu pai continua vivo. Onde ele está agora?

A Escolhida não soube responder de outro modo:

— Está por chegar — esfregou a barriga com a mão. — Não pode demorar muito mais, espero. — Porque se Aodhan lhe disse que encontrasse ao indivíduo que contatava com o Fórum Vanir desde Shipka não demoraria nada em averiguar onde se localizava o RAGNARÖK. E Thor viria. Viria porque iria querer saber a verdade a respeito de tudo; e porque se ainda restava algo nele do homem que fora, ele os ajudaria. Eram seu povo. — Havia um grande número de guerreiros presos ali. Guerreiros experientes e antigos. Precisaremos deles. Confio em que Thor os traga.

— E qual é nossa missão final, Maru Daanna? — perguntaram Iain e Sheenna. — Temos meninos pequenos e somos escassos em companheiros para enfrentar a milhares de inimigos. Imagino que devemos resistir até que nos esmaguem? Aqui já não temos nada a proteger nem o que fazer. Nossa terra está a ponto de desaparecer — observou abatida. — Como nós. Qual é nossa função? Os deuses nos abandonaram definitivamente.

— Eu tenho a resposta — disse o Rei Gwyn, dando um passo à frente com sua eterna franja loira e seu cabelo liso. Qualquer um que o visse pensaria que era um elfo. Mas era um vanírio, respeitado por todos e temido por muitos. — Sei que todos nós fizemos a mesma pergunta. Hoje eu mesmo me fiz esta pergunta — assegurou levando a mão ao coração —, quando acreditei que minhas filhas tinham morrido em nossos corredores subterrâneos sem serem defendidas. Levamos milênios enfrentando a jotuns para proteger a uma humanidade que tem os dias contados. E de repente senti que minhas filhas morriam sem minha proteção. Que sentido tinha tudo para mim? Por fim, não podemos esquecer o objetivo mais importante de todos, que é: devemos lutar por nós, pelo que somos e representamos — virou e se encontrou com Carrick e Aiko o escutando com atenção. — Por isso meu filho está aqui como salvador de suas irmãs e como informante. Veio da fenda de Edimburgo e o mundo dos *huldres* para nos dar o último proclame — Gwyn ofereceu sua mão e Carrick a tomou, sabendo perfeitamente o que isso significava. Os proclames eram os discursos que se davam antes das batalhas mais importantes nos clãs *keltoi*. Nunca saíam a cargo

do líder. Saíam sempre da mão do chefe bardo e era um tributo que passava de geração em geração. E isso era o que seu pai fazia com ele: estava legando esse privilégio. Estava dizendo publicamente que se tornou adulto e que esse era seu momento.

Os olhos de ambos se embaçaram com emoção, como os de Beatha, que tinha às duas meninas sentadas sobre suas pernas.

— Não sei se estou preparado — advertiu Carrick.

— Um homem que sobreviveu aos piores castigos imagináveis, que entrou em uma fenda para salvar a quem sabia que era sua companheira de vida, que matou a centenas de purs e etones, que foi contatado por Nerthus e acompanhado pelos *huldres*, e que deu tudo por suas irmãs e por aqueles mais fracos que ele, não só está preparado, filho. É um guerreiro que tem e terá o respeito de todos pela eternidade.

— Mas papai... Não pude dar sangue às minhas irmãzinhas — reconheceu corajosamente, sentindo-se como um merda. Derrotado. Sabedor de que seu pai e sua mãe viram com seus próprios olhos sua decisão de não dar vida a elas para não infectá-las.

Gwyn falava com seu filho mais velho de homem pra homem. E sentia em seu interior a vergonha que ainda carregava sobre seus ombros. Palavras jamais poderiam curar as feridas infectadas, mas poderia ajudar a limpá-las para que comesçassem a cicatrizar.

— Carrick, preste atenção — agarrou-o pela nuca com força, apontando o indicador para ele. Ao menos agora permitia que o tocasse. — Deve deixar para trás os dogmas que outros gravaram na sua pele. Você é quem decide ser, não o que os outros acreditam que é. Você é Carrick. Um guerreiro. Um Bardo. É luz e verdade. E é meu filho, sangue de meu sangue — jurou veemente. — Não deixe que os que o mantiveram preso ganhem. Não acredite neles. Não está sujo nem poluído, meu filho. Tiveram inveja de seu resplendor, compreende?

— Sim.

— Acaso o venceram? Acaso quebraram o espírito de meu filho para sempre? — perguntou esperando escutar a resposta correta.

Muitas vezes acreditou que sim. Na escuridão, manchado de imundície e sangue, chegou a pensar que era uma vergonha para os de sua raça. Mas agora,

depois de beber de sua *cáraid* e receber seu sangue curador; agora, depois de ter feito amor com ela, embora acreditasse que era um sonho, entendia que se Aiko o via como homem e aceitava como tal era porque não estava corrompido nem podre. Talvez não tinha deixado de ser ele. Talvez jamais tenha deixado de ser ele mesmo.

— Não, *allaidh* — respondeu com convicção. — Não me quebraram. Não permiti.

— Sim. É isso mesmo — Gwyn sorriu com adoração e orgulho e lhe deu um tapinha carinhoso na bochecha. — Agora te escuto. Fale com todos como só você sabe.

Embora Carrick tivesse o coração na boca, não desperdiçaria sua oportunidade. Armou-se de coragem e falou com os clãs.

— Resta pouco tempo para que um novo exército de jotuns espreite sobre este lugar — informou elevando a voz para que todos o escutassem. — Jamais esperei dar o proclama em um momento tão delicado. De fato... — Seu discurso se deteve. Por um momento, obrigou-se a engolir saliva e a umedecer os lábios.

Carrick, continue, animou-o Aiko transmitindo a força que necessitava. *Este é seu momento e todos o escutam*.

O vanírio procurou o contato visual de Aiko. Ela o devolveu sem máscaras nem artifício. Mostrou-lhe o que ele procurava com esforço.

Zero compaixão. Total aceitação do que ele era, com todos os claros e escuros. Justo o que necessitava.

Seus pais o olhavam orgulhosos e todos esperavam escutar suas palavras.

Sim. Era o momento de fazer acreditar e de convencer.

— De fato — continuou sem abaixar os olhos castanhos e brilhantes —, nunca pensei poder estar aqui, porque estive a ponto de me entregar à luz e de me deixar engolir pela escuridão de Loki. E se alguém me salvou de meu destino, se alguém evitou que me rendesse a princípio, foi minha irmã. Ela é uma druida barda, como meu pai. Como eu. Mas Daimhin não tem nossos dons. Os seus são muito mais poderosos. Sua voz salvadora curava nossas mentes durante nosso cativeiro. Porque ela é especial. Eu sei e sabem nossos deuses criadores, que a estão utilizando em uma última missão. Se ela obtiver seu objetivo, as coisas no Midgard poderiam mudar. E é por isso que Aiko e eu nos encontramos aqui,

diante de vocês — olhou a japonesa com decisão. — Temos uma mensagem a dar. Desta vez, irmãos e irmãs, não se trata de se reunir para salvar uma casa, uma cidade ou um humano que desconhecemos. Desta vez, devemos ir lutar em nome de um de nós. Devemos ir em busca de Daimhin e ajudá-la.

Sua fala foi clara e concisa.

Desconhecia o paradeiro de Daimhin; de fato, não sabia muito bem o que sua irmã era capaz de fazer para que os deuses a requeressem. Mas seja o que for, seria algo fascinante e mágico.

A situação não era nem branca nem escura. Não havia dois caminhos a escolher. Havia só um e era muito negro, já que no afã por ajudar a Barda dos deuses, mais de um perderia a vida pelo caminho.

Era um final inevitável e irreversível. E cada um devia decidir como vivê-lo. Por isso, alguns vanírios como Inis e Ione, Shenna e Iain, e Maggie e Sullyvan, decidiram não acompanhá-los.

Foi Ione, um dos Reis do Conselho, que deu o passo mais difícil de sua vida para falar pela boca dos outros.

O vanírio de cabelo trançado longo e barba ruiva não se ocultou nem se intimidou. Era sua decisão e estava em seu direito. Sabia que os compreenderiam.

— Nós, os que temos filhos pequenos, ficamos, seja qual for nosso destino — sentenciou entristecido por não acompanhar a seus amigos na batalha final. — Como você disse, Carrick. No final, lutamos pelas pessoas que amamos e que são importantes para nós. Não penso levar nas costas Jared e a Rena para acelerar sua morte. Vou ficar aqui e desfrutarei deles... — apontou o resto. — Todos desfrutaremos deles o tempo que nos resta. Nós os protegeremos no bunker. E se for ali onde devemos morrer, que assim seja.

— Não deixarei que um pur asqueroso chupe a pureza de meu filho para que dela saia um ovo sarnento como o que nos descreveu Carrick — afirmou Sullyvan com paixão. — Se meu filho se for, eu decidirei como. E juro que não será assim. Desse modo, sem crianças, chamarão menos atenção dos purs. Estão por toda parte e irão atrás deles. Se quiserem levar meu filho, que venham buscá-lo. Terão que passar por cima do meu cadáver.

— Compreendo — disse Carrick, assumindo o risco de ser cada vez menos.

— Quantos ficam aqui? — perguntou Menw cruzando os braços e visivelmente emocionado. Todos os vanírios com crianças levantaram a mão. Menw olhou a cada um deles nos olhos, afirmando com a cabeça para transmitir que entendia sua escolha. Passaram milênios juntos, compartilharam desgraças, batalhas e alegrias. Mas o Curador respeitava a decisão tomada por seus irmãos. Que outra coisa podia fazer? Não podia obrigá-los. Filhos estavam acima de algumas responsabilidades, mesmo embora se nascesse guerreiro. — Tudo bem.

— E os outros? — quis saber Daanna enquanto cobria de calor seu ventre com as mãos. — Nos acompanham para nos encontrarmos com Daimhin?

Os poucos berserkers que viviam no Ragnarök assentiram com a cabeça, como os vanírios que não estavam emparelhados nem tinham filhos.

Bom, pensou Carrick, pelo menos contavam com um pequeno batalhão de uns quarenta guerreiros. Como disse Shenna, poucos para enfrentar os exércitos de Loki. Mas menos era nada.

Só restava saber onde sua irmã estava. Tinha deixado Daimhin e Steven com os *huldres* percorrendo um túnel para o destino onde imaginava que se encontrava o objeto.

Após isso, não soube mais nada.

— Bem — interveio Adam. — E agora que já sabemos quem vai, como podemos averiguar onde está Daimhin? Se somos seus reforços, precisamos de sua localização exata — assinalou Adam com gesto concentrado, meio sentado na mesa que presidiam os membros do Conselho. — Os vanírios têm um laço mental entre irmãos, estou enganado?

— Ele não pode ajudá-los — Aiko, consciente do desconforto de Carrick, poupou-o do momento ruim de se conectar mentalmente com Daimhin. Estar na mente de sua irmã, ver-se nu e sem couraças, saber tudo o que fizeram, como fizeram e quantas vezes... Seria um duro golpe para ambos, dois seres feridos e reservados, muito zelosos de sua intimidade. Aiko tinha compreendido que os traumas e os pesadelos eram de cada um, intransferíveis. Já chega ela de tê-lo drogado e bebido de seu sangue, violando seu passado e seus segredos. Não era algo pelo qual ganharia a medalha de honra, mas era seu dever, uma ordem direta dos deuses que ainda não tinha se completado. Graças às suas duas trocas, tinha descoberto seu dom e este tinha aberto involuntariamente as portas

da cabeça de Daimhin, a qual sobrevoava nas pontas dos pés sem chegar a afundar nem a conectar com ela. — Nem tampouco Gwyn e Beatha podem contatar com ela. As sinapses de Daimhin, como as de Carrick, estão hermeticamente fechadas para sua própria proteção e só se acessam a elas se beber de seu sangue. — A Barda era sensível e esquiva e se descobrisse sua invasão, ela se sentiria atacada. — Por isso não se pode contatar completamente com ela. Mas podemos com seu companheiro.

— Como? Do que está falando? — Carrick a olhou com atenção e curiosidade.

— Estou na mente de Steven. Posso falar com ele.

O que você faz na cabeça do companheiro de minha irmã? Por que não o notei? Temos um vínculo mental.

É uma longa história que logo, se me deixar e não fugir de mim, keltoi, contarei.

Ao vanírio caiu realmente mal aquela revelação e esperou que tivesse uma razão de peso para que falasse intimamente com outro homem.

Por muito amigo que Steven fosse, os vanírios eram territoriais e ciumentos.

Uma verdade universal que se devia respeitar.

— Então, Aiko, faça isso — inquiriu Beatha. — Fale com o *cáraid* de minha filha. Que nos diga para onde devemos nos dirigir para protegê-la.

XXIV

Raoulz fechou os olhos enquanto segurava uma das serpentes douradas dos *Svart* que tinham recolhido do ataque aos bardos nos túneis subterrâneos de Edimburgo e parte de Glasgow.

Os *Svart* roubaram a capa com a pedra durante um deslize de Daimhin; e embora ainda não pudesse compreender como foram enganados assim, era prioritário encontrar a capa de novo. Sua capa, a única que ele podia sentir, seja onde estivesse.

Todos os guerreiros presentes o olhavam com atenção e rodeavam, esperando que o *huldre* encontrasse o objeto subtraído.

Brunnylda, que tinha um aspecto que não podia ser melhor e literalmente desprendia luz como uma virgem, com aquele vestido de seda vermelha e transparente e com seu cabelo leonino como recém-saída da revista GQ, colocou-se lado a lado com Daimhin e deu um meio sorriso ao cheirar sua essência.

— A vaníria e o berserker fornicaram — sussurrou provocadora. — Outra vez.

— Cale-se — respondeu Daimhin.

— Uh, que humor — murmurou divertida. — Steven não a deixou satisfeita?

A vaníria a olhou de esguelha, ofendida por sugerir que Steven não era bastante homem.

— Eu não sou como você, cadela. A mim me basta um — voltou o olhar à frente, decidida a ignorá-la. — Um que com certeza jamais terá.

Brunnylda zombou sem perder Raoulz de vista.

— Relaxe, presinhas. Não me interessa o lobo. Eu quero é a ele — apontou o elfo, líder dos *huldres*, passando a língua pelos lábios. — O elfo é meu único objetivo.

— Não o terá — disse segura de suas palavras.

— Daimhin, tem que aprender a compartilhar, não pode ficar com todos — parecia que ia ter um chilique de criança.

— Não quero a todos.

— Sêrio? Não parece. Quando vai dizer ao elfo que não irá com ele?

A jovem girou a cabeça para estudar o perfil de Brunnylda. Era tão bonita que parecia razoável que fosse igualmente uma vadia.

— Isso é problema meu. O que não vou permitir é que obrigue o *huldre* a fazer algo que não deseja.

Desta vez foi Brunnylda quem sufocou uma gargalhada incrédula para depois estudar o semblante da Barda.

— Não faz nem ideia, não é?

— Os *huldres* não se interessam por sexo.

— Claro... — revirou os olhos. — Daimhin, acorda. Sabe por que estou tão radiante que pareço um farol ambulante?

— Era uma rima com adivinhação?

— Não, estúpida.

— Essa boca.

— Estou assim — continuou apreciando a conversa ácida — porque enquanto você e o berserker arrumavam suas diferenças em seu quarto, Raoulz e eu arrumamos as nossas.

Essas palavras puseram a vaníria em alerta, a qual não pôde acreditar no que ouvia.

— A que se refere?

— Roubei de Steven um desses comprimidos da Nerthus que deu a você quando transaram na primeira vez em nossa caverna e o dei a Raoulz. E... Deuses! — jogou o cabelo para trás e colocou uma mão no quadril. — Se esse elfo não for um violento pervertido, então eu sou virgem.

Os olhos de Daimhin clarearam furiosos e seu rosto empalideceu.

— Um comprimido? Do que está falando? — sussurrou, ignorando a última insinuação de Brunnylda.

— Os comprimidos *Riley*, boba. Anulam o medo e fazem com que a pessoa que o tome fique desinibida. Como você fez.

— Não é verdade.

— Ah, sim, é — assentiu eufórica. — Eu o dei a Raoulz e... a magia se fez! E agora tenho tanto poder que acredito que poderia fazer explodir um país inteiro.

— Mente, puta. Eu saberia sobre o comprimido, teria lido em sua cabeça. Estou na mente dele — encarou-a de um modo visceral, provocada pela impotência que ameaçava destruí-la por dentro.

— Pois seu leitor está caduco, linda. Atualize-o — pigarreou escutando as palavras que Raoulz ia dizer. Antes que começasse, aproveitou para acrescentar em voz baixa. — Esquece o *huldre* ou não a ajudarei. Ele não sabe, mas me pertence — sentenciou, deixando-a na mão.

Daimhin sentiu uma pontada na altura do coração. Procurou Steven entre a multidão e o encontrou ao lado de Ardan e Gabriel, como se fosse o líder no comando, como o chefe.

Steven teria sido capaz de fazer isso com ela? Ele a drogara? Por que se sentia tão decepcionada e enganada? O berserker acabava de trair sua confiança de uma forma tão seca e dura como uma bofetada.

Seus olhos se encheram de lágrimas sem derramar, e pensou nesta segunda vez que tiveram intimidade. Por acaso a teria drogado de novo?

O comprimido a fazia acreditar em coisas que não existiam? Como por exemplo, o desejo, a necessidade de beijá-lo e tocá-lo, a sensação de pertencer e ser pertencido... A horripilante e ao mesmo tempo magnânima sensação de começar a amar... Tudo isso era mentira?

Daimhin? perguntou Steven através de sua mente, olhando-a do outro lado do salão. *O que foi? Está chorando? O que essa bruxa te disse?*

A vaníria fungou e se concentrou em descobrir a prova dos comprimidos em sua cabeça. Steven estreitou os olhos amarelos e começou a caminhar em sua direção, afastando a todos. Mas ela não podia ver nada. O que acontecia?

Daimhin. Está me assustando. Por que está tão triste?

Maldito filho da puta.

O que?

Você me drogou?

Steven, que se apressava para alcançá-la, deteve-se em frente, melancólico e arrependido.

— Daimhin...

— Responda — ordenou sem alterar o tom de voz. — Você me drogou?

Steven a separou do círculo de guerreiros e a levou ao corredor próximo para que nada nem ninguém os escutassem. Mas era ridículo porque os seres imortais como eles tinham um sentido de audição superdesenvolvido, e Steven estava convencido que todos prestavam atenção a sua rixa, ao menos até que Raoulz não falasse.

— Me escute.

— Não quero te escutar. Só me diga se me drogou, sim ou não.

— Sim. Eu te dei um comprimido *Riley* que Nerthus me deu para dar você.

Daimhin se equilibrou contra ele disposta a arrancar sua cabeça com as próprias mãos.

— Porco! Disse-me que não era como eles!

— E não sou! Vai me escutar! Fique quieta! — rugiu antes que a situação saísse de suas mãos. — Nerthus me deu isso para você. Nossa vinculação te outorgaria um dom importante para o Ragnarök, mas você não deixava que ninguém se aproximasse e a deusa me disse que te desse isso.

— Importa-me uma merda meu dom! Steven! — Daimhin começou a chorar, arranhou-o no rosto, fazendo incontidos bicos de tristeza. O berserker a tinha erguida contra seu corpo. — Não se dá conta?!

— Do que?! Fiz o que a deusa me pediu! Mas isso não diminui que esteja...! Que esteja louco por você, Daimhin! É minha *kone* e não foi nenhum crime! Fizemos o que tínhamos que fazer, o que era natural em nós. Tínhamos que estar juntos!

— Não assim! Pensava que o sexo entre nós fosse diferente! E não é! É igual a eles!

— Como pode me comparar, Daimhin? — desta vez ele a olhou desolado. — Não tenho nada a ver com esses homens. Não sou assim. Por que insiste em me colocar no mesmo patamar?

— Porque eles nos drogavam para ficarmos mais receptivos! — gritou a plenos pulmões, devastada pelas lembranças que vinham em turba. Nunca se sentiu tão vulnerável como nesse momento. — Como você fez!

Steven ficou imóvel e abriu os olhos impactado pela notícia. Não tinha nem ideia. Se a vaníria não fosse tão zelosa de suas lembranças e se aberto a ele, as coisas não seriam desse modo.

— Daimhin...

— Fez o mesmo! Não esperou que eu me decidisse! Drogou-me da mesma forma! Por isso é como eles!

— Não, Daimhin... Por favor, me perdoe. Eu... Nerthus me disse que...

— Drogou-me todas as vezes!

— Não! — defendeu-se ele. — Nerthus só me deu dois comprimidos para que me assegurasse das duas primeiras vinculações. A terceira eu teria que ganhar — tentou explicar, sabendo que caminhava sobre brasas. — Mas perdi o segundo comprimido...

— Como vou acreditar em você agora?! — clamou. — Como?! — Seus rostos estavam tão juntos que pareciam que se beijavam. — Coloque-me no chão!

— Não!

— Me desça! — ela ordenou, tentando soltar-se do seu aperto.

Steven não queria soltá-la porque sentia que se o fizesse Daimhin escorreria de seus dedos para sempre.

— Por que não pude ver nada disso em sua cabeça?!

Desta vez o guerreiro franziu o cenho sem compreender a pergunta.

— Não acaba de ler?

— Não, estúpido! Foi Brunnylda quem me disse!

— Brunnylda? Mas como...?

— Porque roubou o comprimido de você para abusar de Raoulz! Além de mentiroso é tolo, Steven.

Não se importou com a alfinetada. Acabava de contar tudo por vontade própria, acreditando que Daimhin leu em sua mente rompendo a resistência de Aiko. Mas não fora assim. A Agonia se dedurou à Barda e tinha roubado o comprimido para... se deitar com Raoulz? O *huldre*?

Steven se sentiu totalmente desmascarado e decidiu contar a verdade para a vaníria, desde a visita da Nerthus até a intervenção de Aiko para que ocultasse a informação do comprimido.

— Por que Aiko te ajudou a esconder algo tão horrível?

— Porque ela também teve que fazer o mesmo com Carrick, Daimhin! — Embora Daimhin não sáisse do choque, ele prosseguiu. — Nerthus entrou em contato com ela como fez comigo, enquanto ele dormia. Deu os mesmos comprimidos para que ele tomasse e pudessem começar a se vincular...

— Não posso acreditar que Aiko fez isso com meu irmão! — gritou horrorizada. — Com ele não!

— Pois fez, Barda. Porque têm que desenvolver os dons outorgados; e para isso se necessitam três relações com troca de sangue. Até que não lhes saia o *comharradh*, seu verdadeiro poder estará oculto. E os deuses e todos os que estamos aqui — esclareceu cansado de discutir com ela — necessitamos seu dom.

Daimhin levantou o queixo com seu orgulho ferido e limpou as lágrimas com o antebraço.

— E para isso... vale tudo, não é assim? Podem nos drogar e enganar porque os deuses estão do seu lado, porque precisam de nós... Mas nem você nem Aiko tentaram falar conosco antes. Não contaram com nossa opinião. Sabe o que isso me diz de você, Steven?

— Não quero saber.

— Me diz que me traiu e que nada entre nós foi autêntico.

— Não se engane — Steven a segurou pelo braço, olhando-a com desaprovação. — Os *Riley* anulam o medo. Mas sempre teve o desejo de transar comigo e de me beijar e me tocar. O comprimido de Nerthus só te deu o empurrão para aceitar isso e dar um passo à frente em relação ao que sentia por mim. É minha companheira, Daimhin. Com comprimido ou sem.

— Pois está claro que estava enganada, porque não posso me apaixonar por alguém que diz que se importa e me engana com comprimidos para se deitar comigo — liberou-se de seu aperto com um puxão seco e se afastou dele com passo irritado.

O berserker ficou olhando, estupefato ao ver que a terceira vez com ela começava a ser algo impossível.

O selo ainda não tinha saído neles. Daimhin tinha descoberto seu dom parcialmente, mas faltava o *comharradh* para que este explodisse em sua totalidade.

Steven?

O guerreiro franziu o cenho ao escutar a voz de Aiko em sua mente.

Aiko? Quando quiser pode sair da minha mente porque Daimhin soube de nosso complô.

É impossível. Ocultei essa informação e ela não pôde...

Não, não... Não foi assim que descobriu. Uma Agonia disse a ela.

O que é uma Agonia?

É uma longa história.

A japonesa ficou calada e Steven soube que era porque estava processando a informação ou tentava lê-la em sua mente.

Daimhin já tem o comharradh?

Não. Carrick o tem?

Não. E as coisas não estão muito bem entre nós. Está acabando nosso tempo, Steven...

Estes irmãos tornam isso difícil pra gente.

Eu que o diga. Steven, estamos na Inglaterra no RAGNARÖK com todos os guerreiros de Black Country. Os pais de Daimhin estão aqui, suas irmãs, todos... Já contamos a eles tudo o que aconteceu e vamos lhes dar uma mão e ajudar Daimhin. Para onde devemos ir?

Nesse preciso momento, no salão, Raoulz levantou uma mão para que todos prestassem atenção nele. Olhou à frente de modo cerimonioso e disse:

— Um *Svart* roubou a capa e o objeto. Dirige-se a Gales. E isso só pode significar que identificou o tipo de objeto que é e vai em busca do elfo da luz para que o libere do feitiço de ocultação — raciocinou com gesto inquieto, olhando para Daimhin. — Princesa, o *Svartálfar* não pode encontrar o *Alf* antes de nós ou tudo pelo que estamos lutando deixará de ter sentido. Destruirão o objeto uma vez recuperado sua forma natural e depois acabarão com o elfo da luz.

— Então devemos chegar lá ao mesmo tempo ou antes deles. — A Barda, que ainda tinha as bochechas cheias das lágrimas derramadas, acrescentou. — Raoulz, podemos utilizar os túneis de seu povo e escolher um que vá a Gales?

Raoulz negou, pesaroso de dizer não à princesa barda.

— Não. Sinto muito. Infelizmente, não podemos utilizar os túneis para voltar atrás. É nosso lema: “nem um passo atrás deve ser dado”. Deveríamos nos deslocar até outra entrada, mas fica longe daqui, a muitas milhas de distância.

— Entendo — Daimhin meditava. — Engel, como podemos viajar até ali?

Gabriel, que já estava preparado para a guerra que iam liberar uma vez que saíssem do interior da ilha e se expusessem aos jotuns, respondeu:

— Só me ocorre uma. O céu no mundo inteiro está coberto de tempestades e minha Gúnnr pode viajar através delas. Pode nos transportar.

— E eu — interveio Bryn — possuo Angélico, o Pégaso mais veloz dos Nove Reinos. Podemos conseguir. Angélico os levará ali para que você e Steven sejam os primeiros a chegar — assegurou a Generala. — Poderíamos chegar nesse lugar instantes mais tarde, mas você e Steven estariam antes no país. Têm que encontrar o elfo da luz e impedir que o *Svart* o machuque.

— Sabe onde pode se ocultar esse elfo? — perguntou Daimhin a Raoulz.

— Sim — afirmou sem rodeios. — No único lugar onde diz sua lenda que aguarda. Sob as raízes do *Llangernyw*.

— Genial — Ardan sorriu e sua sobrancelha partida se elevou tão soberba como ele era. — Então, a única coisa que temos que fazer é esmagar cabeças enquanto Gunny convoca uma de suas tormentas e nos conduz até esse lugar — desembainhou suas duas espadas e as fez chocar por cima de sua cabeça morena. — Eu me inscrevo!

Os *huldres*, os *kofun*, as Agonias e as valquírias rugiram animados.

Todos os guerreiros estavam exultantes de energia depois do baile *huldre*, e desejavam uma nova guerra para poder descarregar toda a adrenalina.

Steven não demorou a anunciar a notícia a Aiko, a qual esperava informação.

Aiko, roubaram o objeto enfeitiçado de Daimhin e vamos a Gales para tentar recuperá-lo. Nos mobilizamos até lá.

Aonde exatamente?

Raoulz não disse. Mas temos que encontrar um elfo da luz. O único, dizem, que há no Midgard e que segundo Raoulz aguarda sob as raízes do Llangernyw. O Svartálfar se dirige até ali para matá-lo e devemos impedi-lo.

Entendido. Comunicarei a todos. Iremos para lá. Partiremos imediatamente.

Espero que nos encontremos logo, Aiko. Agora salte da porra da minha cabeça...

A japonesa riu espontaneamente.

Não estive em sua cabeça, só sei como contatar esporadicamente com ela.

Tanto faz. Mas não mais. Ah... E se mantenha com vida.

Igualmente, amigo. Sayonara.

Sayonara.

Steven não afastou o olhar de cima da vaníria, que se afastou do salão com celeridade porque lhe urgia encontrar algo. Steven não se dava bem em ler sua mente; o sistema para os de sua raça variava ostensivamente dos que usavam os vanírios. Tinham cérebros diferentes. Estava claro que os berserkers não foram feitos para isso.

Ela ainda não era dele, embora seu coração dissesse que era desde o primeiro momento em que a viu.

Só tinha mais uma oportunidade para se vincular e para demonstrar que estava apaixonado por ela e que os *Riley* não eram comprimidos que anulassem a vontade como as drogas que deram a ela em sua prisão. Os *Riley* só eliminavam as reservas para realizar aquilo que se desejava realizar.

E era estar com ele, tanto como ele tinha necessitado e precisava estar com ela.

— O que está procurando?

Daimhin rebuscava pelas gavetas de todos os quartos. A voz de Steven não a sobressaltou porque o berserker estava nela: ouvia-o e escutava em sua cabeça, e pressentia o que ia fazer, até mesmo antes que pensasse em fazer.

E o sentia. E o cheirava.

E sabia que Steven estava parcialmente arrependido por usar os comprimidos, embora pensasse também que não havia outra solução para eles, ao menos na primeira vez.

E embora estivesse furiosa e se sentisse enganada, tampouco era tão teimosa ou cabeçuda para não aceitar que ele era importante para ela a níveis apenas sonhados até então. O problema era que... estava irritada.

— Vai me responder? — Steven ficou calado e esperou lê-lo em sua cabeça. E depois de um incrível bombardeio de imagens, ficou com uma. — Marca-textos?

— Maldição... Nem imagina como odeio esta vinculação. Não suporto que possa adivinhar tudo. Não fui feita para compartilhar — disse apertando os dentes. — Quero intimidade. Vá embora.

— Para que quer os marca-textos?

Daimhin se virou e olhou diretamente nos olhos dele.

— Por acaso tenho que explicar? Você não lê isso?

— É estranho estar em sua cabeça... Não a entendo.

— Como funciona o laço telepático nos berserkers? São menos inteligentes que os vanírios. Como é? O que vê?

Ele nem sequer se ofendeu. Sorriu como se tudo se esquivasse dele.

— Imagens. Só vejo imagens. Como fotografias.

Ela arqueou as sobrancelhas, surpresa.

— Sêrio?

— Sim.

— E não escuta o que penso nem ouve tudo o que digo? Não pode rebuscar em minha mente e em minhas lembranças?

— Não... Não funciona assim. Não tenho nem ideia de como se faz. Vejo imagens, e dependendo do quanto são gráficas, intuo seu estado emocional.

— Que curioso... — ficou mais tranquila. Steven jamais devia saber o que ela sofreu ou não restaria nem orgulho nem dignidade. — E o que vê agora?

— A mim. Enforcado.

— Nossa... Pois é verdade! Estava pensando exatamente nisso — bufou como se sua presença a esgotasse e não tivesse paciência com ele. — Enfim... preciso de marcadores permanentes. Tem?

— Tenho — respondeu.

— Perfeito — levantou a palma de sua mão para cima. — Me dá isso?

Daimhin era uma guerreira metódica e disciplinada. Não cometia enganos e cortava com sua espada como um cirurgião. Adiantava-se aos acontecimentos e

analisava cada movimento que fazia. Por isso, quando decidiu que ela e Steven tomariam Angélico para chegar a Gales antes que o *Svart*, decidiu que o berserker, que era seu seguro de vida e seu alimento, estivesse protegido.

O certo era que, insatisfeita ou não, não podia deixar de sentir a necessidade de estar com ele e de olhá-lo. Porque sua presença, incrivelmente, enchia-a de alegria, inclusive em tempos de guerra. E porque, embora odiasse admitir a si mesma, as duas vezes que fizera amor com ele, tinham-na enchido de fantasias e curado como se tivesse sido um antisséptico ou um antibiótico para sua alma e seu coração doentes.

Ela, a Barda, foi usada e maltratada; machucada e insultada; rasgada e quebrada. Mas Steven e sua maneira de beijá-la, de olhá-la e de fazer amor com ela, tinham demonstrado que tentaram quebrá-la, mas não conseguiram destruí-la, porque graças a ele, a seu sangue e a seu ser, agora voltava a sentir.

E isso também era horripilante porque não estava acostumada a apoiar-se nos outros, nem acreditar nos outros. Durante anos foi uma crisálida vazia. Seu único apoio foi seu irmão, e nem sequer com ele tinha conseguido um vínculo tão profundo e forte, como o que agora tinha com o Steven.

Mas, por essa mesma razão, sentia-se tão ferida. Porque houve um momento em que deixou de se importar com o que esses demônios disfarçados de humanos faziam com ela porque já não tinha nenhuma fé nessas pessoas, nada podia esperar deles. Mas em Steven sim, tinha fé, uma fé potente e duradoura como a que suportava a troca de sangue e a vinculação. Por essa mesma razão, saber que ele tinha necessitado desses comprimidos para ter intimidade com ela, rachou um pouco seu sobrevivente coração.

Com os marcadores negros permanentes na mão, agarrou Steven pelo pulso e o introduziu em um dos quartos.

— O que vai fazer? — disse ele, assombrado.

— Tire a camiseta e sente-se na cama.

— Ok... Às suas ordens.

Steven fez o que Daimhin mandou. Quando mostrou seu torso moreno e musculoso, a jovem não pôde fazer outra coisa que admirá-lo.

Daimhin concentrou a atenção em seu peito. Agarrou um marcador, tirou a tampa e se colocou de joelhos entre suas pernas.

— Não se mova.

— Nem tento. Eu adoro tê-la assim — sussurrou cheirando seu cabelo loiro dissimuladamente.

— Steven, não — ela o proibiu com gesto cortante, empurrando-o pelo peito com uma mão. — Agora me deixe em paz. Estou muito zangada com você e com Aiko. E com Nerthus também.

— Eu me desculparia se sentisse de verdade. Mas não o faço — ele reconheceu, olhando-a com expressão séria. — É verdade, não me olhe assim. Não me arrependo do que fiz.

— Grande descarado...

— Por que ia sentir? Pude fazer amor com você, sádica. E foi a melhor experiência da minha vida. Como vou estar arrependido?

— Ah, cale-se já... — Colocou a ponta do marcador sobre seu peito direito.

— Daimhin... — ele a segurou pelo pulso e deteve seja o que for que ia fazer com ele. — Quero que me ouça com atenção. Seu dom não estará completamente desenvolvido até que nos selem. Entende o que isso significa?

— Não sou estúpida — ela aduziu mal-humorada. — Falta uma terceira troca.

— Sim. Temos que fazer amor outra vez e oferecer sangue um ao outro.

Ela fechou os olhos e se armou de coragem para dizer o que ia dizer:

— Não entende, não é?

— O que tenho que entender?

— Não penso fazer amor contigo agora, Steven, e não me importa que Nerthus me frite; não me importa absolutamente que o Midgard esteja tão dependente de meu dom. Durante anos, anos — repetiu com fervor —, obrigaram-me a fazer todo tipo de coisas que eu não queria fazer. Sabe o que é isso? Hein? — Seus olhos laranja ficaram opacos pela tristeza. Nunca tinha falado tão abertamente sobre suas emoções e agora fazia com o único que tinha a capacidade de destruí-la.

— Daimhin...

— Não — ela o deteve colocando os dedos sobre os lábios dele. — Recentemente que sou livre, mas descubro que continuo sendo cativa das

decisões dos outros. Tinha que transar com você sim ou sim, e me drogou para isso.

— Foi apenas na primeira vez, Daimhin. Você decidiu que ia transar comigo perante as Agonias. Eu só te dei o comprimido para que a decisão difícil fosse mais suportável. Porque sabia pelo que tinha passado.

— Não importa, Steven. A questão é que o fez. Que você também me drogou. E agora... agora que estou tão zangada contigo, tão decepcionada, sou obrigada a fazer isso uma terceira vez. E não quero fazer me sentindo assim... — esclareceu angustiada. — Não quero. Porque volto a estar na mesma situação sem defesa. Sou obrigada a fazer algo. E pelo menos uma vez na minha vida quero sentir que sou eu quem decide, que controlo a situação. Quero ser eu quem diz sim ou não. Quero decidir se quero voltar a fazer amor, se quiser o *comharradh* e se de verdade quero ser uma peça importante para salvar o Midgard.

Ao ouvir aquela última confissão, o berserker ficou chocado.

— Não quer voltar a estar comigo, Daimhin? Não quer salvar o Midgard?

Ela ficou surpresa ao ouvir essa revelação de sua própria boca em voz alta. Era isso? Não queria salvar a Terra?

— Os humanos, os homens desta raça não merecem nem respeito nem admiração de minha parte — respondeu muito sincera. — Têm o mundo que merecem. Não acredito em seu reino. Os que sobraram aqui foram nós.

— Caramba, Daimhin — murmurou Steven. — É uma sádica de verdade.

— Não sou. Mas ser a Barda e acreditar na música e na poesia, não me impede de ver a realidade. Eu não pertenço aqui — sentenciou recordando as palavras de Raoulz.

Steven ficou aterrorizado diante da ideia de que Daimhin no final decidisse ir com o *huldre*. Porque conforme afirmava Raoulz, os bardos pertenciam ao mundo dos elfos. Mas se queria lutar por ela, tinha que deixar para trás seus medos e continuar brigando para conseguir seu amor. Não se intimidaria.

— Eu tampouco quero salvar os humanos, Barda — esclareceu Steven, aproximando-se de seu rosto. — Não luto por eles. Ninguém aqui o faz. Faz tempo que deixamos de lutar por uma raça ignorante e bélica, culpada de sua própria autodestruição. Mas luto pela sobrevivência da minha família neste reino. E

acredite em mim — levantou seu queixo com a ponta dos dedos —, que luto por você. Porque acredito em você, Daimhin. E embora morro de vontade de que aceite nossa relação e me deixe voltar a fazer amor com você, não vou ser eu quem te obrigará a fazer. Se tivermos que morrer assim, assim morreremos. Você manda.

— Mas...

— Porque, embora não acredite em mim, não sou como os outros. Sou diferente... E eu... — Steven não sabia como dizer o que sentia. — Eu te amo, como ninguém pôde amá-la, Daimhin.

— Mal nos conhecemos... — ela respondeu, assustada.

— Mas a vejo. E te sinto, Barda — ele passou o polegar pelo lábio inferior dela. — Há pessoas que passam uma eternidade ao lado da outra e nunca chegam a se conhecer por completo. E há outras que encaixam inclusive antes de se ver, e só lhes basta uma troca de olhares através de uma tela de computador para se dar conta de que foram feitos um para o outro. E nisso levo vantagem sobre você. Eu entendi antes de você. Só espero que também entenda antes que seja muito tarde.

Ela não soube retrucar mais nada. Ficou olhando a ponta negra do marcador, meditando sobre essas últimas palavras.

Steven se afastou ligeiramente dela e apoiou as mãos sobre o colchão.

— Agora me pinte o que tiver vontade — murmurou divertido. — Mas nada de porcaria — brincou.

— Não vou desenhar nada — esclareceu ela. — Mas quero fazer valer meu dom com você. Não vou escrever em cada um dos guerreiros desse salão. Mas você vem comigo e me acompanha — começou a escrever sobre seu peito umas palavras. — Se sou capaz de devolver a vida aos mortos, quero ser capaz de fazê-lo reviver se acontecer algo com você. Abandonamos Wester Ross em uns minutos. Temos que estar preparados.

— Cuidado, Barda, ou vou acreditar que está apaixonada por mim — dedicou a ela um sorriso deslumbrante.

Daimhin ergueu as sobrancelhas loiras e o olhou fugazmente.

— Estou apaixonada por seu sangue. Desde que bebo de você, estou faminta. É minha comida.

Steven fingiu que se ofendia e abafou uma exclamação.

— Ouch. É sádica por direito próprio.

— Não duvide — respondeu ela, enquanto acabava de escrever no peito dele: *“Reviva. Nada pode acabar com você”*.

XXV

Jubilee Park

RAGNARÖK

— Um elfo da luz sob as raízes do *Llangernyw*? É pra lá que teremos que ir? — repetiu Gwyn assombrado pelas palavras de Aiko.

— Foi o que disse — respondeu a japonesa.

— Mas... Não pode ser — o vanírio olhou para sua esposa Beatha que estava tão surpresa quanto ele. — É impossível.

— Por que é impossível, *allaidh*? — Poucas vezes Carrick tinha visto seu pai tão contrariado.

— Porque se for assim, teremos que ir ao lugar onde os druidas bardos caledônios e casivelanos, as tribos às quais pertencíamos, recebiam a informação

original, a que falava de nossa história e de nossas origens, milênios atrás, antes que os romanos e o cristianismo nos perseguissem. Antes de mim, meu pai era bardo, como meu avô — explicou com serenidade —, e meu tataravô. Nosso dom, Carrick, sempre se transmitiu de pais para filhos, de geração a geração. Sabe por que os celtas como nós veneramos o símbolo da árvore da vida?

— Não me lembro.

— Porque era dali que os bardos de nossas tribos recebiam parte do conhecimento. Meu pai me explicou isso. Chamava-se *Crann Beathadh*: era uma imensa Teixo, a mais antiga do Midgard — narrou com o olhar perdido no passado. —Asseguravam que seus galhos tocavam o céu e suas raízes conectavam com o mundo dos mortos. Por isso a chamam a árvore da vida e da morte. Meus antepassados afirmavam que os pais de seus pais tinham escutado a árvore falar, que havia um ente vivendo nele, e o chamavam Agelystor. Inclusive eu mesmo o escutei, dois mil anos atrás, antes que nos transformassem. Diziam que o ente estava louco e que pronunciava os nomes dos aldeãos que iam morrer, e que até que não chegasse o último bardo puro do Midgard para que lhe mostrasse a única Grande Verdade, sua lista nunca cessaria. Com o tempo, os aldeãos decidiram não aproximar-se da Teixo, pois Agelystor gritava os nomes daqueles a quem a morte ia recolher em breve. Mas meu tataravô, meu avô e inclusive meu pai, disseram que embora ninguém jamais o tenha visto, esse ente esperava o dia que recebesse a visita desse bardo escolhido. Que então ele se calaria e deixaria de atemorizar às pessoas que se aproximavam de sua árvore.

— E o que isso tem a ver com o elfo da luz? — quis saber Carrick.

— Porque, meu filho — explicou Beatha com voz cuidadosa —, Llangernyw é a Teixo mais antiga do mundo, nossa árvore, e se encontra em Gales, aonde se dirige sua irmã. Hoje está rodeado por um cemitério. Acabamos de compreender que o ente que ouviam nossos antepassados sob suas raízes não era um fantasma, era um elfo da luz. E seu nome é Agelystor. E nós sabemos onde está.

— Agora só temos que averiguar o modo de chegar ali e evitar que esse *Svart* encontre antes o Agelystor — propôs Gwyn.

— Podemos viajar a grande velocidade — assinalou Menw, escutando com atenção as surpreendentes palavras trocadas. Ele mesmo tinha o Teixo da vida e da morte tatuado em seu ombro, e agora resultava que *Llangernyw* ia mudar

tudo. — Mas o principal obstáculo é que não podemos ser vistos. E os céus estão infestados de vampiros. Como sairemos daqui sem chamar a atenção? Os lobachos e os nosferatus esperam que voltemos a aparecer e nos atacarão.

Carrick, que acabava de descobrir qual seria seu principal dom, soube que esse e não outro, seria seu momento de pesar a balança. Ele podia ajudá-los a voar sem muitos problemas até Gales. Mas para isso, precisava receber nova energia.

Aiko tinha assegurado que o *comharradh* acabaria de desenvolver seus dons. E ele sabia que de nada servia estar zangado com ela por causa do *Riley*, porque graças a isso, Carrick tinha aprendido que seu sangue não era putrefato. Se tinha o poder de dar a Aiko um dom tão incrível como a invisibilidade mental e física queria dizer que era útil.

Que ele servia. Que não era um destroçado. E que poderia ter a capacidade de fazer feliz à sua companheira. Uma companheira valente e guerreira que jamais soube que poderia chegar a ter.

A japonesa era um descobrimento e um milagre. Mas, acima de tudo, era um presente. E ia apreciá-lo e esquecer seu aborrecimento.

— Eu sei como — exclamou sem dúvidas. — Me deem uns minutos — segurou a mão de Aiko, ante a surpresa desta, e a afastou da sala principal daquela discoteca subterrânea, sala de assembleia, restaurante e lar para todos os guerreiros, seja qual for o clã ao qual pertencessem.

Carrick fechou a porta atrás de si e olhou para sua *cáraid*, que o estudava à espera. Aiko era tão linda e exótica que às vezes o deixava sem fôlego, porque parecia que a alguém tão especial era impossível que não tivesse asas brancas.

Ela olhou a seu loiro raspado de lindos olhos amendoados e esperou uma explicação que, é óbvio, já sabia.

Carrick e ela estavam conectados, não havia nada a dizer.

Mas sim sabiam o que tinham que fazer.

— Tem o dom da invisibilidade — afirmou Carrick sem rodeios.

— Sei. E você é um ilusionista. Pode criar cenários e imagens que fantasiar em sua cabeça.

— Também sei — concordou ele, dando um passo para ela, longe de parecer ameaçador. — Não está certo o que fez, japonesa.

Ela deu de ombros, mas não fugiu à repreensão.

— Nerthus me disse o que tinha que fazer e pensei que era o melhor, do contrário nunca teria permitido que me aproximasse de você nem que bebesse de seu sangue. Estava tão seguro de que o corromperam e sujaram que não deixava que ninguém se aproximasse. Mas eu não sou ninguém, Carrick — destacou ela. — Sou sua companheira.

— Sei.

— E não tínhamos tempo para nos conhecer, nem para ir pouco a pouco. Era ou agora ou nunca, e assim tive que agir. Lamento tê-lo ferido.

Ele pensou nisso e admitiu a grande verdade que significavam suas palavras.

— Ferido? — negou com a cabeça. — Aiko, não me feriu. Mentir não é certo, mas o que você me deu, a oportunidade que me brindou, nada tem a ver com a dor, e sim com a ressurreição.

Carrick entrelaçou os dedos das mãos com ela e decidiu que era momento de ser valente. Seus pais se sentiriam orgulhosos; sua irmã iria querer sua felicidade... E ele se sentiria orgulhoso e, acima de tudo, Aiko saberia que tinha um guerreiro decidido e valente em seu clã; e a opinião dessa garota de olhos puxados era a que mais pesava entre todas.

— Carrick — disse Aiko ficando nas pontas dos pés e juntando testa com testa. — Quero sair daqui com um selo que me una a você. Quero saber que, se morrer, veja-se o *comharradh* com a pedra marrom no centro, para que todos saibam que pertenci a um guerreiro de olhos marrons e coração de ouro. Quero te dar o dom por completo.

Ele se emocionou e não soube lhe responder, pois o nó que obstruía sua garganta estava a ponto de sufocá-lo de exultação.

— E eu quero dar isso a você, preciosa.

— É bom que os dois queiramos o mesmo — assentiu com o rosto envolto em luz e amor. — Pode fazer amor comigo antes de partirmos?

— Você pode fazer isso comigo? — ele perguntou, completamente rendido à sinceridade e o tato da jovem samurai.

Ela o abraçou com todas as suas forças ficando nas pontas dos pés, e enquanto o beijava com ardor, dispostos a se amar e alimentar um ao outro, murmurou sobre seus lábios.

— Amemos um ao outro, Bardo.

Adam e Ruth choravam abraçados, separando-se dos outros. Tinham a decisão mais importante a tomar em suas vidas.

Todos os vanírios com filhos pequenos tinham decidido não viajar e ficar ali com eles, para protegê-los e morrer juntos tal como tinham vivido.

Ninguém ignorava o fato de que ficar ali era não sobreviver. De fato, o fim do mundo não assegurava nenhuma vida, e uns morreriam antes ou depois.

Com esse dogma bem sabido, o *Noaiti* e a Caçadora tinham Liam e Nora, os dois pequenos berserkers, a bússola e a leitora astral, de pé na frente deles fazendo bico, mas não menos que os dois adultos.

— Ei... — Adam se agachou e os puxou para abraçá-los com força. O amor que o incrível guerreiro sentia por seus sobrinhos era devastador. O moreno Liam afundou sua cabecinha contra seu ombro, e a loiríssima Nora tomou a mão de Ruth enquanto abraçava Adam. — O que faço com vocês? — murmurou triste.

— Não nos deixem aqui — disse Nora sem ocultar sua tristeza.

— Me leve contigo, tio — pediu Liam triste. — Sei lutar! Posso te ajudar!

Adam sorriu com tristeza à súplica dos pequenos, como fez Ruth que não podia conter as lágrimas. Aquilo era muito difícil.

Jogou uma olhada a Ione e Inis, e a Iain e a Shenna, que corriam com seus filhos para entrar no bunker subterrâneo que Adam construiu para momentos como esse. Todos sabiam que para emergências era um refúgio seguro, mas não para o fim do mundo. As gretas engoliriam o quarto do pânico e o afundariam na lava da profundidade da terra; os purs rebuscariam nela, inclusive os lobachos e vampiros, no final encontrariam o modo de fazê-los sair e aniquilá-los.

Mas as famílias preferiam morrer juntas antes de lutar uns pelos outros separados.

Os vanírios desapareciam enquanto se despediam de sua grávida amiga Daanna e do curador Menw. Era um adeus para sempre, e as lágrimas não se fizeram esperar.

Milênios juntos era muito tempo.

As sacerdotisas impeliavam Lorena, Emejota, Ana e Lourdes a que também seguissem às famílias de vanírios e se resguardassem todo o tempo que pudessem.

Se havia humanas que mereciam aquela proteção, essas eram as quatro incansáveis que cuidaram do RAGNARÖK e dos fóruns, localizando os guerreiros, envolvendo-se, pondo-os em contato com todos. As pessoas sempre exigiam fazer parte de algo sem dar nada em troca. Mas elas... elas deram tudo e por isso eram consideradas parte dos clãs, e livres de considerá-lo como quisessem: vanírias, berserkers, valquírias, sacerdotisas... ou humanas.

Quando as humanas entraram, as três sacerdotisas olharam por sua vez a Ruth, e se dirigiram caminhando com passo lento até os quatro.

— Nós não podemos acompanhá-los desta vez — disse Tea. — Estorvaríamos e seríamos uma carga, assim decidimos ficar aqui e trabalhar com nossa magia até que as forças nos encontrem — explicou com aquele rosto enrugado cheio de paz e calma. Seu cabelo branco e comprido, como o de suas irmãs sacerdotisas, continuava brilhante e impoluto. Forte, tal como elas eram. — Se deixarem Liam e a Nora aqui, prometemos cuidar deles como sempre fizemos. Terão que nos matar antes que possam tocá-los.

— Sei — declarou Ruth com um sussurro. — Como queria que pudessem vir — gemeu correndo para abraçar Tea. As três anciãs eram lentas e tinham sido muito exigentes com ela, mas as avós sempre quiseram o melhor para sua formação.

— Oh, pequena selvagem — murmurou Tea devolvendo o abraço. — Será nossa *piuthar* seja onde estiver.

— E vocês as minhas — chorou.

— Mas têm que decidir o que fazer com os gêmeos. Vamos entrar e selar a porta do bunker — disse acariciando seu cabelo —, e uma vez que o façamos, já não se poderá abrir.

Ruth olhou para Adam que chorava em silêncio, pensativo, avaliando qual era o melhor destino para eles.

Se Sonja estivesse ali, que conselho lhe daria? Sua irmã sempre quis que fizessem tudo juntos. Contava com ele em cada uma das decisões que tomavam e

em cada uma das aventuras que empreendiam. O que ela iria querer para seus filhos? E para ele?

Então pensou em As e Maria, que tinham partido para sempre, e em seu melhor amigo e irmão, Noah, que era Balder e estava desaparecido.

Odiava não tê-los e odiava lutar sem Noah ao seu lado.

As famílias morriam juntas em vez de viver separados uns dos outros, não era esse o lema de sua família?

E viu claro.

— Ruth — olhou sua mulher enquanto se levantava com os gêmeos nos braços. Não precisava que lhe dissesse mais nada, porque eles se entendiam sem palavras. Seus olhos negros se comunicaram com os felinos olhos âmbar da Caçadora e tudo ficou claro.

Ruth assentiu de acordo com sua decisão, deu um passo e se fundiu com eles, em um abraço familiar e único.

— Vêm conosco — foi a única coisa que Adam disse. Porque não suportava a ideia de que os gêmeos morressem em um bunker sem poder abraçar a eles. Eram deles, seus meninos, porra. Se tinham que morrer, morreriam juntos. Mas lutariam, não esperariam a morte.

— Amo você, Adam — disse Ruth, beijando as cabecinhas de Liam e Nora. — Vou preparar os cachecóis.

As três sacerdotisas não puderam pôr nenhuma dificuldade à sua decisão, embora se despedissem carinhosamente dos quatro.

As anciãs desceram as escadas que davam ao bunker. Seriam as últimas a descer e as encarregadas de selar o local subterrâneo.

Mas antes de desaparecer, Tea deu uma última olhada ao RAGNARÖK, aos escudos de vanírios e berserkers que havia em cada uma das paredes; observou a sala, os andares superiores e os guerreiros que viajariam para tentar ajudar a Barda. E então pensou que tudo havia valido a pena.

Por que o tear que decidia o desenlace, as nornas costuravam, Nerthus mandava e o resto... Ao resto só restava obedecer aos designios do Destino, fossem quais fossem.

Porque para o melhor ou o pior, tudo estava escrito.

Daanna e Menw esperavam na saída, preparados para tomar o elevador de vidro que funcionava com uma bateria suplementar que Adam guardava no quarto de provisões. O Ragnarök estava preparado para todo tipo de caos de energia. Embora quando acabassem as baterias, quando se esgotassem, já não teriam nada com o que subsistir.

Abandonariam a Inglaterra para lutar pela última oportunidade que ficava para sobreviver.

Com Aileen e Caleb desaparecidos, eles eram os líderes mais natos do Conselho, junto a Beatha e Gwyn.

Compreendiam a decisão de seus companheiros. Entretanto, Menw, que abraçava Daanna pelas costas e cobria o ventre onde repousava seu filho, pensava que a mais valente de todas era sua mulher.

Ela estava grávida. Seu filho fazia parte de uma profecia em que o apontavam como “alguém determinante no dia da porta”, e a Escolhida, em vez de comportar-se como uma mulher conservadora, tinha decidido olhar adiante e sair pra lutar.

E era tão admirável... Por esse motivo, não pôde fazer outra coisa que beijá-la na bochecha e olhá-la com adoração. Por isso era sua pantera.

Mas Daanna não era a única valente. Beatha também tinha decidido que Lisbeth e Nayoba viriam com eles, porque preferiam tê-las a seu lado que mantê-las afastadas sabendo que cedo ou tarde alguém poderia arrebatá-las sua vida, e nem ela nem Gwyn podiam fazer nada por impedi-lo. E aquela era a pior cruz para os pais. Saber que seus filhos foram assassinados sem terem sido defendidos por eles.

Ruth e Adam colocaram umas cangas em estilo canguru nas costas. Um levava Nora e o outro carregava Liam. Eles tinham tomado a mesma decisão que Gwyn e Beatha com seus filhos.

Nem os abandonavam, nem se escondiam. Iam a Inglaterra com eles.

Os poucos vanírios que também fariam a travessia já estavam preparados, vestidos para a guerra: Gwyn e Beatha completamente vestidos de negro, com roupas elásticas e justas como dois seguidores de um grupo gótico. De fato,

Daanna e Menw se vestiam de forma parecida. Ela com uma *katana* às costas, presente de Kenshin Miyamoto. Menw com seu cabelo loiro solto, preso com sua inseparável e fina fita negra que fazia a função de diadema. Sem armas às costas, só sua adaga *keltoi* presa com um pequeno cinto amarrado à perna.

Ruth vestia uma túnica vermelha com capuz, e debaixo uma *legging* com botas e uma camiseta justa de manga longa de cor preta. Levava o *Sylfingir* pendurado às costas e a Nora agarrada pela mão.

Adam era um berserker, e como tal vestia suas roupas de capoeira, preparadas para suportar o momento de sua transformação.

E a vestimenta de outros vanírios era exatamente a de um grupo de militares: com roupa preta, botas, calças e jaquetas, tudo no estilo de tropa.

Os únicos que desafinavam um pouco eram Carrick e Aiko com essas roupas justas, parcialmente cobertas de hera, feitas de um material parecido a couro, mas tão elástico quanto o nylon. Realmente pareciam seres feéricos dos bosques.

Mammaidh.

Daanna e Menw prestaram atenção a Aodhan, que tinha despertado levemente de seu descanso. Ambos dirigiram mútuos olhares a seu ventre volumoso.

Fale, Aodhan.

Ele se aproxima.

— Quem se aproxima? — perguntou Menw preparado para lutar, cravando o olhar no elevador de vidro. Este ficou em funcionamento e subiu ao andar de cima.

Estava claro que, seja quem fosse, sabia o código secreto da entrada que teria que introduzir nos botões do telefone.

Ele, allaidh. Não vem nos machucar.

Menw cobriu Daanna com seu corpo, disposto a avisar com um grito a todos os guerreiros se por acaso tivessem que atacar.

Quando o elevador desceu de novo, o homem que estava na cabine de vidro fez com que o coração desse um tombo.

Menw piscou como se estivesse sonhando.

Os olhos lilás do guerreiro olharam à frente e se detiveram na imagem do Curador. Pouco a pouco desenhou um sorriso nos lábios, um gesto que indicava que o reconhecia e que seria incapaz de esquecer seu rosto, embora passassem quase vinte anos mais de prisão sem se ver.

O Curador nunca esqueceria o momento em que as portas de vidro se abriram e esse guerreiro, vestido com jeans, botas pretas com pequenas lâminas afiadas de aço na ponta e preparadas para pisar em cabeças e cortar gargantas, um pulôver negro muito justo de tecido parecido ao Gore-Tex, e um sobretudo de couro cinza escuro, saiu da cabine e se dirigiu a ele. Seu cabelo negro e longo, cortado na altura da orelha, estava úmido, como sua roupa. Sinal de que começava a chover com força ali em cima.

— Que me caia um raio agora mesmo... — sussurrou Menw, dando um passo e mais outro até deter o indivíduo. Ambos se fundiram em um longo abraço. — Thor?

— Como está, *brathair*? — perguntou o que ainda continuava sendo o líder do clã *keltoi*. — Chego às portas do fim do mundo, não é?

— Como assim, como eu estou? Porra, Daanna me explicou tudo, mas precisava vê-lo com meus próprios olhos para acreditar. Como está você? Nós acreditávamos que você estava morto.

— Continuo vivo — respondeu de forma simples, estudando aquela moderna caverna escondida. — Escolhida — saudou a Daanna e lhe fez uma reverência. — Está tão linda como sempre. Mas a vejo muito mais forte. Menw a trata bem?

— Maravilhosamente — respondeu Daanna. — Deuses, Thor, venha aqui!

Daanna McKenna, que estava sensível e cheia de hormônios, e também nervosa pelo que poderia acontecer a partir desse momento em diante, sorriu para Thor e o abraçou lhe dando uma cálida boas-vindas. Seu líder não tinha morrido. Estava de volta.

— Depois de tanta morte, é agradável ver que um de nós retorna dentre os caídos, Thor — ela assegurou.

— Não teria obtido sem a ajuda de seu filho Aodhan. Tem um verdadeiro e poderoso guerreiro aí dentro, *velge*.

— Sou consciente disso.

Menw, que ainda tentava se recuperar do impacto de voltar a vê-lo, estudou sua expressão, sua postura, e se deu conta de que estava muito mais magro e definido que antes, embora seu rosto tivesse um olhar lilás mais obscuro e mortífero que nunca.

— Como chegou até aqui?

O frio olhar de Thor se concentrou em Menw.

— Fiz o que seu filho me pediu. Saí de Shipka, rastreei as mentes das pessoas que se localizavam entre Gabrovo e Kazanlak, até que sondando vizinhos, encontrei o lar do indivíduo que se registrou em seu fórum. Aparentemente não era nativo da Bulgária. Registrou-se no fórum de mitologia nórdica como Shipka75.

— Shipka75 — repetiu Daanna tentando lembrar-se. — Sim, esse é seu *nick*. Conheceu-o, Thor?

— Não. Quando cheguei ao andar do Kazanlak onde se hospedava, ali já não havia ninguém. Mas tinha informações da Newscientists e um monte de informação sobre vanírios e berserkers e demais... É um investigador de uns trinta anos de idade. Seu pai tinha trabalhado para a Newscientists. O cara, chamado Daniel Estiart, tinha investigado o caso de seu pai, Francesc, um importante biólogo da organização. Foi esse mesmo Francesc quem me tirou dos laboratórios de Oxford e me levou a Shipka em segredo para que me mantivessem com vida, pois os trabalhadores dali estavam sob suas ordens. Mas Mikhail e Samael estenderam os tentáculos até Shipka, e em vez de um lugar de recuperação, converteram-no em um campo de concentração. Agora tento seguir o rastro de Daniel, mas não consigo. Só sei que havia um nome que se repetia em seus informe: Urbasa.

Daanna e Menw ouviram a história do doutor Francesc. Por acaso Caleb não tinha falado disso? O doutor Francesc foi o indivíduo que planejou a coisa do braço de Thor em Oxford Street, o qual era, além disso, o médico pessoal de Aileen. Depois disso, Samael e Mikhail o mataram e Aileen teve Victor como doutor. Mas o chamariz que deixou serviu para que Caleb encontrasse Aileen e desvendasse toda a verdade.

— Urbasa?

— Sim — confirmou ele. — É um bosque ao norte da Espanha. E para ali me dirijo.

— Como que para ali se dirige? Um momento, Thor... Não veio ficar e nos ajudar? — perguntou Daanna, completamente perdida. — Nem sequer sabe em que situação estamos.

Ele moveu a cabeça como um robô, como se o surpreendesse que seus amigos lhe pedissem ajuda.

— Sim, sei, Escolhida. Leio a mentes de todos, sejam da raça que for — explicou sem inflexões. — Eu os escuto a todas as horas. A todos. Desde que sobrevoei a destruída Londres, escutei o medo do Iain e Sheenna de morrer definitivamente; o pavor de Inis e Ione a perecer sem serem autênticos companheiros de vida; ouvi as rezas das três sacerdotisas que os ajudam para que todos os seres que se ocultam nesse bunker possam chegar a contar, e se não, se morrerem, que seja sem dor. Escutei a você, Menw — disse olhando-o na cara —, rezando para que Cahal estivesse bem onde for que se encontre, junto a essa cientista que chamam Miz e que abriu um portal dimensional. Sei por você, Daanna, que teme por Caleb e sua mulher, que chorou pela morte do líder As Landin e de Maria, e que daria sua vida para que Aodhan sobreviva e tenha a oportunidade de nascer. Entendo que vanírios e berserkers se aproximaram em atitudes, e isso me alegra — assentiu. — Também sei que junto a Caleb e ao Cahal se encontra o filho de Odin, Balder, e sua mulher Nanna que, aparentemente, era uma valquíria que desceu dos céus quando mataram Gabriel, o melhor amigo da Caçadora que logo se converteu no Engel de Odin... Continuo?

O dom de Thor podia ser uma maldição ou uma bênção. E neste caso, para o melhor ou o pior, poupava-os de muitas explicações.

— Nossa, está muito informado...

— O que não compreendo é o papel que joga a tal Aileen nisto. Por que todos a veem como se fosse minha filha? E por que dizem que Jade está morta?

Nem sequer Menw foi capaz de reagir depois de escutar essa confirmação tão ausente de sentimentos.

Daanna, por sua parte, abriu seus olhos verdes, ficando tão estática como as paredes que recobriam o RAGNARÖK. Thor MacAllister sempre adorou brincar. Mas esse Thor que tinha à sua frente, não tinha um só fiapo no corpo de

brincalhão. E mais, parecia um coveiro mortalmente sexy, mas dos que cavavam tumbas para suas próprias vítimas.

— O que diz, Thor?

O vanírio moreno fez uma careta de amargura e esfregou as têmporas, refletindo uma crescente ansiedade. Menw, que era curador, estudou seus gestos e sua conduta, e se deu conta de que acontecia uma forte choque nervoso. Os humanos o chamavam transtorno de ansiedade generalizada. Thor tinha as pupilas dilatadas em seus círculos lilás, a mandíbula tensa, o rosto sem expressão e a boca seca... Sinal de que precisava beber sangue e de que estava esgotado pela viagem desde a Bulgária.

— Não recordo de Aileen — disse com uma sinceridade esmagadora. — Não recordo lembro dela em meu passado. Vejo-a em suas lembranças e sei que tem certa semelhança com Jade. É uma garota bonita e dizem que é uma híbrida. Mas eu... Não sei... os tratamentos que utilizaram comigo eram muito agressivos, a eletricidade fritava meu cérebro e o tenho destruído. Não sou o mesmo — asseverou — que era antes que Samael e Mikhail preparassem a armadilha para Jade e para mim e nos sequestrassem. Recolhi meus pedaços e os uni como pude. Mas nem pareço o que era antes.

— Mas, Thor — interrompeu-o Menw —, nesse sequestro também estava sua filha Aileen, que então era uma criança, não recorda disso?

— Não. Só vejo Jade. Não vejo a menina.

— Jade deixou um diário onde contava tudo — anunciou Daanna, tentando animá-lo.

— Jade deixou um diário...

— Sim. *O livro de Jade* — certificou Daanna. — Isso pode te servir para que comece a recordar...

— Onde está esse livro?

— Aileen o guarda em sua casa de Covent Garden. Recorda da sua casa? Ali vivia junto a Caleb...

Thor apertou a ponte do nariz e pediu que guardassem silêncio. A informação sobre sua suposta filha lhe chegava à galope e não podia detê-la. Viu Aileen sequestrada por Caleb, viu-a diante do Conselho Wicca, como Caleb a levava para convertê-la em sua puta e como depois mudou tudo, e Aileen se

erigiu como a princesa híbrida do clã berserker, Maru do Conselho Wicca junto a Caleb.

E ele não sentia nada diante dessas imagens. Os do Newscientists ferraram bem sua base. E entretanto, jamais, puderam apagar a lembrança de Jade.

— Custa-me manter a concentração: as vozes me deixam louco e só se acalmam com o sangue de Jade. Ela era meu remédio. Quero encontrá-la.

— Oh, meu Deus ... — Daanna levou as mãos à boca carnuda, emocionada e triste por seu amigo.

— Não se preocupe, Escolhida — tranquilizou-a Thor —, vi em sua cabeça um vídeo onde Jade era assassinada por meu irmão Samael. Mas assim como digo a vocês que para mim é uma novidade saber que tenho uma filha, assegurem-lhes que minha *cáraid* não está morta. Na realidade, vim até aqui em busca de uma consulta com você, Menw.

— O que precisar.

— Aodhan me falou disso. Sei que criou uns comprimidos que acalmam a ansiedade da sede vaníria e seria capaz de beber agora mesmo um deserto inteiro de sangue — olhou para Daanna de soslaio esperando que ela desse um sobressalto de angústia, mas a *velge* não o fez. — Me ajude e me dê um frasco desses até que possa encontrar a minha mulher.

— Mas, Thor... Jade está morta...

— Sim, claro. E também encontraram meu braço em Oxford Street — aplacou ele. — E talvez esteja louco, mas ainda tenho os dois braços.

— Então não vem aqui nos ajudar?

Thor arqueou suas sobrancelhas negras e negou com a cabeça.

— Você vai lutar junto à sua mulher, não é verdade? O *Noaiti* vai lutar junto à sua Caçadora. Gwyn e Beatha brigarão juntos com seus filhos. Caleb e minha suposta filha estão juntos em um navio, junto ao druida e à cientista, e a Balder e Nanna... Todos lutam com as pessoas que amam ao lado, com seus companheiros de vida. Eu não vou enfrentar a batalha final sem minha esposa ao lado. Ela é quem deu sentido à minha vida e quem me manteve vivo em Shipka. Jade não morreu. Ainda não sei onde está, mas quando minha mente recuperar a calma com essas cápsulas que criou, Menw, espero poder seguir seu rastro e recordar suas vibrações mentais. Eu a encontrarei.

— Por que está tão convencido de que continua viva, Thor? — Daanna abraçou o ventre.

— Porque continuo vivo — sentenciou. — Jade e eu fizemos uma promessa. Morreríamos juntos. E como veem, eu continuo vivo. E ela também, porque jamais quebrou sua palavra.

Instantes depois, Thor tinha recebido um dos frascos de Menw, e tão logo o deu, abriu-o e tomou duas cápsulas de repente.

— Lembro que disse que Jade tinha um aroma parecido ao da romã — objetou Menw. — Os comprimidos devem provocar um reflexo em seu olfato e em seu paladar. Como o sabor que nos deixa ao beber o sangue de nossa companheira em nossa boca. Estas são as mais conseguidas. Têm essência dessa fruta.

Os olhos lilás de Thor refulgiram como se lhe tivessem dado um chute de adrenalina.

— Demorará cinco minutos a fazer efeito. Saboreie-as.

Mas a ansiedade consumiu Thor e assim que percebeu esse sabor tão especial, que não havia igual, mastigou-o faminto.

— Vai a Covent Garden? — perguntou Menw, passando por cima seu desespero.

— Sim. Agora mesmo. E vocês deveriam sair já daqui. Uma espetacular rachadura do tamanho da largura de Londres avança do norte. Em pouco tempo arrasará todo o país.

— Vamos agora mesmo — sentenciou Daanna, indo procurar Carrick e Aiko.

— Os que estão lá embaixo — assinalou Thor com o polegar —, não vão sobreviver, sabe disso, não?

Menw assentiu deprimido. Todos sabiam. Mas no fim, os guerreiros eram livres de morrer como quisessem. E eles deviam respeitar.

— Sei — mudou de assunto, em decorrência do próprio fato. — O filho de Gwyn e Beatha, junto com sua companheira, precisam chegar o quanto antes a Gales, a Teixo Llangernyw, para proteger ao elfo da luz e recuperar o objeto de mãos do *Svart*. Thor, continua tendo o dom da velocidade?

— Saí de Shipka faz quatro horas — com essa resposta ele disse tudo.

— Então... se importaria de se desviar de seu objetivo de Covent Garden e ajudá-los a chegar antes? Deles dependem muitas coisas...

— Os deuses deixaram a responsabilidade a quem acreditaram conveniente.

— Todos temos cumprido com nossa função — replicou Menw. — E o fato de que você esteja aqui agora, implica que pode pôr seu grão de areia. As torturas voltam a pessoas egoístas e pouco empáticas — Menw sabia como se sentia. — Sei que você agora só pensa em Jade e em seu bem-estar... Mas os comprimidos o ajudarão a pôr sua mente em ordem. Não sei quanto resta do Thor líder do clã e amigo de seus amigos que eu conhecia, e talvez não tenha o direito de te pedir isso, mas vou fazer: ajude-nos, Thor. Leve Carrick e Aiko ante o teixo Llangernyw.

XXVI

Gales

Llangernyw

Steven sobrevoava Gales à velocidade que lhes dava montar o Pégaso Angélico. Atrás dele, Daimhin o abraçava fortemente e apreciava momentaneamente não ser nem perseguidos nem espreitados, já que Angélico corria muito rápido para ser detectado por olhos humanos ou não humanos.

A Barda cheirava o pescoço de Steven e meditava sobre o que tinha ou não que fazer, e sobre as palavras que trocou com Raoulz antes de subir no lombo do cavalo mágico.

Enquanto Gúnnr convocava a tormenta com sua incrível força elétrica, e todos se formavam e colocavam para viajar através das nuvens com as valquírias, Bryn e eles dois estavam preparados para montar sobre Angélico.

A Generala beijou o cavalo branco no focinho e sussurrou:

— Cuide muito deles, tal como faria comigo, e leve-os até onde te pedirem.

Angélico relinchou e deu um coice com força no chão com sua pata dianteira.

Bryn e Ardan ficaram na frente deles. O enorme dalriadano dirigiu umas sentidas palavras a Steven, que provocaram que o berserker se emocionasse.

— Não importa que seja jovem, Steven. Nem importa se está preparado ou não. Só importa o esforço e a vontade que tiver de conseguir seu propósito. Só importa a ambição e a vontade que verta em cada coisa que faça. Sei que sempre acreditou que Scarlett, seu pai ou inclusive eu, éramos espelhos nos quais mirar. Mas embora a experiência é uma qualidade, asseguro que fomos líderes com erros sobre nossos ombros porque ninguém é perfeito. Mas o que diferencia um líder bom daquele que não é, é reconhecer os equívocos e resolvê-los. Steven, você sempre fez isso e recuou quando não se comportou da melhor forma — pôs uma mão sobre seu ombro. — Chega o momento de não recuar e de ir direto a seu objetivo. Vá à porra do Teixo, aguarde o Svart, e quando for o momento, afastem isso. Cumpram sua missão. — abraçou-o sinceramente e com muita emotividade.

Steven assentiu e engoliu em seco, compungido. Apreciava Ardan e sabia o quanto ele o apreciava. Desejava que nem Bryn, nem Johnson nem ele... que não lhes acontecesse nada de ruim.

Mas desejar aquilo não faria com que se cumprisse porque o fim do mundo já tinha começado, e na guerra ninguém tinha compaixão. Ninguém levantaria uma bandeira branca e faria retornar os soldados cabisbaixos a seus respectivos países. No Ragnarök, retornava sem cabeça e direto ao Reino de Hela.

Bryn abraçou Daimhin e pediu que fosse valente e forte, que não duvidasse nem de Steven nem dela mesma. A Barda sabia que as valquírias escutavam tudo e que conheciam de primeira mão (da mão que podia lhes dar um ouvido muito fino) todas suas dificuldades. Mas seguiria seus conselhos.

Depois veio o pequeno Johnson correndo para apoiar Steven e despedir-se dele.

— Amo você, companheiro — disse Steven chocando seu punho com o dele.
— Não feche nunca os olhinhos, hein? Mantenha-se acordado e vivo.

— Você também, Steven — suplicou Johnson chorando.

Esse menino sempre teria uma parte de seu coração.

A tormenta se encontrava no ponto mais gélido, as fortes precipitações caíam sobre Wester Ross. O céu se enchia de vampiros que se aproximavam pelo leste dispostos a detê-los e matá-los. E na terra, novos purs e etones emergiam das costas das ilhas com uma ideia em mente: acabar com qualquer rastro de vida que ficasse de pé naquela parte do Midgard.

— Vamos! — ordenou Steven subindo no lombo do cavalo, oferecendo a mão a Daimhin para levantar voo.

Mas então Raoulz, todo cabisbaixo, aproximou-se dela antes que aceitasse a mão de Steven.

O *huldre* moreno tinha a aparência de alguém que sabia que tinha cometido um erro e que possivelmente o cometeria outras vezes, a não ser que alguém como Daimhin o parasse e salvasse. Atrás dele pairava a imagem de Brunnylda, olhando-o de soslaio, controlando a situação.

— Barda.

— Sim, Raoulz? — Daimhin o olhou diretamente nos olhos, mas ele procurava algo nas partes de seu corpo descobertas.

— Só quero que saiba que ainda pode tomar a decisão correta. Em meu reino ainda há um trono vazio. E deve ser para você.

Daimhin procurou Brunnylda. Mas a jovem já tinha se virado e estava falando com suas duas irmãs de braços cruzados e visivelmente zangada.

— Agora não vou pensar em tronos, Raoulz — sorriu com tristeza. — Tenho outras coisas melhores a fazer.

As palavras afetaram o elfo, mas se recuperou e olhou adiante.

— Ainda não tem o selo dos deuses em sua pele. Não está vinculada ao berserker.

— É verdade. Não estou — ela confirmou.

— Então ainda está em tempo...

— E Brunnylda?

O *huldre* jogou o olhar para trás e se concentrou na Agonia.

— Ela não pode sentar-se em meu trono, Barda. Romperia o equilíbrio do reino *huldre*.

Daimhin sentiu a dor da mulher quando escutou as palavras de Raoulz.

Certo... então as Agonias também têm coração, pensou Daimhin.

— O que tento te dizer, Daimhin, é que você e eu somos um binômio criado para a magia. Nosso mundo juntos será único e excepcional.

— E o que eu tento te dizer — Steven interveio mal-humorado, usando um tom cortante como uma navalha —, é que se não desaparecer agora mesmo, vou comer a porra do seu coração.

Daimhin ficou estupefata ante a reação visceral e cheia de testosterona do berserker. Por um lado gostou muito, mas por outro não pareceu certo que ele falasse assim com Raoulz.

— Vamos sair daqui, sádica — ordenou Steven com o queixo a ponto de se partir pela força que estava fazendo. — Estão muito perto. — Sobre a colina mais alta do lago Maree podia ver as pequenas ilhas que os rodeavam e como os purs e etones ganhavam terreno.

Daimhin se desculpou com Raoulz, mas antes que a jovem se fosse com um homem que não era ele, Raoulz lhe disse:

— O elfo de *Llangernyw* se chama Agelystor. Chamem por seu nome e ele sairá em sua busca.

Daimhin deu um beijo fugaz na bochecha de Raoulz e sussurrou:

— Obrigada por tudo, Raoulz.

De um salto, subiu sobre o lombo do Pégaso. Este abriu as asas e os dois guerreiros olharam seus amigos elevando a mão em sinal de despedida.

Os *huldres* se transformaram em vento absorvendo a energia do elemento, deixando que os balançassem como folhas caídas e rodeando as três Agonias para que voassem com eles.

As valquírias se colocaram de tal maneira que todos os guerreiros restantes se mantiveram em contato uns com os outros, e vários se apoiando para que nenhum fosse eletrocutado por não estar em contato com elas.

As três abriram os braços em cruz e deixaram que por grupos se dividissem e se agarrassem a elas, ao longo de seus membros.

— Não os soltem! — gritou Róta com Miya preso às suas costas, tal como faziam Gaby e Ardan com suas valquírias.

E de repente Gúnnr gritou:

— Asynjur! — com todas as forças de suas cordas vocais.

Um raio incrível os alcançou e Daimhin já não voltou a vê-las.

Só os deuses sabiam que se eles se encontrassem de novo, como e onde o fariam.

Desde então Steven não tinha cruzado nenhuma palavra com ela e parecia que estava tentando controlar sua mente de todo tipo de pensamentos que revelassem como se sentia, como se não quisesse que ela o visse.

A vaníria aceitou porque ele não tinha direito a reprovar nada, e ela, depois de tudo, tampouco. Já disseram o que tinham a se dizer. Agora só precisavam cumprir com sua missão.

— Daimhin — disse Steven.

— O que?

— Olhe — apontou abaixo.

Justo a seus pés, um teixo enorme ainda se mantinha de pé guardado por uma igreja branca e um cemitério, ao redor de uma terra que pouco a pouco se afundava pelas sacudidas das placas. Ou talvez o guarda desse lugar fosse o próprio teixo.

E perto do teixo, a uns duzentos metros dele, um incrível buraco negro começava a absorver a natureza a seu redor. Sinal de que os *Svart* estavam a ponto de sair dessa dimensão e encontrar a mágica árvore.

As expectativas eram tão infelizes como a maldita noite fechada que caía sobre o Midgard.

Thor carregava com Carrick e Aiko e voava com eles cruzando céus ingleses até chegar a território gaélico.

O vanírio sério tinha um dom impressionante. Sua velocidade era espetacular.

Mas não menos espetacular era o dom de Carrick.

— Fez um trabalho incrível — disse Thor a Carrick. — Felicito-o.

— Muito obrigado, Thor.

Thor tinha ficado maravilhado ao comprovar como Carrick, assim que saiu do elevador do Ragnarök e de tocar a superfície do Jubilee Park, mandou a todos que alcançassem as nuvens e ficassem ali muito quietos. Daanna e Menw carregaram Ruth, Adam e as crianças.

Carrick, de um modo sublime, reuniu-se com eles sem soltar a mão de sua companheira, e então fechou os olhos.

— Todos vocês são nuvem. Uma nuvem negra e escura como as que sulcam os céus e ameaçam tempestade.

De repente, a todos os guerreiros rodeou um tecido transparente e ilusionista que criava uma nuvem perfeita e real.

— Os jotuns não poderão vê-los. Meu dom — explicou Carrick — é criar cenários imaginários, ilusões. Vocês poderão ver o tecido transparente que cria a ilusão e verão passar ao lado os vampiros que tentem atacá-los. Mas eles não poderão vê-los. Só veem o que eu quero que vejam.

Daria o que fosse para voltar a ver a expressão orgulhosa de Gwyn e Beatha para seu filho. Ele também gostaria de sentir-se orgulhoso de sua filha, se recordasse dela. Mas sua cabeça se negava a isso. Tinham aniquilado suas lembranças sistematicamente.

A Caçadora, que acabava sendo a melhor amiga de Aileen, tinha lhe assegurado que se parecia com ele. Tinha seus mesmos olhos e a mesma atitude guerreira dele.

— Se não recordar dela — disse Ruth —, olhe em minha cabeça e a verá desde pequena... Ela e eu crescemos juntas, e te asseguro Thor, que é a melhor pessoa que jamais conheci. É como minha irmã. Deveria estar orgulhoso dela.

E sim. Certamente deveria estar. Mas como conseguir isso se não sentia nada por essa desconhecida?

E se encontrasse Jade e bebesse de seu sangue, todas as lembranças voltariam?

O que ficava por fazer nesse instante era deixar o casal em *Llangernyw*. Uma vez que cumprisse sua missão, ele se dirigiria a Covent Garden.

Precisava encontrar *O livro de Jade*.

Steven e Daimhin saltaram do Pégaso e caíram de quatro perto do teixo, tentando recuperar a posição e adiantar-se aos elfos da escuridão.

Justo nesse preciso momento, um grupo do *Svarts* saía do buraco negro. Seus olhos brancos e tenebrosos localizaram imediatamente Daimhin e Steven, que para sua estupefação, tinham chegado a seu destino instantes antes deles.

A terra a seu redor caía; o cerco abismal sobre o teixo se fazia cada vez menor, as gretas o envolviam e o calor emergente do fundo da terra subia à superfície em forma de gás e fogo.

Si-Rak sorriu. Saíram do portal escuro e correram para perseguir o casal, lançando suas serpentes douradas contra eles.

O berserker olhou para trás e incitou Daimhin para que alcançasse o teixo antes dele.

— Chegue antes e encontre Agelystor! — ele ordenou, detendo-se e tirando seu *oks* retrátil de suas costas. — Depressa, maldição! — gritou enfurecido, transformando-se diante dela.

— E você?! — ela disse agarrando-o pelo braço. — Venha comigo!

— O *Svart* tem seu objeto, Daimhin! — A igreja de São Dygain foi engolida pela terra. Havia custado meses construí-la, e em um uns segundos a destruíram. — Vou entretê-los e tentar recuperá-lo! Vá ao teixo, Barda!

— Mas Steven — Daimhin via os elfos mais perto e se assustou. Steven não poderia contra eles. Eles o matariam. Pensar em Steven morto a deixou destrocada...

— Daimhin, faça a porra do seu trabalho! — disse com os olhos mais amarelos que nunca e os incisivos expostos em sua boca. — Se eu morrer, me procure! E me leia... — agarrou uma de suas mãos e a colocou em seu coração. — Me reviva, recorda? — Agarrou Daimhin pela nuca, olhou-a com desespero e pressionou um beijo curto e apaixonado. — Vá! — Empurrou-a para que se movesse.

Segundos depois, Steven correu para os *Svarts*. Daria a vida por recuperar o objeto de Daimhin e para que ela ganhasse tempo para encontrar o Agelystor e protegê-lo.

Daimhin se virou e voou para o teixo. Plantou-se ante o robusto e incrível tronco; viu suas raízes antigas e admirou seus enormes galhos, que formavam uma cúpula natural, verde e marrom. O teixo, símbolo dos celtas, da vida e da morte, opinaria o futuro de todos.

— Agelystor! Agelystor! — gritou Daimhin, chorando como uma Madalena. — Sou Daimhin! Filha de Gwyn!

O vento de tempestade balançou seu cabelo dourado e formou redemoinhos sobre sua cabeça. Os galhos dançaram de um lado a outro e se ouviu um rangido de madeira rompendo, como se as raízes se revolvessem no interior da terra, incômodas depois de tanta passividade.

— Filha de Gwyn? Gwyn, o casivelano? Gwyn, o Bardo? — respondeu uma voz marcada pela falta de uso.

— Sim! — Estava gritando com uma árvore.

A voz demorou um bom momento a responder, como se pensasse em deixá-la entrar ou não.

— É o momento. Pode entrar.

Daimhin piscou atordoada. Entrar por onde?

O teixo tinha uma abertura em seu tronco. As pessoas com imaginação diriam que simulava uma porta. Sem pensar muito, penetrou através da greta e se introduziu no teixo milenário mais antigo da Terra.

Steven elevou seu *oks* e golpeou as serpentes douradas com a lâmina de seu machado, livrando-se delas enquanto se lançava contra o líder *Svart* de cabelo branco, que segurava a capa de Raoulz nas mãos.

Mas dois *Svart* saíram na sua frente.

Steven se defendeu como pôde. Os elfos da escuridão eram rápidos, dominavam suas espadas afiadas parecidas com as arábicas, e atacavam com insultante precisão.

Um *Svart* o cortou com uma espada no ombro e ele respondeu dando uma volta sobre si mesmo, agachando-se e cortando a perna dele abaixo do joelho, pela raiz.

O outro *Svart* o atacou pelas costas e o atravessou com a espada pelo peito.

Steven caiu de joelhos pelo impacto. A espada acabava de alcançar seu coração.

Si-Rak se agachou para olhá-lo diretamente nos olhos e inclinou a cabeça para um lado.

— Não pode nos deter, cão — foi a única coisa que disse.

Depoi, levantou sua mão, fechou o punho e Steven ficou com os olhos virados.

Acabava, literalmente, de explodir seu coração.

Seu corpo sem vida desabou para frente e bateu com força no chão.

A terra se despedaçava ao redor da igreja.

Cedo ou tarde, Steven também cairia pelas gretas e desapareceria para sempre.

Thor soltou Carrick e Aiko como granadas sobre a igreja de San Dygain. Acabavam de chegar. O vanírio esperou que os guerreiros tocassem o chão.

Ele não podia ficar. Aquela batalha já não estava com ele nem com os seus. Sua batalha, sua flagelação e seu inferno estavam por dentro. Só venceria se voltasse a ver Jade com vida e se pudesse encontrá-la antes que o mundo se fosse literalmente à merda.

Por isso, com sua firme decisão, deu meia volta e se foi dali.

Os dois vanírios sabiam perfeitamente o que tinham que fazer... ele tinha mais do que falado e planejado desde que fizeram amor.

Aquele era seu destino e sua missão pessoal. Não iam dar as costas às suas obrigações.

O calor era infernal, os gases ardiam nos olhos.

— Aiko... O *Svart* está entrando no teixo. Vamos!

Carrick desviou o olhar e viu o corpo de Steven sobre a grama.

Um grupo de cinco *Svart* precediam seu chefe e o seguiam de perto, cobrindo suas costas. Por isso rodearam o cerco do teixo, vigiando que ninguém mais entrasse, como sentinelas.

Carrick olhou para Aiko e ela assentiu, sorrindo para ele com todo o amor que sentia por ele.

— Vá, japonesa. Faça o que sabe fazer. Siga *Svart* e roube a pedra.

— Você também — ela disse, tornando-se invisível aos olhos dos jotuns. — Deixe-os loucos.

O sangue de Aiko dava invisibilidade a ele também. Sua *cáraid* só lhe dera poder e felicidade, além de incríveis dons que pensava pôr em funcionamento nesse momento. E Carrick, embora estivesse na metade do dia do julgamento final, sentia-se feliz e exultante, cheio de felicidade e alegria.

Aquele era seu papel. Tudo o que sofreu, tudo o que passou, tinha uma razão de ser e uma recompensa: unir-se a Aiko e desenvolver seu dom.

Fechou os olhos e imaginou que um grupo de elfos da escuridão como os que protegiam o teixo, com suas mesmas roupas, o mesmo cabelo branco, a mesma pele escura com suas bordas tatuadas, colocavam-se na frente dos reais, com as respectivas espadas em suas mãos e os desafiavam para lutar contra eles.

Quando abriu os olhos e olhou à frente, essa mesma imagem era real. Tanto que os *Svartálfar* começaram a lutar com eles. Carrick controlava os movimentos de suas ilusões, e quanto mais os controlava, mais se aproximava do teixo e dos seus malignos guardiães.

Aproveitaria que eles estavam lutando contra entes que não existiam para atacá-los pelas costas e matá-los um a um.

Daimhin escorregou por um túnel interminável de musgo, lama e raízes verdes e úmidas, até cair em uma pequena e diminuta caverna.

Algo errado tinha acontecido no exterior, sentia-o no centro do peito e em sua irreprimível vontade de chorar. O desespero, a infelicidade, a tristeza, a falta de ar... Tudo a golpeou e começou a chorar ao perceber que Steven, seu Steven, já não se encontrava em sua cabeça. Já não o sentia como uma carícia inofensiva e nada invasiva. Ele sempre esteve ali de algum modo, sem violentá-la,

respeitando-a... E agora que sua presença tinha desaparecido, Daimhin se sentia mais só que nunca, e mais assustada do que quando esteve em Chapel Battery, porque a dor que torturava sua cabeça e seu estômago nada tinha a ver com a dor física sofrida.

Doía-lhe a alma e nem sequer era capaz de se levantar ou se mover. Abraçou-se e se encolheu como uma bola, chorando sem consolo.

— Daimhin... a Barda — disse a voz de Agelystor.

Ela sorveu as lágrimas pelo nariz e levantou o rosto pra frente.

Ali, sentado sobre um trono de raízes, troncos e palha dourada, com uma perna cruzada sobre a outra e olhando-a com curiosidade, achava-se um elfo da luz. Um visivelmente envelhecido. No rosto tinham crescido diminutas folhas de teixo, e essa palha que parecia rodear aquele trono natural de madeira era na realidade seu longo cabelo loiro, que nunca tinha deixado de crescer, até o ponto de rodear suas pernas magras e chegava até os joelhos, envolvendo-o como a um verme.

— O que me trouxe? — perguntou se apoiando nos braços da cadeira para inclinar-se para frente.

Daimhin tentou levantar-se, mas a tristeza pesava sobre seus ombros como uma laje. Tinha que superar. Tinha que fazê-lo. Steven voltaria. Ela o ajudaria a reviver. Agarraria seu corpo e o salvaria...

— Trouxe-me algo ou não?! — gritou Agelystor, avivando a vaníria de repente.

Daimhin limpou as lágrimas dos olhos e disse:

— Um *Svart* vem pra cá. Tem em seu poder o objeto que queria te trazer...

— Ele o tem? — Seus olhos eternos e escuros brilharam com inteligência.

— Um *Svartálfar*?

— Sim. Está lá em cima, Agelystor. Eu devo tentar te proteger — desembainhou a espada samurai.

— Você não vem pra nada, menina — disse Agelystor querendo levantar-se de seu trono. — Passei milênios aqui sentado, vendo tudo, escutando tudo, sabendo de todos — os ossos de seus joelhos rangeram com força. — Não pode fazer nada sem seu objeto. O primeiro é recuperá-lo.

— Mas como?

— Isso, Agelystor... Como?

Si-rak caiu com os pés pra frente e a elegância inata de sua raça através do túnel do Teixo. Quando se ergueu, retirou o cabelo branco do rosto.

O elfo da escuridão olhou a seu redor e sorriu pelo destino do elfo da luz.

— S-Rak — saudou-o Agelystor.

O elfo negro pôs-se a rir e ergueu o objeto envolto na capa do *huldre*.

— Teve que ser um autêntico suplício que Odin o mantivesse neste maldito reino durante tanto tempo.

— Prefiro esta árvore ao *Svartálfheim* — concedeu Agelystor.

Daimhin olhava de um para o outro. Conheciam-se? Elevou a *katana* e mostrou as presas ao elfo.

— Me dê minha pedra — ordenou indo até ele.

Si-Rak deixou a capa no chão, atrás dele. Era muito veloz e esquivava cada golpe de Daimhin. A guerreira tentou submetê-lo, mas se deu conta de que Si-rak não se cansava. Quando o elfo achou por bem, quando decidiu que era o momento e que já tinha brincado suficiente com ela, rodeou seu pescoço com uma de suas serpentes douradas. A cabeça do réptil metálico de profundos olhos vermelhos abriu a boca e mordeu a vaníria no pescoço, que se retorcia de dor no chão.

— Não acha que é muito triste chegar ao final do Mundo Médio com uns heróis tão dignos de pena e pouco capazes, Agelystor? — Caminhou para ele, disposto a obrigá-lo a tirar o feitiço da pedra e mostrar o verdadeiro objeto que escondia. — Faça, elfo. Faça o que tanto tempo esteve esperando, mas faça para mim.

— Me dê a pedra — pediu Agelystor.

Si-rak se surpreendeu que o velho *Alf* não mostrasse nenhuma resistência, mas supôs que era por sua avançada velhice. Dirigiu-se de novo à entrada, onde tinha deixado a capa. Mas já não havia nada ali.

O *Svartálfar* deu uma volta sobre si mesmo procurando o tesouro perdido e não o achou em nenhum lugar. Se a Barda continuava no chão suportando o veneno de sua serpente, e ali só estava Agelystor, quem diabos o tinha tirado?

— Os elfos da Escuridão têm o mesmo problema que os jotuns — anunciou Agelystor. — Acreditam-se superiores por ser os bispos de Loki. Mas não são.

Si-Rak o encarou, ameaçando-o com a ponta de sua espada, querendo arrancar sua cabeça.

— Não vou ter nenhum problema em matar você e a Barda. Se não houver Barda, não há...

A ponta de uma *katana* apareceu na altura do peito, atravessando sua carne e sua roupa.

Si-Rak franziu o cenho tentando tomar ar, sem compreender o que tinha acontecido e de onde saía essa arma.

Mas Agelystor sim, podia ver.

Era um rapaz loiro de cabelo raspado e olhos castanhos. De compleição parecida com a Barda. Era seu irmão. E em um canto da caverna, escondida com o objeto contra seu peito, encontrava-se uma vaníria japonesa de aspecto tímido, mas olhar negro e decidido.

— O dom da invisibilidade — sussurrou Agelystor começando a rir. Levantou a mão direita, abriu os dedos de suas mãos e olhou fixamente para Si-Rak, a quem acabava a vida. — Um prazer vê-lo de novo, *Svart* — fechou os dedos formando um punho e Si-Rak caiu para frente fulminado.

Morto.

— Rápido. Rápido — o ancião Agelystor, que quase parecia um fauno, caminhou capengante pelos corredores subterrâneos do interior daquele mágico teixo. — Deixem aqui — ordenou a Carrick e Aiko.

Carrick deixou o corpo sem vida de Steven sobre um leito de musgo e Aiko deixou a seu lado o de Daimhin, inconsciente.

O elfo se preocupou em cobrir a ferida deles que rodeava o pescoço branco como a neve da jovem com uma mistura de plantas que tinha recolhido em seu trajeto até a *hule*.

Porque estavam em um *hule*, uma caverna protegida por Nerthus e invisível para os jotuns.

— Nos encontrarão — anunciou o vanírio, visivelmente preocupado com sua irmã. A caverna era parecida com a dos *huldres*.

— Aqui só os *Svartálfar* podem nos encontrar. Aiko e você mataram os cinco suplentes que Loki enviou para encontrar a Barda e o objeto. Quando o Vigarista ver que vocês mataram a todos, enviará o seu exército completo. Quando chegarem, a primeira coisa que farão será destruir todas as *Hule* — explicou Agelystor. — E não teremos nada a fazer. Ninguém. Porque eles são milhares... E nós estamos muito sozinhos — lamentou. — Por isso devemos esperar que sua irmã obtenha o dom por completo e assim revelar o segredo que oculta a pedra. Para isso precisa do *comharradh* e ainda não o tem.

— Mas Steven está morto — observou Aiko. — Como pensam culminar seu... ato?

— Você também morreu — explicou Agelystor. — E ela te reviveu.

— Ela? — repetiram Carrick e Aiko ao mesmo tempo.

— Sim. É uma longa história — moveu a mão como se não desse muita importância. — Agora esperemos que abram os olhos e Daimhin decida que reino escolher. Enquanto isso, só posso mostrar a vocês como o Midgard vai sucumbindo.

Daimhin abriu os olhos visivelmente tonta e com uma dor de garganta atroz. Ainda sentia os olhos inchados das lágrimas derramadas. A lembrança de sentir-se morta por dentro e devastada pela profunda depressão de saber que Steven já não existia a deixavam totalmente indefesa.

Não obstante, estava estirada em um leito de musgo e margaridas e cheirava a laranjas... Laranjas! Como o berserker.

Daimhin se virou de repente e se encontrou com o corpo sem vida do Steven.

— Steven! — Começou a chorar, presa pelo nervosismo e a histeria. Tocou o peito dele, abraçou-o. O medo não permitia que pensasse com clareza. — Por favor... Não quero que morra. Por favor... Não pode me deixar sozinha! — A loira abriu o colete dele e as fivelas para ver a ferida do peito... Onde estava seu coração? Parecia que o explodiram. Como ia ressuscitar sem coração? De repente, sobre o chamativo buraco na carne, como se lhe tivessem dado um tiro, encontrou as palavras escritas que ela mesma tinha pintado no seu peito.

Reviva. Nada pode acabar com você.

— Sim, assim é... — Passou a ponta dos dedos pelas letras e repetiu. — Reviva, Steven. Nada pode acabar com você. Reviva, Steven. Nada pode acabar com você. Por favor... — suplicou, unindo suas testas. — Steven... Preciso que abra os olhos. Reviva. Nada pode acabar com você.

Sua ferida se fechou gradualmente, a seu ritmo, ante a incredulidade da vaníria, que mergulhada em sua desgraça, sentia a morte de Steven como definitiva, embora não fosse tal.

E então ele reviveu.

Steven abriu seus olhos, suas pupilas dilataram ao concentrar-se em Daimhin e tomou ar abruptamente pela boca, assustado de sua própria ressurreição.

— Por todos os deuses! — exclamou Daimhin começando a chorar. — Isto foi horrível! — Bateu no peito dele. — Horrível!

— Daimhin?

— O que?!

— Continuo vivo?

— Sim! — afirmou entre soluços.

— Pode deixar de me bater quando quiser... — deteve-a pelos pulsos e se ergueu até ficar sentado no leito. Analisou a caverna e tudo lhe pareceu familiar. — Estamos com os *huldres* outra vez?

— Não... Não sei. O *Svart* me lançou uma serpente dourada na presença de Agelystor. Mas Aiko chegou para roubar o objeto, e depois meu irmão o atacou pelas costas. — Embora a dor tinha sido horripilante, viu e escutou seus salvadores até que desmaiou.

— Assim chegaram a tempo — sorriu agradecido.

— Sim — Daimhin voluntariamente ergueu uma mão e a passou pelo seu cabelo e o topete, que como ele já tinha dito, não crescia.

— Espera... — Steven se afastou repentinamente, encolhendo-se contra a parede, fugindo da jovem como se ficasse assustado com ela. — Não faça isso.

— O que?

— Tem maneira de sair daqui?

— Eu? — Daimhin deixou cair a mão que ficou suspensa no ar. — Sair daqui? Como diz?

— Pelo seu bem, Daimhin, deveria ir.

Nela, a rejeição de Steven a deixou arrasada como nada mais. Maldito amor.

— Tem ideia do caos que reinou em minha cabeça acreditando que estava morto? — espetou, raivosa. — Não vou.

— Daimhin, não quero ser mal educado...

— Não seja, então! Salvei sua vida!

— Daimhin, estou suplicando... — seu corpo começava a convulsionar e seus olhos se tornavam completamente vermelhos. — Não posso me controlar.

— Não me importa. Não penso ir.

— Daimhin! — Agarrou-a pelos ombros e se lançou nela até esmagá-la contra a parede rochosa. — A lua cheia está no alto! Embora o céu cinzento não deixe vê-la, nós berserkers a sentimos da mesma forma! Sabe o que isso significa?! Sabe o que é o frenesi?

Ela bateu os cílios e entendeu perfeitamente o que ele queria dizer. Queria possuí-la.

— Sim — respondeu fracamente.

— Sim? Então saia ou não vou ser clemente, e vou jogar por terra qualquer decisão que tenha tomado com respeito a Raoulz, porque eu não sou um elfo. Não sou como ele! — sacudiu-a.

— Sei.

— Preciso te tocar, preciso te amar, preciso te possuir. Não me serve a música e a poesia! Meu amor por você é também físico e carnal. E sinto muito que não goste! Mas sou um berserker e marcamos a nossas mulheres honrando-as e venerando com nossos corpos e nossas almas.

— Steven... Está bem.

— Você é uma barda e ele um elfo, têm um futuro brilhante juntos em outro reino. Por isso te peço que vá — apertou os dentes e suas presas brancas se expandiram em toda sua glória. — Não quero te assustar. Não quero que leve uma lembrança minha que a aterrorize. Estou te dando uma saída. Escolha Raoulz e viva.

— Raoulz?

— Sim, sádica. Porque se não for, não vou poder me deter e vou te estragar para ele. — O pelo fino que cobria os de sua raça na mutação cobriu Steven. — Sairá o *comharradh* e não te deixarei partir jamais, porque será minha — decretou rugindo levemente como um animal. — Não te deixarei ir. Mas não posso te oferecer outro mundo pelo qual desaparecer. Este, o Midgard, é onde vivo e está a ponto de ser destruído. Não tenho magia, não falo com Nerthus nem com os elementos... Nem sequer sei cantar. Sou apenas um homem imortal, meio guerreiro e meio animal. E é possível que morra aqui antes que chegue um novo amanhecer. Não tenho nada a oferecer, só o que vê. E ainda assim, sabendo tudo isto, se ficar serei um maldito egoísta e a marcarei para sempre. Porque estou apaixonado por você, Barda. E prefiro viver o que resta de vida contigo, a sofrer uma eternidade sem te olhar nos olhos.

Daimhin sentiu que florescia em seu interior, que algo murcho se abria à vida quando antes não chegava a ela nem um raio de luz. Steven estava dizendo que a queria. E ela acreditava cegamente.

— Steven... Eu já estou marcada, inclusive sem ter ainda o selo. Quando o acreditei morto, meio que enlouqueci e me dei conta que era de você quem sentiria falta. Seus beijos, suas mãos, suas brincadeiras... — segurou-o pelo rosto. — Sua pouca consideração... Não queria ficar sem isso. E então percebi que prefiro mil vezes o tipo de amor que você possa me dar ao respeito eterno que Raoulz possa me mostrar. Porque o respeito não me mantém quente durante as

noites, nem derreterá meu sangue de desejo, nem me dará um abraço quando precisar, nem me beijará quando meus lábios formigarem como agora. Isso só você pode provocar em mim. Escolho a você, Steven, porque não pode ser de outra maneira para mim. Porque... estou apaixonada por você. Você me fez enfrentar meus medos. É meu *cáraid*. *Mo duine*.

Steven a beijou sem respeito, sem consideração, e com todo o desejo que ardia em suas veias. Tomou ar e disse:

— Má escolha — sorriu como o lobo que era. — Agora é minha.

Daimhin devolveu o beijo e respondeu:

— Duvido que alguma vez não tenha sido.

Daquela vez, Steven não se reservou nem um pouco. Já não importava a ele assustar a Barda. O frenesi explodia suas virtudes e sua paixão, e não podia contê-lo. Era o que era. E amava como amava. Não pensou se a machucava ou não, nem sequer lhe ocorreu que ela pudesse assustar-se de novo.

Daimhin disse a ele que o amava e isso acarretava uma série de consequências e responsabilidades.

Sem deixar de beijá-la, tirou sua saia e deixou-a completamente nua, exceto pelas botas que cobriam suas longas pernas.

Ela se agarrou a seus ombros. Não podia soltar-se. Não queria soltá-lo jamais.

Mas ele escapou. Caiu de joelhos diante dela e, sem avisar, pousou a boca sobre sua vagina para começar a lambê-la e fazer amor com ela com a língua.

Daimhin não podia acreditar. Steven fazia sons de prazer como se adorasse seu sabor. Por que? Gostava de fazer isso? Tampouco pensou muito. Fechou os olhos, mordeu o lábio inferior e apreciou daquela experiência quase religiosa que era ser comida por ele daquele modo. Agarrou-se a seu cabelo para não cair e lutou para não esquecer como se respirava.

O orgasmo começava do clitóris ao interior do útero. E quando estava a ponto de gozar, ele se afastou e a agarrou pela cintura para virá-la.

Daimhin se apoiou na parede.

— Segure-se. — disse a voz animal de Steven.

Abriu suas pernas com as dele. Abaixou a calça e tomou sua ereção com a mão. Então, pouco a pouco a penetrou.

Sua ânsia animal o estava deixando louco. Precisava submeter. Desejava marcar. Possuir.

Ela gemia a cada movimento de seu membro em seu interior. Estava se inchando e a banhando com sua essência afrodisíaca, para que ela se alargasse para ele e não sentisse dor.

Mas igualmente não foi fácil. Steven começou a acariciá-la pela frente enquanto se mexia e balançava os quadris, até que por fim esteve completamente empalado até o fundo de seu corpo e de sua alma.

Aquele era seu lugar.

— Oh, por favor... Steven!

Afastou o cabelo dela da nuca e sussurrou com os olhos vermelhos de desejo e as presas desenvolvidas.

— Sou assim. Eu... — moveu os quadris para que visse quão grande era. — Sou assim. Pode suportar?

Ela apoiou a cabeça em seu ombro e levantou o braço para pousar a mão em sua nuca.

— Se você pode me suportar, eu também — fixou seu olhar laranja no dele e ambos se fundiram em um somente.

O *chi* dela, sua energia vital, banhou-o. E Steven se emocionou, cativado por sua confiança. Por fim!

Steven a beijou ao mesmo tempo que começou a possuí-la duramente. Até o ponto de que Daimhin quase acabava de quatro na parede.

Foi inclemente. Apaixonado. E único.

O frenesi era incrível.

Steven a molhava com sua essência para excitá-la cada vez mais. O líquido deslizava de sua vagina até suas pernas...

Acelerou o ritmo e grunhiu sobre sua boca. Depois se afastou, segurou-a por debaixo das pernas para abri-la ainda mais e então a mordeu em sua marca, penetrando-a até os testículos, deixando que estes golpeassem sobre seu clitóris.

Nesse preciso momento de culminantes sensações, o selo começou a ser gravado em suas peles. O dela, um nó perene negro e espetacular com a pedra amarela dos olhos de Steven. O dele, igual, mas com a pedra laranja. E se gravava na parte do corpo que representava a confiança: sobre seus corações.

— Ah, maldição! — queixou-se ela. O selo queimava.

— Sim... — sussurrou Steven exultante. Sua mulher marcada. E seu *chi*, o dela e o dele, entrelaçando-se, aceitando um ao outro.

Era o dia mais maravilhoso de sua vida.

Daimhin lutou para agarrar-se a alguma saliência da parede, quando de repente o orgasmo explodiu em seu interior até fritar parte de seu cérebro e fundir para sempre seu coração.

Steven gozava em seu interior, sentindo como suas paredes estreitavam e o sugavam, apertando-o em demasia.

O berserker levantou o rosto, e com as presas manchadas do sangue de sua *kone*, disse:

— Minha!

XXVIII

Já vestidos, presenteando-se beijos e carícias sem deixar de se olhar nos olhos, vestindo um ao outro, Agelystor, o elfo fauno, entrou na caverna.

Nem Daimhin nem ele se surpreenderam ao vê-lo, nem tampouco esqueciam o que tinham que fazer.

— O tempo é chegado — disse o *Alf*.

Steven entrelaçou os dedos com Daimhin e assentiram decididos.

— Já não há espaço para erros — explicou Agelystor, caminhando coxo por um corredor cujas paredes tinham folhas de trepadeira e dormideiras. Chegaram à caverna em que o encontraram e ali viram Aiko e Carrick.

Quando Daimhin viu seu irmão, seu rosto se iluminou por completo e correu para ele para dar um salto e abraçá-lo.

Carrick rodopiou com sua irmã nos braços.

Os dois se olharam e não precisaram trocar palavras. Nunca tinham contatado telepaticamente a níveis profundos porque um sabia quais eram as torturas sofridas pelo outro e tentavam mantê-las escondidas, em uma zona de esquecimento. Não suportariam ver como o outro sofria.

Mas Daimhin sabia que seu belo irmão já não tinha olhos desolados. Seu olhar pardo refletia paz e libertação. Já não tinha rugas ao redor dos olhos, seu cabelo loiro tinha crescido ligeiramente nessa viagem empreendida. E agora seus lábios sorriam de verdade.

Seu irmão sorria de verdade.

— Como está, irmã? — Ele ergueu a cabeça e cravou os olhos em Steven. Saudou-o amigavelmente, sem cruzar tampouco nenhuma palavra, entendendo-se entre homens.

— Fiz o que te prometi — apontou o berserker. — Cuidei dela.

— Sei. Eu o agradeço por isso.

Enquanto isso, Agelystor tomou a pedra entre suas mãos, recolheu seu longo cabelo no braço, como se fosse um pau de macarrão, e sentou em seu trono de raízes.

— Você também fez um bom trabalho, Aiko — brincou Daimhin.

A japonesa assentiu e piscou um olho pra ele.

— Me custou — asseverou.

— Sabe que isso não é verdade — refutou Carrick, olhando-a de soslaio.

— Barda — Agelystor estendeu sua mão para ela e disse: — Aproxime-se.

Daimhin se separou de seu irmão e caminhou para o elfo, cujos olhos negros pareciam saber todas as verdades do Midgard.

— Já tem o selo? — perguntou o elfo. — Nossa deusa Freyja é muito exigente com isso... Sem o *comharradh* o dom não se entrega por completo. Então não poderá cumprir seu objetivo.

Ela assentiu e mostrou parte do nó perene que aparecia por debaixo do espartilho na altura do peito.

— Tenho. Steven é meu companheiro — disse com orgulho. — Ele me dá o dom.

Steven sorriu e estufou o peito.

Agelystor assentiu. O elfo da luz passou a palma aberta de sua mão de unhas longas pela pedra e disse:

— Que o que oculta o feitiço seja mostrado.

Uma espécie de pó dourado rodeou a pedra retangular. Pouco a pouco, a imagem se desdobrou até que mostrou um livro de capa dourada.

Daimhin o estudou e o tirou das mãos de Agelystor.

Agelystor se pôs a rir como se o livro lhe tivesse dado uma grata surpresa.

— Sabe o que é? — perguntou Agelystor.

— Um livro.

— Ah! Mas não é um livro qualquer, menina — moveu o dedo indicador de um lado a outro, em sinal de negação. — Este diário dourado — explicou Agelystor —, foi entregue à valquíria mais poderosa de todos os tempos, das mãos de Freyja. Criou-se no Asgard. Suas folhas de linho inquebrável foram extraídas do tear das nornas Verdandi, Urd e Skuld.

Daimhin o folheou e encontrou uma página que não demorou a ler.

— Dizem que me chamo Bryn. Bryn “a Selvagem”... — fechou o livro e disse. — Não pode ser. Mas este livro pertence à Generala.

Agelystor negou com a cabeça.

— Também pertence a você. Neste diário que Ardan das Highlands encontrou sob os escombros de Arran; neste diário que viajou através de rios e mares até chegar às mãos das Agonias de Lochranza; neste diário que os elfos da Escuridão quiseram destruir, esconde-se uma história. Uma história — apontou o *comharradh* de Daimhin — que só você pode ler com o coração. Só você, Barda. Saíam daqui. Voltem para a superfície do Midgard e leia. Daimhin, leia.

— Por que não pode lê-lo aqui? — perguntou Steven aturdido. — Aqui estamos a salvo.

— Isto não deixa de ser uma *hule*. As cavernas de Nerthus são atemporais, não têm a ver com o tempo real do Midgard. O que aqui se ler, não influi na Terra. Tem que sair e lê-lo. E têm que se apressar — recomendou a eles, lamentando a situação. — Têm que sair já — Agelystor se levantou do trono e começou a empurrá-los e a colocar pressa para que saíssem dali.

— Mas... — Daimhin o olhava por cima do ombro. — Só tenho que ler?

— Tem que ler, Daimhin, diante do *Crann bethadh*, o teixo da vida e da morte, o símbolo de seu clã. Ali leia a primeira página deste livro. Ali onde tudo começou e tudo pode acabar. Ali onde tudo acabou, tudo pode voltar a começar — seu rosto cheio de rugas sorriu misteriosamente.

— Mas já li a primeira página... fala de Bryn.

— Não. Não fala de Bryn — respondeu ele de forma enigmática. — Abra o coração, Barda, e leia. A verdade te será revelada. E vocês — apontou aos outros três —, se encarreguem de que ninguém lhe faça mal enquanto o faça. Protejam-na. É nossa última oportunidade.

Com essas palavras, Agelystor ficou em seu *hule*, aparecendo através do longo túnel que daria à superfície do Midgard para comprovar que os quatro guerreiros ascendiam o longo caminho ao Inferno.

E o inferno real tinha chegado à Terra enquanto eles se mantiveram resguardados na *hule*.

Quando os quatro saíram à superfície não estavam diante do teixo. Parte da superfície caiu e agora o teixo aparecia sozinho, no alto de tudo, como em um escarpado.

A seus pés, hordas de purs, etones, vampiros, lobachos e elfos escalavam a rocha árida que antes foi uma montanha plana e verde.

As Agonias atraíam os vampiros como podiam. Eram muitas. Por fim tinham chegado os reforços e Brunnylda encabeçava a ofensiva. Mas nunca seriam suficientes.

Raoulz, o líder dos *huldres*, encarregava-se de matar a todos os jotuns que ficavam nocauteados pela energia das *dodskamps*. Faziam uma boa equipe.

Abaixo, tentando defender o teixo, Daimhin podia localizar seus pais, Gwyn e Beatha, que tinham chegado para apoiá-los. Como Ruth, Adam, Daanna e Menw... Inclusive os einherjars e suas valquírias chegaram a tempo e lançavam raios tentando deter o avanço dos exércitos de elfos da escuridão que ameaçavam pelo oeste.

Era o Ragnarök.

O Ragnarök em todo seu esplendor.

Carrick a segurou pelo braço e disse:

— Daimhin. Vá.

— Vamos todos!

— Não — ele a censurou. — Daimhin, voe até o teixo e comece a ler o livro. É o que tem que fazer. É sua missão, a razão pela qual é tão especial. Nós a protegeremos.

— Carrick... — Daimhin o abraçou com tanta força que parecia que ia parti-lo. Não sabia o que tinha que dizer a ele, não lhe saíam as palavras — Carrick...

— Sim, sei — ele lamentou, sabendo que possivelmente aquela era a última vez que se veriam nesse mundo.

— *Is caoumh lium the, mo bratháir*. Amo você, meu irmão. Sempre. *Mae*.

— E eu a você, irmã. A mais valente guerreira de todos os tempos. A melhor das irmãs que alguém pode ter. *Mae*. — Beijou-a na testa e se despediu com um sorriso autêntico, um de verdade, cheio de luz, para tentar apagar todas as vezes que ambos tinham chorado em silêncio em sua própria escuridão.

Carrick se uniu a Aiko, que graças a seu dom de invisibilidade podiam defender o avanço da Barda.

Steven começou a ascender a rocha quente ao tato. Daimhin o agarrou pelo colete e voou com ele durante os metros seguintes até seu destino, esquivando-se das rochas que caíam, dos gases das gretas que se abriam e queimavam,

inclusive das serpentes douradas dos elfos da escuridão que já tinham localizado-os e tentavam detê-los de qualquer jeito.

Daimhin e Steven tentaram se esquivar de tudo, com mais força que acerto. E justo quando chegavam ao teixo, Steven foi alcançado por uma serpente que rodeou seu joelho.

— Daimhin! — gritou ele. — Siga adiante.

— Não! — ela tentou socorrê-lo, mas nesse instante outra serpente mais rodeou o pescoço dele, sufocando-o. — Por favor, não! Steven!

— Barda, olhe pra mim — disse Steven tomando ar, tentando permanecer sereno. Seus olhos amarelos se tornaram vermelhos. Completamente vermelhos de amor, paixão e carinho por sua companheira. — Continue adiante e leia o livro por mim e por todos... Amo você, *hjertet min*. Meu coração... — Uma nova serpente rodeou seu braço. Steven perdeu o equilíbrio. A rocha sobre a qual se segurava com seus pés caiu e arrasou com parte da parcela que segurava o teixo. Steven caía pelo precipício. Daimhin quis ir atrás dele antes que desaparecesse de sua vista. — Não o faça, vaníria! Faça o que tem que fazer, Barda! — O berserker caiu através daquele penhasco, afundando-se entre a multidão de purs e etones na encosta daquele escarpado repentino.

Se não obedecesse Steven, se perdesse a oportunidade de ler, o teixo arderia e se afundaria no abismo das gretas, e nunca mais seria recuperado. Tinha que cumprir com sua promessa. Porque uma barda nunca quebrava uma promessa.

Com o rosto banhado em lágrimas, Daimhin se localizou sob o teixo, sobre suas raízes.

Steven não tinha morrido. Não podia. Não morreria. Ela o reviveria sempre. Faria o impossível para recuperá-lo. Ele era seu verdadeiro imortal e o guardião de seu coração. Assim não. Não pensaria que tinha morrido.

Tampouco olharia o que acontecia com seus pais.

Nem tampouco pensaria no Destino que correriam Carrick e Aiko. Não estaria focada na caça que sofriam as valquírias, nem nos ataques inclementes dos *Svartálfar* contra os *elverhuldre* e as Agonias.

Não veria como a Caçadora era espreitada por centenas de espíritos malignos de Hela, nem como o Noaiti entregava a vida para proteger os gêmeos...

Nem pensaria em que Daanna e Menw estavam às portas de um triste final, um lutando pelo outro, e ambos protegendo seu filho ainda não nascido.

Não recordaria que havia um deus dourado perdido em uma realidade alheia e que não estava ali para ajudá-los. Nem que um druida, uma cientista, uma híbrida e o líder do clã *keltoi* esperavam em um navio para fazer sua aparição.

Não pensaria na incrível onda de fogo que a vários quilômetros de distância avançava do fronte, ameaçando queimar tudo a seu caminho.

Todo rastro de vida se apagaria. Tão fácil como quem apagava uma luz.

Antes de abrir o livro não pensaria que já não havia salvação, só morte; nem tampouco que o Ragnarök se cumpriu e os bons tinham perdido.

Se tinha que ler, leria com o coração aberto e puro, como tinha lhe pedido Agelystor, acreditando que a última coisa que se perdia era a esperança.

Daimhin abriu o livro; e nas primeira páginas o vocabulário das runas apareceu diante dela. Um vocabulário que antes tinha permanecido oculto. Onde antes estava escrita a lenda de Bryn, agora outra história aparecia. Uma história de deuses, lenda para muitos, ficção para outros.

Para fazê-la realidade, ela só tinha que acreditar.

Por isso, com lágrimas nos olhos e a valentia de seu espírito, sabendo que todos os outros morriam para permitir que ela lesse o livro em voz alta, começou:

— *Quando a noite mais escura chegou ao Midgard, quando Loki e seus filhos estenderam seus tentáculos, quando só ficava um suspiro de vida no Mundo Médio, a ponte arco-íris Bifröst ardeu de raiva e se refletiu no céu. E ali, todos, vivos e mortos, viram como se abria uma porta estelar. A porta pela qual os deuses viajam para retornar para casa... A porta que cruzarão para proteger a todos seus filhos.*

FIM

GLOSSÁRIO E EXPRESSÕES DA SAGA VANIR

GLOSSÁRIO E FRASES SAGA VANIR I

Aileen: A que está cheia de luz

Ál: Jovem e adorável

Álainn: Garota bonita

Atalaias: Os 4 guardiães dos elementares. Um para cada ponto cardeal.

Beat: Mordida

Beatha: A que dá vida

Bratháir: Irmão

Cahal: O poderoso na batalha

Caleb: O guerreiro valente

Cáraid: Casal

Carbaidh: Caramelo

Chailin: Dama

Cianoil choin: Cão asqueroso

Comharradh: o sinal (nó perene)

Daanna: A Escolhida e venerada

Doch: Trovão

Duine: Homem

Gall: Intruso

Keltoi: Celta

Leannán: Doce coração

Mada-ruadh: Cadela

Madadh-allaidh: Besta-lobo

Mamaidh: Mãe

Maru: Grande

Menu: O que pode curar

Peanás Follaiseach: Castigo público.

Piuthar: Irmã

Rix: Rei

Wicca: tradição neopagã de magia e bruxaria.

FRASES GAÉLICAS

Cha b' meu éid, athair: Eles não são como eu, pai.

Mo bréagha donn: Minha garota linda.

Carson: por que?

Liuthad, mo álainn: Tudo, minha bela.

Gobha: Mais profundo.

Beat is beat: Mordida a mordida.

Tha mi gu tinn á t' áonais: Porque fico doente sem você.

Mas fheàrr leat xxxx, gabh e, leannán: Se prefere a xxxx, toma-o, meu doce coração.

Guir fuathach leam dou thu: Eu te odeio.

Thagh mi thu: Escolho a você.

Cha dèan: Deixe-me em paz.

Tha thu mo leannán: Você é meu doce coração.

'N deíd thu lium, mo chailin?: Virá comigo, minha dama?

Ó furrain: Pode?

Mo ghraidh: Meu amor.

GLOSSÁRIO E EXPRESSÕES SAGA VANIR II

Asgard: residência dos deuses, em particular dos Aesir.

Barnepike: ama.

Bastão do concílio: bastão que legou Odin ao líder do clã berserker para que o levasse com ele como símbolo da paz entre os clãs.

Bráthair: irmão em gaélico.

Bror: irmão em norueguês.

Canto joik: o canto do noaiti que evoca os espíritos.

Cáraid: casal em gaélico.

Comitatus: um grupo de pessoas que se reconhecem como família entre eles embora não haja vínculo sanguíneo que os una. O comitatus se dá entre os berserkers.

Constantes: sacerdotisas que recebem a imortalidade para combater o mal eternamente.

Druht: dom de profecia e adivinhação.

Hallsbänd: o colar que se usa no pacto de escravidão e que submete ao que o põe.

Jotunheim: residência dos gigantes, considerado a origem de todo mal.

Juramento piuthar: juramento que se pronuncia entre as irmãs sacerdotisas.

Katt: gata.

Kompis: companheiro.

Kone: como os berserkers chamam a suas companheiras, significa “mulher esposa”.

Leder: líder.

Matronae: nome que se dá às sacerdotisas que apóiam as constantes.

Midgard: o nome que os deuses nórdicos dão à Terra.

Noaiti: o xamã do clã berserker, também conhecido como “o Senhor dos animais”.

Nonne: apelido carinhoso que se dá às irmãs, vem a ser como “irmãzinha”.

Nornas: as três parcas nórdicas que tecem o destino.

Od: Um dos dons que outorga Odin aos berserkers. Trata-se da fúria animal.

Pactuo slavery: pacto de escravidão que se dá no clã berserker quando um homem insulta uma mulher.

Ragnarök: Batalha final em que perecem deuses, jotuns e humanos.

Reflekt: apelido carinhoso dos berserkers a suas companheiras. Significa “reflexo”.

Seidr: magia enfeitiçante muito poderosa.

Seidrman: bruxo da magia negra seidr.

Slave: escravo em norueguês.

Soster: irmã.

Spādom e Drom: livros de profecias e sonhos do noaiti.

Valhalla: residência das valquírias e de Freyja.

Vanenheim: residência dos Vanir.

Velge: A ungida.

Voluspā: a profecia da vidente. Fala do ragnarök.

Völva: vidente.

GLOSSÁRIO E EXPRESSÕES SAGA VANIR III

Allaidh: Significa “Pai” em gaélico.

Asynjur: Grito de guerra das valquírias.

Chakra: Casas circulares dos celtas.

Comharradh: É o sinal, em forma de nó perene, que sai as companheiras vanírias que foram vinculadas e seladas pelos deuses Vanir. Significa “Sinal” em gaélico.

Cruithni: Significa “Picto” em gaélico.

Guddine: Significa “Dos deuses” em norueguês.

Keltoi: Significa “Celta” em gaélico.

Piuthar: Significa “Irmã” em gaélico.

Priumsa: Significa “Príncipe” em gaélico.

Sitichean: Nome pelo qual são conhecidas as fadas entre os celtas.

Víngolf: É a casa em que residem as valquírias em Valhalla.

Zan Mey: Significa “Bênção” em japonês.

FRASES EM GAÉLICO

A ghiall, no toir não shollas rhuam: Por favor, não me deixe sem luz.

An de ana tu sin air moshon: Faria por mim?

Byth eto: Nunca mais.

Cac: Merda.

Dè' n gonadh a th' ann: Isso dói um montão.
Faoin: Tolo.
Ghon e mi gu doa: Dói muito em mim.
Is caoumh lium glu the mor: Eu te quero muito.
Is caoumh lium the: Eu te quero.
Mae: para sempre.
Mae, mo ghràidh: para sempre, meu amor.
Mo duine: Meu homem.
Mo leanabh: Minha menina.
Omhailt: Idiota.
Sin a tha' gam gonadh: Isso é o que mais mal me faz.
Tha mi' gona h-iarradh: Vou em sua busca.

GLOSSÁRIO E EXPRESSÕES SAGA VANIR IV

Álfheim: Reino dos elfos.
Asgard: Reino que compõe Vanenheim, Alfheim e Nidavellir.
Bue: Faixas largas de metal que levam as valquírias nos pulsos. Delas saem os arcos e as flechas.
Dísir: Deusas menores.
Druht: Dom que outorga Odin aos einherjars.
Dvelgar: Anão.
Folkvang: As terras de Freyja.
Furie: Fúria das valquírias.
Hanbun: “Metade” em japonês.
Hildskalf: Trono de Odin através do qual aparece a todos os reinos.
Hjelp: Remédio dos anões que supre a cura das valquírias.
Helbredelse: A cura das valquírias. Funciona com seus einherjars.
Hrmithur: Raça de gigantes.
Kompromiss: É o vínculo que se cria entre a valquíria e seu einherjar.
Muspellheim: Reino dos gigantes de fogo.
Nidavellir: reino anões.
Niflheim: Reino dos infernos.
Seirdrman: É o bruxo que utiliza a magia seidr para objetivos sombrios.
Sessrúmnir: Palácio da Freyja.
Svartalfheim: Reino dos elfos escuros.
Víngolf: Palácio de quinhentas e quarenta portas no qual residem as valquírias e seus einherjars.

GLOSSÁRIO E EXPRESSÕES DO SAGA VANIR V

Gjallarhorn: Chifre que anuncia o Ragnarök.
Heimdall: Guardião do Asgard.

Konfrontasjon: duelo entre valquírias. Enfrentamento.

Nig: Magia negra necromante.

Saechrimner: porco imortal do Asgard.

Seidr: Magia negra.

PALAVRAS E INSULTOS EM JAPONÊS

Achike: Foda-se.

Ama: Cadela, puta.

Arigatô gozaimasu: Muito obrigado.

Baka: Tolo.

Baka yaro: Bastardo estúpido.

Bebî: Bebê.

Chijo: Ninfomaníaca.

Futago: Gêmeos.

Gomenasai: Sinto muito.

Hai: Sim.

Hanbun: Metade.

Hanii: Querido.

Heiban: Má.

Hoseki: Joia.

Iie: Não.

Kusu a taberu na!: Come merda!

Okama: Puto.

Onara atama: Cabeça de peido.

Onegai: Por favor.

Oni: Demônio.

Suteki: Lindo.

Yogen: Profecia.

